

Julia QUINN

Dançando
ao
Anoitecer





Argumento



Lady Arabella Blydon, Belle, está passando uns dias com seus primos, os duques de Ashbourne, quando tropeça com o John Blackwood, um veterano da guerra contra Napoleão, proprietário das terras vizinhas. Belle está acostumada a impressionar e seduzir aos homens com sua beleza e, também, a espantá-los com seu caráter forte e decidido. Entretanto, John a recusa com brutalidade desde o começo. Naturalmente, isso não faz outra coisa a não ser despertar o interesse da jovem. A guerra deixou em John feridas físicas, mas também uma profunda ferida em seu espírito que Belle está disposta a descobrir. O baile furtivo à luz da lua pode ser o princípio do remédio para que um espírito atormentado se abra por fim ao amor.

Aquele homem guarda um segredo...

Belle está cansada de que os homens só apreciem sua beleza e sua fortuna, e não aceitem sua mente lúcida e inquisitiva, sua personalidade e suas ideias. Farta de pretendentes frívolos, retira-se a casa de seus primos, o último lugar onde esperava encontrar a alguém que despertasse o interesse de seu coração. No atraente John Blackwood reside um mistério, e a jovem se deixa seduzir pela provocação de descobri-lo. Suas armas de mulher não serão suficientes nesta ocasião, de forma que um pouco de intriga e a ajuda de alguns amigos lhe servem para urdir uma armadilha de sentimentos... em que ela mesma pode facilmente acabar presa.

...e ela estava disposta a descobri-lo.

John Blackwood retornou da guerra com uma perna ferida e a alma destroçada. Seu fracasso ao tentar salvar a vida de uma jovem lhe resulta um peso insuportável. Em troca de seu sacrifício pela pátria, recebeu um título nobiliário e umas terras, mas tudo lhe parece vazio em sua solitária vida. Até que a chegada daquela jovem formosa, que desafia todas as normas e convenções sociais, seu espírito de uma nova luz. Será suficiente para recuperar a alegria de viver?

Capítulo 1



Oxfordshire, Inglaterra, 1816.

"Sim, um a um, caçou todo mundo."

Arabella Blydon piscou. Isso não fazia sentido. Não existia nenhum caçador no Conto de Inverno. Afastou o livro da cara. Pior ainda. Aproximou o livro de novo. As letras da página entraram em foco lentamente.

"Sim, um a um, casou todo mundo."

Belle suspirou e se recostou contra o tronco da árvore. Isso fazia mais sentido. Piscou um par de vezes mais, obrigando seus brilhantes olhos azuis a concentrar-se nas palavras da página a frente dela. Negaram-se a obedecer, mas não estava disposta a deixar de ler, assim colocou o livro próximo ao seu rosto, e entortando os olhos, continuou lentamente com sua leitura.

Um vento frio a fez estremecer, e deu uma olhada ao céu nublado. Ia chover, sem dúvida, mas com sorte dispunha de outra hora até que as primeiras gotas caíssem. Era todo o tempo que necessitava para terminar o Conto de Inverno.

E isto marcaria o final de sua Magna Odisseia Shakespeariana, um esforço pseudo acadêmico que ocupara quase todo seu tempo nos últimos seis meses. Começara com "Bem esta o que bem acaba" e continuou, alfabeticamente, com Hamlet, todos os Henry, Romeo e Julieta, e um montão de obras mais, das quais não ouvira falar anteriormente. Não estava muito segura de por que o fez, além de pela simples razão de que gostava de ler, mas agora que o final de sua odisseia estava tão perto, que a condenassem se deixaria que umas gotas de chuva se interpusessem em seu caminho.

Belle pigarreou e olhou ao redor, como se temesse que alguém tivesse ouvido sua maldição mental. Deu uma olhada ao céu. Um raio de sol penetrou através de um buraco entre as nuvens. Entendeu como um bom sinal e tirou um sanduíche de frango de sua cesta de piquenique. Mordeu-o delicadamente e pegou o livro de novo. As palavras estavam tão desfocadas quanto antes, assim que aproximou o volume à cara, piscou várias vezes até que encontrou um modo que funcionou.

—Vamos lá, Arabella— resmungou. — Se conseguir manter esta postura tão incômoda durante outros quarenta e cinco minutos, não deverá ter nenhum problema para terminar o livro.

—Embora, é obvio, que então, seus músculos faciais estarão bastante duros— disse uma voz atrás dela, arrastando as palavras.

Belle deixou cair o livro e virou a cabeça. Uns metros mais atrás um cavalheiro estava parado de pé, embelezado com um informal, embora elegante, traje. Seu cabelo era de um brilhante e profundo tom castanho e seus olhos eram exatamente da mesma cor. Contemplava-a e a seu solitário piquenique com expressão divertida, e sua preguiçosa postura indicava que estava nessa posição algum tempo.

Belle o fulminou com os olhos, sem que lhe ocorresse nada que dizer, mas esperando que seu furioso olhar o pusesse em seu lugar.

Não funcionou. De fato, ele pareceu inclusive mais divertido.

—Necessita de óculos— disse, em troca.

—E você transpassou o limite da propriedade— replicou ela. —Sim? Mas acredito que foi você quem o cruzou.

—Estou segura que não. Esta terra pertence ao Duque de Ashbourne. Meu primo.— acrescentou, para enfatizá-lo.

O forasteiro assinalou para Oeste.

— Aquela terra pertence ao Duque de Ashbourne. O limite está naquela rocha ali. Assim é você quem está em propriedade particular.

Belle entreceitou os olhos e colocou uma mecha de seu ondulado cabelo loiro atrás de sua orelha.

— Está seguro?

—Absolutamente. Sou consciente de que as propriedades de Ashbourne são enormes, mas não são infinitas.

Ela se moveu incomodada.

— OH. Bem, nesse caso, sinto muito tê-lo incomodado— disse em tom arrogante. — Pegarei minha montaria e desaparecerei.

—Não seja tola, — disse ele rapidamente. — Espero não ser tão mau caráter que não possa permitir que uma dama leia embaixo de uma de minhas árvores. Fique o quanto desejar, naturalmente.

Belle pensou em partir de todos os modos, mas a comodidade venceu ao orgulho.

— Obrigado. Estou aqui há várias horas e estou bastante cômoda.

—Percebi. — Ele sorriu, mas foi um sorriso pequeno, e Belle teve a impressão de que não era um homem que sorrisse frequentemente.

—Possivelmente— disse ele, — já que vai passar o resto do dia em minha propriedade, poderia

apresentar-se.

Belle vacilou, incapaz de determinar se ele estava sendo condescendente ou simplesmente cortês.

—Lamento. Sou Lady Arabella Blydon.

—Encantado de conhecê-la, milady. Eu sou John, Lorde Blackwood. —Como vai você?

—Muito bem, mas você necessita de óculos.

Belle endireitou as costas, muito rígida. Emma e Alex estiveram animando-a a fazer um exame nos olhos durante todo o mês passado, mas eles eram, depois de tudo, família. Este John Blackwood era um perfeito desconhecido e certamente não tinha nenhum direito de lhe fazer tal sugestão.

—Pode estar seguro de que levarei seu conselho em consideração— resmungou ela, um tanto descortesmente.

John inclinou a cabeça e um sorriso sarcástico se insinuou em seus lábios.

— O que está lendo?

—O Conto de Inverno. —Belle se recostou e esperou o habitual comentário condescendente sobre as mulheres e a leitura.

—Uma obra excelente, mas creio que não é uma das melhores de Shakespeare— comentou John. — Parece-me melhor Coriolanus. Não é muito conhecida, mas eu gostei bastante, mais que essa. Deveria lê-la algum dia.

Belle se sentiu satisfeita por ter encontrado um homem que realmente a animava a ler e disse.

— Obrigado pela sugestão, mas já o li.

—Estou impressionado— disse John. — Já leu Otelo? Ela assentiu.

—A Tempestade? —Sim.

John espremeu o cérebro buscando a obra Shakespeariana mais rara e desconhecida que pudesse lembrar.

—E o Peregrino Apaixonado?

—Não é minha favorita, mas consegui acabá-la. — Belle tentou, mas não pôde deter o sorriso que se estendia por sua cara.

Ele riu entre dentes.

—Minhas felicitações, Lady Arabella. Acredito que nem sequer cheguei a ver uma cópia do Peregrino Apaixonado.

Belle sorriu amplamente então, aceitando elegantemente o elogio, enquanto seu anterior antagonismo para o homem se derretia.

— Não quer unir-se a mim um momento? — perguntou, fazendo um gesto com a mão para a parte desocupada da manta estendida embaixo dela. — Ainda resta bastante de meu almoço, e ficaria encantada de compartilhá-lo com você.

Por um momento pareceu que ele fosse aceitar. Abriu a boca para dizer algo, mas apenas soltou um pequeno suspiro e a fechou. Quando finalmente falou, seu tom era muito rígido e formal e unicamente disse:

— Não, obrigado.

Retrocedeu alguns passos, afastando-se dela e virou a cabeça de modo que ficou olhando fixamente na direção contrária através dos campos.

Belle inclinou a cabeça e estava a ponto de dizer algo quando notou com surpresa que ele coxeava. Perguntou-se se fora ferido na Guerra napoleônica. Um homem intrigante, este John. Não se importaria de passar um tempo em sua companhia. E, teve que admitir, que verdadeiramente era muito atraente, de feições duras e esculpidas, e de corpo esbelto e poderoso apesar de sua perna ferida. Seus olhos pretos e aveludados mostravam uma óbvia inteligência, mas também pareciam velados pela dor e ceticismo. Belle começava a achá-lo muito misterioso.

— Está seguro? — perguntou. — Seguro do que? — Não se virou. Ela se arrepiou ante sua rudeza.

— Está seguro de que não quer me acompanhar no almoço? — Bastante.

Isso captou sua atenção. Nenhum homem nunca antes dissera que estivesse bastante seguro de poder ficar sem sua companhia. Belle permaneceu incomodamente sentada sobre sua manta, com sua cópia do Conto de Inverno aberta e repousando em seu regaço. Não parecia haver nada que pudesse dizer enquanto lhe dava as costas. E teria sido rude começar a ler de novo.

John de repente se virou e clareou a garganta.

— Foi muito rude da sua parte me dizer que necessito de óculos, — disse ela abruptamente, sobre tudo por dizer algo antes dele.

— Peço-lhe perdão. Nunca me dei muito bem em conversas inconsequentes. — Possivelmente deveria conversar mais, replicou ela.

— Está usando um tom diferente de voz, milady, poderia suspeitar que está flertando. Ela fechou de repente o livro e ficou de pé.

— Vejo que não mentia. Não é que não se dê bem com conversas inconsequentes. Mas, sim que carece da mínima aptidão para elas.

Ele encolheu os ombros.

— Uma de minhas muitas qualidades.

Belle ficou boquiaberta.

—Vejo que não compartilha meu particular senso de humor. —Duvido que muitas pessoas o façam.

Houve uma breve pausa, e então uma estranha e triste expressão brilhou em seus olhos. Desapareceu rapidamente, e o tom de sua voz era afiado quando disse:

—Não volte aqui sozinha outra vez.

Belle empurrou seus pertences em sua cesta. —Não se preocupe. Não voltarei a cruzar o limite.

—Não disse que não pudesse voltar para minha propriedade. Só que não o fizesse sozinha. Ela não teve nem ideia de como responder a isso, assim, simplesmente disse:

—Vou para casa.

Ele deu uma olhada ao céu.

— Sim. Provavelmente deveria fazê-lo. Logo irá chover. Há umas duas milhas ou mais a pé de retorno a minha casa. Provavelmente chegarei ensopado.

Ela olhou ao redor.

— Não trouxe um cavalo?

—Às vezes, milady, é melhor usar os pés. — Saudou-a com uma inclinação de cabeça. — Foi um prazer.

—Para você, possivelmente, — resmungou Belle, bem baixinho. Contemplou suas costas enquanto se afastava dela. Sua claudicação era bastante pronunciada, mas se moveu muito mais rapidamente do que ela acreditou possível.

Manteve seu olhar fixo sobre ele até que desapareceu atrás do horizonte. Enquanto montava sua égua, entretanto, um urgente pensamento passou por sua cabeça.

Ele coxeava. Que tipo de homem era que preferia caminhar?



John Blackwood ouviu as pisadas da égua de Lady Arabella enquanto ela montava. Suspirou. Comportou-se como um asno. Suspirou de novo, sonoramente desta vez, com tristeza, odiando-se e irritado em definitivo. *Maldição*. De todas as formas, nunca sabia o que dizer às mulheres.

Belle retornou a Westonbirt, a casa de seus parentes. Sua prima da América, Emma, casou-se com o Duque de Ashbourne uns meses antes. Os recém-casados preferiam a privacidade da vida no campo a Londres e residiam em Westonbirt quase ininterruptamente desde suas bodas. É obvio, a Temporada terminara, assim não ficava ninguém em Londres, de todos os modos. Mesmo assim, Belle tinha o pressentimento de que Emma e seu marido evitariam provavelmente o máximo possível a vida social de Londres quando a seguinte Temporada começasse.

Suspirou. Ela, sem dúvida, estaria de volta em Londres para a próxima Temporada. De volta ao mercado matrimonial, a procura de marido. Estava começando a aborrecê-la todo o processo.

Já levava duas temporadas e acumulou mais de uma dúzia de ofertas de matrimônio, mas havia rechaçado todas. Alguns cavalheiros eram completamente inadequados, mas a maioria eram bons partidos, bem relacionados e bastante agradáveis. Mas, simplesmente não queria aceitar a um homem por quem não sentisse algo profundo. E agora que vislumbrou quão feliz era sua prima, sabia que seria muito difícil conformar-se com algo menos que o que desejava em seus mais selvagens sonhos.

Esporeou seu cavalo a meio galope quando a chuva começou a intensificar-se. Eram quase três, e sabia que Emma teria o chá preparado quando retornasse. Estava com Emma e seu marido Alex a três semanas. Uns meses depois do casamento de Emma, os pais de Belle decidiram tirar umas férias na Itália. Ned, seu irmão, retornara a Oxford para o último curso, assim não era necessário vigiá-lo e Emma estava felizmente casada. Só restava Belle, e posto que Emma era agora uma dama casada, era uma acompanhante perfeitamente respeitável, assim Belle foi ao campo para ficar com sua prima.

Belle não podia imaginar um arranjo mais agradável. Emma era sua melhor amiga, e depois de todas as diabruras que fizeram juntas, era bastante divertido tê-la como acompanhante.

Suspirou com alívio quando subiu uma colina e Westonbirt surgiu sobre o horizonte. O enorme edifício era muito elegante e belo, com compridas e estreitas filas de janelas percorrendo a fachada. Belle começava a pensar nele como o lar. Dirigiu-se aos estábulos, entregou as rédeas de sua égua a um moço, e se lançou a uma amalucada corrida até a casa, rindo enquanto tentava esquivar as gotas de chuva que tinham incrementado furiosamente seu ritmo. Subiu a escada dianteira, mas antes que pudesse empurrar a pesada porta para entrar, o mordomo a abriu com um floreio.

—Obrigado, Norwood, — disse. — Acho que estava me vigiando. Norwood inclinou a cabeça.

—Norwood, Belle não voltou ainda?

A voz feminina flutuou através do ar, e Belle ouviu os passos de sua prima repicando no chão do corredor que conduzia ao vestíbulo.

—Está começando a chover muito. — Emma apareceu pelo canto do corredor. —OH, bem! Já retornaste.

—Um pouco úmida, mas não tanto como a roupa— disse Belle alegremente. —Disse que ia chover.

—Sente-se responsável por mim agora que é uma idosa matrona casada? Emma fez uma careta, que lhe indicou exatamente o que pensava disso.

— Parece um rato afogado— disse simplesmente. Belle fez uma careta igualmente desagradável.

— Trocarei de roupa e descerei para tomar o chá em um instante. —No escritório do Alex— avisou Emma.—Hoje tomará conosco. —OH, bem. Em seguida desço.

Belle subiu as escadas e percorreu o labirinto de corredores que conduziam ao seu quarto.

Rapidamente tirou o empapado traje de montar, trocando-o por um vestido de um suave azul, e retornou ao andar de baixo.

A porta do escritório de Alex estava fechada e ouviu risadas, assim sabiamente bateu antes de entrar. Houve um momento de silêncio e logo Emma gritou: — Entre!

Belle sorriu interiormente. Estava aprendendo mais e mais sobre o amor conjugal a cada minuto. Que acompanhante tinha resultado Emma. Ela e Alex não podiam manter as mãos afastadas um do outro sempre que acreditavam que ninguém olhava. O sorriso de Belle se fez maior. Ela não estava segura sobre os detalhes de como fazer bebês, mas tinha o pressentimento de que todo esse toque tinha bastante haver com a gravidez de Emma. Belle abriu a porta e entrou no enorme e muito masculino escritório de Alex.

— Boa tarde, Alex, — disse. — Que tal seu dia?

—Bem mais seco que o teu, pelo que entendi— disse ele, derramando um pouco de leite em seu chá e ignorando por completo a bebida. — Seus cachos ainda gotejam.

Belle olhou os ombros. O tecido estava úmido por causa do cabelo. Encolheu os ombros.

— OH, bom, já não tem remédio, suponho. — instalou-se no sofá, e se serviu de uma xícara de chá. — E que tal seu dia, Emma?

—Bastante tranquilo. estive revisando vários livros e relatórios de algumas de nossas propriedades em Gales. Acredito que pode haver algum problema nelas. Estou pensando em viajar até lá para investigar.

—Não irá— grunhiu Alex.

—OH, de verdade? — respondeu Emma.

—Não vai a nenhuma parte durante os próximos seis meses— acrescentou ele, olhando amorosamente a sua ruiva esposa de olhos violetas. — E provavelmente tampouco durante outros

seis depois desses.

—Se acha que vou ficar metida na cama até que chegue o bebê, está mal da cabeça. —E você tem que aprender quem comanda aqui.

—Bem, quem é então, você?

—Alto, alto— disse Belle rindo. — É suficiente. — Meneou a cabeça. As duas pessoas mais obstinadas de todo o universo tiveram que casar-se. Eram perfeitos um para o outro. — Por que não conto como foi meu dia?

Emma e Alex se viraram ao unísono olhando-a com espera.

Belle deu outro gole no chá, deixando que a esquentasse por dentro.

— Conheci um homem bastante estranho, de fato. —OH, sim? — Emma se inclinou para frente.

Alex se recostou, seus olhos velados por uma expressão de aborrecimento.

—Sim. Vive perto daqui. Parece que as terras dele fazem divisa com as suas. Seu nome é Lorde John Blackwood. Conhece-o?

Alex se endireitou repentinamente.

— Disse John Blackwood?

—Na realidade era John, Lorde Blackwood, parece-me. Por quê? Conhece-o? John Blackwood é um nome bastante comum.

—Cabelo castanho? Belle assentiu. —Olhos pretos? Assentiu de novo.

—De minha altura, porte médio?

—Assim acredito. Não era tão largo de ombros como você, mas sim me pareceu igualmente alto.

—Coxeava?

—Sim! — exclamou Belle.

—John Blackwood. Que me condenem— Alex sacudiu a cabeça com incredulidade. — E agora é um lorde. Devem ter lhe concedido um título pelo serviço militar.

—Lutou na guerra contigo? — perguntou Emma.

Quando Alex finalmente respondeu, seus olhos verdes estavam desfocados.

—Sim, — disse suavemente. — Comandava sua própria companhia, mas nos encontrávamos com frequência. Sempre me perguntei o que acontecera com ele. Não sei por que não tentei encontrá-lo. Suponho que tive medo de averiguar que havia morrido.

Isso chamou a atenção de Belle.

— O que quer dizer?

—Foi estranho— disse Alex devagar. — Ele era um soldado excelente. Não havia ninguém em quem pudesse confiar mais. Era absolutamente desinteressado. Ficando constantemente em perigo para salvar a outros.

—Por que é estranho? — perguntou Emma. — Soa como se fosse um homem bastante honorável.

Alex girou a cabeça para as duas primas e sua expressão se limpou de repente.

— O estranho era que para ser um homem que parecia sentir tal indiferença por seu próprio bem-estar, teve um comportamento bastante notável quando foi ferido.

—O que aconteceu? — perguntou Belle, com inquietação.

—O cirurgião disse que teria que lhe amputar a perna. E devo dizer que foi bastante insensível a respeito. John estava ainda consciente, e o sanguessuga nem sequer se incomodou em falar com ele diretamente. Simplesmente se virou para seu ajudante e disse, "Me traga o serrote".

Belle estremeceu , imaginar John Blackwood tão maltratado lhe resultou surpreendentemente doloroso.

—Tornou-se louco— prosseguiu Alex. — Em minha vida nunca vi nada como aquilo. Agarrou o cirurgião pela camisa e o derrubou até que ficaram cara a cara. E considerando a enorme quantidade de sangue que perdeu, seu aperto era incrivelmente forte. Eu ia intervir, mas quando ouvi seu tom de voz, contive-me.

—O que disse? — perguntou Belle, sentada a beira do sofá.

—Não o esquecerei nunca. Disse: "Se me cortar a perna, juro Por Deus, que o encontrarei e cortarei a sua". O doutor o deixou em paz. Disse que o abandonaria para que morresse se isso era o que queria.

—Mas não morreu— disse Belle.

—Não, não o fez. Mas estou seguro de que esse foi o final de seus dias como soldado. O qual, provavelmente, foi o melhor. Era um soldado magnífico, mas sempre tive a sensação de que detestava a violência.

—Que estranho— murmurou Emma.

—Sim, bom, era um homem interessante. Caía-me bastante bem. Tinha um excelente senso de humor quando decidia mostrá-lo. Mas, geralmente, era bastante silencioso. E possuía o mais estrito sentido da honra que jamais vi.

—Bom, Alex— brincou Emma. — Ninguém pode ser mais honorável que você.

—Ah, minha leal e encantadora esposa. — Alex se adiantou e depositou um beijo sobre a testa de Emma.

Belle se deixou cair para trás em seu assento. Queria ouvir mais sobre John Blackwood, mas não parecia existir nenhuma forma cortês de pedir a Alex que contasse mais sobre ele. A irritou admiti-lo, mas não podia negar que estava muito interessada nesse homem tão incomum. Belle era muito prática e pragmática, e sempre rechaçara a enganar-se a si mesma.

John Blackwood a intrigara essa tarde, mas agora que conhecia um pouco mais de sua história, ficou fascinada. Cada pequeno detalhe dele, do arco de sua sobrancelha ao modo em que o vento agitou seu cabelo ligeiramente ondulado, de repente, tomou um novo significado. E sua insistência em caminhar adquiriu muito mais sentido. Depois de lutar tão ferozmente para salvar sua perna, era natural querer usá-la. Pareceu-lhe um homem de princípios.

Um homem no qual se podia confiar, do qual se podia depender. Um homem cujas paixões fluíam profundamente.

Belle estava tão surpreendida pela virada de seus pensamentos, que, de fato, sacudiu a cabeça ligeiramente. Emma notou o movimento e perguntou: — Encontra-se bem, Belle?

—O que? OH, é só uma pequena dor de cabeça. É mais uma pontada. Já desapareceu. —OH.

—Provavelmente é por causa de toda minha leitura— prosseguiu Belle, embora Emma parecia ter ficado totalmente convencida com a explicação anterior. —Preciso me esforçar muito para enfocar as palavras ultimamente. Possivelmente deveria ir ao médico para que examine meus olhos.

Se a Emma surpreendeu a repentina admissão da prima de que sua vista não era exatamente a que deveria ser, não o mencionou.

— Excelente. Há um doutor muito bom no povoado. Veremos o que pode fazer.

Belle sorriu e deu um gole em seu chá. Estava gelado. E então Emma disse algo maravilhoso. — Sabe o que deveríamos fazer? —disse a seu marido. —Deveríamos convidar este John Blake!

—John Blackwood— corrigiu Belle rapidamente.

—Sinto muito, esse John Blackwood para jantar. Com Belle aqui estaríamos emparelhados para o jantar e não teremos que procurar por outra mulher para completar o número de convidados.

Alex pousou sua xícara.

— Uma ideia excelente, meu amor. Acredito que eu gostaria de renovar nossa amizade. — Solucionado, então— disse Emma, com tom resolutivo. — Vou enviar uma nota, ou prefere ir você

mesmo convidá-lo pessoalmente?

—Creio que irei. Estou impaciente por vê-lo de novo e, além disso, seria uma grosseria de minha parte não ir, tendo em conta que salvou minha vida.

Emma empalideceu.

— O que?

Uma comissura da boca do Alex se elevou levemente em um sorriso envergonhado. —Só uma vez, meu amor, e não há nenhuma razão para preocupar-se com isso agora.

O olhar que o casal compartilhou naquele momento foi tão terno que resultava quase doloroso para Belle olhá-los. Desculpando-se calmamente, partiu do escritório e subiu a seu quarto onde as últimas páginas do Conto do Inverno a esperavam.

John Blackwood salvou a vida de Alex? Não podia entendê-lo. Ao que parecia, havia muito mais em seu novo vizinho além de sua grosseira fachada.

John Blackwood tinha segredos. Belle estava segura disso. Apostaria que a história de sua vida envergonharia as narrações de Shakespeare. Tudo o que precisava fazer era investigar um pouco. Esta excursão ao campo podia resultar mais emocionante do que esperava. É obvio, não seria capaz de descobrir nenhum de seus segredos até que se fizesse amigo dela. E ele deixou bem claro que não gostou muito dela.

E isso era condenadamente irritante.

Capítulo 2



Belle despertou na manhã seguinte com o desagradável som de Emma vomitando. Virando-se na cama, abriu os olhos e viu a prima inclinada, de joelhos, sobre um urinol. Belle fez uma careta ante a visão e murmurou:

—Que modo tão encantador de começar o dia.

—Bom dia a você também— bufou Emma, levantando-se e agarrando uma jarra de água que havia sobre uma mesa próxima. Serviu um copo e tomou um gole.

Belle se sentou e olhou como sua prima enxaguava a boca.

— Não imagino por que não pode fazer isto em seu próprio quarto— disse finalmente. Emma lhe lançou um olhar zangado enquanto fazia gargarejos.

—As náuseas são algo normal, já sabe— prosseguiu Belle, destemida— Não quero que Alex se sinta doente em seu próprio quarto.

A expressão da Emma era definitivamente mal-humorada quando cuspiu a água no urinol.

— Não vim aqui para evitar meu marido. Acredite, viu-me muitas vezes com náuseas nas últimas semanas. — Suspirou. — Parece que vomitei em cima de um de seus pés outro dia.

As faces de Belle ruborizaram em solidariedade com a prima. —Que horrível— murmurou.

—Sei, mas na realidade vim para ver se estava acordada, e simplesmente enjoei pelo caminho. — Emma ficou um pouco esverdeada e se sentou com rapidez.

Belle se levantou apressadamente e vestiu um robe.

— Quer que te traga algo?

Emma sacudiu a cabeça e suspirou, tentando corajosamente conter as náuseas.

—Isto não contribui para que tenha ilusões sobre o matrimônio— disse Belle ironicamente. Emma sorriu fracamente.

— É muito mais que isto.

—Espero que sim.

—Pensei que poderia reter o chá e as bolachas que tomei no café da manhã— disse Emma com um suspiro. — Mas me equivoquei.

—É fácil esquecer que está grávida— disse Belle amavelmente, com a esperança de elevar o ânimo da prima. — Ainda está muito esbelta.

Emma lhe dirigiu um sorriso agradecido.

— É muito amável. Devo dizer que esta é uma experiência nova para mim, e é tudo muito estranho.

—Está nervosa? Não comentou nada.

—Não é exatamente nervosa, mas bem, Hmmm, não sei descrevê-lo. Mas a irmã do Alex dará a luz em três semanas, e planejamos visitá-la dentro de um par de semanas. Espero estar lá para o nascimento. Sophie me assegurou que somos bem-vindos. Estou segura de que não me sentirei tão nervosa uma vez que saiba o que se espera de mim. — A voz de Emma continha mais esperança que certeza.

A experiência de Belle em relação a partos estava limitada a de uma ninhada de cachorrinhos que vira seu irmão ajudar a nascer quando tinha doze anos, mas não estava muito segura de que Emma fosse se sentir muito melhor sobre a experiência depois de ser testemunha do nascimento do bebê de Sophie. Belle sorriu fracamente a sua prima, murmurou algo ininteligível dando a entender que estava de acordo, e manteve a boca fechada.

Momentos depois, o rosto de Emma recuperou a cor natural, e suspirou.

— Vá. Sinto-me muito melhor agora. É assombroso como rapidamente esta enfermidade desaparece. É a única coisa que a faz suportável.

Uma criada entrou carregando uma bandeja com chocolate e pão-doces. Deixou a bandeja sobre a cama, e as duas jovens se colocaram em ambos os lados.

Belle contemplou Emma enquanto esta distraída dava um gole em seu chocolate.

— Emma, posso te perguntar algo?

—É obvio.

—E será sincera em sua resposta?

Uma comissura da boca de Emma se curvou.

— Quando me viu não ser sincera?

—Sou agradável?

Emma pôde agarrar o guardanapo bem a tempo para evitar cuspir seu chocolate sobre as cobertas de Belle.

— Desculpa?

—Não acredito que seja desagradável. Quero dizer, acredito que à maioria das pessoas gostam de mim.

—Sim— disse Emma, devagar— Faz-o. A todo mundo. Não acredito ter conhecido nunca alguém que não gostasse de você.

—Exatamente— ratificou Belle. — Provavelmente a alguns quantos, resultado indiferente de uma ou outra forma, mas acredito que é bastante estranho que haja alguém a quem realmente desgoste da minha pessoa.

—E quem não gosta, Belle?

—Seu novo vizinho. John Blackwood.

—OH, bom. Mal falou com ele não mais de cinco minutos, não?

—Sim, mas...

—Então não pode ter tomado aversão tão rapidamente.

—Não sei. Parece-me que o fez.

—Estou segura de que está equivocada.

Belle negou com a cabeça, com expressão perplexa.

— Não acredito.

—Seria tão terrível que não lhe caísse bem?

—É só que eu não gosto da ideia de não agradar alguém. Isso me torna terrivelmente egoísta?

—Não, mas...

—Todo mundo acredita que sou uma pessoa agradável.

—Sim, o é, mas...

Belle endireitou os ombros. —Isto é inaceitável.

Emma conteve uma risada.

— O que planeja fazer?

—Suponho que terei que obrigá-lo a gostar de mim.

—Me responda, Belle, está interessada nesse homem?

—Não, é obvio que não— respondeu Belle, muito rapidamente. — Só é que, não entendo por que me acha tão repulsiva.

Emma sacudiu a cabeça, incapaz de acreditar nesta estranha virada da conversa.

— Bem, logo terá a oportunidade de praticar suas artimanhas com ele. Com todos os homens em Londres que se apaixonam por você sem a menor provocação nem esforço por sua parte, não posso conceber que não triunfe conseguindo fazer Blackwood gostar de você se se propuser a isso.

—Hmmm— murmurou Belle. Elevou a vista. — Quando disse que será o jantar?



Pode ser que Blackwood não tivesse nascido lorde, mas provinha de uma aristocrática, embora empobrecida família. Apesar de que John teve a desgraça de ser o sétimo de sete filhos, uma posição que não garantia nenhum privilégio em sua vida, lhe seria servido em bandeja de prata. Seus pais, o sétimo Conde e Condessa de Westborough, não tiveram a intenção de descuidar do filho mais jovem, mas, depois de tudo, existiam outros cinco filhos antes dele.

Damien era o mais velho, e como herdeiro, foi mimado e lhe concederam todas as prerrogativas que seus pais podiam permitir-se. Um ano mais tarde, veio Sebastián, e posto que havia pouca diferença de idade com Damien, foi capaz de compartilhar a maior parte das vantagens que suporta ter um herdeiro de condado. O conde e a condessa eram muito pragmáticos, e dado o alto índice de mortalidade infantil, eram conscientes de que Sebastián tinha muitas possibilidades de converter-se no oitavo Conde de Westborough. Pouco depois, Julianna, Christina, e Ariana chegaram uma após outra, e quando se fez evidente a uma tenra idade que as três jovens se converteriam em belezas, lhes prestou muita atenção. Os matrimônios vantajosos podiam ser de grande ajuda para encher as arcas familiares.

Alguns anos mais tarde chegou um bebê que morreu ao nascer. Ninguém se sentiu feliz com a perda, mas tampouco causou pena excessivamente. Cinco crianças atraentes e razoavelmente inteligentes pareciam ser uma abundância de dons, e, na realidade, o novo bebê teria sido simplesmente outra boca para alimentar. Os Blackwood residiam em uma ancestral e magnífica mansão, mas supunha uma penosa prova o simples fato de poder pagar as contas cada final de mês. E ao conde nunca passou pela cabeça tentar ganhar a vida trabalhando.

Mas então a tragédia os golpeou com força, e o conde faleceu quando seu coche o derrubou em uma noite de chuva torrencial. À tenra idade de dez anos, Damien se encontrou com um título. A família mal teve tempo para afligir-se quando para surpresa de todo o mundo, Lady Westborough descobriu que estava outra vez grávida. E na primavera de 1787, deu a luz a um último filho. O esforço a esgotou, e nunca recuperou as forças.

E assim, cansada e irritada, por não mencionar que muito preocupada com as finanças familiares, jogou uma olhada a seu sétimo filho, suspirou, e disse:

—Suponho que o chamaremos simplesmente John. Estou muito cansada para pensar em algo melhor.

E depois daquela entrada um tanto desfavorável no mundo, John foi - na falta de um termo melhor - esquecido. Sua família tinha pouca paciência com ele, e passou muito mais tempo em companhia de seus tutores que com a de seus parentes. Foi enviado a Eton e Oxford, não porque se preocupassem com sua educação, mas sim porque era o que as boas famílias faziam por seus filhos, até pelos mais jovens que eram irrelevantes quanto à linhagem dinástica.

Em 1808, entretanto, quando John estava em seu último ano em Oxford, lhe apresentou uma oportunidade. A Inglaterra se encontrava imersa em uma batalha política e militar na península ibérica, e homens de todas as classes sociais se precipitavam a alistar-se no exército. John viu a carreira militar como uma área onde um homem podia lavrar um futuro, e propôs a ideia ao irmão. Damien concordou, vendo-o como uma forma de livrar-se honrosamente de seguir encarregando-se do irmão, e comprou uma comissão para John.

O serviço militar parecia uma boa alternativa para ele. Era um cavaleiro excelente e bastante bom tanto com a espada como com as armas de fogo. Correu alguns riscos que sabia que deveria ter evitado, mas em meio dos horrores da guerra, fez-se evidente que possivelmente não havia modo de que pudesse sobreviver a chacina. E se por uma virada do destino conseguiu sair do conflito com o corpo intacto, sabia que sua alma não teria tanta sorte.

Passaram-se quatro anos, e John surpreendentemente seguia esquivando-se da morte. E então, recebeu uma bala no joelho e se encontrou em um navio de volta a Inglaterra. Inglaterra doce, verde e pacífica. De algum jeito não lhe parecia verdadeira. O tempo passou rapidamente enquanto sua perna sanava, mas a verdade era que recordava muito pouco da convalescença. Passou a maior parte do tempo bêbado, incapaz de entender à ideia de ser um aleijado.

Então, e para sua surpresa, foi lhe outorgado o título de barão por sua coragem; uma ironia depois de todos aqueles anos em que sua família o recordava que não era um lorde. Foi um momento decisivo para ele, e compreendeu que agora tinha algo substancial que deixar a uma futura geração. Com uma renovada sensação de que sua vida tinha uma finalidade, decidiu encarrilhá-la. Quatro anos depois de alistar-se coxeava, mas ao menos o fazia em seu próprio país. O final da guerra chegou para ele um pouco antes do esperado, assim vendeu sua comissão e com o dinheiro obtido, começou a investir. Seus investimentos resultaram ser extremamente proveitosos, e depois de apenas cinco anos, reunira dinheiro suficiente para comprar uma pequena propriedade no campo.

Finalmente no dia anterior decidiu encarregar-se de explorar o perímetro de sua propriedade quando topou com Lady Arabella Blydon. Pensou em seu encontro com ela durante algum tempo. Certamente deveria aproximar-se de Westonbirt e desculpar-se com ela por seu grosseiro

comportamento. Deus sabia que ela não visitaria Bletchford Manor depois do modo em que ele a tratou.

John estremeceu. Definitivamente teria que pensar em um novo nome para o lugar.

Era uma residência agradável. E confortável. Luxuosa sem chegar a ser palaciana, e podia ser facilmente atendida por um reduzido pessoal, o qual era uma sorte para ele, posto que não podia permitir-se empregar a um grande número de criados. Assim lá estava. Vivia em um lar de sua única propriedade, não em um lugar que sabia que nunca seria seu devido à existência de cinco irmãos mais velhos. E tinha bons ganhos; agradavelmente reduzidos agora que comprou uma casa, mas confiava justificadamente em suas capacidades financeiras depois de seus êxitos recentes.

John comprovou seu relógio de bolso. Eram duas e meia da tarde, um bom momento para examinar alguns dos campos do oeste e estudar a possibilidade de cultivá-los. Desejava converter a propriedade de Bletchford Manor em um lugar tão frutífero como fosse possível. Definitivamente precisaria rebatizar a propriedade com um nome menos horrível.

Uma rápida olhada ao exterior através da janela lhe disse que hoje não se repetiria o toró do dia anterior e abandonou seu escritório, com a intenção de subir para pegar seu chapéu. Não chegou muito longe antes que Buxton, o idoso mordomo que adquiriu junto com a casa o detivesse.

—Tem uma visita, milord— anunciou. Surpreso, John se deteve.

— Quem é, Buxton?

—O Duque de Ashbourne, milord. Tomei a liberdade de fazê-lo passar ao salão azul. John sorriu.

— Ashbourne está aqui? Esplêndido.

— Não percebera que seu velho amigo do exército vivia tão perto quando comprou Bletchford Manor, mas isto era uma vantagem adicional.

Virou e se dispunha a descer os poucos degraus que conseguiu subir, antes de fazer um alto, desconcertado.

—Infernos, Buxton— gemeu.— Onde fica o salão azul?

—Segunda porta a sua esquerda, milord.

John caminhou pelo vestíbulo e abriu a porta. Tal como pensava, não existia nem um só retalho de azul na sala. Alex se apoiava contra o marco de uma janela, olhando os campos que confinavam com seu próprio imóvel.

—Tentando imaginar como me convencer de que a horta de maçãs da divisa cai em seu lado da

propriedade? — brincou John.

Alex se virou.

— Blackwood. É condenavelmente agradável voltar a vê-lo. E a horta está em meu lado da propriedade.

John arqueou uma sobrancelha.

— Talvez estive tentando imaginar como surrupiar isso.

Alex sorriu.

— Como está? E por que não me visitou para me saudar? Nem sequer sabia que comprou este lugar até que Belle me disse ontem pela tarde.

A chamavam de Belle. Isso o satisfaz. E ela falou dele. John se sentiu absurdamente feliz por isso, embora duvidasse que ela tivesse algo agradável para dizer.

— Parece esquecer que se supõe que não se apresenta de visita na residência de um duque a menos que o duque primeiro o convide.

— Bom, Blackwood, acreditava que estávamos acima das trivialidades da etiqueta a estas alturas. Um homem que salvou minha vida é bem-vindo a qualquer momento que o agrade.

John ruborizou ligeiramente, recordando a vez em que disparou em um homem que ia apunhalar Alex pelas costas.

— Qualquer um teria feito o mesmo — disse brandamente.

Uma comissura da boca do Alex se ergueu ao recordar aos homens que investiram ao John quando inutilizou a seu atacante. John recebera uma navalhada no braço por sua valentia.

— Não — disse Alex, finalmente. — Não acredito que qualquer um faria o mesmo. — endireitou-se.

— Mas basta de falar da guerra. Prefiro não me estender sobre o assunto. Como está?

John fez um gesto para uma poltrona, e Alex se sentou. — Como sempre, suponho. Gostaria de uma bebida? Alex assentiu, e John lhe serviu um copo de uísque.

— Obviamente não exatamente igual, Lorde Blackwood.

— Ah, isso. Fui nomeado barão. Barão Blackwood. — John dedicou a Alex um garboso sorriso.

— Soa bem, não acha?

— Soa muito agradável.

— E como mudou sua vida nos últimos quatro anos?

—Não mudou muito, suponho, até os seis últimos meses. —De verdade?

—Casei-me— disse Alex com um sorriso envergonhado.

—O que diz? — John elevou seu copo de uísque em um silencioso brinde.

—Seu nome é Emma. É a prima de Belle.

John se perguntou se a esposa de Alex se pareceria com a prima. Se fosse assim, entendia facilmente como capturou a atenção do duque.

— Suponho que ela leu também as obras completas de Shakespeare? Alex soltou uma breve risada.

— Na realidade começou a fazê-lo, mas a mantive muito ocupada ultimamente. John elevou as sobrancelhas ante o duplo sentido daquele comentário.

Alex interpretou sua expressão imediatamente.

— A coloquei a administrar algumas de minhas propriedades. Tem muito boa cabeça para isso, de fato. É capaz de somar e subtrair muito mais rápido que eu.

—Vejo que a inteligência é de família.

Alex se perguntou como aprendera John tanto sobre Belle em tão pouco tempo, mas não disse nada.

—Sim, pois pode ser que isso seja a única coisa que ambas têm em comum, além da estranha capacidade de conseguir exatamente o que querem sem que a pessoa perceba.

—Ah?

—Emma é bastante cabeça dura— disse Alex com um suspiro. Mas era um suspiro agradável e feliz.

—E sua prima não? —perguntou John. — Pareceu-me bastante formidável.

—Não, não. Belle tem uma personalidade forte, não me entenda mal. Mas não exatamente como Emma. Minha esposa é tão obstinada que frequentemente se mete de cabeça em uma situação problemática sem parar para considerá-la antes. Belle não é assim. Ela é muito prática e pragmática. Tem uma curiosidade insaciável. E isso faz ser condenadamente difícil guardar um segredo perto dela, mas devo dizer que eu gosto de sua forma de ser. Depois de ver a infernal situação de alguns de meus amigos, considero-me muito afortunado por meus parentes políticos.

Alex percebeu que estava falando muito mais abertamente do que normalmente fazia com um amigo que não vira durante anos, mas é que havia algo na guerra que forjava um vínculo indestrutível entre os homens, e provavelmente era por essa razão que falava com John como se os últimos quatro

anos não tivessem transcorrido. Ou também podia ser que fosse porque John era um excelente ouvinte. Sempre o foi, recordou Alex.

— Mas já basta de falar de minha nova família— disse de repente. — Conhecerá os muito em breve. Como está a sua? Arrumou muito bem para evitar minhas perguntas.

John riu entre dentes.

— Como sempre, suponho, exceto que agora tenho um título.

—E um lar.

—E um lar. Comprei este lugar investindo e reinvestindo o preço de minha comissão. Alex soltou um longo assobio.

— Deve ter um toque de ouro para os assuntos financeiros. Deveríamos falar disso algum dia. Provavelmente poderia aprender uma ou duas coisas de você.

—O segredo do êxito financeiro não é difícil, na realidade.

—De verdade? Então te rogo que me diga qual é.

—Sentido comum.

Alex soltou uma gargalhada.

— Algo que temo careci estes últimos meses, mas suponho que isso é o que o amor faz a um homem. Escuta, por que não janta lá em casa logo? Falei com minha esposa sobre você, e está impaciente por te conhecer. E, é obvio, já conhece Belle.

—Eu gostaria— disse John. E em uma estranha amostra de emoção, acrescentou. — Acredito que será muito agradável ter alguns amigos na região. Obrigado por vir me visitar.

Alex olhou o velho amigo atentamente, e por um instante viu o realmente isolado e triste que John estava. Mas um segundo mais tarde, John velou seu olhar, e sua expressão adotou sua impenetrabilidade habitual.

— Muito bem, então— disse Alex cortesmente. — O que te parece dentro de dois dias? Não seguimos o horário da cidade aqui, assim provavelmente jantaremos por volta das sete.

John assentiu.

—Excelente. Veremos nos então. — Alex se levantou e estreitou a mão ao John. — Me alegro de que nossos caminhos se cruzaram de novo.

—Eu também. —John escoltou Alex da casa até os estábulos onde lhe aguardava seu cavalo.

Com uma amistosa inclinação de cabeça, Alex montou e se afastou cavalgando.

John retornou devagar a casa, sorrindo para si mesmo quando ergueu a vista para contemplar seu novo lar. Quando entrava no vestíbulo, Buxton o interceptou.

—Chegou isto para o senhor, milord, enquanto conversava com sua Excelência. — Estendeu a John uma carta em uma bandeja de prata.

John ergueu as sobrancelhas enquanto desdobrava a nota.

Que estranho. John virou o envelope em sua mão. Seu nome não aparecia escrito em nenhuma parte.

— Buxton? — chamou. O mordomo, que começara a caminhar em direção à cozinha, girou e retornou ao lado do John. —Quando isto chegou, o que disse o mensageiro?

—Só que tinha uma carta para o dono da casa.

—Não mencionou meu nome expressamente?

—Não, milord, parece-me que não. Foi um menino quem o trouxe, na realidade. Não acredito que tivesse mais de oito ou nove anos.

John dedicou ao papel um último olhar especulativo e logo deu um encolher de ombros.

— Provavelmente seja para os donos anteriores. — Amassou-o em sua mão e o deixou a um lado. — Não tenho nem ideia do que significa.



Mais tarde essa noite enquanto jantava, John pensou em Belle. Enquanto saboreava uma taça de uísque folheando O Conto de Inverno, pensou nela. E quando se dirigiu lentamente para a cama, pensou nela. Era formosa. Isso era irrefutável, mas não acreditava que essa fosse a razão pela qual invadia seus pensamentos. Houve um brilho naqueles brilhantes olhos azuis. Um brilho de inteligência, e... de compaixão.

Ela tentou lhe oferecer sua amizade antes que ele frustrasse completamente sua tentativa. Sacudiu a cabeça, como se assim pudesse desterrá-la de sua mente. Sabia que era melhor não pensar em mulheres antes de ir à cama. Fechando os olhos, elevou uma prece para poder dormir sem sonhar.

Estava na Espanha. Era um dia quente, mas sua companhia estava de bom humor; não houve nenhum enfrentamento durante a semana passada. Instalaram-se em uma pequena cidade, fazia quase um mês. Os vizinhos estavam, em sua maior parte, contentes de tê-los lá. Os soldados trouxeram dinheiro sobre tudo ao botequim, mas todo mundo se sentiu um pouco mais próspero quando os ingleses chegaram à cidade.

Como de costume, John estava bêbado. O que fosse para apagar os gritos que ressonavam em seus ouvidos e o sangue que sempre sentia em suas mãos, não importa com que frequência as lavasse.

Umas quantas taças mais, calculou, e estaria a caminho do esquecimento. —Blackwood.

Elevou a vista e saudou com a cabeça o homem que se acomodou do outro extremo de sua mesa.

— Spencer.

George Spencer pegou a garrafa. —Importa-se?

John deu um encolher de ombros.

Spencer verteu um pouco do conteúdo no copo que havia trazido com ele.

— Tem alguma ideia de quando partiremos deste horrível buraco?

—Prefiro estar neste horrível buraco, como você o chama, que no meio do campo de batalha. Spencer jogou uma olhada a uma moça que servia as mesas ao outro lado do salão e lambeu os lábios antes de voltar-se para John e replicar.

— Nunca o teria tomado por um covarde, Blackwood. John se serviu outro copo de uísque.

— Não sou um covarde, Spencer. Só um homem.

—Não o somos todos? — A atenção do Spencer estava ainda centrada na moça, que não podia ter mais de treze anos. — O que pensa dessa, hein?

John se limitou a dar um encolher de ombros de novo, sem sentir-se muito comunicativo.

A moça cujo nome averiguou durante o mês passado, era Ana, aproximou-se e pôs um prato de comida diante dele. Agradeceu em espanhol. Ela assentiu com a cabeça e sorriu, mas antes que pudesse partir, Spencer a tinha derrubado em seu regaço.

—Olhe que coisa tão bonita— disse arrastando as palavras, sua mão subindo e descendo sobre seu seio mal amadurecido.

—Não— disse ela, com voz tremula. — Eu...

—Deixe-a em paz— disse John bruscamente.

—Cristo, Blackwood, é só uma...

—Deixe-a em paz.

—Às vezes é um asno, sabia? — Spencer empurrou Ana de seu regaço, mas não antes de dar a seu traseiro um malvado beliscão.

John levou uma colherada de arroz à boca, mastigou, engoliu, e logo disse:

— É só uma menina, Spencer. Spencer cavou a mão.

— Não senti assim.

John se limitou a sacudir a cabeça, sem querer discutir com ele.

— Deixe-a em paz.

Spencer se levantou repentinamente.

— Preciso ir mijar.

John o viu partir e voltou a seu jantar. Não tomou mais de três bocados antes que a mãe da Ana aparecesse junto à mesa.

— Senhor Blackwood— disse, falando em uma mescla de inglês e espanhol que sabia que ele entendia. — Esse homem... ele toca a minha Ana. Isso deve parar.

John piscou um par de vezes, tratando de clarear sua mente da neblina alcoólica. —Esteve incomodando-a muito tempo?

—Toda a semana, Senhor. Toda a semana. Não gosta. Tem medo. John sentiu a repugnância revolvendo o conteúdo de seu estômago.

—Não se preocupe, Senhora — tranquilizou-a. — Assegurarei de que a deixe em paz. Ela estará a salvo de meus homens.

A mulher fez uma inclinação de cabeça.

— Obrigado, senhor Blackwood. Suas palavras me consolam. — Voltou à cozinha onde, supôs John, passaria o resto da noite trabalhando.

Ele voltou a concentrar-se em sua comida, servindo-se outro copo de uísque junto com ela. Mais e mais perto do esquecimento. Ansiava estes dias. O que fosse para apagar de sua mente a morte e os moribundos.

Spencer voltou, limpando as mãos com um trapo.

— Ainda comendo, Blackwood? — perguntou.

—Sempre tiveste certa inclinação por declarar o óbvio. Spencer franziu o cenho.

— Come sua papa então, se isso é o que gosta. Parto a procura de diversão. John elevou uma sobrancelha como se dissesse;

— Aqui?

—Parece que este lugar tem possibilidades. — Os olhos do Spencer brilharam quando se

pavoneou escada acima, afastando-se de sua vista.

John suspirou, contente de livrar-se desse homem que sempre era um incômodo. Nunca gostou de Spencer, mas era um bom soldado, e a Inglaterra necessitava a todos os que pudesse recrutar.

Terminou de comer e empurrou o prato a um lado. A comida estava saborosa, mas nada parecia satisfazê-lo ultimamente. Possivelmente outro copo de uísque. OH, agora já estava bêbado. Verdadeiramente bêbado. Isso, supôs, era algo pelo que ainda podia dar graças a Deus.

Deixou que sua cabeça caísse contra a mesa. A mãe da Ana parecia nervosa, não? Seu rosto, sulcado de rugas de pena e temor; flutuou em sua mente. E Ana, pobre menina, não devia gostar de ter a estes homens perto. Especialmente a um como Spencer.

Ouviu um ruído vindo do alto das escadas. Nada fora do comum. Spencer. OH, sim, isso é no que esteve pensando.

Uma dor na bunda, isso é o que era. Sempre armando confusão nos locais, sem preocupar-se com nada que não fosse sua própria diversão.

Outro golpe.

Que era o que havia dito? que saia a procura de diversão. Típico dele. Outro ruído estranho. Este pareceu como o grito de uma mulher. John olhou ao redor. Será que ninguém o ouviu?

Parecia que não. Podia ser porque ele estava mais perto das escadas. —Parece-me que este lugar tem possibilidades.

John esfregou os olhos. Algo não ia bem.

Ficou de pé, apoiando-se na mesa para aliviar a náusea que estremeceu seu corpo. Por que tinha a estranha sensação de que algo não ia bem? Outro golpe. Outro grito. Caminhou devagar para as escadas. O que estava errado? O ruído aumentou de volume enquanto caminhava com o passar do corredor do primeiro andar.

E logo o ouviu outra vez. Esta vez soava claramente.

— Nãooooooooooooo— A voz da Ana.

John recuperou a sobriedade em um instante. Investiu contra a porta, arrancando a das dobradiças.

— OH, Deus, não— gritou. Quase não podia distinguir Ana, seu miúdo corpo completamente oculto sob o Spencer, que investia repetida e sem piedade contra ela.

Mas podia ouvir seu pranto.

— Nãooooo, nãooooo, por favor, nãooooo.

John não se deteve para pensar. Enlouquecido, afastou Spencer da moça e o lançou contra a parede.

—Que demônios... Blackwood? — A cara do Spencer estava tão congestionada e purpúrea como seu membro.

—Bastardo— ofegou John, apoiando sua mão sobre sua arma. —Por Deus, é só uma puta espanhola.

—É uma menina, Spencer.

—Agora é uma puta. — Spencer se virou para recolher suas calças. A mão de John apertou a culatra.

—É tudo que será sempre. John levantou a arma.

— Os soldados de sua majestade não violam. — E lhe deu um tiro no traseiro.

Spencer uivou e caiu ao chão, soltando uma enxurrada de palavrões. John imediatamente foi junto à Ana, como se houvesse algo que pudesse fazer para apagar sua dor e sua humilhação. Sua cara estava lívida. Carecia por completo de expressão... Até que a viu. Encolheu-se. Afastou-se dela horrorizado. Ele cambaleou para trás pela intensidade de seu terror.

Ele não... Não tinha sido sua... Queria dizer...

A mãe de Ana irrompeu no quarto.

— Virgem muito santo— lançou um grito. — O que é o que...? OH, Ana. Minha Ana. Ela correu para sua filha, que agora chorava desconsoladamente.

John permanecia de pé no meio do quarto, aturdido pela surpresa, e ainda bêbado pelo uísque.

— Eu não... — sussurrou. — Não fui eu.

Havia tanto ruído. Spencer gritava e blasfemava de dor. Ana chorava. Sua mãe clamava a Deus. John não podia mover-se.

A mãe de Ana se virou, sua cara refletia mais ódio do que John jamais vira em uma só pessoa.

—É obra dele— gritou, e lhe cuspiu na cara.

—Não. Não fui eu. Eu não fiz...

—Jurou que a protegeria. — A mulher parecia que tentava conter-se para não atacá-lo. — Bem poderia ter sido você também.

John piscou.

— Não.

Poderia ter sido você também. Poderia ter sido você também. Também poderia...

John se ergueu na cama, com o corpo empapado de suor. Já havia passado realmente cinco anos?

Recostou-se, tentando esquecer que Ana se suicidara três dias mais tarde.

Capítulo 3



Quando Belle chegou a salinha do café à manhã seguinte, descobriu que nem Emma nem Alex haviam se levantado ainda. Isso era surpreendente porque Emma era uma pessoa madrugadora.

Belle conjecturou que Alex a mantinha na cama por seu próprio interesse e se perguntou se uma mulher podia ficar grávida quando já o estava.

—Para alguém que geralmente é considerado brilhante— resmungou para si mesma, — sabe pateticamente pouco sobre as coisas importantes.

—Disse você algo, milady? — perguntou imediatamente um laçaio.

—Não, não, falava comigo mesma— respondeu ela, pondo os olhos em branco ante seu próprio comportamento. Se seguisse assim, a metade de Westonbirt pensaria que estava maluca.

Serviu seu café da manhã, e deu uma olhada no jornal do dia anterior que estava junto ao lugar do café da manhã do Alex. Os recém casados ainda não haviam chegado quando terminou sua omelete.

Belle suspirou, tentando decidir como manter-se ocupada.

Podia assaltar a biblioteca do Alex, supôs, mas por uma vez não tinha vontades de ler. O sol brilhava alegremente, um inesperado presente durante este outono excepcionalmente chuvoso, e de repente lamentava estar sozinha, que Alex e Emma tivessem decidido dormir aquela manhã. Supunha que não tinha com quem compartilhar o bom tempo. Mas não havia ninguém. Exceto...

Belle sacudiu a cabeça. Simplesmente não podia apresentar-se na casa de Lorde Blackwood e dizer olá.

Embora, por que não podia fazê-lo?

Bom, em primeiro lugar, não lhe caía bem.

O qual, rebateu a si mesma, era precisamente a razão pela qual deveria ir fazer-lhe uma visita. Não seria capaz de retificar a situação se não voltavam a ver nunca um ao outro.

Belle arqueou as sobrancelhas enquanto considerava a ideia. Se levasse uma criada como acompanhante, não transpassaria os limites do decoro. Bem, de fato sim, mas ninguém saberia, e Lorde Blackwood não pareceu muito experiente em protocolo. Tomada sua decisão, dirigiu-se à cozinha para ver se a senhora Goode podia lhe dar alguns pão-doces. Seriam um café da manhã

encantador.

Possivelmente Lorde Blackwood não tomara o café da manhã ainda.

Não aconteceria nada. Depois de tudo, isto não era Londres. Não teria quarenta fofoqueiras meneando suas línguas essa noite sobre seu comportamento escandaloso. E não ia fazer algo tão terrível. Só queria saudar seu novo vizinho devidamente. Na realidade, só queria ver que aspecto tinha sua casa, disse a si mesma. Como se chamava? Alex mencionara a noite anterior. Bletchwood Agrada? Blumley Manor? Blasphemous Burg? Belle riu para si. Era um nome horroroso, é a única coisa que recordava.

Chegou à cozinha, onde a senhora Goode concordou encantada a lhe preparar uma cesta. Belle logo iniciou a marcha, carregada com geleia recém-feita e pão-doces caseiros.

Caminhou resolutamente até os estábulos onde montou Âmbar, sua égua. Não estava totalmente segura de onde ficava a casa do John, mas sabia que era para o leste. Se seguisse o caminho e fosse em direção ao sol, acabaria tropeçando com ela finalmente.

Começou a andar com um suave trote enquanto percorria o longo caminho que conduzia Westonbirt até a estrada. A criada de lady Emma sabia montar a cavalo, e cavalgava a seu lado. Viraram para o leste ao chegar à estrada, e aproximadamente um quarto de hora depois, encontraram com o início de um atalho que parecia conduzir a uma casa.

Momentos depois Belle se encontrou em uma clareira espaçosa, frente a uma sólida e elegante mansão de pedra. Era pequena para os padrões da aristocracia, mas tinha estilo e obviamente era de sólida construção. Isto a satisfez. Belle sorriu e impulsionou a égua a avançar. Não viu nenhum estábulo, assim se ocupou do cavalo ela mesma, atando-o a uma árvore. A criada da Emma fez o mesmo.

—Sinto muito, Âmbar— murmurou Belle e logo suspirou e se dirigiu para os degraus dianteiros.

Tomou na mão a gigantesca aldrava de cobre e a deixou cair com um ruidoso golpe. Momentos depois, um ancião de cabelo grisalho abriu a porta. Belle supôs ser o mordomo.

—Bom dia— disse, em tom controlado. — É esta a residência de Lorde Blackwood? O mordomo ergueu uma sobrancelha.

— É.

Belle lhe ofereceu seu sorriso mais deslumbrante.

— Excelente. Por favor, informe que Lady Arabella Blydon veio visitá-lo.

Buxton não duvidou nem por um momento que ela era uma dama, com sua elegante roupa e seu acento aristocrático. Com um régio consentimento, acompanhou-a a uma ventilada sala decorada em

tons nata e azul.

Belle permaneceu em silêncio enquanto via o mordomo desaparecer escada acima. Então se virou para a criada de Emma e disse.

— Possivelmente deveria ir, ah, à cozinha e ver se há algum, ah, outro criado lá.

Os olhos da criada se abriram ligeiramente ao ser despedida, mas assentiu com a cabeça e abandonou a sala.



John estava ainda na cama quando o mordomo chegou a sua porta, tendo decidido se dar de presente um muito necessário descanso. Buxton entrou silenciosamente, e depois aproximou sua boca muito, muito ao ouvido de seu senhor.

— Tem um convidado, milord— disse em voz alta.

John sacudiu o mordomo com um travesseiro e a contra gosto despertou.

— Um quê? — perguntou, ainda sonolento. — Um convidado.

— Meu Deus! Que horas são? — As nove, milord.

John saiu cambaleando da cama e agarrou uma camisa de dormir para cobrir seu corpo nu.

— Quem demônios vem me fazer uma visita às nove da manhã?

— Lady Arabella Blydon, milord.

John se virou completamente diante da surpresa.

— Quem?

— Acredito que disse lady...

— Já ouvi o que disse— estalou John, seu mau gênio avivado por seu muito pouco cerimonioso acordar. — E que demônios faz ela aqui?

— Não posso responder a isso, milord, mas perguntou por você.

John suspirou, pensando em quando compreenderia Buxton que nem todas suas perguntas requeriam uma resposta. Suspirou de novo. Nem por um momento duvidou que o ardiloso e idoso mordomo sabia perfeitamente que a pergunta do John tinha sido retórica.

— Suponho que devo me vestir— disse finalmente.

— Essa parece uma hipótese acertada, milord. Tomei a liberdade de informar a Wheatley que

—você necessitaria de seus serviços.

John se virou e se dirigiu a seu quarto de vestir. Como Buxton, o ajudante de câmara vinha com a casa também, e John tinha que confessar que não era difícil acostumar-se ao luxo. Em pouco tempo, luzia uma ajustada calça canela, uma engomada camisa branca, e uma jaqueta azul marinho. Deliberadamente ignorou o lenço. Se a lady Arabella resultava imprescindível que usasse lenço, não deveria ter vindo visitá-lo as nove da manhã.

Salpicou um pouco de água sobre a cara e depois passou as mãos molhadas por seu rebelde cabelo, tratando de dissimular o aspecto de recém-levantado.

—Carvalho— resmungou. Ainda parecia meio adormecido. *Infernos, a quem importava?*

Desceu.

Buxton o interceptou no vestíbulo.

—Lady Arabella o espera no salão verde, milord.

John inspirou profundamente, tentando não demonstrar sua exasperação.

— E qual é esse, Buxton?

O mordomo lhe dirigiu um sorriso divertido e estendeu o braço.

— Justamente aí, milord.

John seguiu o dedo de Buxton e entrou na sala, deixando a porta respeitavelmente entreaberta. Belle estava de pé perto de uma cadeira azul, examinando ociosamente um vaso pintado à mão. Parecia extremamente encantadora e condenadamente animada com seu vestido rosa.

—Isto é uma surpresa— disse ele.

Belle levantou a cabeça diante do profundo som de sua voz.

— OH, olá, Lorde Blackwood. — Deu uma olhada a seu cabelo ligeiramente despenteado. — Espero não tê-lo despertado.

—Não importa— mentiu ele.

—Pensei que talvez não tivemos um bom começo quando nos conhecemos. Ele não disse nada.

Ela soltou o ar e continuou.

— Bem. Bom, pensei que deveria lhe dar as boas-vindas à vizinhança. Trago-lhe algo para tomar o café da manhã. Espero que goste de pão-doces.

John lhe dedicou um amplo sorriso.

— Adoro pão-doces. E chegam bem a tempo.

Belle o olhou com o cenho franzido ante seu jocoso tom. O havia despertado.

— Trouxe um pouco de geleia para acompanhá-los— Sentou-se, perguntando-se o que a havia possuído para vir até aqui a uma hora tão cedo.

John chamou o mordomo para pedir um pouco de chá e café e em seguida se sentou em frente a ela. Deu uma leve olhada ao redor da sala.

— Vejo que não trouxe acompanhante.

—OH, não, trouxe comigo uma criada, mas foi visitar seus criados. Teria pedido a Emma que me acompanhasse, mas ainda não havia se levantado. É cedo, já sabe.

—Sei.

Belle engoliu e prosseguiu.

— Na realidade não acredito que seja tão importante. Aqui não é Londres, depois de tudo, onde cada movimento é material para os fofoqueiros. E não é como se corresse perigo.

Os olhos do John se deslizaram apreciativamente sobre suas formas decididamente femininas.

— Não?

Belle ruborizou e se endireitou em sua cadeira. Olhou-o diretamente aos olhos e viu a honra espreitando atrás de sua fachada sarcástica.

— Não, não acredito— respondeu com resolução. —Não deveria ter vindo aqui sozinha.

—Eu disse, não vim sozinha. Minha criada...

—Sua criada está na cozinha. E você está aqui, nesta sala. Sozinha. Comigo.

A boca de Belle se abriu e fechou várias vezes antes que conseguisse balbuciar.

— Bem... sim, certamente... mas...

John a contemplou, pensando que nada gostaria mais que inclinar-se e beijar aqueles suaves lábios que se abriam e fechavam com tal consternação. Sacudiu ligeiramente a cabeça para desterrar semelhante pensamento.

Controle-se, John, advertiu-lhe sua voz interior.

—Peço desculpas— disse repentinamente. — Certamente não quis fazê-la sentir incômoda. É só que é bastante pouco comum que uma senhorita visite um solteiro sem estar acompanhada.

Belle sorriu maliciosamente, sua desculpa de algum jeito aliviou sua tensão.

— Eu também sou bastante pouco comum.

John não duvidou nem por um instante. Deu uma olhada a sua descarada expressão e se perguntou se teria vindo visitá-lo para torturá-lo deliberadamente.

—Além disso— prosseguiu Belle, — não acreditei que você fosse uma pessoa tão suscetível com respeito ao protocolo.

—Não o sou— particularizou ele. — Entretanto, a maior parte das senhoritas o são.

Um criado entrou com o chá e o café, e Belle rapidamente se ofereceu a servir. Passou-lhe uma xícara de café e começou a servir-se um pouco de chá, conversando todo o momento.

—Criou-se você nesta região? —Não.

—Bem, então, onde se criou? —Shropshire.

—Que encantador.

John emitiu um som perigosamente próximo a um rugido. Belle elevou as sobrancelhas e continuou.

— Eu cresci em Londres. —Que encantador.

Belle apertou os lábios ante seu sarcástico comentário.

— Temos uma propriedade em Sussex, é obvio, mas estou acostumada a pensar em Londres como meu lar.

John pegou um pão-doce e passou generosamente geleia de morangos nele.

— Que desafortunado para você.

—Não gosta de Londres? —Não particularmente.

—OH. — E o que se supunha que devia dizer a seguir, perguntou-se Belle. Passou um minuto inteiro, e era dolorosamente consciente das especulativas e divertidas olhadas que John lançava em sua direção. —Bem— disse ela, finalmente. — Vejo que não mentiu ontem.

Aquele comentário atraiu a atenção de John e ergueu a vista de forma inquisitiva. —Você é realmente terrível mantendo um bate-papo trivial.

Ele soltou uma gargalhada.

— Ninguém poderia acusá-la de não ser ardilosa, milady.

Belle deixou passar o comentário, ao não estar completamente segura de que tivesse sido feito como um elogio. Enquanto o percorria com o olhar recordou a conversa do dia anterior.

Durante um momento, ao menos, desfrutaram da companhia um do outro. Falaram do Shakespeare, e sim, inclusive brincaram um pouco. Ele se comportara de forma diferente então,

quase infantil. Quer dizer até que se pôs em guarda. Belle tinha a sensação de que alguém feriu profundamente este homem no passado.

Isso não significava, entretanto, que fosse permitir que descontasse nela.

Notava algo especial nele, algo magnífico e deslumbrante e muito, muito bom. E talvez a única coisa que precisava era que alguém o recordasse. Não encontrou razão alguma para não lançar a precaução ao vento e tratar de oferecer sua amizade apesar de todos os obstáculos que ele interpunha em seu caminho. Cruzando os braços, disse.

—Pode continuar falando nesse tom arrogante se desejar, mas não funcionará. John ergueu uma sobrancelha.

—Ou simplesmente poderia aceitá-lo. — declarou Belle, simplesmente. — Eu o agrado. Para total consternação de John, sua xícara de café golpeou ruidosamente contra o pires.

— O que disse?

—Eu o agrado. — Belle inclinou a cabeça, assemelhando-se a um gato que acabava de desfrutar de uma enorme tigela de leite.

—E como chegou a tal conclusão, se posso perguntar? —Acabo de me dar conta.

Tinha na ponta da língua perguntar se também se deu conta de que a desejava muitíssimo. Saber? Possivelmente. Ele mesmo estava bastante surpreso pela força de sua reação. Ontem lhe parecera uma visão encantadora sob a árvore, mas hoje, frente a seus olhos ainda ligeiramente sonolentos, era uma deusa.

—Não tem por que parecer tão impressionado por minha perspicácia— zombou Belle. Uma deusa com uma língua muito afiada.

—Você— disse John energicamente, — deveria receber uns açoites.

—Espero que não tencione colocar mãos à obra agora mesmo. Estou muito afeiçoada com meu traseiro.

Meu Deus! perguntou-se Belle, *quando se tornara tão ousada?* Deu uma olhada ao rosto furioso dele.

A traidora mente do John decidiu que também gostaria muito, muitíssimo, afeiçoar-se com o traseiro dela, e então seu corpo ainda mais traidor reagiu violentamente ante a ideia.

Em que demônios estava pensando esta menina? Só se podia empurrar um homem até certo ponto. De todos os modos, não podia negar que suas palavras tinha um fundo de verdade. Gostava dela. Assim, tratando de levar a conversa longe de águas perigosas, disse deliberadamente:

— Tem razão. Não me dá muito bem o bate-papo cortês. Belle captou a indireta. Sorriu encantadoramente e disse.

—Eu não me preocuparia excessivamente. Ainda tenho esperanças com você.

—Imagine meu alívio.

—Diminuem a cada segundo— disse ela, apertando os dentes.

John a contemplou enquanto mastigava um pedacinho de pão-doce. De algum jeito conseguia parecer inocente e desejável ao mesmo tempo. *Deus o ajudasse*, já estava abrindo caminho na couraça protetora que erguera a seu redor fazia anos. Certamente não merecia o tipo de tratamento que esteve dispensando. Engoliu o bocado que tinha na boca e devagar e deliberadamente se limpou com um guardanapo, levantou-se, e pegou a mão dela.

—Permitirá que comece esta manhã? — disse elegantemente, levando sua mão a seus lábios. — Receio ter levantado com o pé esquerdo.

O coração de Belle deu um pequeno tombo ante a sensação do roce de seus lábios ao longo de seus nódulos.

— Sou eu quem deveria pedir perdão. Temo que qualquer dos dois pés teria sido o incorreto a estas horas da manhã.

John riu ante sua resposta e se voltou a sentar, estirando-se para tomar outro pão-doce.

— São deliciosos— comentou.

—A mãe de nossa cozinheira era escocesa.

—Nossa cozinheira? — perguntou John, ante sua escolha de palavras. —converteu-se um membro permanente da casa, então?

—Não, voltarei para Londres quando meus pais retornarem da Itália. Mas devo confessar que estou começando a me sentir como em casa em Westonbirt.

John assentiu e pegou seu pão-doce na metade restante.

— esteve alguma vez na Escócia? —Não. E você?

—Não.

Houve um momento de silêncio e logo John perguntou.

— Como estou me saindo?

—Como está se saindo o que? —perguntou Belle com expressão perplexa.

—Sustentar um bate-papo cortês. estive tentando com todas minhas forças durante os últimos

minutos. — Dirigiui-lhe um sorriso travesso.

Belle não pôde conter a risada que brotou de sua garganta. —OH, está fazendo grandes progressos!

—Estarei preparado para a Temporada de Londres em pouco tempo. — meteu o último pedaço de pão-doce na boca.

Belle se inclinou para frente com entusiasmo.

— Planeja ir à cidade para a Temporada, então? — A ideia a iludiu. Começava a se aborrecer do redemoinho social, e a presença do John certamente animaria as coisas.

Além disso, achou a ideia de dançar em seus braços estranhamente erótica. Um estremecimento percorreu sua coluna ante o mero pensamento de ficar tão perto dele, e ruborizou.

John notou a cor de suas faces e se sentiu endemoniadamente curioso a respeito de que escandaloso pensamento podia fazê-la ruborizar depois de ter se apresentado com todo descaramento em sua casa às nove da manhã. Não tinha nenhum desejo de envergonhá-la perguntando, assim, simplesmente disse.

— Não. Não disponho dos recursos necessários.

Belle se recostou em sua cadeira, surpreendida por sua franqueza.

— Bom, isso não importa—, tentou brincar. — A metade da aristocracia tampouco os tem. A maioria simplesmente as arrumam para ser convidado todas as noites a uma festa e assim não ter que pagar nunca sua refeição.

—Nunca fui dos que assistem a uma festa cada noite. —Não, não pensei que fosse. Eu tampouco sou desse tipo.

—De verdade? Teria acreditado que você seria a rainha do baile, se me desculpar a ocorrência.

Belle sorriu ironicamente.

— Não serei falsamente modesta dizendo que não desfrutei de um moderado êxito social...

John riu entre dentes ante sua cuidadosa escolha de palavras. —Mas devo confessar que começo a me cansar da Temporada. —É isso certo?

—Sim. Mas suponho que terei que voltar no próximo ano. —Por que assiste se o considera tão aborrecido?

Ela fez uma careta.

—Precisamos encontrar marido, depois de tudo. —OH— foi tudo o que John disse.

—Não é tão fácil como possa considerar.

—Não posso imaginar que encontrar marido seja muito difícil para você, Lady Arabella. Deve saber que é extremamente formosa.

Belle ruborizou com satisfação ante seu elogio. —Tive algumas ofertas, mas nenhuma era adequada. —Pouco dinheiro?

Desta vez quando Belle ruborizou, foi de horror.

— Tomo isso como uma ofensa, Lorde Blackwood.

—Sinto muito, pensei que assim era como funcionavam as coisas.

Belle teve que admitir que para a maioria das mulheres, isso era certo, e aceitou sua desculpa com uma breve inclinação.

— Alguns dos cavalheiros me informaram que seriam capazes de passar por cima de minhas horríveis inclinações intelectuais devido a meu aspecto e minha fortuna.

—Encontro suas inclinações intelectuais bastante atraentes. Belle suspirou feliz.

— Que agradável é ouvir alguém - um homem - dizer isso.

John deu um encolher de ombros.

— Sempre me pareceu uma tolice desejar uma mulher que conversasse apenas melhor que uma ovelha.

Belle se inclinou para frente com um brilho malicioso nos olhos.

— De verdade? Teria pensado que preferiria esse tipo de mulher, considerando suas dificuldades para desembrulhar-se no bate-papo cortês.

—Touché, milady. Cedo-lhe este ponto.

Belle se sentiu absurdamente feliz e de repente se sentia muito, muito contente de ter se animado a sair essa manhã.

— Tomarei isso como um grande elogio. —Como tal se efetuou. John moveu a mão para o decrescente número de pão-doces.

— Não gostaria de um? Acabarei por comer todo o prato se não intervir logo.

—Bom, já tomei o café da manhã, mas... — Belle olhou os apetitosos pão-doces. — Suponho que um não me fará mal.

—Estupendo, não tenho paciência com as damas que tentam comer igual a um coelho. —Não, prefere às ovelhas, pelo que entendi.

—Touché de novo, milady. — John deu uma olhada para fora pela janela. — São aqueles dali seus cavalos?

Belle seguiu seu olhar e depois se levantou e caminhou até a janela.

— Sim, o da esquerda é Âmbar, minha égua. Não vi os estábulos quando cheguei, assim simplesmente a ateí a uma árvore. Parece feliz.

John ficou de pé quando Belle levantou, e agora se aproximou para unir-se a ela junto à janela.

— Os estábulos estão na parte de trás.

Belle era intensamente consciente de sua proximidade, de seu agudo aroma masculino. O fôlego pareceu abandonar seu corpo, e pela primeira vez nessa manhã, sentiu-se totalmente privada da fala. Enquanto ele contemplava a sua égua, ela deu um rápido olhar a seu perfil. Possuía um nariz reto e aristocrático, e uma robusta mandíbula. Seus lábios eram simplesmente formosos, cheios e sensuais.

Engoliu incômoda e se obrigou a desviar o olhar a seus olhos. Pareciam tristes. Belle se encontrou desejando poder apagar a dor e a solidão que viu neles.

John se virou de improviso e surpreendeu Belle olhando-o. Seus olhos se encontraram com os dela, e durante um momento ele deixou sua expressão ao descoberto, permitindo examinar sua alma.

Então esboçou um sorriso torto, rompeu a magia, e deu meia volta. —É uma égua encantadora— disse ele.

Belle demorou um pouco em recuperar a respiração.

— Sim, tenho-a há anos.

—Não acredito que se exercite muito em Londres.

—Não. — E por que estavam conversando tão suavemente agora, quis saber Belle? por que se afastou dela? Não acreditava poder aguentar sua companhia nem um momento mais se fossem se dedicar a trocar trivialidades e, Deus o proibisse, a manter um bate-papo cortês. — Deveria ir, disse ela, de repente. — esta ficando tarde.

John riu entre dentes ao ouvi-la. Eram apenas dez da manhã.

Em sua pressa por arrumar-se e partir, Belle não percebeu sua diversão.

— Pode ficar com a cesta— disse. — É um presente, junto com a comida.

—A entesourarei para sempre. — Puxou a campainha para que a criada do Belle voltasse da cozinha.

Belle sorriu, e depois, para seu horror e surpresa, sentiu uma lágrima escapar de seu olho.

— Obrigado por sua companhia. Foi uma manhã encantadora.

—Para mim também. — John a escoltou ao vestíbulo. Ela sorriu antes de dar meia volta e afastar-se dele, estremeando a alma e enviando uma onda de desejo por todo o seu corpo.

—Lady Arabell—, disse, com voz rouca. Ela se virou, com expressão preocupada.

— Acontece algo?

—Não é prudente de sua parte frequentar minha companhia. —O que quer dizer?

—Não volte aqui outra vez.

—Mas se acaba de dizer...

—Disse que não volte outra vez. Ao menos não sozinha. Ela piscou.

—Não seja ridículo. Soa como um herói de novela gótica.

—Não sou um herói— disse ele enigmaticamente. —Faria bem em recordar isso. —Deixe de zombar de mim. —Sua voz careceu de convicção.

—Não o faço, milady. —Ele fechou os olhos, e durante uma fração de segundo uma expressão de agonia nublou seus rasgos.—Há muitos perigos neste mundo dos quais não sabe nada. Dos quais nunca deveria saber nada— acrescentou ele severamente.

A criada chegou ao vestíbulo.

—Devo ir— disse Belle rapidamente e bastante nervosa. —Sim.

Deu meia volta e fugiu degraus abaixo, para seu cavalo. Montou agilmente e se afastou pelo atalho que levava à estrada, extremamente consciente dos olhos de John cravados em suas costas durante todo o percurso.

O que havia acontecido com ele? Se antes Belle se sentiu intrigada por seu novo vizinho, agora se sentia vorazmente curiosa. Seu humor mudava como o vento. Não entendia como podia brincar tão docemente com ela um momento e parecer tão sinistro e ameaçador ao seguinte.

E não podia evitar a certeza de que ele, de algum jeito, necessitava-a. Necessitava alguém, isso estava claro. Alguém que pudesse apagar a dor que apareceu em seus olhos quando acreditou que ninguém o olhava.

Belle endireitou os ombros. Ela nunca tinha sido das que dão para trás ante um desafio.

Capítulo 4



Belle se sentiu assombrada por pensamentos sobre John durante o resto do dia. Deitou-se cedo, esperando que uma noite de sono reparador lhe brindasse uma nova perspectiva.

Mas o sono a evitou durante horas, e quando por fim conseguiu dormir, John apareceu em seus sonhos com alarmante persistência. Na manhã seguinte, despertou um pouco mais tarde que de costume, mas quando desceu para tomar o café da manhã, constatou que Alex e Emma ficaram na cama de novo. Não gostava de procurar alguma ocupação para entreter-se, assim terminou rapidamente o café da manhã e decidiu dar um passeio.

Deu uma olhada no calçado, decidiu que eram bastante robustos para uma pequena excursão, e saiu pela porta principal, deixando com Norwood uma nota para seus primos. O ar outonal era fresco, mas não frio, e Belle se alegrou por não ter se incomodado em pegar uma capa. Empreendendo uma rápida marcha, encontrou-se caminhando para o leste. Na direção aonde se encontrava a propriedade de John Blackwood.

Belle gemeu. Deveria saber que isto ia ocorrer. Deteve-se, tentando obrigar-se a dar meia volta e dirigir-se ao oeste. Ou ao norte ou ao sul ou ao Noroeste ou para qualquer outro lugar exceto o Leste. Mas seus pés se negaram a obedecer, e avançou penosamente, tratando de justificar seu comportamento dizendo que só sabia chegar a Blondwood Manor pela estrada, e que como ia passeando pelos bosques, provavelmente não conseguiria chegar até lá, de todos os modos.

Franziu o cenho. Não se chamava Blondwood Manor. Mas por sua vida que não podia recordar qual era o nome. Belle sacudiu a cabeça e seguiu caminhando.

Passou uma hora, e Belle começou a lamentar sua decisão de não trazer sua égua. Estava aproximadamente a duas milhas do limite da propriedade de Alex, e pelo que John havia dito no dia anterior, sabia que existia outras duas milhas até sua casa. Suas botas não estavam sendo tão cômodas como esperava, e suspeitava de que estava formando uma bolha no calcanhar direito. Tentou não esboçar uma careta de desconforto, mas logo a dor alcançou novas cotas de intensidade. Com um audível gemido, finalmente se deu por vencida e concedeu a vitória a sua bolha.

Agachou-se e acariciou a erva com a mão, para comprovar se estava úmida.

O orvalho do amanhecer já havia se evaporado, assim se deixou cair ao chão, desatou a bota, e a tirou. Estava a ponto de levantar-se e começar a caminhar de novo quando se deu conta de que estava usando suas meias favoritas. Com um suspiro, subiu a saia e devagar a tirou também.



Em sua posição, a umas dez jardas de distância, John não podia acreditar o que viam seus olhos. Belle perambulou até sua propriedade outra vez, e estava a ponto de informar sua presença quando ela começou a resmungar para si mesma e logo se deixou cair sobre a terra sem cerimônia alguma.

Intrigado, John se ocultou atrás de uma árvore. O que aconteceu a seguir foi uma cena muito mais sedutora do que jamais poderia sonhar. Depois de tirar o calçado, Belle levantou as saias até acima dos joelhos, oferecendo uma sedutora visão de suas esculturais pernas. John quase gemeu em voz alta. Em uma sociedade que considerava os tornozelos como algo insolente, isto resultava muito erótico. John sabia que não deveria olhar. Mas enquanto seguia lá de pé, vendo como Belle, lentamente, deslizava a meia por sua perna, não podia pensar em outra alternativa. Se a chamasse, só conseguiria envergonhá-la.

Melhor que não soubesse que estava ali. Um verdadeiro cavalheiro, supôs, teria força suficiente para virar-se de costas, mas, John decidiu que a maioria dos homens que se autodenominavam cavalheiros eram uns néscios. Simplesmente, não podia afastar os olhos dela. Sua inocência só a fazia mais sedutora, mais ainda que muitas profissionais. Seu não planejado strip-tease era sensual demais, ao ir tirando a meia com uma lentidão atormentadora; não porque tivesse plateia, mas sim porque parecia gostar da sensação da seda deslizando-se ao longo de sua suave pele.

E então, muito cedo para seu gosto, acabou e começou a murmurar para si mesma outra vez. Ele sorriu. Nunca encontrou com ninguém que falasse tão frequentemente consigo mesmo; especialmente não de forma tão divertida.

Ela se pôs de pé e olhou de cima a baixo um par de vezes até que seu olhar recaiu sobre um laço que adornava seu vestido. Atou a meia ao redor do adorno, firmemente a seu vestido, e logo agachando-se recolheu sua bota. John quase riu quando começou a resmungar outra vez, fulminando com o olhar o sapato, como se fosse alguma insignificante e ofensiva criatura ao dar-se conta de que poderia ter metido a meia na bota para que não a perdesse.

Ele ouviu seu suspiro, assim ela devia ter suspirado bem alto, e então Belle encolheu de ombros e, coxeando, começou a caminhar em sua direção. John arqueou uma sobrancelha ante seus movimentos porque ela não se dirigia para sua casa, mas sim se dirigia para a dele. Sozinha. Ele pensou que a moça teria a sensatez de prestar atenção a sua advertência. Acreditou tê-la assustado no dia anterior.

O senhor sabia que ele sim tinha se assustado.

Entretanto, não pôde conter um sorriso, porque calçada com uma única bota, ela coxeava quase tanto quanto ele.

John deu meia volta rapidamente e retornou aos bosques. Depois de seu acidente, exercitara religiosamente sua perna ferida, e como resultado, podia andar bastante rápido, quase tão rápido como um homem são. O único problema era que aquele esforço excessivo faria sua perna doer mais tarde como se tivesse caminhado - melhor dizendo - participado de uma corrida de ida e volta ao inferno. Mas não pensava nas consequências quando se apressou para os bosques. A única ideia que tinha em mente era como atravessar o bosque e interceptar Belle o mais perto possível de Bletchford Manor sem que ela soubesse que esteve espionando-a.

Sabia que o caminho virava à direita um pouco mais adiante, assim atalhou em diagonal pelos bosques, amaldiçoando cada toco de árvore que não podia driblar de um salto ao carecer da agilidade necessária.

Quando finalmente emergiu no caminho a uma meia milha de sua casa, seu joelho palpitava, e ele ofegava do esforço. Colocou as mãos sobre suas coxas e se inclinou durante um momento, tentando recuperar a respiração. A dor castigava sua perna de cima a baixo, e o simples fato de manter-se erguido era uma pura agonia. Estremecendo-se, esfregou o joelho até que a torturante palpitação se converteu em uma dor amortecida.

Endireitou-se bem a tempo. Belle acabava de surgir coxeando pela curva do caminho. John rapidamente deu um passo em sua direção, querendo dar a sensação de que estava passeando pelo caminho essa manhã.

Ela não o viu logo em seguida porque caminhava olhando o chão procurando pedras soltas para evitar pisá-las com o pé descalço. Estavam a poucos metros de distância um do outro quando ela ouviu o som de seus passos. Ergueu a vista imediatamente e o viu aproximar-se. Ele luzia aquele sorriso enigmático, como se soubesse algo que ela não sabia. De fato, pensou, era mais como se ele soubesse algo que ela nunca saberia.

—OH, olá, Lorde Blackwood— disse Belle, curvando os lábios em um sorriso que esperou se equiparasse ao dele. Teve a sensação de ter falhado; nunca teve um dia misterioso em toda sua vida, e além disso, sua saudação tinha soado muito alegre.

Em meio de todos estes confusos pensamentos, John a saudou com a cabeça. —Suponho que está se perguntando o que faço de novo em sua propriedade.

John ergueu uma sobrancelha, e Belle não teve nem ideia do que seu gesto significava: *Você é uma pequena intrusa incomoda, é uma divertida aporrinhação, ou Seus atos não me importam o suficiente para lhes dedicar nem um pensamento.* Assim se aproximou dele caminhando com passo

lento.

—É obvio, sabia que esta era sua propriedade, mas me encaminhei para o leste de Westonbirt quando saí esta manhã. Não sei por que, mas o fiz, e o limite Leste da propriedade esta realmente muito mais perto da casa que qualquer dos outros, e eu gosto bastante de dar longos passeios, é natural que chegasse ao limite das propriedades, e não acreditei que se importaria. — Belle fechou a boca com força.

Estava tagarelando. Isso era insólito nela, e se sentia muito chateada consigo mesma por fazê-lo.

—Não me importa— disse John, simplesmente.

—OH. Bem, isso está bem, suponho, porque não tenho nenhum desejo de ser expulsa à força de sua propriedade. — Isso soou bastante estúpido. Belle fechou a boca outra vez.

—Seria realmente necessário o uso da força para tirá-la de minha propriedade? Não tinha nem ideia de que gostasse tanto assim.

Belle sorriu travessamente.

— Está zombando de mim.

John lhe dedicou outro daqueles pequenos sorrisos, das quais poderiam significar tanto se o resto de seu rosto não fosse tão inescrutável.

—Não fala muito, não é? — soltou ela, de repente.

—Não pensei que houvesse necessidade de fazê-lo. Você parece sustentar ambos os extremos da conversa admiravelmente.

Belle franziu o cenho.

— É horrível dizer isso. —Ergueu a vista. Seus olhos escuros e aveludados, geralmente tão ilegíveis, estavam cheios de diversão. Ela suspirou. — Mas é verdade. Geralmente não falo tanto, sabe?

—De verdade?

—De verdade. Acredito que é porque é você tão silencioso que sinto a necessidade de falar pelos dois.

—Ah. Então transladamos o peso da culpa a meus ombros?

Belle deu coquetemente uma olhada a seus ombros, que eram um pouco mais amplos do que recordava.

— Parecem mais capacitados para aguentar uma carga tão pesada.

John sorriu abertamente, um verdadeiro sorriso, o que era algo que não fazia muito frequentemente. Repentinamente se sentiu contente de ter colocado um de seus melhores casacos; com frequência utilizava os mais velhos para seus passeios matinais. Imediatamente zangou-se consigo mesmo por preocupar-se com algo assim.

—É uma nova moda? — perguntou, fazendo um gesto para a bota que ela levava na mão. —Uma bolha— disse Belle, levantando seu vestido uns centímetros. Era indecente, sabia, mas encolheu os ombros mentalmente.

Ambos tinham umas conversas tão estranhas, que as usuais normas simplesmente não pareciam ser aplicáveis. Para sua completa surpresa, entretanto, ele se agachou sobre um joelho e pegou seu pé em suas mãos.

—Importa-se se der uma olhada? — perguntou. Belle se soltou de um puxão, nervosa.

— Não acredito que seja necessário— disse rapidamente. Que lhe visse o pé era uma coisa. Mas tocá-lo era algo muito diferente.

John tornou a agarrá-lo rapidamente.

— Não seja afetada, Belle. Poderia infectar-se, e então lamentaria seriamente.

Ela piscou um par de vezes, surpreendida pelo audaz uso de seu nome de batismo.

— Como sabe que me chamam Belle? — perguntou finalmente.

—Ashbourne me disse— respondeu John, examinando seus pálidos dedos do pé. — Onde está a condenada bolha?

—No calcanhar— respondeu Belle, virando-se diligentemente. John deixou escapar um profundo assobio.

— Tem uma ferida bastante feia aí. Deveria procurar um par de sapatos mais cômodos se pretende seguir fazendo excursões pelo campo.

—Não ia de excursão, estava dando um passeio. E tenho melhores sapatos. Simplesmente não tencionava dar um passeio quando me levantei. E como já estava vestida, não tive vontade de trocar de roupa.

Belle soltou um suspiro de frustração. Por que sentia a necessidade de justificar-se ante ele?

John se levantou, tirou um branco e engomado lenço, e pegou Belle pelo braço.

— Há um lago não muito longe daqui. Lá poderei pegar um pouco de água para limpar a ferida.

Belle deixou cair à saia.

—Não acredito que isso seja necessário, John.

John se regozijou pelo uso bem mordaz de seu nome de batismo e se alegrou de ter tomado a dianteira e usado o dela sem pedir permissão. Decidiu que gostava desta Lady Arabella, mesmo que fosse excessivamente bem relacionada socialmente para seu gosto. Não podia recordar a última vez que sorrisse tanto. Era simpática e divertida; muito formosa para sua comodidade, mas estava seguro de que com um pouco de esforço de sua parte, poderia controlar sua atração por ela.

Ela, entretanto, mostrava uma espantosa indiferença por seu próprio bem-estar, como ficava patente por sua carência de óculos, uma bolha facilmente ulcerada, e sua inclinação por empreender excursões sem acompanhante.

Obviamente necessitava que alguém lhe inculcasse um pouco de sentido comum. E já que não havia ninguém mais por ali, decidiu que poderia ser ele quem o fizesse, e se encaminhou para o lago, virtualmente arrastando-a atrás dele.

—Jo-ohn! —protestou ela.

—B - elle! — respondeu ele, imitando perfeitamente seu tom de queixa.

—Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim— disse Belle, acelerando o passo para manter-se a seu ritmo. Para um homem com uma claudicação tão pronunciada, podia mover-se muito rápido.

—Obviamente não, ou usaria óculos sobre seu nariz. Belle se deteve em seco, com tal força que John tropeçou.

— Só necessito quando leio— espetou ela.

—Meu coração se regozija por ouvi-la admitir.

—Acreditei que começava a cair bem, mas agora estou segura de que não.

—Entretanto, cai-me bem, —disse ele, sorrindo amplamente, quando começou a puxá-la de novo para o lago.

Belle ficou boquiaberta.

— Não, não o faço. —Sim, o faz.

—Não, eu... — bom talvez um pouco, concedeu ela. — Mas acredito que atua de forma bastante arbitrária.

—E eu acredito que tem uma horrorosa bolha no calcanhar. Assim deixe de queixar-se. —Não estava!

—Sim, o fazia.

Belle fechou a boca, consciente de que estava protestando muito. Com um suspiro de resignação, cedeu e deixou que a conduzisse ao lago. Quando chegaram, ela se sentou sobre um montículo de

erva perto da borda enquanto John se aproximava da água e molhava seu lenço na água.

—Está limpo? — perguntou ela, elevando a voz. —Meu lenço ou o lago?

—Ambos!

John retornou a seu lado e lhe mostrou o lenço branco como a neve. —Imaculado.

Ela suspirou ante sua determinação de curar sua bolha e tirou o pé nu de debaixo de sua saia.

—Isto não vai funcionar— disse ele. —Por que não?

—Terá que deitar de barriga para baixo.

—Não acredito que seja necessário— respondeu Belle, em tom firme. John inclinou a cabeça.

— Do modo que eu o vejo— disse, pensativamente, — temos duas opções. Não disse nada mais, assim Belle se sentiu obrigada a perguntar;

— Temos?

—Sim. Ou se vira e se deita sobre o estômago de modo que possa curar sua bolha, ou posso me deitar de costas sob suas pernas de modo que possa ver seu calcanhar. Isto, certamente, requereria que introduzisse minha cabeça sob suas saias, e apesar da ideia ser intrigante...

—É suficiente— resmungou Belle. Virou-se até ficar de barriga para baixo.

John pegou o lenço e com suavidade o esfregou ligeiramente contra a ferida, limpando o pequeno cerco de sangue seco que se havia incrustado ao redor do calo. Ardeu um pouco quando ele roçou a ferida aberta, mas Belle teve que reconhecer que estava sendo extraordinariamente delicado, assim não emitiu nenhuma queixa. Entretanto, quando ele tirou uma navalha de seu bolso, mudou de opinião.

—Aaaack! — O primeiro som que escapou de sua boca não resultou muito coerente. John pareceu assustado.

— O que acontece?

— O que planeja fazer com essa navalha? Ele sorriu com paciência.

— Só ia fazer uma pequena incisão na bolha para poder drená-la. Isso permitirá que a pele morta seque.

Soou como se soubesse o que fazia, mas Belle pensou que deveria fazer umas perguntas, depois de tudo, antes de permitir que este homem relativamente desconhecido utilizasse uma faca sobre sua pessoa.

—Por que quer fazer isso?

—Sanará melhor desta forma. A pele morta cairá, e a pele nova se endurecerá. — Entrecerrou os

olhos. — Nunca teve uma bolha antes, não é?

—Não como esta— confessou Belle. — Não estou acostumada a caminhar tanto. Geralmente monto a cavalo.

—E quanto aos bailes?

—Quanto aos bailes o que? — respondeu ela.

—Estou seguro que vai a elegantes bailes sempre que está em Londres. Permanece de pé toda a noite.

—Sempre uso sapatos cômodos— respondeu ela desdenhosamente. John não estava seguro por que, mas sua sensatez o agradou. —

Bem, não se preocupe— disse, finalmente. — Tratei muitas bolhas, algumas bastante piores que esta.

—Durante a guerra? — perguntou Belle, em tom cauteloso. Seus olhos se obscureceram.

— Sim.

—Suponho que tratou feridas muito piores que meras bolhas— disse ela suavemente. —Suponho que sim.

Belle sabia que deveria cessar seu interrogatório; a guerra, obviamente, era um tema doloroso para ele, mas a curiosidade venceu à discrição.

— Não havia doutores e cirurgiões lá para esse tipo de coisa?

Fez-se um notável silêncio, e Belle sentiu a pressão de suas mãos sobre seu pé quando a faca cravou sua bolha antes que ele finalmente respondesse.

—Às vezes não há doutores ou cirurgiões disponíveis. Às vezes a gente simplesmente tem que fazer o que pode, o que lhe parece sensato. E logo rezar. — Sua voz carecia de entonação. Inclusive se deixou de acreditar em Deus.

Belle engoliu incomoda. Pensou em dizer algo consolador como, entendo, mas a verdade é que não entendia. Não podia nem começar a imaginar os horrores da guerra, e parecia uma banalidade dar a entender que podia fazê-lo.

John esfregou de novo ligeiramente a bolha com o lenço úmido.

—Isto deverá bastar. — Levantou-se e lhe estendeu a mão, mas ela fez caso omissso do gesto, virando-se de modo que ficou sentada sobre o montículo de erva.

Ele permaneceu lá de pé, desajeitadamente, até que ela deu uns tapinhas sobre a erva a seu lado. Ele vacilou, e Belle finalmente grunhiu e deu um puxão na sua mão para baixo com considerável

força.

—OH, por favor— disse com voz levemente irritada. — Não vou mordê-lo. John se sentou.

—Deveria enfaixar a ferida? — perguntou Belle, enroscando-se sobre si mesma para poder examinar sua obra.

—Não, a menos que planeje usar outro par de sapatos apertados. Curará mais rápido se a deixar ao ar livre.

Belle seguiu examinando seu calcanhar, fazendo todo o possível por conservar a modéstia ao mesmo tempo.

— Suponho que poucas pessoas vagariam por Westonbirt com os pés descalços, mas acredito que tenho a influência suficiente para tornar moda com êxito, não acha? — Elevou a vista repentinamente, oferecendo um luminoso sorriso.

John se sentiu como se o tivessem golpeado, tal era a força de seu sorriso. Necessitou de vários segundos para poder tirar seus olhos de sua boca, e quando o fez, deslocou seu olhar até seus olhos, o que foi um enorme engano, porque eram tão azuis quanto o céu. Mais azuis, de fato, e evidentemente muito perspicazes e inteligentes. Sentiu seu olhar quase fisicamente, sentiu-a percorrer todo seu corpo, inclusive mesmo não afastando os olhos dos seus nem por um instante, estremeceu.

Belle umedeceu os lábios em um gesto nervoso.

— Por que me olha assim?

—Assim como? — sussurrou ele, mal consciente de ter falado.

—Como se... como se... — Ela se enredou com as palavras, insegura de como a olhava. Seus olhos se abriram surpreendidos quando o compreendeu. — Como se tivesse medo de mim.

John sentiu vertigem. *Sentia medo dela?* Temia sua habilidade para desbaratar o precioso equilíbrio interno que só nos últimos tempos foi capaz de obter? Possivelmente, mas temia mais a si mesmo. As coisas que queria lhe fazer...

Fechou os olhos para fugir a espontânea visão de Spencer em cima de Ana. Não, isso não era o que queria fazer com Belle, não... Precisava controlar-se. Afastá-la dele. Piscou, recordando repentinamente sua pergunta sobre sua volta à mansão de Ashbourne com os pés descalços.

—Suponho que alguém pode fazer o que tenha vontade se estiver aparentado com um duque— respondeu por fim, algo bruscamente.

Belle retrocedeu, um pouco ferida por seu tom. Mas dois podiam jogar aquele jogo.

— Sim, suponho que alguém possa— disse, elevando altiva o queixo.

John se sentiu como um canalha. Mas não se desculpou. Provavelmente era melhor se ela o achasse um caipira. Não tinha nenhuma possibilidade de envolver-se com ela, e seria tão, tão fácil permitir-se fazê-lo.

Reconhecia um beco sem saída quando o via. Tinha-a procurado no Debrett's Peerage depois de sua visita do dia anterior. Era filha de um conde, imensamente rico e estava aparentada com um grande número de membros importantes e influentes da alta sociedade. Merecia alguém que tivesse um título com mais de um ano de antiguidade, alguém que pudesse lhe brindar as comodidades materiais às quais sem dúvida estava acostumada, alguém intacto, com umas pernas tão perfeitas quanto as dela.

Santo Deus, mas o encantaria ver suas pernas. Gemeu.

—Não se sente bem? — Belle o contemplava tentando não parecer preocupada.

—Estou bem— disse ele, cortante. Até cheirava bem, a um afresco e primaveril aroma que parecia envolvê-lo. Nem sequer era digno de pensar nela, não depois de ter cometido um delito tão imperdoável contra o sexo feminino.

—Bom, obrigado por ocupar-se de minha bolha— disse Belle de repente. — Foi muito amável por sua parte.

—Não foi nenhum incomodo— asseguro.

—Para você, possivelmente— disse Belle, soando tão alegre quanto era possível. — tive que permanecer deitada de barriga para baixo ao lado de um homem a quem faz só três dias que conheço.

Por favor, por favor não diga algo desagradável, implorou ela mentalmente. *Por favor seja tão zombador, e brincalhão e adoravelmente imperturbável como foi a apenas só uns minutos.*

Como se seus pensamentos tivessem viajado pelo ar e tivessem aterrissado sobre ele como um beijo, John sorriu.

— Pode estar segura de que desfrutei enormemente da visão de seu traseiro— brincou, seu vacilante sorriso transformando-se rapidamente em uma careta libertina. Isto ia contra seu bom julgamento, mas se sentia incapaz de não ser amável com ela quando ela tentava com tanto esforço que fossem amigos.

—OH, você! — gemeu Belle, golpeando-o de brincadeira no ombro. — Dizer isso foi terrível da sua parte.

—Ninguém nunca admirou seu traseiro antes? — Suas mãos se deslizaram para cima e cobriram as dela.

—Asseguro-lhe que nunca ninguém foi o suficientemente grosseiro para mencioná-lo. — Falava

sem fôlego. Não a acariciou, só deixou suas mãos repousar ligeiramente sobre as dela, mas o calor de seu toque se filtrou por elas, viajou por seus braços, e se deslizou perigosamente perto de seu coração.

John se inclinou para frente.

— Não queria ser grosseiro— murmurou ele.

—Não? — Belle umedeceu com a língua o lábio inferior.

—Não, só sincero. — Ele estava muito perto, a apenas um sopro de ar. —De verdade?

John respondeu algo, mas Belle não o entendeu porque seus lábios já estavam roçando suavemente os seus. Ela gemeu baixinho, pensando que isto era o que sempre quis, agradecendo em silêncio a Deus e a seus pais "embora não necessariamente naquela ordem" por aconselhá-la que não se sentisse obrigada a aceitar a qualquer dos homens que pediram sua mão durante os dois anos anteriores.

Isto era o que esteve esperando, o que mal se atreveu a esperar. Isto era o que compartilhavam Emma e Alex. Isto era o porquê de sempre estarem olhando um ao outro, sorrindo constantemente, e soltando risadas atrás das portas fechadas. Isto era...

John deslizou delicadamente sua língua ao longo da suave pele de seu lábio inferior, e Belle perdeu toda a capacidade de raciocínio. Apenas sentia, *mas, Oh*, como sentia. Sua pele formigava... Cada centímetro dela, embora ele mal a estivesse tocando. Belle suspirou, deixando-se arrastar pelas sensações, sabendo por instinto que ele saberia como agir, como conseguir que esta maravilhosa sensação continuasse para sempre. Derreteu-se contra ele, seu corpo procurando o calor do dele. E então, repentinamente ele se afastou, murmurando uma forte maldição, com a respiração áspera e entrecortada.

Belle piscou confusa, sem entender por que se deteve e sentindo-se completamente desamparada. Engoliu sua dor e abraçou as pernas contra o corpo, esperando que ele dissesse algo amável ou gracioso, ou ao menos algo que explicasse suas ações. E se não o fizesse, ao menos esperou que não pudesse ver quanto doía seu rechaço.

John se levantou e se afastou dela, levando as mãos sobre seus quadris. Espiando-o por entre as pestanas, Belle pensou que havia algo extremamente desolador em sua postura. Finalmente, ele se virou e lhe ofereceu a mão. Ela a tomou e ficou de pé, agradecendo ao fazê-lo.

John suspirou e passou uma mão por seu grosso cabelo. Nunca pensou em beijá-la. Certamente havia desejado, mas isto não significava que tivesse direito a tocá-la. E nunca sonhou o muito que gostaria, ou o difícil que resultaria deter-se.

Deus era fraco! Não era melhor que Spencer, maltratando uma jovem inocente, mas o certo era que desejava mais. Muito mais... Desejava sua delicada orelha, seu ombro e a parte oculta de seu queixo. Desejava deslizar sua língua ao longo de seu pescoço, arrastando o fogo úmido para baixo, até o vale entre seus seios. Desejava aferrar seu traseiro e apertá-lo, estreitá-la contra ele e usá-la como um berço para seu desejo. Desejava possuí-la. Cada centímetro dela. Infinitas vezes.

Belle o contemplava em silêncio, mas ele se virou ligeiramente, e não podia ver seus olhos. Quando finalmente a olhou, ficou impressionada pela amarga expressão de seu rosto. Ela retrocedeu um passo, tapando inconscientemente com a mão a boca.

— Oh? Que aconteceu? — ofegou.

—Deveria pensar duas vezes antes de lançar-se nos braços de um homem, minha pequena aristocrata. — Sua voz estava perigosamente perto de ser um mero chiado.

Belle o contemplou, confusa, enquanto o horror, a dor e a fúria, tudo ao mesmo tempo, estalavam em seu interior.

—Pode estar seguro— disse glacialmente, mordendo as palavras — de que o próximo homem sobre o qual me "lance" terá pedigree suficiente para não me insultar como você o fez.

—Lamento que meu sangue não seja azul o bastante para você, milady. Não se preocupe, tentarei não corrompê-la com minha presença de novo.

Belle elevou uma sobrancelha e o contemplou ativa, com olhar frio.

— Sim, bem, não são todos que podem alardear de ser aparentados com um duque. — Seu tom era desdenhoso, e suas palavras cruéis.

Satisfeita por sua interpretação, deu meia volta e se afastou a passos largos, afastando-se com tanta dignidade quanto sua claudicação permitia.

Capítulo 5



John não se moveu durante um longo tempo, vendo Belle desaparecer entre as árvores. Não se moveu até que fez muito tempo que ela havia desaparecido, profundamente enojado consigo mesmo e com seu comportamento.

Mas, recordou a si mesmo, que só fez o que era necessário. Ela estava furiosa com ele agora, mas ao final o agradeceria. Bom, talvez não diretamente a ele, mas quando estivesse confortavelmente casada com algum marquês, sentir-se-ia agradecida com quem fosse por ser salva de John Blackwood.

Finalmente deu meia volta para dirigir-se a casa quando percebeu que Belle partiu sem sua bota. Agachou-se e a pegou. *Maldição*, agora teria que devolver e não tinha nem ideia de como poderia enfrentá-la de novo. John suspirou, levando o frágil calçado em sua mão quando começou sua lenta e dificultosa volta a casa. Teria que pensar em alguma boa desculpa para ter sua bota, em primeiro lugar. Alex era um bom amigo, mas iria querer saber por que John tinha em seu poder um sapato de sua prima. Supôs que poderia aproximar-se de Westonbirt essa tarde? John amaldiçoou entre dentes. Precisava ir a Westonbirt essa tarde. Aceitara o convite de Alex para jantar.

Suas maldições se fizeram mais fluídas quando imaginou a agonia que o esperava. Teria que ver Belle durante toda a noite, e, é obvio, ela estaria arrebatadora vestida para o jantar. E logo, justo quando ele não fosse capaz de aguentar nem um minuto mais, provavelmente ela faria algum comentário encantador e inteligente, que o faria desejá-la ainda mais.

E era tão, tão perigoso desejá-la.



A volta de Belle para casa não foi muito mais veloz que a de John. Não estava acostumada a andar sem sapatos, e teve a sensação de que seu pé direito arrumou para encontrar todos e cada uma das afiadas pedras e raízes de árvores que povoavam o estreito caminho. E, além disso, tinha o problema de sua bota esquerda, que tinha um pequeno salto, o que a deixava ligeiramente desequilibrada e a obrigava a coxear.

E cada cambaleante passo que dava recordava John Blackwood. O horroroso John Blackwood.

Belle começou a murmurar cada um dos palavrões que ouvira dizer seu irmão, por acaso, diante

dela. Sua diatribe durou apenas uns segundos, porque Ned geralmente tinha bastante cuidado com sua língua perto da irmã.

Ficando sem palavrões, Belle começou com os insultos, mas desgraçado, simplesmente não pareceu o bastante forte.

—Maldição! — exclamou, quando seu pé aterrissou sobre uma pedra especialmente aguda. Este contratempo resultou ser sua perdição, e sentiu uma ardente lágrima rolar por seu rosto quando fechou os olhos com força para conter a dor.

—Não vai começar a chorar por uma pequena pedra— repreendeu a si mesma. — E é obvio, não vai começar a chorar por culpa desse horroroso homem.

Mas já estava chorando, e não podia deter-se. Não podia entender como um homem podia ser tão encantador durante um minuto e tão insultante ao seguinte. Gostava dela. Era evidente, no modo como brincou com ela e cuidou de seu pé. E, mesmo que, não tivesse sido muito comunicativo quando lhe perguntou sobre a guerra, tampouco a ignorou por completo. Não teria se aberto a ela absolutamente se não gostasse mesmo que só fosse um pouco.

Belle se inclinou, pegou a ofensiva pedra, e a lançou com força contra as árvores. Já bastava de pranto, agora era o momento de estudar este problema atentamente, de forma racional, para entender porque sua personalidade mudou tão repentinamente. *Não*, decidiu Belle, pela primeira vez em sua vida não queria ser sensata e racional. Não importava ser prática e pragmática. A única coisa que queria era ficar zangada.

E o estava. Estava furiosa.

Quando Belle chegou a Westonbirt, suas lágrimas haviam se secado, e se divertia tramando mentalmente todo tipo de planos de vingança contra John. Na realidade, não esperava levar a prática nenhum deles, mas o mero ato de planejá-los levantava seu ânimo.

Percorreu com passo lento o grande vestíbulo e estava quase junto à curvada escada quando Emma a chamou de um salão próximo.

—É você, Belle?

Belle refez o caminho até a porta aberta do salão, colocou a cabeça, e saudou.

Emma estava sentada sobre um sofá com os livros de contabilidade estendidos em cima de uma mesa diante dela. Arqueou as sobrancelhas ante o aspecto despenteado de Belle.

— Onde esteve? —Fui dar um passeio. —Com um só sapato? —É a última moda.

—Ou uma história muito longa.

—Não muito longa, mas sim muito pouco elegante. —Os pés descalços geralmente o são.

Belle pôs os olhos em branco. Emma era conhecida por chapinhar pela água, coberta até os joelhos de barro para chegar até seu lugar de pesca favorito.

—E desde quando se converteu no paradigma do bom gosto e decoro?

—Desde.. OH, não importa, simplesmente entra e sente-se comigo. Estou a ponto de ficar louca.

—De verdade? Bom, isso soa interessante. Emma suspirou.

— Não zombe. Alex não me deixa sair deste maldito salão por temor a meu delicado estado. — Poderia olhá-lo de um ponto de vista positivo e ver como um sinal de seu eterno amor e devoção— sugeriu Belle.

—Ou simplesmente poderia estrangulá-lo. Se fosse por ele, estaria confinada em minha cama até que o bebê chegasse. Se dá conta de que me proibiu montar a cavalo sozinha?

—Pode fazer isso? —O que? —Proibir isso.

—Bom, não, ele não me dá ordens como a maior parte dos homens fazem com suas mulheres, mas me deixou bastante claro que se sentiria extremamente angustiado cada vez que levasse Boston a passeio, e maldição, amo-o muito para preocupá-lo assim. Algumas vezes o mais simples é agradá-lo.

—Mmm— murmurou Belle. — Gostaria de um pouco de chá? Estou um pouco destemperada. — levantou-se e chamou para que viesse uma criada. —Não, obrigado, mas pede para você.

Uma criada entrou silenciosamente e Emma ordenou que trouxesse uma bandeja de chá.

— Ah, e pode dizer, por favor, à senhora Goode que me reunirei com ela para falar do menu desta noite dentro de uma hora? Teremos um convidado, assim acredito que deveríamos preparar algo especial.

A criada assentiu e abandonou o salão.

—Quem ceia conosco esta noite? — perguntou Belle.

—John Blackwood, o vizinho com quem tropeçou faz uns dias. Alex o convidou ontem. Não o recorda? Parece que falamos disso durante o chá.

Belle sentiu que o coração afundava como uma pedra no estômago. Esquecera por completo os planos para o jantar.

— Acho que esqueci, — disse, desejando que já tivesse aqui seu chá para poder esconder a cara atrás da xícara. Notava um desagradável aumento de temperatura em suas faces.

Se Emma notou o rubor de Belle, não fez comentário algum a respeito. Belle imediatamente

começou a falar da última moda de Paris, e as duas damas continuaram com o assunto até muito depois que o chá chegasse.



Belle se vestiu com particular esmero aquela noite, sabendo muito bem que John era a razão de sua insônia. Escolheu um simples vestido de corte império, de seda azul gelo que combinava com seus olhos, e penteou o cabelo em um frouxo coque no alto da cabeça, deixando tênues cachos soltos para emoldurar seu rosto. Um fio de pérolas e um par de brincos completou o traje, e, satisfeita com seu aspecto, dirigiu-se para baixo.

Emma e Alex já estavam no salão esperando que John chegasse. Assim que Belle sentou-se o mordomo entrou na sala.

—Lorde Blackwood.

Belle levantou o olhar quando Norwood terminou de entoar o nome de John. Alex ficou de pé e deu um par de passos até a porta para saudar seu amigo.

— Blackwood, que bom vê-lo de novo.

John saudou com a cabeça e sorriu. Belle se sentiu irritada pelo fato de que ele se visse extremamente bonito em seu traje de noite.

—Permita que apresente minha esposa. — Alex conduziu John até o sofá onde Emma estava sentada.

—Como vai você, sua Excelência— murmurou John cortesmente, depositando um rápido beijo no dorso de sua mão.

—OH, por favor, não posso aguentar tanto protocolo em minha própria casa. Por favor me chame Emma. Alex me assegurou que você é um amigo muito especial para ele, assim não acredito que precisemos ser tão formais.

John sorriu para Emma, decidindo que Alex desfrutou de sua costumeira boa sorte quando se pôs a procurar esposa.

— Então você deve me chamar John.

—E, é obvio, já conhece Belle— continuou Alex.

John se virou para Belle e tomou sua mão. Uma feroz onda de calor viajou por seu braço, mas ela se obrigou a não retirar a mão. Ele não tinha por que saber como a afetava. Mas quando levou sua mão aos lábios e a beijou suavemente, não foi capaz de controlar o rubor que se estendeu por suas

faces.

—É, em efeito, um prazer vê-la de novo, lady Arabella— disse ele, sustentando ainda sua mão na dele.

—Po-por favor, me chame Belle— gaguejou ela, odiando-se por perder a calma. John finalmente liberou sua mão e sorriu.

— Trago-lhe um presente. — Estendeu uma caixa atada com fitas.

—Não tinha por que. Obrigado. — Curiosa, Belle desatou o laço e levantou a tampa. Dentro encontrou sua bota ligeiramente enlameada. Sufocou a risada quando a tirou da caixa.

—Tinha uma bolha— explicou, virando para Alex e Emma. — Era realmente dolorosa, e tirei a bota... — Sua voz se extinguiu.

John se virou para Emma.

— Teria trazido uma para você, também, mas não parece que tenha abandonado nenhum sapato em minha propriedade recentemente.

Emma sorriu amplamente e baixou a vista para seus pés. —Retificarei isso imediatamente.

John meditou que gostava enormemente da duquesa de Alex. Era algo fácil e indolor, supôs. A diferença de sua prima, ela não fazia que seu coração disparasse e a respiração entalasse sempre que a via.

—Possivelmente, deveria me limitar a lhe dar uma de minhas sapatilhas agora— acrescentou Emma, — e assim você poderia devolver da próxima vez que jante conosco.

—É um convite?

—É obvio, Blackwood— interveio Alex. — Sempre será bem-vindo aqui.

O quarteto trocou cortesias durante um quarto de hora, esperando a chamada que anunciava o jantar. Belle permaneceu sentada em silencio, estudando sub-repticiamente John, meditando sobre por que teria feito algo tão doce como envolver sua bota de cano longo como um presente depois de ter atuado tão grosseiramente essa tarde. Como ela deveria reagir? Queria ser seu amigo outra vez?

Manteve um débil sorriso colado sobre a cara, amaldiçoando-o silenciosamente por fazê-la sentir tão confusa.

Os pensamentos do John estavam ocupados de um modo similar, perguntando-se como diabos relacionaria Belle com ele essa noite. Possivelmente não podia entender todas as razões pelas quais ele precisava manter a distância, e o Senhor sabia que ele não podia explicar. A violação, não era, depois de tudo, um tema aceitável para um bate-papo superficial.

Quando o jantar ficou pronto, Emma sussurrou algo no ouvido de Alex e então ele ficou em pé e a pegou pelo braço.

— Desculpará se desafio as convenções e escolto minha esposa à mesa— disse, sorrindo libertinamente. —Belle, estaremos na sala de jantar. Emma pensou que seria mais cômodo.

John ficou em pé e ofereceu uma mão a Belle enquanto o outro par desaparecia da sala.

— Parece que nos deixaram completamente a sós.

—Suponho que o fizeram intencionalmente.

—Isso é o que pensa?

Belle aceitou a mão de John e se levantou.

— Deveria tomar como um elogio. Isso significa que Emma gostou de você. —E você, Belle, também gosta?

Houve uma longa pausa, seguido de um terminante. — Não.

—Suponho que não mereço nada melhor. — Deixou que sua mão caísse ao flanco. Ela se virou.

— Não, não o merece. Não posso acreditar que teve a coragem de vir jantar esta noite. — Convidaram-me, se recordar.

—Deveria ter recusado. Deveria ter enviado uma nota dizendo que estava doente, ou que sua mãe estava doente, ou seu cão ou seu cavalo. Qualquer coisa para evitar aceitar o convite. Ele não podia dizer nada mais.

— É obvio, tem razão.

—Um simples não? Não beija-se alguém e em seguida fala do modo que você falou. Não é cortês. Não é amável, e...

—E você é sempre amável?

Sua voz não continha a menor matiz de brincadeira, o que a aturdiu.

— Tento ser. O Senhor sabe que tentei ser amável com você. Ele inclinou a cabeça.

— Certamente o fez.

—Eu... — Ela se interrompeu e levantou o olhar para ele. — Nem sequer vai discutir comigo? Ele encolheu os ombros em um gesto fatigado.

— Com que propósito? Você obviamente tem razão, e eu, como de costume, estou equivocado.

Belle o contemplou desconcertada, boquiaberta pelo assombro.

— Não o entendo.

—Provavelmente é melhor que nem tente. Peço-lhe desculpas, é obvio, por meu comportamento desta manhã. Foi imperdoável.

—Pelo beijo ou por suas horríveis palavras de depois? — A pergunta brotou de sua boca antes que pudesse detê-la.

—Por ambos.

—Aceito sua desculpa por seus insultos. —E pelo beijo?

Belle manteve os olhos cravados na lua que brilhava do outro lado da janela.

— Não há nenhuma necessidade de pedir desculpas pelo beijo. John sentiu a respiração parar no peito.

— Não estou seguro de entender o que quer dizer, milady— disse com cautela.

—Só tenho uma pergunta. — Belle arrancou seu olhar da lua e se obrigou a olhá-lo. — Fiz algo errado? Algo que o ofendesse?

John soltou uma áspera gargalhada, incapaz de acreditar no que ouvia.

— OH, Deus, Belle, se soubesse. — Passou os dedos pelo cabelo e logo levou as mãos sobre seus quadris. — Não poderia me ofender nem que tentasse.

Centenas de emoções desencontradas revoaram no coração e a mente de Belle no espaço de um segundo. Contra seu bom senso, tocou seu braço.

— Então o que aconteceu? Preciso saber.

John inspirou entrecortadamente, antes de virar-se para ficar frente a ela. —Realmente quer saber a verdade?

Ela assentiu.

Ele abriu a boca, mas passaram vários segundos antes que seus lábios formassem as palavras.

— Não sou o homem que você acredita que sou. Vi coisas... — Fechou a boca, e um músculo tremeu espasmodicamente em sua garganta enquanto ele lutava para controlar as emoções que passavam por seu rosto. — Fiz coisas. Estas mãos... — Baixou a vista a suas mãos como se fossem algo alheio a ele. Sua voz desceu a um rouco sussurro. —Sou um bastardo ambicioso, Belle, simplesmente por beijá-la esta manhã. Não sou digno nem de lhe tocar.

Belle o contemplou, horrorizada pela dor gravada em seus traços. Como podia não ver o que era tão claro para ela? Havia algo dentro dele. Algo tão bom... parecia brotar e resplandecer da sua própria alma. E ele pensava que não valia nada. Não sabia o que aconteceu para fazê-lo se sentir

assim, mas sua dor a devastou.

Deu um passo para ele. —equivoca-se.

—Belle— sussurrou ele, — você é uma ingênua. Silenciosamente, ela negou com a cabeça.

John se perdeu na profundidade de seus olhos, *e que o céu o ajudasse*, mas não pôde deter a lenta descida de seus lábios para os dela.

Pela segunda vez nesse dia, Belle sentiu que a assaltava a pouco familiar sensação de desejo enquanto seu corpo se inclinava para o dele. Sua boca roçou suavemente a dela, e Belle, audazmente, deslizou sua língua ao longo da suave pele de seu lábio inferior, tal como ele fez essa manhã. A reação de John foi explosiva, puxando-a bruscamente e estreitando-a contra ele, precisando sentir o calor de seu corpo pressionado contra dele.

O íntimo contato fez soar o alarme na mente de Belle, e suavemente se separou dele. Tinha as faces ruborizadas, seus olhos brilhavam, e muitos mais cachos emoldurando seu rosto que a apenas alguns minutos antes.

—Alex e Emma nos esperam na sala de jantar— recordou, ofegante. — Vamos chegar bastante tarde.

John fechou os olhos e exalou, ordenando mentalmente a seu corpo que se esfriasse. Depois de um momento lhe ofereceu o braço, curvando a boca em um sorriso torto que não se refletiu em seus olhos.

—Culparemos a nossa tardança a minha perna.

Belle sentiu uma imediata onda de simpatia por ele. Era um homem orgulhoso e não gostaria de admitir que sua ferida era a causa do atraso.

—OH, não, não será necessário. Emma sempre se queixa de que ando muito lenta. Direi que estava lhe mostrando uma das pinturas da galeria. Alex possui um Rembrandt maravilhoso.

John colocou seu indicador contra seus lábios.

— Shh, jogaremos a culpa a minha perna. Já é hora de que esta condenada me dê alguma vantagem.

Saíram do salão, e Belle notou que ele percorria bastante rápido os largos corredores que conduziam a sala de jantar.

— Me avise quando estivermos chegando— sussurrou ele ao ouvido.

—É justo na próxima curva.

John reduziu tanto a velocidade que Belle pensou que se detiveram. Quando deu uma olhada a

suas pernas, notou que ele coxeava muito mais ostensivamente que de costume.

— Você é terrível— repreendeu-o. —Sei que pode flexionar muito mais a perna. —Tenho um mau dia. — Sua expressão era angelical.

Alex estava de pé quando entraram na sala de jantar.

— Pensamos que tinham se perdido pelo caminho.

—Receio que minha perna esteve me incomodando um pouco hoje— respondeu John. — Belle teve a amabilidade de acomodar-se a meu passo lento.

Belle assentiu, perguntando-se como diabos estava sendo capaz de evitar que os lábios tremessem. Ambos se uniram a Emma e Alex, sentando-se ao redor da pequena mesa da sala de jantar. Serviram-lhes aspargos em molho de mostarda, e Emma, notando que seu vizinho e sua prima pareciam estar em melhor relação, imediatamente começou seu interrogatório.

—Estou tão contente de que tenha podido vir jantar esta noite, John. Mas deve nos contar mais sobre você. De que parte da Inglaterra é?

—Cresci em Shropshire.

—De verdade? Nunca estive lá, mas ouvi dizer que é encantador. —Sim, bastante.

—E sua família ainda vive lá? —Acredito que o seguem fazendo.

—OH. — Emma pareceu ligeiramente desconcertada por sua estranha escolha de palavras, mas prosseguiu de todas formas. —E os vê muito frequentemente?

—Raramente os vejo.

—Emma, querida— disse Alex suavemente. — Rogo que dê a nosso convidado a opção de comer algo entre uma pergunta e outra.

Emma sorriu envergonhada e cravou um talo de aspargo com seu garfo. Antes de levá-lo à boca, entretanto, soltou.

— Belle é maravilhosamente erudita, já sabe.

Belle se engasgou com a comida, sobressaltada que a conversa tomasse esse rumo. —Falando de leitura— interveio John suavemente. —Terminou o Conto de Inverno? Dava-me conta de que quase o tinha acabado o outro dia. Belle tomou um gole de vinho.

— Sim, terminei. E isso marcou o final de minha Magna Odisseia Shakespeariana. —De verdade? Quase me dá medo perguntar qual era.

—As obras completas.

—Que impressionante— murmurou John. —Em ordem alfabética.

—E além disso organizada. A dama é uma maravilha. Belle ruborizou.

— Não zombe de mim, miserável.

Os olhos de Alex e Emma se arregalaram ao serem testemunhas das brincadeiras que cruzavam de um lado a outro da mesa.

— Se recordo corretamente— interveio Alex, —não implicava também esta odisseia a poesia?

—Passei da poesia no momento. A poesia é tão, bom, poética, não acha? Ninguém fala dessa forma na realidade.

John arqueou uma sobrancelha.

— Acredita que não? — virou-se para Belle, e quando falou de novo, havia um fogo em seus olhos castanhos que ela nunca vira neles antes.

**"Embora meus olhos já não possam ver esse puro brilho que me deslumbrava. Embora nada possa
devolver a hora
do esplendor na erva, da glória nas flores, não terá que afligir-se, melhor procuremos força
no que deixamos atrás."**

A mesa permaneceu em silêncio até que John falou de novo, sem afastar nunca os olhos de Belle.

—Desejaria poder falar sempre com semelhante eloquência.

Belle se sentiu estranhamente comovida pelo fragmento de poesia de John e a cálida modulação de sua voz. Algo em sua declamação a manteve enfeitiçada e esqueceu por completo da presença dos primos.

—Foi encantador— disse em voz baixa.

—Wordsworth. É um de meus favoritos.

—Tem esse poema algum significado especial para você? Compartilha o sentimento?

Houve uma pausa muito longa.

— Não — disse John, abruptamente. — Tento de vez em quando, mas geralmente, não o consigo.

Belle engoliu, incomodada pela dor que viu em seus olhos, e procurou outro tema de conversa.

— Desfruta também escrevendo poemas?

John riu, arrancando finalmente seu olhar de Belle e olhando a mesa.

— Poderia desfrutar escrevendo poemas se alguma vez tivesse conseguido escrever um meio decente.

—Mas recitou Wordsworth com tanta paixão. — protestou Belle. — Obviamente sente um profundo amor pela poesia.

—Desfrutar da poesia e ser capaz de escrevê-la são duas coisas muito diferentes. Imagino que por isso tantos aspirantes a poeta passam a grande parte de seu tempo com uma garrafa de brandy na mão.

—Estou segura de que tem alma de poeta— insistiu ela. John simplesmente sorriu.

— Temo que sua confiança é imerecida, mas tomarei isso como um elogio.

—Deveria fazê-lo. Não ficarei satisfeita até que acrescente um volume de sua poesia a minha biblioteca. — disse Belle maliciosamente.

—Então deveria me empenhar a isso. Certamente não desejaria decepcioná-la. —Não— murmurou ela, muito baixinho. — Estou segura que não.

Capítulo 6



No dia seguinte Belle decidiu que talvez tivesse se precipitado muito ao excluir a poesia. Depois do almoço, colocou um traje de equitação azul escuro e se dirigiu para os estábulos.

Inspirada pela poesia que John recitou a noite anterior, levou consigo um fino volume de poemas de Wordsworth.

Seu plano era procurar uma ladeira coberta de grama e sentar-se para ler, mas tinha a sensação de que não seria capaz de evitar conduzir sua égua para Blemwood Park, não, Brinstead Manor, maldição, *por que não podia recordar o nome do lugar?* Independentemente de como se chamasse, era onde vivia John, e Belle queria ir lá.

Esporeou a sua égua até pô-la ao trote, aspirando o fresco ar outonal enquanto se dirigia para o leste, para a propriedade do John. Não tinha nem ideia do que diria se tropeçasse com ele. Provavelmente algo estúpido; sempre parecia divagar mais que de costume quando estava com ele.

—Bom dia, Lorde Blackwood— tentou. Não, muito formal. —Simplesmente decidi vir para o leste... Muito óbvio. — E não usou essa desculpa no outro dia?

Suspirou e decidiu provar com a simplicidade.

— Olá, John.

—Olá você também.

Belle ofegou. Esteve tão ocupada ensaiando o que queria dizer que nem sequer notou que ele estava ali mesmo, diante dela.

John ergueu as sobrancelhas ante sua expressão de sobressalto.

—Não pode estar tão terrivelmente surpreendida por me ver. Disse olá, depois de tudo. —Certo — disse Belle com um sorriso nervoso. A teria ouvido falando consigo mesma sobre ele? Elevou a vista para olhá-lo, engoliu, e disse a primeira coisa que passou pela cabeça. —É um cavalo adorável.

John se permitiu um pequeno sorriso ante seu atordoamento.

— Obrigado. Embora acredito que Thor poderia ofender-se ao ser chamado adorável.

Belle piscou e pareceu esclarecer um pouco. John, em efeito, montava um cavalo, e um bastante poderoso, para piorar as coisas.

—Um cavalo muito bonito, então— emendou. Ele acariciou o pescoço de seu cavalo.

—Thor se sente muito melhor, estou seguro.

—O que o traz por aqui? — perguntou Belle, sem saber se ainda estava na propriedade de Alex ou já tinha entrado na de John.

—Simplesmente decidi me dirigir para Oeste...

Belle sufocou uma gargalhada.

— Eu notei.

—O que traz você por este caminho?

—Eu simplesmente decidi me dirigir para o Leste. —Eu notei.

—OH, deve saber que esperava vê-lo— soltou ela.

—E agora que me viu— disse John; —O que pretende fazer comigo?

—Não cheguei tão longe em meus planos, na realidade— confessou Belle. — O que gostaria você de fazer comigo?

John pensou que seus desejos com respeito a isso não era tema adequado para um bate-papo superficial. Permaneceu em silêncio, mas não pôde evitar fixar apreciativamente o olhar na mulher que permanecia frente a ele.

Belle interpretou sua expressão corretamente e ficou vermelha como uma beterraba.

— OH, é um malvado— gaguejou. — Não era isso o que queria dizer.

—Não tenho nem ideia a que se refere— disse John, e seu rosto era a viva imagem da inocência.

—Sabe perfeitamente, e não vai me fazer dizer. Você... OH, não importa, gostaria de vir tomar chá?

John riu em voz alta.

— Como adoro aos ingleses. Poder remediar qualquer coisa com uma xícara de chá.

Belle ofereceu um sorriso mordaz.

— Você também é inglês, John, e para que conste, pode se solucionar qualquer coisa com uma boa xícara de chá.

Ele sorriu ironicamente.

—Lamento que ninguém tenha comunicado ao doutor que quase amputou minha perna. Belle recuperou a seriedade imediatamente. O que deveria responder a isso? Elevou a vista para o céu, que

começava a ficar nublado. Sabia que John era desmesuradamente sensível com relação a perna, e provavelmente deveria evitar fazer alguma referência a ela. Mas, foi ele quem mencionou, e pareceu que o melhor modo de demonstrar que não importava sua ferida era brincar sobre isso.

—Bom, então milord— disse, rezando para não estar cometendo um terrível engano. — Procurarei uma forma de derramar um pouco de chá sobre sua perna esta tarde. Se isso não funcionar, nada o fará.

Ele pareceu vacilar um momento antes de responder.

— Suponho que necessitará de uma escolta para retornar a Westonbirt. Vejo que tornou a sair sozinha de novo.

—Algun dia, John— disse ela em tom exasperado, — será um pai magnífico.

Uma enorme gota de chuva aterrissou sobre o nariz dele, e elevou os braços em fingida rendição.

— Abra a marcha, milady.

Belle virou a égua, e se dirigiram de retorno a Westonbirt. Depois de alguns instantes de amigável silêncio, ela se virou e perguntou:

—Por que estava perambulando por aqui esta tarde? E não diga que simplesmente tomou o caminho para Oeste.

—Acreditaria se dissesse que esperava vê-la?

Belle se virou de novo rapidamente, inspecionando sua cara para ver se estava brincando com ela. Seus olhos escuros eram calidamente aveludados, e seu coração deu um pulo ante seu firme olhar.

—Acreditarei, se for muito amável comigo esta tarde, — brincou ela.

—Serei amabilíssimo— disse John, malvadamente — se isso significa conseguir uma xícara de chá extra.

—Para você, o que for necessário!

Cavalgaram vários minutos até que Âmbar se deteve repentinamente, erguendo as orelhas nervosa.

—O que acontece? — perguntou John.

—Provavelmente é algum coelho. Ambar sempre foi muito sensível ao movimento. É estranho, na realidade. É capaz de cavalgar pelas lotadas ruas de Londres como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, mas é só passear sobre um tranquilo caminho no campo e receia cada pequeno ruído.

—Não ouvi nada.

—Eu tampouco. — Belle puxou suavemente as rédeas. — Vamos, moça. Vai começar a chover.

Ambar deu um par de passos vacilante e parou outra vez, girando bruscamente a cabeça para a direita.

—Não posso imaginar o que acontece— disse Belle, envergonhada. Crack!

Belle ouviu a explosão de um disparo de algum ponto próximo dos bosques e em seguida sentiu o suave zumbido do ar quando uma bala passou entre seus corpos.

—O que? —começou a perguntar, mas não chegou a finalizar a frase porque Âmbar, já caprichosa de si, por acaso, encabritou-se com o estrépito. Belle teve que concentrar toda sua atenção em manter-se sobre seus arreios.

Lançou os braços ao redor do pescoço da égua, murmurando.

— Tranquila, garota. Se acalme. —Embora estava tão assustada, que não sabia se suas palavras eram para acalmar o cavalo ou a si mesma.

Justo quando estava convencida de que não seria capaz de conter-se nem um segundo mais, sentiu os fortes braços de John fechando-se ao redor de sua cintura e arrancando-a da sela.

Aterrisou bruscamente a seu lado, em cima de Thor. —Está bem? — perguntou ele, asperamente.

Belle assentiu.

— Acredito que sim. Preciso recuperar o fôlego. Foi mais um susto que outra coisa.

John a estreitou mais contra ele, incapaz de acreditar a profundidade do medo que sentiu quando a viu aferrar-se ao pescoço de Âmbar para salvar a vida. A égua dançava agora em círculos nervosos, resfolegando audivelmente, mas já calma.

Quando Belle sentiu que recuperou um pouco a compostura, separou-se bastante de John para poder examinar sua cara.

— Ouvi um disparo.

John assentiu gravemente. Não podia imaginar por que alguém ia querer disparar, mas pensou que não deveriam seguir imóveis nesse lugar, como um alvo fácil.

—Ambar nos seguirá, se a mantiver comigo sobre meus arreios enquanto retornamos? Ela assentiu, e rapidamente galopavam de volta a Westonbirt.

—Acredito que foi um acidente— disse Belle, quando reduziram a velocidade. —O disparo?

—Sim. Precisamente outro dia Alex me dizia que esteve tendo problemas com os caçadores furtivos. Estou segura de que foi uma bala perdida o que assustou Âmbar.

—Passou muito perto para meu gosto.

—Sei, mas que outra coisa poderia ser? por que alguém iria querer atirar contra nós? John deu um encolher de ombros. Ele não tinha inimigos.

—Terei que falar disto com Alex— prosseguiu Belle. —Estou segura de que quererá fazer cumprir as normas mais severamente. Alguém poderia ter sido ferido. E ficamos muito próximo de sermos ferido.

John assentiu, abraçou-a mais estreitamente, e esporeou Thor para ir um pouco mais rápido. Alguns minutos mais tarde entravam nos estábulos de Westonbirt, e bem a tempo, já que as gotas de chuva começavam a cair mais e mais rápidas.

—Já chegamos, milady— disse ele, enquanto a ajudava a desmontar. — Será capaz de chegar até a casa sem problemas?

—OH, mas você não vem? — A desilusão estava claramente desenhada sobre seus traços. Ele engoliu, e um músculo se esticou em sua garganta.

—Não, na realidade não posso. Eu...

—Mas ficará molhado se retornar a sua casa agora. Deveria entrar e tomar um pouco de chá, mesmo que só seja para se aquecer.

—Belle, eu...

—Por favor.

Ele olhou fixamente aqueles maravilhosos olhos azuis e se perguntou como alguém podia encontrar coragem necessária para lhe negar algo. Deu uma olhada ao exterior através das portas dos estábulos.

—Suponho que há bastante umidade. Belle assentiu.

— Certamente adoecerá se tentar retornar a cavalo para casa agora. Venha. — Pegou sua mão, e juntos efetuaram uma apressada corrida até a casa.

Quando se precipitaram através da porta principal no vestíbulo, ambos estavam bastante molhados, e Belle podia sentir como úmidas mechas de seu cabelo se aderiam a seu rosto.

—Devo parecer um desastre— disse timidamente. — Deveria subir e me trocar. —Bobagens— disse John, colocando uma mecha molhada atrás da orelha. — Tem um aspecto encantador... como uma nebulosa.

Belle conteve a respiração, seu toque ainda formigava sobre sua face. —Certamente está burlando. Sinto-me como um pano de chão.

—Asseguro, Lady Arabella, que não tem absolutamente aspecto de trapo. — Deixou cair seu braço. —Embora não posso imaginar quando viu um.

Belle ficou rígida.

—Não sou a menina mimada que parece acreditar que sou.

John contemplou avidamente a impressionante e encantadora mulher que permanecia de pé frente a ele no vestíbulo. Seu cabelo se liberou parcialmente do coque, e mechas douradas, frisadas pelo ar úmido, beijavam ambos os lados de seu rosto. Suas longas pestanas reluziam com gotas de chuva, emoldurando olhos de um indescritível tom azul. John suspirou e não permitiu que seu olhar se extraviasse para sua suave boca.

— Acredite, não penso que seja uma menina— disse, finalmente.

Belle engoliu com nervosismo, incapaz de ocultar sua desilusão. Essas não eram exatamente as palavras que esperava ouvir.

—Possivelmente deveríamos continuar nossa conversa no salão.

Virou-se e caminhou a grandes passos através do vestíbulo, com as costas muito rígidas.

John suspirou e a seguiu. Sempre conseguia dizer algo errado com ela. Quis tomá-la em seus braços e dizer que pensava que ela era incrivelmente linda, simpática e amável e tudo o que um homem podia desejar em uma mulher. Um homem que merecesse uma mulher, claro. E ele sabia que nunca poderia casar-se, que nunca poderia aceitar o amor de uma mulher. Não depois de Ana.

Quando John entrou no salão, Belle estava de pé junto à janela, olhando a chuva repicar contra o vidro. Começou a fechar a porta, logo pensou melhor, e a deixou aberta umas polegadas. Aproximou-se dela, com a intenção de pôr suas mãos em seus ombros, mas quando estava a um par de passos, ela se virou de improviso.

—Não estou acostumada a perder— disse teimosamente. —Não tive uma vida difícil, eu sei, mas não sou uma mimada.

—Sei que não é— respondeu John suavemente.

—Mimado significa que alguém é teimoso e manipulador— seguiu dizendo Belle. —E eu não sou nenhuma dessas coisas.

Ele assentiu.

—E não sei por que tem que fazer sempre esses comentários tão horríveis sobre meus

anteriores. Seu pai também é conde. Alex me disse.

—Era um conde— corrigiu John, aliviado por que ela acreditava que a implicava devido a um sentimento de inferioridade social. Certamente era algo digno de consideração, mas esta era a menor de suas preocupações. —Era um conde empobrecido que não podia permitir-se sustentar sete filhos, o último dos quais fui, postumamente, eu.

—Sete filhos? — perguntou Belle, abrindo muito os olhos. —De verdade? —Um foi natimorto— confessou John.

—Deve ter tido uma infância encantadora com tantas outras crianças com quem brincar. —Na realidade, não passei muito tempo com meus irmãos. Geralmente estavam ocupados com seus próprios assuntos.

—Ah. — Belle franziu o cenho, descontente com o retrato de família que ele pintava. —Sua mãe deveria estar muito ocupada tendo todos aqueles bebês.

John sorriu diabolicamente.

—E suponho que meu pai também. Ela ruborizou.

—Acredita que poderíamos começar de novo logo mais tarde? — perguntou John, tomando sua mão e depositando um beijo leve como uma pluma sobre seus nódulos. — Peço perdão por pressupor que nunca viu um pano de chão.

Belle soltou uma risada.

—É a desculpa mais absurda que já ouvi.

—Acha isso? Pensei que fui bastante eloquente, sobre tudo com o beijo em sua mão.

—O beijo foi maravilhoso, e a desculpa muito doce. É a parte sobre o pano de chão que soava engraçada.

—Esqueça do pano— disse John, conduzindo-a a um sofá próximo.

—Minha mente já não alberga a menor lembrança sobre ele— assegurou. Ele se sentou no extremo oposto do sofá.

—Notei que carregava um volume de poesia de Wordsworth com você. Belle olhou para seu livro esquecido.

—OH, sim. Receio que você tenha me inspirado. Mas o que quero saber é quando escreverá algum verso. Estou segura de que seria brilhante escrevendo poesia.

John riu de seu louvor.

— Olhe o que aconteceu quando tentei ser poético esta tarde. Chamei-a "nebulosa". De algum

jeito "nebulosa" não é o que me vem à mente quando penso em uma grande poesia.

—Não seja tolo. Alguém que gosta da poesia tanto como você deve ser capaz de escrevê-la. Só tem que aplicar-se.

John inspecionou seu radiante rosto. Tinha tal confiança nele. O sentimento resultava novo; depois de tudo, sua família nunca mostrou muito interesse por nenhuma de suas atividades. Não suportava dizer que sua confiança era imerecida, e estava aterrorizado por como poderia reagir quando descobrisse o tipo de homem que realmente era.

Mas não queria pensar nisso. A única coisa que queria pensar era nesta mulher. Uma mulher que cheirava como a primavera. Perguntou-se quanto tempo poderia manter a realidade de seu passado fora de sua mente. Poderia fazê-lo mais que uns minutos? Podia presentear-se uma tarde inteira de sua companhia?

—OH, Senhor, —disse Belle, interrompendo seus torturados pensamentos, —esqueci de pedir que nos trouxessem o chá. —Ficou em pé e cruzou a sala para puxar o cordão.

John se levantou quando ela o fez, apoiando a maior parte de seu peso em sua perna boa. Antes que Belle pudesse sentar-se outra vez, Norwood entrou no salão com rápidos e silenciosos passos. Pediu um pouco de chá e bolachas, e Norwood abandonou o salão tão silenciosamente como entrou, fechando a porta atrás de si.

Os olhos de Belle seguiram o mordomo quando deixou o ambiente, e logo se virou e observou John que permanecia de pé perto do sofá. Enquanto o olhava fixamente do outro lado do salão, estava segura de que seu coração tinha deixado de pulsar. Era tão bonito e tão forte com sua roupa de montar, e não pôde por menos que notar a apreciação em seus olhos quando lhe devolveu o olhar.

Recordava suas palavras ao ir embora no dia anterior.

"Não sou o homem que acredita que sou."

Era isso certo? Ou era possível que não fosse o homem que ele pensava que era? Resultava tão óbvio para ela. Pela forma em que tinha recitado a poesia e o firme segurar de seus braços quando a montou sobre seu cavalo. Necessitava alguém que lhe mostrasse que era bom e confiável. A provocação que ela aguardava, seria a ela a quem necessitava?

Nervosa, cruzou o salão, detendo-se um par de passos em frente a ele.

— Acredito que você é um homem muito bom— disse suavemente.

John conteve a respiração, quando uma onda de desejo o percorreu da cabeça aos pés.

— Belle, não sou. Quando chamou para o chá tentava lhe dizer... Cristo, como dizer. Queria lhe dizer ...

—O que, John? — Sua voz era primorosamente suave. —Do que queria me falar? —Belle, eu...

—Era sobre o beijo?

Isto era um pesadelo erótico. Ela estava lá de pé, diante dele, oferecendo-se, e era tão condenadamente difícil prestar atenção a sua consciência e fazer o correto.

— OH, Deus, Belle— gemeu. —Não sabe o que diz.

—Sim, sei. Recordo cada momento de nosso beijo no lago.

Deus o ajudasse, John se inclinou um pouco mais para ela. Sua mão se estendeu por vontade própria, fechando-se ao redor da dela em um quente abraço.

—OH, John— suspirou ela, olhando sua mão como se esta tivesse o poder de salvar o mundo de todos os males. Semelhante lealdade, tal fé, tanta beleza pura foi demais para ele. Com um gemido a meio caminho entre o prazer e a agonia, estreitou-a rudemente contra ele. Seus lábios encontraram os dela em um beijo frenético, e bebeu dela como um homem que estava anos sem água.

Afundou as mãos em seu cabelo, saboreando a sedosa e suave sensação de seu tato enquanto seus lábios viajavam por todo seu rosto, adorando seus olhos, seu nariz, a linha de suas maçãs do rosto. E em algum momento durante o beijo, começou a sentir-se curado. A escuridão de seu coração não desapareceu, mas começou a rachar e a derrubar-se. O peso sobre seus ombros não desapareceu por completo, mas de algum jeito, parecia menor.

Ela podia fazer isso por ele? Poderia ser tão pura e boa que apagaria a mancha sobre sua alma? John começou a sentir-se zozzo, e a abraçou mais estreitamente, depositando leves beijos ao longo da linha de seu cabelo.

E então ela suspirou.

— OH, John, sinto-me tão bem. — E ele soube que era feliz.

—Como bem? —murmurou ele, mordiscando a comissura de sua boca. —Muito, muito bem, —riu Belle, devolvendo os beijos fervorosamente.

Os lábios de John se arrastaram através de sua face até seu ouvido, e mordiscou, brincando com seu lóbulo.

—Tem orelhas tão doces— disse com a voz rouca. —Como damascos. Belle retrocedeu, com um sorriso surpreso na cara.

—Damascos?

—Já disse que não sou muito poético.

—Eu gosto de damascos— declarou ela lealmente.

—Volta aqui— disse ele, com um grunhido de risada. Sentou-se no sofá e a arrastou junto com ele.

—Oooh, como desejar, milord. — Belle fez sua melhor imitação de um olhar de flerte. —Que moça tão lasciva.

—Moça lasciva? Isso não é muito poético.

—OH, cale-se. — Fiel a suas palavras, John a emudeceu com outro beijo, recostando-se contra as almofadas e puxando Belle sobre ele. —Te disse— falou entre beijos, —que é a mulher mais maravilhosa que conheci em minha vida?

—Não.

—Bem, o é. E a mais simpática, e a mais amável e... — a mão de John desceu por suas costas, cavando-se sobre suas nádegas, e apertando, —com o traseiro mais bonito que vi em minha vida.

Belle cambaleou repentinamente, sobressaltada em sua modéstia e logo sofreu um ataque de riso em cima dele.

— Ninguém me disse que os beijos eram assim divertidos.

—É obvio que não. Seus pais não quereriam te ver correndo para beijar o primeiro que aparecesse.

Belle acariciou a mandíbula com a mão, esfregando-a contra a áspera barba que crescia. —Não, só a você.

John não acreditou que seus pais desejassem que o beijasse tampouco, mas afastou o pensamento de sua mente, pouco inclinado a abandonar a perfeição do momento.

—A maioria das pessoas não riem tanto enquanto se beijam. — Sorriu abertamente como um menino e lhe beliscou o nariz.

Belle o beliscou nas costas.

— Não? Má sorte a deles.

John a estreitou com força em um abraço feroz, como se pudesse vinculá-la a ele apenas com sua força. Talvez um pouco de sua bondade se filtraria nele, limpando sua alma, e... Fechou os olhos.

Estava começando a acreditar.

—Não pode saber o incrivelmente perfeito que me sinto neste momento— murmurou contra seu cabelo.

Belle se recostou ainda mais perto. —Sei exatamente como de perfeito.

—Infelizmente, o chá vai chegar a qualquer momento, e não acredito que os criados precisem saber o perfeitos que nos sentimos.

—OH, meu Deus! — ofegou Belle, cruzando o salão quase voando. —Estou bem? Diria que eu? que nós?

—Eu sim— disse John ironicamente, tentando ignorar a dor do desejo insatisfeito que fazia palpitar seu corpo. —Mas se arrumar o cabelo, acredito que ninguém mais note.

—Chove— disse ela, agitada. —Norwood acreditará que é por isso que estou um pouco desarrumada.

Apesar de seu desinibido comportamento essa tarde, Belle não estava preparada para ser pega em um interlúdio amoroso pelo mordomo de seus primos.

—Sente-se— ordenou John. —Conversaremos como dois adultos racionais, e Norwood não suspeitará de nada.

—Acha que não? Sentiria me muito averg...

—Apenas sente-se, por favor, e nos dedicaremos a falar de trivialidades até que seu mordomo retorne.

—Não acredito que possa— disse Belle, com um sussurro. —Por que não?

Ela se afundou em uma cadeira e manteve seus olhos cravados em seus pés. —Porque sempre que o olho recordo-o me estreitando em seus braços.

O coração de John se deteve de repente. Respirou profundamente, lutando contra a cada vez mais urgente necessidade de saltar sobre o sofá, agarrar Belle, e fazer amor ali mesmo, sobre o chão.

Felizmente, salvou-se de responder a seu emotivo comentário por um discreto golpe na porta.

Norwood entrou trazendo uma bandeja de chá e bolachas. Depois de agradecer, Belle pegou o bule e começou a servir. John notou que suas mãos tremiam. Em silêncio aceitou a xícara que ela ofereceu e tomou um gole.

Belle bebeu a sorvos seu chá, obrigando suas mãos a deixar de tremer. Não é que estivesse envergonhada de seu comportamento; simplesmente estava chocada pela intensa reação ante John.

Nunca sonhou que seu corpo pudesse arder dessa forma, até o âmagô. —Um centavo por seus pensamentos— disse John de repente.

Ela levantou o olhar de sua xícara e sorriu. —OH, valem muito mais que um centavo. —Uma libra, então?

Aproximadamente durante um segundo Belle brincou com a ideia de dizer exatamente o que pensava. Mas só durante um segundo. Sua mãe não a educou para ser uma libertina.

—Perguntava-me se quer que derrube o chá sobre sua perna já ou prefere que espere até que esfrie um pouco.

John estirou sua perna ferida tanto como pôde e a contemplou com gravidade, pretendendo dar a impressão de que considerava seriamente a ideia.

—OH, acredito que é melhor quente, não? Belle agarrou o bule com um sorriso diabólico.

—Se isto funcionar, revolucionaremos a história da medicina. — Inclinou-se sobre ele, e por um instante John pensou que realmente ia verter o chá sobre sua perna.

No último momento, endireitou o bule e o colocou sobre a mesa.

—Chove com muita força agora— disse ela, dando uma olhada para a janela. —Não poderá retornar a sua casa durante um bom tempo.

—Imagino que seremos capazes de nos manter ocupados.

Belle deu uma olhada a cara dele e soube exatamente como queria mantê-los ocupados. Não negou a si mesma que também tinha vontade de passar a tarde em seus braços, mas haviam muitas possibilidades de que Alex ou Emma os encontrassem, e a última coisa que precisava era ser pega em uma situação delicada por seus primos.

—Acredito— disse finalmente, —que deveríamos nos dedicar a outra atividade. John pareceu tão decepcionado que Belle quase não pôde sufocar uma gargalhada. —O que sugere que façamos?

Ela deixou sua xícara de chá. —Pode dançar?

Capítulo 7



John deixou sua xícara muito, muito devagar.

— Belle— disse finalmente, —deve saber que não posso. —Tolices. Todo mundo pode dançar. Só precisa tentar. —Belle, se isto é uma espécie de brincadeira?

—É obvio que não é uma brincadeira— interrompeu ela rapidamente. — Sei que sua perna foi ferida, mas não parece que o retarde excessivamente.

—Pode ser que tenha aprendido a me mover com um grau razoável de velocidade, mas careço de graça. — Sua mão se dirigiu inconscientemente a sua perna. Terríveis visões dele mesmo caindo desajeitadamente no chão se passaram por sua mente. — Estou seguro de que podemos nos entreter sem necessidade de que me faça de tolo tentando dançar. Além disso, não temos música.

—Hmmm, isso é um problema. — Belle deu uma olhada pelo salão até que seus olhos descansaram sobre um piano em um canto. — Parece que temos duas opções. A primeira é que poderia pedir a Emma que viesse e tocasse para nós, mas temo que nunca foi famosa por seu talento musical. Não desejaria que tocasse nem para meu pior inimigo. —Sorriu calidamente. — Muito menos para um amigo.

A intensidade de seu sorriso impactou John diretamente no coração. —Belle, —disse suavemente. — Não acredito que vá funcionar.

—Não saberá a menos que o tente. — levantou-se e alisou seu vestido. —Acredito que a ideia de Emma ao piano não é uma opção, assim suponho que eu terei que cantar.

—Pode?

—Cantar? John assentiu.

—Provavelmente tão bem como você dançar.

—Nesse caso, milady, acredito que, efetivamente, estamos em um apuro. —Só brincava. Não sou nenhuma diva, mas sou capaz de entoar uma melodia.

Quanta dor poderia ocasionar ele fingir -embora só fosse por uma tarde- que ela podia ser dele, que era dela, que a merecia? ficou em pé, determinado a saborear, embora só fosse durante um breve momento, um pedacinho do céu.

—Espero que tenha a amabilidade de não se queixar em voz alta quando pisar seus pés.

—OH, não se preocupe, milord, queixar-me-ei muito baixinho. — Impulsivamente, inclinou-se e rapidamente beijou John na face, cochichando. — Meus pés são muito resistentes.

—Por seu bem, assim espero. —Agora, que dança conhece? —Nenhuma.

—Nenhuma? O que fez em Londres? —Nunca senti interesse pelo torvelinho social.

—OH. — Belle mordiscou o lábio inferior. Isto será um desafio maior do que esperava. — Mas não tema, estou segura de que estará à altura da tarefa.

—Acredito que a pergunta apropriada é se você está à altura da tarefa.

—Ah, o estou. — disse Belle, com um gracioso sorriso. — Acredite, estou. Agora, parece que deveríamos começar com uma valsa. Algumas das outras danças poderiam resultar muito para sua perna. Embora talvez não. Você mesmo disse que é capaz de se mover com razoável velocidade.

John esboçou um sorriso torto.

—Uma valsa seria encantadora. Só me diga o que fazer.

—Ponha sua mão aqui assim. — Belle pegou a mão dele e a colocou sobre sua esbelta cintura. — E depois eu ponho minha mão sobre seu ombro, vê? Hmmm, é bastante alto.

—É um elogio?

—É obvio. Embora eu não gostaria menos se fosse mais baixo. —É gratificante sabê-lo.

—Está zombando de mim? —Só um pouco.

Belle lhe lançou um olhar divertido.

—Bom, só um pouco está bem, suponho, mas mais não. Sou muito sensível. —Tentarei me refrear.

—Obrigada.

—Embora às vezes o torne muito difícil.

Belle lhe deu umas batidinhas no peito e reatou suas lições de dança.

—Silêncio. Agora, pegue minha outra mão assim. Maravilhoso. Já estamos preparados. — Estamos? — John deu uma olhada duvidosa a sua posição. — Está bastante longe. —Esta é a posição correta. Fiz isto mil vezes.

—Poderíamos pôr outra pessoa entre ambos. —Não sei por que íamos querer fazê-lo.

John devagar incrementou a pressão ao redor da cintura de Belle e a aproximou dele até que ela pôde sentir o calor de seu corpo.

— Não é melhor assim? — murmurou.

A respiração de Belle ficou presa em sua garganta. John estava a alguns centímetros apenas de distância, e sua proximidade fazia que seu pulso se acelerasse.

—Nunca nos permitiriam isso em nenhum salão de baile respeitável— disse, com voz rouca. — Prefiro dançar em privado. — John se inclinou e roçou suavemente com seus lábios os dela.

Belle engoliu nervosa. Desfrutava de seus beijos, mas não podia desprender-se da sensação de que estava se metendo em uma situação que não poderia dirigir. Assim, bastante a seu pesar, retrocedeu, afrouxando a submissão de John sobre ela até que de novo houve uma distância respeitável entre seus corpos.

—Não posso te ensinar a dançar bem a valsa se não estivermos na posição adequada— explicou. —Bem, o segredo da valsa é que é um compasso de três por quatro. A grande parte das outras danças são de compasso comum.

—Compasso comum?

—Quatro por quatro. As valsas são "um dois e três, um, dois e três, um dois e três." O compasso comum é "um, dois e três, quatro."

—Parece que já compreendo a diferença.

Belle levantou bruscamente a cabeça para olhá-lo. Pequenas linhas ao redor de seus olhos delatavam seu humor. Seus próprios lábios se curvaram para cima nas comissuras quando tentou suprimir um sorriso.

—Bom. Portanto, uma valsa soaria assim. — Começou a cantarolar uma melodia que tinha sido muito popular em Londres durante a última temporada.

—Não posso te ouvir. — Começou a aproximá-la dele. Belle retornou a sua posição inicial.

—Então cantarei.

A mão de John se apertou suavemente ao redor de sua cintura.

— Sigo sem poder te ouvir.

—Sim, se puder parar de joguinhos, ou nunca conseguiremos terminar nossa lição de dança. — Prefiro uma lição de beijos.

Ela ruborizou profundamente.

—Já tivemos uma dessas hoje, e de todos os modos, Emma ou Alex poderiam chegar a qualquer momento. Deveríamos começar. Eu guiarei primeiro, e uma vez que pegue o ritmo, pode fazê-lo você. Está preparado?

—Estive preparado toda a tarde.

Belle não acreditava possível ruborizar ainda mais, mas logo compreendeu que estava equivocada.

— Bem, então, um, dois e três, um, dois e três.

Aplicou uma leve pressão ao ombro de John e começou com as lentas voltas da valsa. Regularmente tropeçava ou pisava nos pés.

John sorriu como um menino.

— Imagina meu prazer quando foi você a primeira em tropeçar. Ela o olhou na cara com expressão mal-humorada.

— Não estou acostumada a ser quem guia. E não é muito cavalheiresco por sua parte assinalar meus defeitos.

— Não o vi como um defeito. De fato, desfrutei te sujeitando.

— Aposto que o fez— resmungou Belle. — Quer tentar outra vez?

Ela assentiu e colocou a mão sobre o ombro dele.

— Espera um momento. Acredito que devemos mudar as posições. — Ela deslizou a mão ao redor da cintura dele. — Ponha sua mão sobre meu ombro. Assim, agora finge que sou um homem.

John deu uma olhada à tentadora turgidez dos seios de Belle. — Isso— murmurou, — vai ser extremamente difícil.

Belle não notou seu olhar de desejo, o qual foi uma sorte, porque seus sentidos já estavam bastante afligidos.

— Muito bem— disse alegremente, — se eu fosse o homem e você a mulher, pressionaria um pouco assim sua cintura, e logo nos moveríamos assim. — Quando suavemente ela começou a cantarolar uma valsa, ambos começaram a girar ao redor do salão, a perna ferida de John movendo-se com uma soltura que jamais sonhou possuir. — Maravilhoso! — exclamou Belle triunfalmente. — É perfeito.

— Estou de acordo— respondeu John, saboreando a sensação de tê-la em seus braços. — Mas, acha que eu poderia ser o homem um pouco?

Belle deslocou sua mão a seu ombro enquanto seus olhos apanhavam os dele em uma cálida carícia. Entreabriu os lábios para falar, mas a garganta estava seca. Engolindo com nervosismo, assentiu.

— Bem. Eu gosto muito mais desta forma. — John a agarrou pela cintura e a aproximou dele. Desta vez, Belle não protestou, presa pelo calor e a excitação de seu ardente corpo. — Faço-o

corretamente? —perguntou ele, suavemente, enquanto a guiava.

—Cre-creio que sim. —Só o crê?

Belle se obrigou a voltar para a realidade.

— Não, é obvio que não. Sei. É um bailarino muito harmonioso. Está seguro de que esta é a primeira vez que dança a valsa?

—Bom, minhas irmãs estavam acostumadas a me obrigar às acompanhar enquanto aprendiam.

—Eu sabia que não era um principiante. —Só tinha nove anos.

Belle franziu os lábios pensativa, inconsciente da tentação que representavam para John.

— Não acredito que a valsa se dançasse quando você tinha nove anos.

Ele deu um encolher de ombros. —Éramos uma família muito progressista.

Enquanto giraram ao redor do salão, John se perguntou se lutava por uma causa perdida. Seguia dizendo-se que precisava se afastar de Belle, mas sua resolução até agora demonstrou resultar inútil frente a seu cáldo e brilhante sorriso. Sabia que não poderia casar-se com ela; se o fizesse apenas machucaria à mulher a que queria proteger e amar. Sentia-se como uma fraude simplesmente ao ficar de pé junto a ela depois do que fez na Espanha.

John exalou devagar, seu suspiro foi uma mescla de felicidade e frustração. Prometeu-se essa tarde que passaria só umas quantas horas de felicidade sem nenhuma lembrança de Ana.

—Supõe-se que devemos conversar— disse Belle de repente. —Devemos?

—Sim. Se não as pessoas pensariam que nós não gostamos um do outro.

—Não há ninguém aqui para formar uma opinião em um ou outro sentido— indicou John. —Sei, mas estou ensinando a dançar a valsa, apesar de tudo, e a maioria das vezes as valsas se dançam durante uma festa, não em um salão particular. —Que pena.

Belle fez caso omissso de seu comentário.

—Por isso, acredito que deveria aprender a conversar enquanto dança. —E é tão difícil?

—Pode ser. Alguns homens precisa contar enquanto dançam a valsa para levar o ritmo, e é difícil manter uma conversa com alguém quando tudo o que ele diz é "um-dois-e três".

—Bem, então, é obvio, conversaremos.

—Bem. —Ela sorriu. —Escreveu alguma poesia ultimamente?

—Você só procurava uma desculpa para me perguntar isto— acusou-a John. —Talvez sim, talvez não.

—Belle, já te disse que não sou poeta. —Não acredito.

John gemeu, e em sua frustração errou um passo. —Tentarei te escrever um poema— disse finalmente. —Esplêndido! — exclamou Belle. — Mal posso esperar. —Eu não esperaria muito, se fosse você.

—Tolices— disse ela, otimista. — Sinto-me aflita pela emoção.

—O que é isto? — interrompeu-os de repente uma voz. —Um baile em minha própria casa e não fui convidada?

John e Belle se detiveram em meio de um giro e voltaram a cabeça para ver Emma entrar no salão.

—Ensinava John a dançar a valsa— explicou Belle. —Sem música?

—Pensei que era melhor não te pedir ajuda para que tocasse o piano. Emma fez uma careta.

—Certamente foi uma boa ideia. — Deu uma olhada em John. — Ainda não conheço ninguém cujas habilidades ao piano não excedam às minhas. Incluídos os residentes de nossos estábulos.

—Isso me contaram.

Emma ignorou seu sorriso sarcástico.

— Desfrutou de sua lição, John?

—Muitíssimo. Belle é uma magnífica bailarina.

—Sempre pensei o mesmo. Embora nunca dancei com ela. — Emma se aproximou de uma cadeira e se sentou. — Se importam se me uno a vocês para o chá? Tomei a liberdade de pedir a Norwood outro bule. Certamente este já estará morno.

—É obvi—, disse John, cortesmente. — Esta é sua casa, depois de tudo.

Emma sorriu quando notou que John e Belle seguiam ainda de pé, um nos braços do outro. —Não deixem que minha presença os faça desistir de sua dança— disse com um sorriso travesso.

Imediatamente o par balbuciou embaraçosas desculpas, separaram-se, e Belle se sentou no sofá. John murmurou algo sobre a necessidade de retornar a casa, ao qual Emma respondeu com prontidão.

—Ah, mas não pode!

Belle dedicou um olhar de suspeita a prima e imediatamente compreendeu que Emma decidiu que ela e John fariam muito bom par.

—Está um dilúvio— explicou Emma, a toda pressa. —Deve ficar até que estie um pouco. John não quis indicar que a chuva já tinha estiado um pouco, e que se esperasse muito mais, tão somente

pioraria de novo. Ofereceu às duas formosas mulheres um sorriso inescrutável e se sentou frente a elas em uma elegante, embora muito incomoda, cadeira.

—Não deve sentar-se aí— disse Emma. — É terrivelmente incômoda, e teria me desfeito dela se a mãe do Alex não tivesse me assegurado que possui um valor incalculável. Por que não se senta melhor no sofá, junto a Belle?

John arqueou uma sobrancelha.

—Odeio quando as pessoas fazem isso— resmungou Emma, baixinho. Entretanto, continuou alegremente. — Asseguro que terá uma horrorosa dor nas costas amanhã se permanecer nessa cadeira durante mais de cinco minutos.

John se levantou e se acomodou ao lado de Belle.

— Sou seu humilde servidor, sua Excelência— disse cortesmente.

Emma ruborizou, percebendo o toque de humor e brincadeira em sua voz.

— Vá!, —disse em voz alta. — Pergunto-me por que demora tanto o chá. Terei que perguntar, com notável velocidade— ficou de pé e saiu do salão.

John e Belle se viraram um para o outro, Belle ruborizada até a raiz de sua dourada cabeleira.

—Sua prima não domina a arte da sutileza. — Indicou John, com secura. —Não.

—Não estou exatamente seguro do que espera conseguir. Provavelmente tropeçará com uma criada trazendo o chá a dois passos deste salão.

Belle pigarreou, recordando envergonhada quando ela e a irmã de Alex, Sophie, conseguiram deixar a sós Emma e o futuro marido juntos durante uns cinco minutos com o pretexto de inspecionar um cravo inexistente.

—Suponho que pensará em algo.

—Apesar do muito que eu gostaria de tomá-la em meus braços outra vez, não tenho o menor desejo de ser interrompido por sua prima que retorna com o chá.

—OH, eu não me preocuparia por isso— resmungou Belle. — Encontrará o modo de nos alertar de sua iminente presença. É muito engenhosa.

Como se fosse um sinal, ouviram a exclamação de Emma ao outro lado da porta fechada. —Que surpresa!

Belle franziu o cenho.

— Juraria que nos teria dado um pouco mais de tempo. A porta se abriu.

— Olhe com quem tropecei no vestíbulo— disse Emma, agarrada a mão de Alex. — Não esperava que retornasse hoje até muito mais tarde.

—Seus cuidadosamente riscados projetos frustrados por um marido atento— murmurou John, enquanto ficava em pé.

Belle sufocou uma risada e disse: — É estupendo te ver, Alex.

—Só saí para inspecionar os campos— respondeu ele, um cenho de perplexidade adornava suas feições.

—Entretanto, é estupendo ter você de volta— disse Emma, em tom pouco convincente. — Encontrou o chá? — perguntou John.

—O chá? OH, sim, o chá. Bem, não, não o fiz, na realidade. —Ejem!

Emma se sobressaltou quando Norwood clareou a garganta justo atrás dela. —O chá, sua Excelência?

—OH. Obrigado, Norwood. Ponha-o ali sobre a mesa.

—Um pouco de chá soa realmente agradável depois de ter cavalgado toda a tarde sob a chuva— disse Alex, com prazer. — Embora pareça que vai amainar.

Belle não estava segura, mas acreditou ter ouvido Emma emitir um gemido.

Emma serviu uma xícara para Alex, e depois que ele tomou um saudável gole, disse, — vão celebrar uma feira amanhã perto do povoado. Vi como começavam a montá-la enquanto estava fora.

—OH, de verdade? — respondeu Emma, encantada. — Adoro feiras. Iremos?

—Não estou seguro— disse Alex, franzindo o cenho. — Não me atrai a ideia de que seja sacudida pela multidão.

O comentário foi recebido com um olhar de sublevação por parte de Emma.

—OH, não seja chato— replicou ela. — Não pode me manter trancafiada para sempre. —Bem. Mas deve me prometer ter cuidado. —Alex se virou para John e Belle, que contemplavam o intercâmbio do sofá com expressões divertidas. —Se unirão a nós?

Uma resposta negativa se elevou automaticamente aos lábios de John, mas antes que pudesse expressá-la, uma imagem de Belle em seus braços cruzou por sua mente. Estavam dançando valsa... Os olhos dela brilhavam de felicidade. Seu coração se encheu de ternura e seu corpo de desejo. Talvez pudesse ter um pouco de felicidade em sua vida. Talvez cinco anos de inferno fossem pagamento suficiente por seus pecados.

Virou-se para Belle. Ela inclinou a cabeça e sorriu, elevando as sobrancelhas convidativamente.

— É óbvio— disse ele, — virei depois do almoço, e partiremos juntos daqui.

—Esplêndido. —Alex tomou outro gole de chá e deu uma olhada para fora pela janela onde o céu se escurecia sinistramente. —Não digo para ser grosseiro, Blackwood, mas eu em seu lugar, partiria a casa agora, enquanto a chuva ainda é leve. Parece que logo irá cair um dilúvio outra vez.

—Estava pensando exatamente o mesmo. — John se pôs de pé e se despediu com uma inclinação de cabeça das senhoras.

Belle lamentava vê-lo partir, mas a divertida visão de Emma, melancolicamente desabada em sua cadeira depois que seu marido inconscientemente arruinasse todas suas cuidadosas orquestrações, compensava com acréscimo sua desilusão.



Quando John chegou em casa havia outra nota esperando-o.

"Estou em Oxfordshire."

John sacudiu a cabeça. Teria que encontrar um modo de entrar em contato com os donos anteriores de Bletchford Manor. Tinham parecido um pouco amalucados, do tipo de pessoas que teria amigos que escreveriam notas assim estranhas. Nunca lhe ocorreu que a nota poderia estar de qualquer modo relacionada com o disparo nos bosques.

John se serviu uma taça de brandy antes de subir a escada para seu dormitório aquela noite. Começou a tomar um gole, mas mudou de ideia e a depositou sobre a mesinha. Sentia-se bastante quente já sem ela.

Era isto a felicidade? A sensação esteve ausente de sua vida durante tanto tempo que não estava seguro de poder reconhecê-la.

Lentamente se dirigiu para cama, satisfeito. Não esperava sonhar.

Estava na Espanha. Isto era um dia quente, mas sua companhia estava de bom humor; não se tinham produzido enfrentamentos durante a semana passada.

Estava sentado em uma mesa na taverna, com um prato vazio de comida frente a ele. O que era aquele estranho som que provinha do alto das escadas?

Serviu-se outra aça. Golpe.

Este lugar tem possibilidades. John esfregou os olhos. —Quem disse isto?

Outro golpe. Outro grito.

John caminhou devagar para a escada. O que estava acontecendo? O tamborilar se fez mais forte enquanto percorria o corredor do primeiro andar.

E logo o ouviu de novo. Desta vez soava muito claro. —Nãoooooooooooo! — A voz de Ana.

Abriu a porta com um chute.

—OH, Deus, não— gritou. Quase não podia ver Ana, seu pequeno corpo completamente oculto sob Spencer, que penetrava repetida e sem piedade nela.

Mas podia ouvir seu pranto.

— Nãoooo, nãoooo, por favor, nãooo.

John não tomou um minuto para pensar. Enlouquecido, afastou de um puxão Spencer da moça e o lançou contra a parede.

Olhou para Ana. Seu cabelo, o que aconteceu? tornou-se loiro.

Era Belle. Sua roupa estava rasgada, e seu corpo destroçado e machucado. —Ah, Deus, isto não! — O grito brotou do mais profundo da alma de John. Virou-se para o homem caído contra a parede, com a mão ao redor de sua arma. —Olhe para mim, Spencer— exigiu.

O homem levantou a cabeça, mas já não era Spencer. John se encontrou examinando seu próprio rosto.

—OH, Deus, não— ofegou, retrocedendo e tropeçando com a cama. —Eu não. Eu não poderia fazer isso. Não poderia.

O outro John riu. Foi um som doente e enlouquecido.

—Não, não, não. Eu não poderia. OH, Belle. — Baixou o olhar para a cama, mas ela já não estava lá. —Não! Belle!

John despertou pelo som de seus próprios gritos. Ofegando, tentava levar oxigênio a seus pulmões, e cruzou os braços sobre seu estômago. Balançou-se para trás e para frente, com o corpo atormentado por silenciosos soluços.

Capítulo 8



Belle se recostou na cama, folheando uma coleção de poesia de Wordsworth que jamais leu antes. Encontrou-se entortando os olhos mais do que o habitual, de forma que se inclinou para a mesinha e acendeu outra vela.

Logo que se recostou de novo, soou um golpe sobre a porta. —Entre.

Emma irrompeu no quarto com seus olhos violetas brilhando de entusiasmo.

— Sophie vai ter o bebê! — exclamou. — Com três semanas de adiantamento! Um mensageiro acaba de chegar com uma nota de seu marido.

—Isso é maravilhoso— ofegou Belle. — Não é?

—OH, sim! Não é bom que um bebê chegue antes do tempo, mas três semanas não é muito, e Oliver diz que talvez Sophie tenha calculado mal de todos os modos.

—Você e Alex partirão pela manhã?

—A primeira hora. Quis partir imediatamente, mas Alex se recusou. —Tem razão, sabe. As estradas são muito perigosas de noite.

—Sei— respondeu Emma com expressão decepcionada. — Mas quis te avisar esta noite se por acaso quiser nos acompanhar. Ou se não quiser, te avisar de nossos projetos porque certamente iremos antes que desperte amanhã.

—Creio que não irei contigo— disse Belle devagar, medindo suas palavras com cuidado ao falar. Se sentiu emocionada pensando sobre a feira durante toda a noite, e detestava a ideia de cancelar sua saída com John.

Sobre tudo agora que iriam sozinhos.

— Suponho que Sophie não gostará de ter uma casa cheia de convidados enquanto dá a luz. A visitarei quando o bebê estiver um pouco maior.

—Bem, então, darei lembranças suas. — Emma franziu o cenho. — Embora não estou segura de que devesse te deixar aqui sozinha. Não acredito que seja apropriado.

—Sozinha? —perguntou Belle, incrédula. — Há mais de cem criados.

—Não tantos— corrigiu-a Emma. —E prometi a sua mãe que seria uma boa acompanhante. — Não posso imaginar que tipo de loucura se apoderou de minha mãe quando pensou que você seria

uma acompanhante apropriada.

—Você sabe mais sobre as regras de sociedade— respondeu Emma, evasivamente. —Se acha que não ocorrerá nada...

—Sei que não ocorrerá nada. Aqui não é Londres, depois de tudo. Duvido que alguém se inteire sequer de que estou sozinha. E se o fizessem, não se armaria muito alvoroço com cem criados montando guarda ao meu redor.

—Bem— concordou Emma finalmente. —Mas não convide Lorde Blackwood, por favor. Não quero que digam que ficaram juntos sem estarem corretamente acompanhados.

Belle soprou.

—Isso tudo é uma mudança depois de suas maquinações desta tarde.

—Aquilo foi diferente— respondeu Emma, na defensiva. De todos os modos, ao menos ruborizou. —E não diga que não apreciou minhas supostas maquinações. Dei conta do modo que o olha.

Belle suspirou e se recostou na cama. —Não o nego.

Emma se inclinou para frente, extremamente interessada.

— Está apaixonada por ele?

—Não sei. Como posso estar segura?

Emma pensou por um momento antes de responder.

—Simplesmente sabe, de alguma forma. A pega de surpresa. Os poetas escrevem sobre o amor a primeira vista, mas não acredito que aconteça assim.

O sorriso de Belle era pensativo.

— Só em novelas românticas, acredito.

—Sim— Emma de repente se endireitou. — Melhor me deitar. Quero estar preparada a primeira hora amanhã.

—Que tenham uma boa viagem— desejou Belle.

—Faremos. OH, e por favor, nos desculpe com Lorde Blackwood amanhã por não poder ir à feira com vocês. Embora imagine que desfrutarão mais sem nossa companhia.

—Estou segura de que o faremos. Emma fez uma careta.

— Só não o convide para vir aqui depois. E independentemente do que faça, não se aproxime de Bellamy Park sozinha.

—Parece que não se chama assim. —E como se chama?

Belle suspirou.

—Nunca recordo. Começa com B.

—Bem, independentemente de como se chame, não vá lá. Sua mãe pediria minha cabeça em uma bandeja.

Belle assentiu e apagou as velas quando Emma saiu do quarto.



No dia seguinte, pouco depois de meio-dia, John saiu para Westonbirt, recordando-se pela centésima vez que precisava pôr fim a esta atração que sentia por Belle. Mas era tão condenadamente difícil. Ela parecia ter tanta fé nele que quase acreditou ser digno de merecer a felicidade que lhe oferecia.

Mas os sonhos tinham uma irônica forma de fazer um buraco na vida real, e John não podia tirar da cabeça a imagem de Belle jazendo sobre aquela cama na Espanha, com seu corpo forçado e maltratado. Não podia ficar com ela. Agora estava mais seguro que nunca. Diria hoje. Jurou a si mesmo que o faria, sem importar o doloroso que seria. Faria hoje... depois da feira. Uma tarde mais de felicidade certamente não lhe faria mal.

A cavalo, levou apenas quinze minutos para chegar a Westonbirt. John deixou seu poderoso cavalo nos estábulos, aproximou-se até a porta principal, e levantou a mão para chamar.

Norwood abriu a porta antes que seus nódulos fizessem contato com a madeira. —Como está, milord— entoou. — Lady Arabella o espera no salão amarelo.

—Não, não o faço— exclamou Belle alegremente, emergindo de uma das numerosas salas que davam ao enorme vestíbulo. —Olá, John! Sei que supõe que deveria esperar no salão, mas estava muito impaciente. Nunca adivinhará o que ocorreu.

—Estou seguro que não.

—Alex e Emma precisaram partir ao amanhecer. A irmã do Alex vai ter o bebê. —Felicidade— disse John, automaticamente. —Significa que nosso passeio foi anulado?

—É obvio que não. — *Será que não notou que vestia seu melhor traje de amazona?* — Não há nenhuma razão pela qual não possamos nos divertir.

John sorriu ante sua ingenuidade, mas por dentro pensou que nadavam em água perigosa.

— Como desejar, milady.

O casal cavalgou em amistoso silêncio, desfrutando da leve brisa outonal. A feira estava situada mais perto da casa de John do que de Westonbirt, assim cruzaram o limite entre as duas propriedades e passaram diante de Bletchford Manor. Quando deixaram atrás a majestosa e antiga mansão, John comentou, como fazia sempre, — Maldição, preciso pensar em outro nome para este lugar.

—Estou totalmente de acordo— respondeu Belle. — Brimstone Park evoca imagens do fogo do inferno e coisas pelo estilo.

John a olhou sentido saudades.

— Não se chama Brimstone Park.

—Não? OH, é obvio que não. Já o sabia. —Belle sorriu fracamente. — Como é o nome? — Bletchford Manor—respondeu John, estremecendo ao dizê-lo.

—Bom, perdoa, mas isso é ainda pior. Ao menos Brimstone Park tem um pouco de caráter. Porque "bletch" rima com "retch," que evoca imagens inclusive mais desafortunadas que o fogo do inferno.

—Acredite, sou muito consciente de todos os desagradáveis matizes de seu atual nome. —Não se preocupe, já pensaremos em algo. — Belle deu a John consoladores tapinhas sobre o antebraço. — Só me dê um pouco de tempo. Sou bastante boa com as palavras.

Chegaram aos terrenos da feira, e a atenção de Belle foi imediatamente atraída por um homem que caminhava sobre pernas de pau a uns metros deles. Rapidamente se viram arrastados pelo espírito festivo.

—Sempre me perguntei como o fazem— meditou Belle, em voz alta quando se detiveram ante um malabarista embelezado com objetos de alegres cores.

—Imagino que é só questão de lançar as bolas ao ar com uma cronometragem impecável. Belle lhe deu uma cotovelada nas costelas.

—Não seja desmancha-prazeres. Tira a magia de tudo. OH, olhe aquelas fitas! — Soltando-se da mão do John, apressou-se para o vendedor de fitas e inspecionou seus artigos.

Quando John a alcançou, já tinha duas fitas na mão e tentava decidir-se entre ambas.

— Qual prefere, John? Esta? — Sustentou uma fita de cor rosa contra seu cabelo. — Ou esta? — perguntou, substituindo-a por uma vermelha.

John cruzou os braços e fingiu analisar profundamente a questão antes de estender a mão e pegar uma fita de um brilhante azul na mesa.

—Prefiro esta. É da mesma cor que seus olhos.

Belle ficou olhando-o, presa pela quente carícia de seu olhar, e simplesmente se derreteu.

— Então devo comprá-la— disse suavemente.

Ficaram lá de pé, enredados um no olhar do outro, até que o vendedor destruiu o momento com um sonoro...

—Ejem!

Belle separou seus olhos dos de John e os baixou a procura de sua bolsa, mas antes que pudesse pegar uma moeda, John já havia pago a fita e a colocara em suas mãos. —Um presente, milady. — inclinou-se e lhe beijou a mão.

Belle sentiu o calor de seu beijo viajando através de seu braço, diretamente até sua alma. — Guardarei para sempre.

O romantismo se apoderou do momento.

—Tem fome? — perguntou John, de repente, desesperado por desviar a conversa para assuntos mais prosaicos.

—Estou esfomeada.

John a conduziu até os postos de comida onde compraram tortinhas de espinafres e de morangos. Com os pratos na mão, caminharam até uma área tranquila no perímetro da feira. John estendeu seu casaco sobre o chão, sentaram-se sobre ele, e atacaram vorazmente os alimentos.

—Me deve um poema— recordou Belle entre dentadas na sua torta. John suspirou.

—Isso parece.

—Nem sequer tentou, não foi? —acusou-o Belle. —É obvio que sim. Só não o terminei.

—Então me diga o que escreveu até agora.

—Não sei— disse evasivamente. — Um verdadeiro poeta não desvelaria seu trabalho até estar seguro de tê-lo finalizado.

—Por favoooooor! —rogou ela, com uma expressão na cara que teria resultado natural em uma menina de uns cinco anos.

John não pôde resistir a semelhante rogo.

— OH, vale. Algo assim...

"Caminha bela, como a noite De climas limpos e céus estrelados;

E todo o melhor da escuridão e da luz
Resplandece em seu aspecto e em seus olhos.”

—OH, John— suspirou Belle, emocionada. —Foi precioso. Me fez sentir tão bonita. —É bonita.

—Obrigado— disse Belle, automaticamente. —Mas acredito que ser bonita não é tão importante como sentir-se bonita, e por isso seu poema me emocionou tão profundamente.

Era tão romântico. Era? espera um minuto. Sentou-se muito erguida franzindo as sobrancelhas em intensa concentração.

John concentrou, repentinamente, toda sua atenção na torta de espinafre que tinha nas mãos.

—Eu o ouvi antes— continuou Belle. —Acredito que o li. Recentemente, além disso. —Não sei como— murmurou John, muito consciente de que o tinham pego.

—Isso foi escrito por Lorde Byron! Não posso acreditar que tentou fazer passar uma poesia de Lorde Byron como tua! —Tinha me esquecido.

—Sei, mas isso não é desculpa para um plágio tão descarado. E aqui estava eu, pensando que você escreveu palavras tão formosas só para mim. Imagina minha desilusão.

—Imagina você a minha— resmungou John. — Estava seguro de que não o teria lido ainda. Se só foi publicado no ano passado.

—Tive que obrigar meu irmão a comprá-lo. Não vendem a obra de Lorde Byron nas livrarias para senhoras. Muito escandalosa, dizem.

—É muito engenhosa— queixou-se John, recostando-se e apoiando-se sobre os cotovelos. —Se tivesse se limitado a comprar o que vendem na livraria para senhoras, como deveria, eu não me veria neste apuro.

—Não o lamento nenhum um pouco— disse Belle maliciosamente. — Pareceu-me uma tolice que não me permitissem ler o que toda a sociedade sussurrava, e só porque sou uma mulher solteira.

—Se case— sugeriu ele humoristicamente— e então poderá fazer o que sentir vontade. Belle se inclinou para frente, com olhos brilhantes de entusiasmo.

—Lorde Blackwood, isso não terá sido uma proposta, certo? John empalideceu.

—Agora sim me tem verdadeiramente encurralado.

Belle recostou-se, tentando esconder sua desilusão. Não sabia o que a possuía para falar de forma tão escandalosa, e não tinha nem ideia de como acreditava que ele ia reagir. Ainda assim, que a acusasse de encurralá-lo, definitivamente, não era o que esperava.

—Sigo pensando que deveria escrever um poema— disse finalmente, com a esperança de que seu tom alegre encobrisse a tristeza que não era capaz de eliminar de seus olhos.

John aparentou considerar seriamente a ideia.

— E este? — perguntou, com um sorriso travesso.

“Não há nada mais querido a meu coração Que uma mulher coberta de tortinha de morango.”

Belle fez uma careta.

— É horroroso.

—Acha isso? Acreditei que seria dos mais românticos, considerando que tem tortinha de morangos na cara.

—Não tenho.

—Sim, tem. Justo aqui. — John estendeu um dedo e roçou ligeiramente a comissura de sua boca. Demorou um instante, desejando traçar o contorno de seus lábios, mas bruscamente se afastou, quase como se queimasse.

Expor-se muito à tentação. Ela somente tinha que sentar-se frente a ele em um piquenique improvisado, e todo seu corpo cobrava vida.

A mão de Belle se ergueu instintivamente para seu rosto, roçando o ponto onde ele acabava de tocá-la. Era engraçado como sua pele ainda formigava. Era estranho como a sensação se estendia lentamente por todo seu corpo. Contemplou John, que a olhava avidamente, seus olhos escuros ardendo de desejo insatisfeito.

—Há-há muitas pessoas perto, milord, — gaguejou finalmente.

John soube que estava nervosa. Nunca teria voltado para o uso repentino do título de "milord" de outra forma. Retrocedeu, mascarando seu olhar, consciente de que era seu ardor não dissimulado o que a fazia se sentir perturbada. Respirou profundamente várias vezes, obrigando-se a deter este insensato desejo. Seu corpo se negou, resistindo a ignorar a sedutoramente linda mulher sentada a menos de um metro dele.

John amaldiçoou entre dentes. Isto era uma loucura. Uma completa loucura. Fantasiava com uma mulher com a qual não tinha futuro. Ouviu a voz de Damián, seu irmão mais velho ressonando em sua cabeça.

—*Carece de título. Carece de título.* — John esboçou um sorriso sarcástico. Era engraçado as

voltas que a vida dava. Conseguiu um título, mas sua alma era negra como o pecado.

—John? — perguntou Belle suavemente. —Acontece algo? Está muito calado. Ele levantou a vista e se surpreendeu com a preocupação em seus olhos. —Não, só pensava, isso é tudo.

—Em que?

—Em você, — respondeu laconicamente.

—Bons pensamentos, espero— disse Belle, nervosa pelo sombrio tom de sua voz. John ficou de pé e estendeu a mão.

— Venha, vamos dar um passeio pelos bosques enquanto o sol ainda brilha. Levaremos os cavalos pelas rédeas atrás de nós.

Belle se levantou em silêncio e o seguiu até onde deixaram as montarias. A pé, se puseram lentamente em marcha, de volta, através do bosque, para Westonbirt e Bletchford Manor.

Os cavalos os seguiam obedientemente, detendo-se de vez em quando para investigar alguma das muitas pequenas criaturas que pulavam pelo bosque. Depois de aproximadamente uns quinze minutos de detestável silêncio, John se deteve em seco.

—Belle, precisamos conversar. —Precisamos?

—Sim, isto... —John lutou para encontrar as palavras corretas, mas sua mente estava em branco. — Isto que há entre nós... isto precisa acabar.

Uma sombria e profunda dor encolheu lentamente o estômago de Belle e começou a estender-se por todo seu corpo.

—Por quê? — perguntou suavemente.

Ele olhou ao longe, incapaz de enfrentar seu olhar. —Isto não vai a nenhuma parte. Deve entender.

—Não— disse ela bruscamente, sua dor a fez ser valente e possivelmente também um pouco estridente. — Não, não o entendo.

—Belle, não tenho dinheiro, tenho uma perna inútil, e com muita dificuldade consegui um título.

—Por que diz isso? Essas coisas não me importam. —Belle, poderia ter qualquer homem do mundo. —Mas quero você.

Sua apaixonada resposta flutuou no ar durante um longo minuto antes que John fosse capaz de dizer algo.

— Faço-o por seu próprio bem.

Belle retrocedeu, quase cegada pela dor e fúria. Suas palavras caíram sobre ela como uma bofetada, e histericamente se perguntou se alguma vez conheceria de novo um momento de felicidade.

—Como se atreve a ser condescendente comigo? — disse finalmente, mordendo as palavras. — Belle, acredito que não dedicou o tempo suficiente a considerar este assunto. Seus pais nunca a deixariam se casar com alguém como eu.

—Não conhece meus pais. Não sabe o que querem para mim. — Belle, é a filha de um conde.

—E como disse em outro momento, você é o filho de um conde, assim não vejo onde está o problema.

—Há um mundo de diferença, e sabe. — Sabia que se agarrava a um prego ardendo. Qualquer coisa para evitar dizer a verdade.

—É o que quer, John? — perguntou ela, com raiva. — Quer que rogue? É isso do que se trata? Porque não o farei. É esta uma espécie de perversa busca de elogios? Quer me ouvir explicar detalhadamente todos os motivos pelos quais te quero? Todos os motivos pelos quais pensei que fosse tão amável e tão nobre e tão bom?

John estremeceu ante seu intencionado uso do passado.

— Estou tentando ser nobre agora— disse rigidamente.

—Não, não o faz. Está tentando ser um mártir, e espero que isso te faça feliz, porque a mim certamente não fará.

—Belle, me escute, — implorou ele. — Não sou... não sou o homem que acha que sou. A rouca agonia de sua voz silenciou Belle, e o contemplou boquiaberta.

—Fiz coisas— disse ele rigidamente, virando-se de modo que não tivesse que ver sua cara.

— Fiz mal às pessoas. Fiz dano... fiz mal a mulheres.

—Não acredito. — Sua negativa surgiu veloz e fervente.

—Maldição, Belle! — virou-se com rapidez e estampou o punho contra o tronco de uma árvore. — O que é necessário para te convencer? O que precisa conhecer? Os mais negros segredos de meu coração? Quais fatos poluíram minha alma?

Ela retrocedeu um passo.

—N-não entendo o que diz. Não acredito que você saiba o que está dizendo.

—Farei mal a você, Belle. Farei isso sem querer. Farei mal e... Cristo, não é suficiente saber que te machucarei?

—Você nunca me faria mal— disse ela suavemente, estendendo uma mão para roçar sua manga.

—Não se engane pensando que sou um herói, Belle. Não o sou.

—Não acredito que seja um herói— interrompeu-o ela. —Não quero que seja um herói. —Deus — disse ele, com um sorriso sombrio e sarcástico. —Essa é a primeira coisa realista que disse todo o dia. Ela ficou rígida.

—Não seja cruel, John.

—Belle— disse ele, entrecortadamente. —Tenho um limite. Não me empurre além dele. —E o que se supõe que significa isso exatamente? — perguntou ela, irritada.

Ele a agarrou pelos ombros como se tentasse lhe inculcar sentido comum a base de sacudidas. *Deus bendito*, tinha-a tão perto que podia cheirá-la. Podia sentir os suaves fios de seu cabelo que o vento açoitava contra sua cara.

—Significa— disse, com voz profunda, — que estou fazendo uso de cada grama de auto controle que possuo para me conter e não te beijar neste mesmo instante.

—E por que não o faz? — perguntou ela, em um sussurro trêmulo. —Eu não te deteria. —Porque não poderia parar aí. Arrastaria meus lábios ao longo da suave longitude de sua garganta até chegar a esses diminutos e molestos botões de seu traje. E logo os desabotoaria devagar um a um e abriria a jaqueta. — Santo Deus, tentava torturar a si mesmo? — Usa uma regata de seda, não é verdade?

Para sua consternação, Belle assentiu.

John estremeceu enquanto ondas de desejo arrasavam seu corpo.

—Eu gosto da sensação da seda contra a pele— murmurou ele. —E você também. —Co-como sabe?

—Estava te olhando quando fez a bolha sobre o calcanhar. A vi se desfazer da meia.

Belle ofegou, surpreendida de que ele estivesse espiando, e, entretanto, estranhamente excitada por isso.

—Sabe o que faria? — perguntou John com a voz rouca, sem afastar nunca seus olhos dos dela.

Silenciosamente, ela negou com a cabeça.

—Inclinaria e te beijaria através da seda. Tomaria seu escuro mamilo em minha boca e o sugaria até que se convertesse em um pequeno e duro botão. E então, quando isso já não bastasse, deslizaria sua sedosa regata ao longo de sua pele até que seus seios ficassem livres e expostos, inclinaria me e voltaria a começar de novo.

Belle não moveu nem um músculo, paralisada pelo sensual impacto das palavras.

—E o que faria depois? — sussurrou, intensamente consciente do calor de suas mãos sobre seus

ombros.

—Deseja me castigar, não é mesmo? —perguntou John asperamente, aumentando a pressão de suas mãos sobre ela. — Mas já que pergunta... Desfaria me devagar de cada objeto de sua roupa até que estivesse maravilhosamente nua em meus braços. E logo começaria a te beijar, cada maldito centímetro, até que tremesse de desejo.

Com o cérebro nublado pela paixão, Belle ficou consciente de que, de fato, já estava tremendo.

—E depois te deitaria e cobriria seu corpo com o meu, te esmagando contra a terra. E então entraria em você, Deus, tão devagar, saboreando cada segundo em que te fizesse minha. — A voz de John se quebrou, e entrecortou o fôlego quando uma imagem de Belle com suas longas pernas nuas agarradas com força ao redor de sua cintura flutuou em sua mente. — O que tem a dizer sobre isso?

Belle ignorou a crua pergunta, seu corpo estava alagado das sensuais imagens que ele plantou lá. Estava ardendo, e o desejava, de todas as formas possíveis. Era agora ou nunca, sabia, e a aterrorizava a possibilidade de perdê-lo.

—Seguiria sem te deter— sussurrou.

A incredulidade e o desejo colidiram dentro de John até que bruscamente a afastou dele, sabendo perfeitamente que seria incapaz de resistir à tentação se continuasse tocando-a um segundo mais.

—Por Deus, Belle, sabe o que está dizendo? Sabe? — passou uma mão pelo cabelo, inspirando profundamente repetidas vezes, enquanto tentava ignorar o doloroso endurecimento de seu corpo.

—Sim, sei— disse Belle, quase gritando. —É só que você não escuta.

—Não sabe quem sou. Formou alguma romântica imagem do pobre e ferido herói de guerra. Não seria divertido estar casada com um verdadeiro herói de novela? Bom, pois tenho notícias para você, milady, esse não sou eu. Depois de alguns meses, daria conta de que não sou nenhum herói, e não é muito divertido estar casada com um aleijado empobrecido.

Uma raiva maior do que Belle jamais conheceu percorreu todo seu corpo, e se lançou contra ele, golpeando sem piedade com seus punhos seu peito.

—Bastardo! — gritou. —É um bastardo arrogante. Como se atreve a me dizer que não conheço minha própria mente? Acha-me tão estúpida que não posso ver como é realmente? Segue dizendo que fez algo ruim, mas não acredito. Acredito que o faz só para me afastar.

—OH, Deus, Belle— disse ele, com voz rouca. — Não é isso. É...

—Acha que me importa que sua perna seja lesada? Acha que me preocupa que seu título não tenha séculos de antiguidade? Não me importaria um cominho que não tivesse título algum!

—Belle— disse John, em tom apaziguador.

—Basta! Não diga nenhuma palavra mais. Me deixa doente! Acusa-me de ser uma mimada, mas é você quem é um esnobe. Está tão obcecado com os títulos e o dinheiro e a posição social que não permite a você mesmo tomar a única coisa que realmente deseja!

—Belle, apenas nos conhecemos a uma semana. Não vejo como pode ter decidido que eu sou o homem certo para você.

Mas enquanto John dizia as palavras, soube que mentia, já que ele chegara à mesma conclusão sobre ela.

—Começo a me questionar sobre isso— disse Belle, cruelmente, desejando feri-lo tanto como ele o fez com ela.

—Mereço isso, sei, mas logo compreenderá que fiz o correto. Talvez não amanhã, mas uma vez que sua cólera se esgote, compreenderá.

Belle virou a cabeça, não querendo deixá-lo ver como enxugava uma lágrima. Respirava entrecortadamente, e necessitou de vários minutos antes de ser capaz de erguer os ombros.

— Equivoca-se— disse em tom grave, virando-se para enfrentá-lo com a acusação em seus olhos. — Equivoca-se. Nunca aceitarei que faz o correto porque não o é! Está destruindo minha felicidade! — engoliu o nó de lágrimas que tinha na garganta.

—E a tua também, se só se incomodasse em olhar em seu coração.

John se afastou dela, acovardado pela firme honestidade de seus olhos. Sabia que não podia contar a verdadeira razão pela qual a separava de si, assim tentou apelar a seu sentido pratico.

—Belle, você foi criada com todos os luxos. Eu não posso te dar tudo isso. Nem sequer posso te oferecer uma casa em Londres.

—Isso não importa. Além disso, eu tenho dinheiro. John ficou rígido.

—Não aceitaria seu dinheiro.

—Não seja tolo. Estou segura de que tenho um dote enorme. Virou-se para ela, com olhar duro e mortalmente sério. —Não daria margem a que digam que sou um caça dotes.

—OH, é disso que se trata tudo isto? Está preocupado com o que as pessoas dirão? Deus santo, pensei que estava acima dessas coisas.

Belle deu meia volta e caminhou para sua égua, que estava mascando ociosamente um pouco de erva. Segurando as rédeas, montou o cavalo, desprezando asperamente a oferta de ajuda de John.

—Sabe de uma coisa? — perguntou, com tom cruel. — Tem razão. Não é a pessoa que acreditei

que fosse. — Mas a voz quebrou com a última palavra, e soube que ele podia ver através de seu falso desdém.

—Adeus, Belle, — disse John, sem entonação, sabendo que se não fosse agora, nunca seria capaz de deixá-la partir.

—Não vou te esperar— espetou Belle. —E um dia mudará de opinião e irá me querer. Irá me querer tanto que doerá. E não somente em sua cama. Irá me querer em sua casa e em seu coração e em sua alma. E terei ido.

—Não duvidei nem por um instante. — John não estava seguro se dissera as palavras ou simplesmente as pensou, mas em qualquer caso, estava claro que ela não as ouvira.

—Adeus, John— disse Belle, com voz abafada pelos soluços. — Sei que é amigo de Alex e Emma, mas ficaria agradecida se não voltasse a visitar Westonbirt até que eu tenha partido.

Com a vista nublada pelas lágrimas, esporeou a égua e se dirigiu de volta a Westonbirt rapidamente.

John a contemplou enquanto partia, e depois, quando já não podia vê-la, ficou escutando o som dos cascos de seu cavalo. Permaneceu de pé, imóvel, durante vários minutos mais, incapaz de digerir em sua mente tudo o que ocorrera. Depois de anos de vergonha e odiando-se, finalmente, fazia o correto, o honrável, mas se sentia como o vilão de uma das novelas da senhora Radcliffe.

Gemeu em voz alta e em seguida blasfemou brutalmente enquanto chutava uma rocha próxima. Isto era exatamente o que acontecera durante toda sua vida. Quando acreditava ter conseguido por fim o que desejava, quando o prêmio estava ao alcance de sua mão, descobria que era algo que sabia que nunca poderia ter. Bletchford Manor tinha sido seu sonho, um sonho de respeitabilidade, posição e honra, a maneira de demonstrar a sua família que podia consegui-lo por si mesmo, que não era necessário herdar um título e uma propriedade para ser um cavalheiro.

Mas com a aquisição de Bletchford Manor conhecera Belle, e era quase como se os deuses estivessem rindo dele, gritando, — *Vê, nunca conseguirá, John. Isto é o que nunca terá.*

Fechou os olhos com força. Fazia o correto, certo? Sabia que fizera mal a ela. A dor em seus olhos tinha sido cru e descarnada. Ainda podia ver seu rosto em sua mente. E então a Belle se uniu Ana, seus olhos condenando-o em silêncio.

—*Nãoooo— gemia.—Nãoooo.*

E depois ressonou a voz de sua mãe...

—*Poderia ter sido você.*

John abriu os olhos, tentando desterrar às mulheres de sua mente. Fazia o correto. Nunca poderia

ser a alma pura que Belle merecia. Uma imagem de seu sonho da noite anterior cintilou em sua mente. Ele estava sobre ela. E ela estava chorando.

Fazia o correto. Seu desejo por ela era muito intenso. Ela teria quebrado sob a força de sua paixão. Uma dor surda e vazia se instalou em seu peito, comprimindo seus pulmões. Em um movimento fluido, montou o cavalo e cavalgou ainda mais veloz que Belle. Enquanto atravessava o bosque, os galhos açoitavam brutalmente sua cara, mas John fez caso omissos, aceitando a dor como uma penitência.

Capítulo 9



Belle não conservava nenhuma lembrança de seu vertiginoso galope de volta a casa. Cavalgou sem prestar a menor atenção a sua segurança; a única coisa que parecia importar era retornar a Westonbirt e pôr tanta distância entre ela e John Blackwood quanto fosse possível.

Mas, uma vez que chegou a seu destino e subiu as escadas a toda velocidade compreendeu que Westonbirt não estava longe o bastante. Como podia permanecer com os primos quando o homem que quebrou o seu coração vivia só a um curto passeio de distância?

Entrou em seu quarto como um furacão, tirando a capa de um puxão, e procedeu a remover três bolsas de viagem do quarto de vestir. Furiosamente começou a colocar vestidos nelas.

—Milady, milady, o que faz?

Belle ergueu a vista. Sua dama estava de pé na entrada, com uma expressão horrorizada em sua cara.

—A bagagem— espetou. —O que é que parece que estou fazendo?

Mary se precipitou dentro do quarto e tentou arrebatar as bolsas das mãos. —Mas milady, você não sabe fazer a bagagem.

Belle sentiu que ardentes lágrimas ardiam em seus olhos.

— Não pode ser tão difícil! — exclamou.

—Necessita de baús para esses vestidos, milady, ou os amassará. Belle deixou cair as bolsas, sentindo-se, de repente, desinflada.

— Bem. Sim. É obvio. Tem razão. —Milady?

Belle engoliu com dificuldade, tentando manter suas emoções a bom resguardo, ao menos até que pudesse ir a outra residência.

—Só guarde tudo tão rápido como puder. Partirei assim que o duque e a duquesa retornem. Com isto, saiu velozmente do dormitório, correndo pelo vestíbulo até que chegou ao escritório de Emma, onde se trancou, soluçando freneticamente durante o resto do dia.



Emma e Alex não voltaram até uma semana depois. Belle não recordava o que fez durante esse tempo para manter-se ocupada. A maior parte dele se limitou a olhar fixamente para fora através da janela. Quando Emma chegou, ficou naturalmente perplexa ante a visão da bagagem de Belle esmeradamente empilhada em um pequeno nicho do vestibulo principal. Imediatamente procurou a prima.

—Belle, o que significa tudo isto? E por que usa meu vestido? Belle olhou o vestido violeta que usava.

—Embalei todos os meus. —Já. Por quê?

—Não posso ficar aqui.

—Belle, não tenho a menor ideia do que está falando. —Preciso ir a Londres. Amanhã.

—O que? Amanhã? Tem algo que ver com Lorde Blackwood?

A imediata expressão de desgosto no rosto de Belle foi tudo o que Emma necessitou para saber que sua hipótese era correta.

— O que aconteceu? Belle engoliu em seco. —Humilhou-me.

—OH, Senhor, Belle. Ele não ...?

—Não. Mas quem derá... Assim teria que casar-se comigo, e eu... — Interrompeu com um soluço. —Belle, não sabe o que está dizendo.

—Sei exatamente o que digo! Por que será que ninguém me acha com capacidade para conhecer minha própria mente?

Os olhos de Emma aumentaram ante a explosão da prima.

—Possivelmente deveria me contar o que aconteceu durante minha ausência.

Com voz trêmula, Belle contou sua história. Quando terminou, estava tão devastada pela dor que teve que sentar-se.

Emma também se sentou junto a Belle e colocou sua mão suavemente sobre seu braço.

— Iremos a Londres imediatamente— disse, com voz serena.

Pela primeira vez em uma semana Belle sentiu um tênue raio de vida em seu interior. De algum jeito, acreditava-se capaz de se curar, se pudesse escapar do lugar onde quebraram seu coração.

Olhou para Emma.

— Alex não gostará que vá.

—Não, não gostará, mas não me deixou muitas opções, verdade? —Poderia vir conosco. Não me

importaria.

Emma suspirou.

— Parece que precisa solucionar um importante assunto sobre as terras aqui.

Belle sabia o muito que sua prima lamentava separar-se do marido, mas apesar disso, estava desesperada por escapar.

—Sinto muito— disse, sem convicção.

—Não importa. —Emma ficou em pé e endireitou os ombros. — Faremos os preparativos para partir amanhã.

Belle sentiu como as lágrimas enchiam seus olhos.

— Obrigado.



Belle tinha razão em uma coisa:

Alex não achou nem um pouco divertido que sua esposa o abandonasse para ir a Londres. Belle não tinha nem ideia do que acontecera entre eles na privacidade do quarto, mas quando as duas damas desceram, no dia seguinte, os degraus da porta principal para sua carruagem, Alex não estava de bom humor.

—Uma semana— advertiu. — Uma semana, e vou buscar você.

Emma colocou uma mão sobre o braço dele e fez um gesto para que calasse.

— Querido, sabe que meus tios não voltam até dentro de quinze dias. Não posso voltar para casa até então.

—Uma semana. —Pode vir me visitar.

—Uma semana. — E então a beijou com tanta paixão que Belle ruborizou.

Pouco tempo depois as duas damas estavam comodamente instaladas na residência Blydon em Grosvenor Square. Agora que se afastou do John, Belle se sentiu fisicamente recuperada, mas seguia sem poder desfazer-se da melancolia que se apoderou de seu espírito.

Emma fazia todo o possível para comportar-se de forma insuportavelmente alegre, mas era óbvio que sentia falta de Alex. Ele não ajudava absolutamente, enviando duas cartas diárias, nas quais repetia o muito que sentia falta dela e que por favor voltasse para casa, que era aonde pertencia.

Belle não fez o menor esforço para fazer ninguém saber que estava de volta na cidade, mas ao

terceiro dia de sua volta, seu mordomo a informou que tinha uma visita.

—De verdade? — perguntou sem muito interesse. — Quem?

—O cavalheiro perguntou se podia lhe fazer uma surpresa, milady. O coração ficou na garganta.

—Tem o cabelo castanho e olhos escuros? perguntou freneticamente. —O cavalheiro deseja que seja uma surpresa.

Belle estava tão nervosa que agarrou o mordomo e o sacudiu. —De verdade? Por favor, diga-me.

—Sim, milady, disse isso.

Ela deixou cair suas mãos e se afundou em uma cadeira próxima. —Diga que não desejo vê-lo.

—Mas acreditei que o senhor Dunford era um bom amigo, milady. Eu não gostaria de despedi-lo.

—OH, é Dunford— Belle suspirou, com alívio e desilusão em partes iguais. —Diga que me reunirei com ele lá em baixo. — Demorou um momento em levantar-se e ir até o espelho para comprovar rapidamente seu aspecto.

William Dunford foi um bom e íntimo amigo durante muitos anos. Cortejou-a brevemente, mas logo se deram conta de que não faziam bom casal e decidiram não arruinar a amizade levando mais longe o romance. Ele era também o melhor amigo de Alex e desempenhara um papel importante na não fácil tarefa de ajudar Alex e Emma a encontrar o caminho até o altar.

—OH, Dunford, me alegro de te ver! —exclamou Belle, quando entrou no salão onde a esperava. Cruzou a sala para dar-lhe um rápido abraço.

—Também é estupendo ver você outra vez, Belle. Desfrutou de sua rústica experiência na casa dos recém casados?

—Westonbirt é encantador— respondeu Belle automaticamente, sentando-se em um sofá.

— Embora tivemos uma enorme quantidade de chuva.

Dunford se deixou cair preguiçosamente em uma cômoda cadeira. —Bem, isto é a Inglaterra, depois de tudo.

—Sim— respondeu Belle, mas sua mente estava a quilômetros de distância.

Depois de esperar pacientemente durante um minuto completo, Dunford finalmente disse. —Olá! Belle? Yuu-huu.

Belle retornou ao presente.

— O que? OH, sinto muito, Dunford. Estava pensando. —E obviamente não em mim.

Ela sorriu envergonhada. —Sinto muito.

—Belle, o que acontece? —Tudo está bem.

—Não, não está, isso é evidente. — Fez uma pausa e logo sorriu. —É um homem, não é? —O que?

—Ahá! Vejo que tenho razão.

Belle sabia que não tinha a mais remota possibilidade de enganá-lo, entretanto sentiu que ao menos deveria fazer uma pequena tentativa.

—Talvez.

—Ora! —riu Dunford. —Isto é estupendo. Depois de anos de homens caindo prostrados a seus pés rendidos de amor e devoção, a pequena Arabella sucumbiu finalmente.

—Isto não é engraçado, Dunford. —Ao contrário. É do mais divertido.

—Faz-me parecer como uma espécie de desumana princesa de gelo.

—Não, é obvio que não, Belle, —disse ele, imediatamente arrependido. — Devo reconhecer, que sempre foi extraordinariamente agradável com cada um dos jovens infestados de grãos que lhe solicitaram uma dança.

—Obrigado. Acredito.

—Razão pela qual provavelmente tantos rapazinhos cheios de espinhas lhe solicitam uma dança.

—Dunford, —adverteu Belle.

—É só que, depois de Deus sabe quantas ofertas de matrimônio, por nenhuma das quais mostrou jamais o menor interesse em aceitar, resulta divertido vê-la loucamente apaixonada de um modo similar. —Depois de sua longa explicação, Dunford se recostou. Quando Belle não fez nenhum comentário, acrescentou. — É um homem, não é?

—Como? o oposto a uma mulher? — ironizou Belle. — É obvio que é um homem.

—Bom, poderia não ter interpretado bem os sintomas. Poderia ser que tivesse morrido seu cão favorito.

—Não tenho cachorro— disse Belle mau humoradamente. — É um homem. —Não sente o mesmo por você?

—Não. — Sua voz estava extremamente triste. —Está segura?

—Tenho razões para acreditar que ele— Belle escolheu suas palavras cuidadosamente, — sente algo por mim, mas acredita que não deve atuar de acordo com seus sentimentos.

—Soa como algo excessivamente honroso, para seu próprio bem. —Algo assim.

—Só por curiosidade, Belle, o que tem este sujeito que te tem tão apaixonada por ele?

Seu rosto imediatamente se adoçou.

—Não sei, Dunford. Realmente não sei. Possui um maravilhoso sentido da honra. E de humor, também. Zomba de mim, não de modo malévolo, é obvio, e me deixa devolver as brincadeiras. E há algo tão bom nele. Ele não pode ver, mas eu sim. OH, Dunford, ele precisa de mim.

Dunford permaneceu silencioso alguns instantes.

— Estou seguro de que nem tudo está perdido. Podemos fazer que mude de opinião. —Nós?

Ele lançou um pícaro sorriso.

—Parece o mais divertido que me aconteceu em anos. —Não estou segura de que valerá a pena o esforço. —É obvio que sim.

—Não estou segura de que o queira de volta.

—É obvio que quer. Não ouviu suas próprias palavras não faz nem trinta segundos? —Quem derá sentisse tanta confiança como você.

—Olhe, Belle, durante os dois últimos anos estive me dizendo que quer um casamento por amor. Realmente está disposta a renunciar a isso só por um pouco de orgulho?

—Talvez encontre alguém agradável com quem casar— disse Belle, dúbia. — Estou segura de que poderia. Os homens me pedem isso todo o tempo. Não seria infeliz.

—Talvez não. Mas tampouco seria feliz. Belle se derrubou.

— Sei disso.

—Poremos meu plano em marcha esta noite. —Exatamente o que implica este plano?

—Da maneira que eu o vejo, se este tipo... como se chama? —John.

Dunford sorriu com afetação.

—Vamos, Belle, você pode fazê-lo melhor.

—Não, de verdade— protestou Belle. —Seu nome é John. Pode perguntar a Emma.

—Bem, então, se este tipo, John, realmente sente algo por você, vai se sentir cegado pelo ciúmes quando ouvir que está planejando se casar, embora ele tratasse de agir nobremente ao te deixar.

—Um plano interessante, mas com quem vou casar? —Comigo.

Belle lhe lançou um olhar de completa incredulidade. —OH, por favor.

—Não quis dizer que realmente vamos nos casar— replicou Dunford. E depois acrescentou um pouco à defensiva, —e não tem por que parecer tão enojada com a ideia. Sou considerado um partido razoavelmente bom, sabe?

—Simplesmente quis dizer que poderíamos lançar o rumor de que planejávamos um casamento. Se John realmente te quiser, isto deveria fazê-lo reagir.

—Não sei— disse Belle, evasiva. — E se na realidade não me quer? Então o que? —Então, me dê um fora, é obvio.

—Não se importaria?

—É obvio que não. Isso fará maravilhas em minha vida social, na realidade. Teria legiões de pequenas preciosidades me oferecendo consolo.

—Parece que prefiro te manter a margem disto. Talvez, simplesmente poderíamos lançar o rumor de que decidi me casar e não mencionar ninguém em particular.

—E quanto longe chegaria essa intriga? —respondeu Dunford. —Todo mundo em Londres planeja casar-se. Ao homem não chegará nenhuma palavra a respeito, sobre tudo se vive sepultado no campo.

—Não, mas o mais seguro é que não se inteire de nenhum rumor, sem importar quão succulento seja. Não se mantém à corrente das idas e vindas da alta sociedade. A única forma em que ele averiguaria que planejamos nos casar é se puséssemos um anúncio no Times.

Dunford empalideceu ante a mera menção.

—Só assim, — insistiu Belle. —A única maneira em que um rumor vai chegar é se não for realmente um rumor, mas sim bem uma informação deliberadamente interposta em seu caminho. — Engoliu nervosa, quase incapaz de acreditar que estivesse considerando tal plano. — Possivelmente poderíamos incluir Emma em nosso plano. Ela poderia mencionar por acaso ao John que decidi me casar. Não terei que usar seu nome. Assim, não terei que mencionar nenhum nome, somente fazer chegar a notícia de que estou a ponto de anunciar meu compromisso.

—Não resultará estranho que ela simplesmente se deixe cair por sua casa? —São vizinhos. Não há nada suspeito em que lhe faça uma visita para saudá-lo. Dunford se recostou e sorriu com regozijo, fazendo cintilar seus dentes brancos.

—Uma estratégia excelente, Arabella. E isto me salva de ter que fingir que estou apaixonado por você.

Ela moveu a cabeça. —É impossível.

—Se seu galã não aparecer em cena montando em um cavalo branco e com armadura brilhante

para te levar ao pôr-do-sol, bem, então terei que dizer que, para começar, não vale a pena.

Belle não estava completamente segura disso, mas ainda assim assentiu.

—Enquanto isso, deveríamos te pôr em circulação. Este tipo, John... qual disse que era seu sobrenome?

—Não o disse.

Dunford ergueu uma sobrancelha, mas não a pressionou para que lhe desse mais detalhes. —O que ia dizer é que sua pequena mentira não vai parecer muito convincente se souber que se sepultou neste mausoléu desde que chegou.

—Não, creio que não, mas quase não há ninguém na cidade agora. Não há muitos lugares onde mostrar-se.

—Me convidaram, o que estou seguro que será uma noite musical extremamente horrorosa, esta noite e como o anfitrião é um parente longínquo, não tenho como evitar o compromisso.

Belle entreceitou os olhos.

—Não será uma de suas primas Smythe-Smith outra vez, verdade? —Receio que sim.

—Acredito recordar que disse que nunca assistiria a outro de seus recitais. Depois do último, estou convencida de saber exatamente como soaria Mozart interpretado por um rebanho de ovelhas.

—O que se pode esperar quando foram amaldiçoados com um nome como Smythe-Smith? De todas as formas, não tem outra opção. Já decidimos que precisa se deixar ver, e não vejo os convites transbordando.

—Que amável de sua parte me recordar isso.

—Tomarei isso como um sim e passarei para te recolher esta noite. E não pareça tão mal-humorada. Suspeito que esse seu galã atracará à cidade a qualquer momento a partir de hoje, e então estará a salvo de todos os futuros massacres musicais.

—Não aparecerá ao menos até dentro de duas semanas, na realidade, porque Emma ficou como minha acompanhante até a volta de meus pais da Itália. Não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, e de todas formas, duvido que ele acreditaria que me apaixonei por alguém tão rapidamente. Receio que terá que aguentar minha companhia durante uma quinzena. A condição de que, é obvio, não precise assistir a mais veladas musicais.

—Nunca seria tão cruel. Até esta noite então, Belle. — Com um sorriso libertino, Dunford se pôs de pé, inclinou-se elegantemente, e saiu do salão.

Belle permaneceu sentada no sofá vários minutos depois de sua ida, perguntando-se por que não

podia ter se apaixonado por ele em vez de John. Simplificaria tudo tanto. Bom, talvez não seria tão simples, já que Dunford não sentia amor por ela, ao menos não mais amor do que um amigo sentia por outro.

Belle se pôs de pé e se dirigiu para cima, perguntando-se se empreendera um curso de ação correto. O fracasso seria incrivelmente doloroso, mas sabia que seria incapaz de viver consigo mesma, se, ao menos, não tentasse forjar uma vida em comum com John.

Só precisava esperar um par de semanas.

Capítulo 10



Não obstante, Belle não precisou esperar uma quinzena para pôr o plano de Dunford em ação. Exatamente uma semana depois que ela e Emma chegassem a Londres, Alex atravessou a passos largos a porta principal com uma dama de meia idade, ligeiramente rechonchuda, correndo em seus calcanhares.

Belle casualmente passava pelo vestíbulo quando ele irrompeu na casa.

— OH, Senhor"— suspirou sem fôlego, observando a comoção com olhos divertidos. —Onde está minha esposa? — exigiu Alex.

—Lá em cima, creio, —respondeu Belle.

—Emma! — bramou ele. — Emma, desce agora mesmo. Em poucos segundos Emma apareceu no alto da escada.

— Alex? —disse ela, incrédula. — Que demônios faz aqui? E quem é você, é, convidada? — Sua semana terminou— declarou ele rotundamente. — Vamos para casa.

—Mas?

—E esta— interrompeu Alex, energicamente, assinalando à dama que estava a seu lado; — é minha tia avó Persephone, que amavelmente concordou em atuar como acompanhante de Belle.

Belle contemplou o aspecto despenteado de Persephone e sua expressão manifestamente mortificada e se perguntou se a senhora teve a mínima possibilidade de escolha. Depois de uma olhada ao decidido rosto de Alex, concluiu que, sem dúvida, não teve.

—Persephone? —repetiu Emma, fracamente.

—Meus pais eram interessados em mitologia— disse a senhora com um sorriso. —Já vemos— disse Alex, — que seus pais gostavam de mitologia. Isso explica tudo. —Explica? — perguntou Belle.

Alex lhe disparou um olhar tão aceso que Belle fechou a boca na mesma hora.

—Emma— disse ele, suavemente, começando uma lenta subida pelas escadas. —É hora que volte para casa.

—Sei, eu também sinto saudades, mas só ia ficar fora outra semana, e não posso acreditar que arrastou sua tia através de meio país.

Persephone sorriu.

—Por todo o país, na realidade. Sou de Yorkshire.

Belle engoliu uma gargalhada e decidiu que ela e Persephone se dariam muito bem. —Faça sua bagagem, Emma.

Belle e Persephone contemplaram o casal com interesse não dissimulado até que se derreteram um nos braços do outro e os lábios de Alex capturaram os de Emma em um beijo abrasador.

Nesse momento, Persephone virou-se discretamente. Belle, entretanto, manteve um olho curioso sobre o casal, mas teve a delicadeza de ruborizar. Eles simplesmente seguiram beijando-se e beijando-se até que o momento se tornou verdadeiramente embaraçoso para Belle, Persephone, e os seis criados que ocupavam seus lugares no vestíbulo principal.

Tentando tirar o melhor proveito de uma situação bastante estranha, Belle sorriu alegremente a Persephone e disse;

— Como vai? Sou Lady Arabella Blydon, mas imagino que já sabia. A velha senhora assentiu.

— Eu sou a senhorita Persephone Scott.

—Encantada de conhecê-la, senhorita Scott. —OH, por favor, me chame Persephone. —A mim, chamam Belle.

—Bom, bom. Imagino que nos daremos muito bem. — Persephone deu uma rígida olhada por cima de seu ombro e clareou a garganta.—Continuam? — perguntou em um sussurro. Belle ergueu o olhar e assentiu.

— É só durante uma semana.

—Vão continuar assim durante uma semana?

—Não, — riu Belle. — Quis dizer que meus pais têm previsão de voltarem dentro de uma semana. Então será livre para fazer o que desejar.

—Espero fazê-lo. Alex me pagou o resgate de um rei para me convencer a vir. —De verdade?

—Sim. É obvio, teria vindo mesmo que só me tivesse pago os gastos da viagem. Não venho a Londres muito frequentemente. Isto é uma verdadeira aventura para mim.

Mas antes que pudesse dizer uma palavra, adiantou-se e me ofereceu uma soma esplêndida. — Aceitei imediatamente.

—E quem não o faria?

—Quem, de fato. —Persephone fez uns torpes gestos com a cabeça. —Seguem beijando-se— disse Belle, interpretando corretamente seu sinal.

—Seu comportamento não é exatamente, é, cortês. Sobre tudo com uma jovem solteira perto. — Contemplou Belle e sorriu. — Nunca fui a acompanhante de uma senhorita antes. Como soou?

—Não o bastante severo. —Não o foi?

—Não, mas prefiro assim. E não se preocupe com eles. — Belle fez um gesto com a cabeça sobre seu ombro para o apaixonado casal no alto das escadas. —Geralmente são muito mais circunspetos. Suponho que, bom, sentiam falta um do outro. Estão separados durante uma semana, já sabe.

—Bem, creio que teremos que perdoá-los. Evidentemente estão apaixonados.

—Sim, estão— disse Belle suavemente, e então soube que estava fazendo o correto com respeito a John, porque ela verdadeiramente desejava alguém em sua vida que a amasse e a desejasse tanto que fosse capaz de beijá-la durante cinco minutos seguidos diante de oito testemunhas. E isso a levou a conclusão de que, é obvio, o homem em questão teria que ser alguém a quem ela amasse tão desesperadamente que lhe devolveria o beijo, e as favas com os espectadores.

Belle suspirou. Teria que ser John. Entretanto, de repente se deu conta de que não contara ainda a Emma o plano.

— OH, Deus— exclamou. Precisava encontrar um momento a sós com ela antes que Alex a arrastasse de volta a Westonbirt, e pelo modo como se comportavam, certamente que fariam toda a viagem de volta com os lábios colados um ao outro.

—Acontece algo? —perguntou Persephone.

—OH, Deus. —ele se lançou escada acima e arrancou a mão de Emma do cabelo de Alex. — Lamento, Alex, isto parece muito entretido, mas preciso falar com Emma. É muito importante. — Deu a Emma um vigoroso empurrão.

Alex estava envolvido em uma espécie de neblina induzida pela paixão, e foi provavelmente essa debilidade que permitiu que Belle arrancasse Emma de seu abraço.

Segundos depois, ambas as mulheres estavam a salvo no dormitório de Emma. Belle fechou rapidamente a porta.

— Necessito que faça algo por mim.

Emma a contemplou sem expressão, bastante aturdida ainda pelo apaixonado beijo de Alex. Belle estalou os dedos um par de vezes diante da cara da prima.

—Olá! Acorda! Já não está te beijando. —O que? OH, sinto muito. O que necessita?

Belle rapidamente expôs seu plano. Emma não estava segura de que fosse funcionar, mas

concordou em representar sua parte.

—Só uma coisa— acrescentou. —Realmente vai acreditar que o esqueceu tão rapidamente? — Não sei, mas se vier a Londres, logo descobrirá que não estive aqui sentada como uma alma penada. Dunford se assegurou que fosse apresentada ao maior número de solteiros. Três condes a semana passada e um marquês, parece-me. É verdadeiramente surpreendente a quantidade de pessoas que ficam aqui em Londres uma vez acabada a temporada. —Espero que saiba o que está fazendo.

—Não tenho nem ideia do que faço— admitiu Belle com um suspiro. — Mas não sei mais o que fazer.



John submergiu no trabalho em Bletchford Manor, fiscalizando as renovações da casa, e inclusive dando uma mão em um par delas. O trabalho físico era, de uma maneira estranha, calmante; de vez em quando até conseguiu pensar em outra coisa que não fosse Belle.

O trabalho em sua casa e as terras circundantes o mantiveram ocupado durante o dia, e tentou dedicar as tardes a seus assuntos financeiros, impaciente por refazer os recursos que utilizou para comprar Bletchford Manor.

Mas quando a tarde se convertia em noite, encontrou-se com que seus pensamentos se extraviavam para a donzela loira, que, nesse momento, residia a três horas de distância, em Londres. Com certeza, não perdera tempo para ir tão longe dele como fosse possível. Não podia evitar recordar cada momento que passou em sua companhia, e cada cena que rememorava em sua cabeça se assemelhava a uma pequena adaga em seu coração. Despertava quase cada noite duro e excitado, e sabia que esteve sonhando com ela.

Considerou brevemente fazer uma viagem a um povoado próximo para encontrar uma mulher que pudesse satisfazer sua doença, mas abandonou a ideia, compreendendo que nenhuma mulher podia fazê-lo sentir-se melhor. Nenhuma mulher exceto Belle, claro.

Ficou surpreso quando Buxton anunciou que a Duquesa de Ashbourne chegara. Não perguntaria por Belle, disse-se enquanto se dirigia ao salão azul a saudá-la.

—Olá, sua Excelência— disse cortesmente. Emma estava radiante, e seu cabelo tinha um brilho especial.

—Acreditei haver dito que me chamasse Emma— repreendeu ela. —Sinto muito. O costume, creio.

—Como vai?

—Bem. Como está Belle? — Se pudesse dar um chute em si mesmo, sem que a duquesa notasse, o teria feito. Com força.

Emma sorriu com astúcia quando compreendeu que o plano de Belle seria um êxito glamoroso.

—Muito bem.

—Bem. Me alegro por ela. — E se alegrava, supôs, embora teria sido agradável se tivesse sentido saudades mesmo que fosse só um pouco.

—Está pensando em casar, de fato. —O que?

Emma se encontrou desejando que existisse algum modo de capturar a expressão de John para a posteridade, porque não tinha preço.

—Disse que esta pensando em se casar. —Ouvi— disse John, com brutalidade. Emma sorriu de novo.

—E quem é o afortunado?

—Não me disse, na realidade. Só me disse que era alguém que conheceu em Londres na semana passada. Um conde, parece, ou talvez fosse um marquês. Participou de muitas festas.

—Obviamente. — John não fez o menor esforço para ocultar o sarcasmo de sua voz. —Parece que se diverte.

—Certamente não demorou muito em encontrar um homem— disse ele mal-humorado. —Bem, já sabe como é isso.

—Sei como é o que?

—OH, o amor à primeira vista e tudo isto. —Sim, — disse John, enigmaticamente.

—De fato? — disse Emma, inclinando-se para frente. —O que?

Sou brilhante, pensou Emma. Absolutamente brilhante.

— De fato— repetiu, — disse que recordava um pouco você.

A fúria, o ciúmes, o ultraje, e outras cem emoções repugnantes açoitaram John em proporções desmesuradas.

—Que bom para ela— disse glacialmente, mordendo as palavras.

—Sabia que se alegraria— disse Emma em tom leve. — Apesar de tudo, foram bons amigos. — Sim, fomos.

—Assegurarei de que lhe chegue um convite para as bodas. Estou segura de que significará muito para Belle tê-lo lá.

—Estarei ocupado na ocasião.

—Mas não sabe quando será as bodas. Não marcaram data ainda. —Estarei ocupado— repetiu John, com voz dura.

—Já vejo.

—Sim, estou seguro de que o faz. —John se perguntou se a esposa de Alex era extraordinariamente cruel ou somente extremamente ingênua. —foi muito amável ao me visitar com notícias de Belle, mas receio que há um assunto de que devo me ocupar imediatamente.

—Sim, é obvio— disse Emma, levantando-se com um cálido sorriso. —Transmitirei suas felicitações a Belle. — Quando ele não fez nenhum comentário, lhe ofereceu um olhar inocente e perguntou: —Deseja o melhor a ela, não é?

John apenas grunhiu.

Emma retrocedeu e sufocou uma risada.

—Direi que manda saudações, então. E por favor, venha nos visitar logo. Alex gostaria de lhe ver, estou segura.

Enquanto descia os degraus para sua carruagem, lhe ocorreu que deveria enviar a Belle uma nota advertindo que John chegaria a Londres muito, muito em breve.

John olhou Emma desaparecer degraus abaixo. Logo que ficou fora de sua vista, blasfemou brutalmente, deu um chute à parede de sua casa para enfatizá-lo, e caminhou a passos largos de volta a seu escritório onde se serviu um generoso copo de uísque.

—Fêmea maldita, inútil, e volúvel, —resmungou, dando um formidável trago. O licor deixou um rastro de fogo ao passar por sua garganta, mas John mal o sentiu.

—Casar-se? —disse em voz alta. —Casada? Maldita! Espero que seja imensamente desgraçada. — Consumiu o resto da bebida de um gole e se serviu de outro. Infelizmente o uísque não sufocou a dor que oprimia seu coração.

Quando disse a Belle que estaria melhor sem ele, não sonhou que resultasse tão insuportavelmente doloroso pensar nela nos braços de outro homem. OH, imaginou que ela se casaria algum dia, mas a imagem havia sido nebulosa e desfocada. Agora não podia tirar da cabeça a imagem dela e esse conde anônimo ou quem quer que fosse. Seguiu vendo-a sorrir daquele modo tão peralta dela e em seguida inclinar-se para beijá-lo. E logo uma vez que eles estivessem casados, *OH, Deus, era horrível*. Podia ver Belle, nua à luz das velas, estendendo seus braços a esse estranho.

E logo seu marido cobriria o corpo dela com o seu e...

John esvaziou seu segundo copo de uísque. Ao menos não sabia que aspecto tinha o homem. Assim não teria que imaginar a cena com todos os detalhes.

—Maldição, maldição, maldição, maldição, maldição— resmungou, recalcando cada maldição com um chute à lateral de sua escrivaninha. A escrivaninha ganhou facilmente a batalha, sendo de sólido carvalho, e o pé do John mostraria sem dúvida contusões ao dia seguinte.

Seria assim durante o resto de sua vida? Foi ao povoado outro dia, e cada mulher o recordou Belle.

Tropeçou com uma que tinha olhos quase tão azuis como os dela. Outra era mais ou menos de sua altura. Daria um tombo seu coração sempre que divisasse uma mulher loira através de uma multidão? Deixou-se cair ao chão, e se apoiou contra a escrivaninha.

— Sou um asno— gemeu. — Um asno.

E aquela ladainha soou em sua mente até que finalmente dormiu.

Estava caminhando por uma casa. Era luxuosa e opulenta. Intrigado, John entrou mais nela. O que era esse estranho som como de um tamborilar?

Procedia de um quarto ao final do corredor. Caminhou para ele, aterrorizado pelo que pensou que poderia encontrar lá.

Mais perto. Mais perto. Não eram golpes, depois de tudo. John sentiu que o medo abandonava seu corpo. Era... um baile. Alguém dançava. Agora podia ouvir a música.

Abriu a porta. Dava a um salão de baile. Centenas de pares giravam ao ritmo da valsa sem esforço algum. E no centro... O coração parou.

Era Belle.

Estava tão formosa. Ela virou a cabeça e riu. Já a vira alguma vez tão feliz? John se aproximou. Tentou ver o rosto de seu companheiro de baile, mas os traços do homem sempre estavam imprecisos.

Uma atrás da outra, os demais pares de dança desapareceram até que só ficaram três pessoas no salão. John, Belle, e Ele. Precisava escapar. Não podia suportar contemplar Belle com seu amante. Tentou mover-se, mas seus pés pareciam presos ao chão. Tentou olhar a outra parte, mas seu pescoço se negava a virar.

A música se fez mais rápida. O par de bailarinos girava sem controle até que... se detiveram. John entrecerrou os olhos, tentando ver melhor. O que acontecia? O par discutia. Belle parecia estar tentando explicar algo ao homem. E então ele a golpeou. O dorso de sua mão se estampou contra sua face, seu anel deixou um sinal vermelho cruzando sua pálida pele.

John gritou seu nome, mas o casal não pareceu ouvi-lo. Tentou aproximar-se deles, mas os pés que acabavam de negar-se a levá-lo para fora do salão, tampouco o levaram em direção contrária. O homem a golpeou outra vez, e ela caiu ao chão, seus braços se elevaram para proteger a cabeça. John estendeu a mão, mas seus braços não eram o bastante longos. Gritou o nome dela, uma e outra vez, e então, benditamente, o casal se desvaneceu ante sua vista.

Na manhã seguinte, John não despertou compadecendo de si mesmo, embora tinha uma dor de cabeça digna de compaixão, por outro lado. Não estava seguro do que sonhara a noite anterior, mas independentemente do que tivesse sido, deixara-o com a convicção de que não ia permanecer de braços cruzados vendo como Belle estragava sua vida com algum conde dissoluto.

Que ele não soubesse com certeza se seu prometido era um conde ou se era dissoluto ou não, não tinha a menor importância. E se a golpeasse? E se a proibisse ler? John sabia que ele não era o bastante bom para ela, mas também estava seguro de que ninguém mais tampouco seria. John, ao menos, tentaria fazê-la feliz. Daria tudo que possuía, daria cada pedaço de sua alma que seguisse intacto.

Belle estaria com alguém que apreciaria sua sagacidade e sua inteligência, assim como sua gentileza e beleza. Podia imaginá-la vivendo na necessidade de introduzir em sua casa os livros a custas de seu desaprovador e aristocrático marido. Provavelmente este nem sequer a consultaria sobre nenhuma decisão importante, dando por sentado que uma mulher não era o bastante inteligente para oferecer uma opinião digna de ser levada em conta.

Não, Belle o necessitava. Precisava salvá-la de um matrimônio desastroso. E depois, supôs, simplesmente teria que casar-se com ela ele mesmo. John era consciente de que estava a ponto de protagonizar uma das maiores mudanças radicais de opinião da história. Só restava esperar que Belle entendesse que ele se deu conta por fim de que ela teve razão desde o começo.

As pessoas cometiam enganos, não? depois de tudo, ele não era nenhum infalível herói de alguma lenda.



—Não, Persephone, acredito que deveria manter-se afastada da lavanda.

Belle e sua acompanhante tinham saído às compras. Persephone estava impaciente por separar-se de parte da generosa retribuição que Alex lhe pagou.

—Sempre me encantou a lavanda. É uma de minhas cores favoritas.

—Bem, então procuraremos um vestido com detalhes lavanda, mas receio que um traje inteiro

desta cor não lhe caia tão bem como outras cores.

—O que me sugeriria?

Belle sorriu à idosa dama enquanto escolhia uma peça de veludo verde escuro e a sustentava sob seu queixo. Estava desfrutando muito do tempo que passava na companhia da tia de Alex, embora às vezes parecesse que seus papéis se inverteram. Persephone pedia constantemente sua opinião sobre tudo, da comida, até a moda ou a literatura. Ela raramente saía de Yorkshire, lhe explicou, e não tinha nem ideia de como desenrolar-se em Londres. Ainda assim, Persephone possuía um rápido engenho e um subestimado senso de humor que encantavam Belle.

Mas não era o companheirismo de Persephone o que plantou um alegre e pronto sorriso no rosto de Belle essa tarde. Acabava de receber uma mensagem urgente de Emma no qual avisava que se preparasse para a chegada de John a qualquer momento. Pelo visto, não havia recebido a notícia de seu iminente matrimônio muito bem.

Bem, pensou Belle satisfeita. Estremeceu ao pensar em como teria reagido se alguém lhe desse uma notícia similar sobre John. Provavelmente teria ansiado arranhar os olhos da mulher. E ela não era, geralmente, uma pessoa violenta.

—Está segura de que este verde será acertado? — perguntou Persephone, olhando o tecido de modo duvidoso.

Belle saiu de seu sonho.

—Hmmm? OH, sim. Possui adoráveis brilhos esverdeados nos olhos. Acredito que esta cor os realçará.

—De verdade? — Persephone sustentou a peça de veludo contra seu rosto e se olhou ao espelho, inclinando a cabeça com um gesto de paquera feminina.

—OH, de verdade, e se gosta tanto do tom lavanda, possivelmente poderia substituí-lo por este violeta profundo. Acredito que a favorecerá muitíssimo.

—Um!, talvez tenha razão. Realmente adoro os tons violetas. Sempre usei perfume de violetas.

Com o interesse de Persephone corretamente encaminhado, Belle vagou pela loja da não tão francesa proprietária como seu nome sugeria, Madame Lambert.

—OH, Lady *Agabella*— borbulhou Madame. — É *magaviloso* tê-la de novo aqui. Não a vimos em muitos meses.

—Estive no campo— respondeu Belle, com simpatia. —Posso lhe fazer uma encomenda especial?

Os olhos azuis de Madame Lambert cintilaram de entusiasmo, e também, pela perspectiva de que o encargo de Belle lhe fizesse ganhar uma grande soma de dinheiro.

—*Ouí?*

—Necessito um vestido. Um vestido muito especial. Dois vestidos muito especiais, na realidade. Ou talvez três. — Belle franziu o cenho enquanto considerava seu pedido.

Precisava ter um aspecto arrebatador quando John chegasse a Londres. Por desgraça, não tinha nem ideia de quando chegaria, ou de - não queria nem pensar- se realmente viria.

—Isso não *tem pogque seg* um *pgoblema*, milady.

—Necessito de um vestido completamente diferente dos que geralmente compro. Algo mais... fascinante.

—Já vejo, milady. — Madame Lambert sorriu perspicaz. — Talvez deseja *atgaeg* a um *cavalheigo* em *pagticular*. *Conseguigue* que tenha um aspecto *facinantg*. Bem, para quando necessita esses vestidos?

—Esta noite? —A resposta de Belle foi mais uma pergunta que uma resposta.

—Meu Deus! —gritou Madame Lambert, esquecendo por completo seu falso acento— Sou boa, mas não posso realizar milagres!

—Pode falar mais baixo? — sussurrou Belle, com urgência, olhando nervosamente ao redor. Caía-lhe muito bem Persephone, mas não acreditava que tivesse que saber que sua protegida planejava uma sedução. —Só necessito um deles para esta noite. O resto pode esperar. Ao menos até amanhã. Não deveria ser tão difícil. Tem todas as minhas medidas. Asseguro que não engordei nem um grama desde minha última visita.

—Pede muito, milady.

—Se não estivesse absolutamente convencida de que pode fazê-lo, não o teria pedido. Depois de tudo, poderia ter encarregado Madame Laroche. — Belle sorriu e deixou que as palavras flutuassem no ar.

Madame Lambert suspirou dramaticamente e disse.

— Tenho um vestido. *Ega paga otga* dama. Bom, não exatamente uma dama. —Ante a expressão de horror de Belle, apressou-se a acrescentar;—Mas tem um gosto delicioso, *assegugo*. Ela, humm, ficou sem recursos e não pôde *paga-go*. Com uns poucos ajustes, *greio* que *segvirgá*.

Belle assentiu e avisou Persephone de que ia um momento à parte de trás. Seguiu Madame Lambert, que a conduziu a um provador.

—Se o que deseja for *atgair* um homem *sem pagecer* vulgar— disse a costureira, — então isto é o que necessita. — Com um floreio, tirou um vestido de veludo azul meia-noite que era chamativo por sua simplicidade.

Livre de adornos, o elegante corte realçava seu estilo.

Belle acariciou o suave veludo, admirando o modo em que o sutiã estava bordado com fios de prata.

—É encantador— disse. — Mas não é muito diferente dos que já possuo.

—Pela frente, é igual ao gesto, mas *atgas*... — Madame Lambert virou o vestido, e Belle se deu conta de que a maior parte das costas ficaria ao nu. —*Tegá* que *usag* o cabelo *prgeso*— continuou a costureira, — e assim não ocultará seu efeito.

A contra gosto Belle afastou o olhar do vestido e o cravou na costureira.

— Fico com ele.



John chegou a Londres em um tempo recorde, considerando que não avisara Wheatley com muita antecipação. O eficiente criado fez sua bagagem com notável velocidade. John esperava que não levasse muito tempo reconquistar o favor de Belle, já que duvidava possuir suficiente roupa elegante para muito mais de uma quinzena. Sempre foi muito suscetível com respeito à qualidade, mas esta era cara, portanto não possuía muito.

Suspirou enquanto subia os degraus que levavam a porta principal da casa da cidade de seu irmão mais velho. Não vira Damien em anos, embora recebesse uma breve nota de parabéns por sua ascensão à nobreza.

Provavelmente Damien não se sentiria comovido ao vê-lo, mas não podia expulsar o próprio irmão, ou sim? E, além disso, John não tinha outra opção. Não dispunha de tempo para procurar uma residência conveniente e alugá-la. Pelo que ele sabia, Belle poderia estar já prometida.

Suspirando outra vez, pegou a pesada aldrava de cobre e a deixou cair de repente contra a porta. Um mordomo apareceu quase imediatamente.

—O conde está em casa? — perguntou John cortesmente. —A quem devo anunciar?

John lhe deu um antigo cartão de visita. O mordomo observou seu sobrenome e ergueu uma sobrancelha.

—Seu irmão— disse John simplesmente.

O mordomo introduziu John em uma espaçosa salinha que dava ao vestíbulo principal. Minutos mais tarde Damien entrou na sala, e a surpresa era evidente em sua cara. Como sempre, John se sobressaltou pela semelhança entre eles. Damien era uma versão mais velha e ligeiramente mais suavizada dele mesmo e não aparentava seus trinta e nove anos. Sempre foi de aparência agradável, de uma maneira clássica, enquanto que o rosto de John era um pouco fino e anguloso para encaixar nos padrões de aristocrática elegância.

—Passou uma eternidade— disse Damien, finalmente, estendendo a mão. — O que o traz para a cidade?

John pegou a mão do irmão e deu um firme aperto.

—Tenho um assunto urgente para resolver em Londres, e temo que não tive tempo para procurar alojamento antecipadamente. Esperava poder abusar de sua hospitalidade enquanto resolvo meu negócio.

—É obvio.

John sabia que Damien estaria de acordo. Duvidava de que seu irmão se sentisse entusiasmado, ou sequer remotamente satisfeito por sua petição, mas Damien tinha em alta estima as boas maneiras e a criação e evidentemente não negaria a hospitalidade a seu próprio irmão. A condição, é obvio, de que seu irmão não abusasse deste privilégio.

—Agradeço isso— respondeu John. —Asseguro que se em uma quinzena não tiver resolvido, procurarei imediatamente outro alojamento.

Damien assentiu elegantemente. —Vem alguém contigo?

—Só meu camareiro.

—Excelente, então posso assumir que trouxeste traje de noite? —Sim.

—Bem. Convidaram-me a uma pequena reunião esta tarde, e a anfitriã me enviou uma nota não faz nenhuma hora me perguntando se podia levar um cavalheiro mais. Alguém adoeceu a última hora, parece, e agora há muitas mulheres.

A ideia de alternar em sociedade não atraiu John nem um pouco, mas concordou, porque assim talvez poderia questionar com quem Belle pensava se casar.

—Excelente— respondeu Damien. — Enviarei uma nota a Lady Forthright imediatamente. OH, e assim poderá conhecer a mulher que estou pensando pedir em matrimônio. É hora de conseguir uma esposa, já sabe. Necessito de um herdeiro.

—É obvio— murmurou John.

—Acredito que ela é uma excelente escolha, embora talvez precise conhecê-la melhor. De boa criação e bastante encantadora. Inteligente, mas não muito.

—Soa sem comparação. Damien se virou de improviso.

—Talvez a conheça. Recentemente passou um mês mais ou menos visitando parentes perto de sua nova casa. Como se chama? Não posso recordar.

John sentiu que uma desagradável e angustiosa sensação se formava na boca de seu estômago estendendo-se rapidamente por todo seu corpo.

— Chama-se Bletchford Mano— disse com frieza. —Um nome terrível. Realmente deveria trocá-lo. —Estou tentando. Estava a ponto de me dizer seu...

—É obvio. Seu nome é Lady Arabella Blydon.

Capítulo 11



John se sentiu como se o tivessem golpeado. O ar se fez sufocante, e a cara de Damien adotou em seus olhos uma expressão imerecidamente sinistra.

— Conheço lady Arabella—, conseguiu articular finalmente.

Experimentou um agridoce prazer ante o fato de que sua voz soou quase normal. —Que bom, disse Damien suavemente.

— Ela participará da reunião desta noite. —Estarei encantado de tornar a vê-la.

—Bem. Deixarei que se instale. Lightbody te mostrará seu quarto. Mais tarde te informarei sobre os detalhes desta noite. — Damien sorriu suavemente e abandonou a sala.

O mordomo penetrou no salão com rápida e discreta eficácia e informou ao John que seus pertences já foram enviados acima, a um dos quartos de convidados. Ainda aturdido, John seguiu o mordomo a seu quarto, onde se deitou sobre a cama, contemplou o teto, e deixou que a fúria o invadisse da cabeça aos pés.

Seu irmão? Seu irmão? Jamais teria pensado que Belle fosse capaz de semelhante maldade. Obrigou-se a deixar de pensar nela; estava muito aborrecido, e ela obviamente não o merecia. Não teve sorte. Sempre que conseguia dirigir seus pensamentos para a comida ou os cavalos ou qualquer outro tema neutro, uma familiar cabeça loira e um brilhante sorriso se interpunham.

E depois o sorriso se tornava zombador enquanto a contemplava flertar com seu irmão.

Maldita mulher!

Quando chegou a hora de preparar-se para a festa, John se esmerou excepcionalmente ao vestir-se com o traje de gala, todo negro, só quebrado pela impecável brancura da camisa e a gravata-borboleta.

Ele e seu irmão trocaram uns quantos comentários corteses na carruagem, mas John estava muito preocupado pela ideia de ver Belle de novo para prestar muita atenção a Damien.

Não culpava o irmão por apaixonar-se por ela; estava muito familiarizado com seus encantos. Mas sim estava furioso com Belle por tramar deliberadamente uma vingança tão maliciosa contra ele. Quando chegaram à mansão Forthright, John permitiu que o mordomo se fizesse encarregado de seu casaco e imediatamente explorou a sala com o olhar a procura de Belle. Ela estava perto de um

dos cantos, conversando animadamente com um alto e elegante cavalheiro de cabelo e olhos escuros. Evidentemente esteve muito ocupada nas duas semanas transcorridas desde seu último encontro, pensou amargamente.

Damien rapidamente foi interceptado por um amigo, e já que sua anfitriã não aparecia por nenhum lado, John conseguiu evitar as longas e aborrecidas apresentações. Encaminhou-se para Belle, felicitando a si mesmo por manter controlada sua amarga fúria. Justo quando se encontrava atrás dela, disse, —boa noite, Lady Arabella. — sem confiar o bastante em seu autodomínio para acrescentar algo mais.

Belle se virou, tão excitada ao vê-lo que não percebeu a frieza de sua voz.

— John! — disse sem fôlego e seus olhos se acenderam com evidente felicidade. — Que surpresa. — *Tinha vindo. Tinha vindo.*

O alívio e a alegria a percorreram da cabeça aos pés, e logo foram substituídos pela irritação.

Maldição, não usava o audaz traje azul. Nem sonhava que chegaria a Londres tão rapidamente. —De verdade?

Belle piscou.

— Desculpe?

—Possivelmente deveria me apresentar a seu amigo. — John não desejava outra coisa que falar com ela a sós, mas não via forma de fazer caso omissso do homem que estava junto a ela.

—OH, é obvio— disse Belle, confundindo-se com as palavras. — Lorde Blackwood, este é meu bom amigo o senhor William Dunford.

Dunford sorriu a Belle de uma maneira que resultou muito familiar para o gosto de John.

— Não sabia que conhecesse meu nome de batismo, Belle— brincou ele. —OH, cala, Dunford. A próxima vez o chamarei Edward, só para te chatear.

Uma gélida corrente de ciúmes percorreu John ante a familiaridade entre Dunford e Belle. Entretanto, automaticamente estendeu a mão. Dunford a estreitou, murmurou uma saudação e logo cortesmente se desculpou.

Uma vez que Dunford partiu, John permitiu que seus verdadeiros sentimentos brotassem à superfície. Belle ofegou e retrocedeu um passo ante a aparente fúria que irradiavam seus olhos.

— John, o que acontece?

—Como pode, Belle? — cuspiu ele. — Como pode?

Ela piscou. Esperava ciúmes, não essa raiva mal contida. —Como pude o que?

—Não se faça de inocente. Não lhe cai bem.

—De que fala? —repetiu Belle, em tom cada vez mais nervoso. Ele tão somente a fulminou com o olhar.

Então recordou a mentira que Emma contara a John para conseguir que viesse a Londres.

Talvez ele pensava que ela e Dunford...

— É por Dunford? — perguntou rapidamente.—Porque se for, então não há nada com que se preocupar. É um velho amigo, mas isso é tudo. E também é o melhor amigo de Alex.

—Não é por ele— chiou John. — É por meu irmão. —Quem?

—Já me ouviu. —Seu irmão?

John assentiu de maneira cortante. —Nem sequer conheço seu irmão.

—Se continuar com suas mentiras, Belle, vai se meter em uma confusão. E acredite, não estarei perto para te tirar do apuro.

Belle engoliu com dificuldade.

— Acredito que deveríamos continuar esta conversa em particular. — Com a cabeça muito alta, partiu da sala em direção a um balcão. Quando chegou a seu destino, parte de sua confusão se metamorfoseou em cólera, e quando se virou para enfrentá-lo, seus olhos cintilavam com fúria.

— Muito bem, Lorde Blackwood. Agora que já não temos auditório, imagino que me contará a que veio essa cena.

—Não está em posição de me pedir explicações, milady.

—Asseguro que não era consciente da existência de tais limitações para meu comportamento.

John fervia. Queria agarrá-la pelos ombros e sacudi-la. Sacudi-la, e sacudi-la, e sacudi-la e depois... OH, Cristo, desejava beijá-la. Mas John não tinha por costume beijar às pessoas quando estava furioso, assim simplesmente afastou o olhar e disse.

—Sou consciente de que meu comportamento com você nem sempre foi impecável, mas pôr seus olhos em meu irmão é infantil e mesquinho de sua parte. Por não mencionar que é repugnante... quase a dobra em idade.

Belle seguia sem estar segura do que ele falava, mas não estava de humor para oferecer nenhuma explicação, assim ergueu o queixo e respondeu.

—É bastante comum entre as mulheres da aristocracia casar-se com homens bem mais velhos que elas. Sou da opinião de que as mulheres amadurecem mais rápido, e por isso encontramos os homens de nossa idade, ou apenas oito ou dez anos mais velhos—e isto o disse com toda intenção—

imaturos e entediados.

—Está me chamando imaturo e entediado? — Sua voz soava profunda e mortalmente séria. — Não sei. E é? Agora, se me desculpar, acho esta conversa extremamente infantil e incomoda, e tenho melhores formas de passar o tempo. John a segurou em um resistente aperto.

—Não a desculpo, e eu não tenho outro modo melhor de passar meu tempo. Tenho uma pergunta para você, e quero uma resposta.

Fez uma pausa, e seu silêncio obrigou Belle a erguer a vista para olhá-lo aos olhos.

— Sempre foi tão deliberadamente cruel? Belle se soltou de um puxão.

— Daria lhe um bofetão, —chiou. — Mas suspeito que sua face pudesse infectar minha mão. — Estou seguro de que a fará feliz saber que me feriu. Mas, milady, foi só durante um minuto. Porque então compreendi que não quero ter nada com uma mulher capaz de comprometer-se com meu irmão só para vingar-se de mim.

Belle finalmente demonstrou sua exasperação.

— Pela última vez, John, não tenho nem ideia de quem é seu irmão. —Bem, isso é interessante, porque ele sim sabe quem é você. —Muitas pessoas sabem quem sou.

John quase colou seu rosto ao dela.

— Ele está pensando em casar-se contigo.

—O que? —Já me ouviu.

Belle piscou surpreendida enquanto parte de seu aborrecimento se dissipava ante a confusão do momento.

—Bom, suponho que vários homens pensaram em casar-se comigo— disse pensativamente. — Mas isso não significa que todos eles tenham me pedido isso. E tampouco significa que eu correspondesse a seus sentimentos.

Durante um momento John quis acreditar, mas então recordou as palavras de Emma. Esta pensando em casar-se... Com um conde, parece... de fato, ela disse que recordava você.

—Não tente sair desta com palavras, pirralha. — advertiu ele.

—Pirralha? Pirralha! Ao diabo se me infecta. Acredito que vou esbofeteá-lo depois de tudo!

— Belle levantou a mão, mas John a prendeu com facilidade.

—Não tem meus instintos, Belle— disse ele, em tom sedoso. — Nunca poderia ganhar uma batalha entre nós.

Seu ar de condescendência foi a faísca que faltava para converter o aborrecimento de Belle em pura fúria.

—Me deixe dizer um par de coisas, Lorde Blackwood— sibilou ela, retirando a mão.—Em primeiro lugar, não sei quem é seu irmão, e em segundo lugar, ainda que soubesse e quisesse me casar com ele, não vejo por que isto teria que lhe importar, já que deixou muito claro em repetidas ocasiões que não quer ter nada que ver absolutamente comigo. Em terceiro lugar, não encontro nenhuma razão pela qual eu teria que dar explicações de meus atos precisamente a você, de entre todas as pessoas. Em quarto lugar...

—Detenha-se no terceiro, Belle— disse John, sorrindo com suficiência. —Deixou de me interessar.

Belle o fulminou com seu melhor olhar de desprezo e ergueu a mão como se se dispusesse a tentar esbofeteá-lo de novo. Distraíndo-o com isso, deu-lhe um pisão com todas suas forças. John nem sequer estremeceu.

Tampouco acreditou ela que fosse fazê-lo; suas sapatilhas de baile não eram precisamente de material resistente. Ainda assim, seu espírito cresceu por sua pequena vitória, e zombou.

—Seus instintos envelheceram, John.

—Se deseja infligir um verdadeiro mal, consiga sapatos mais resistentes, Belle. E pode ser que eles a salvem de outra bolha da próxima vez que saia passeando.

Belle engoliu com dificuldade enquanto recordava a suavidade com que John se ocupou de seu pé ferido. Era difícil reconciliar a imagem daquele homem sensível com este outro, sardônico e insultante, que permanecia agora de pé frente a ela. Com um suspiro de deliberada impaciência, olhou-o aos olhos e disse.

—Eu gostaria de retornar à festa. Se fosse tão amável de afastar-se...

John não se moveu.

—Com quem planeja casar-se?

Belle gemeu interiormente quando suas mentiras retornaram para atormentá-la. —Não é assunto seu, — espetou.

—Perguntei com quem planeja casar-se.

—E eu respondi que não é assunto seu. John se inclinou para ela.

—Não será, por acaso, com o Conde de Westborough? Os olhos de Belle aumentaram.

— Ele é seu irmão?

Era verdade que ela não sabia que estavam aparentados. Ninguém podia fingir essa expressão. Mas John quis ficar absolutamente seguro, assim perguntou: — Seu sobrenome não lhe deu uma pista?

—Se só me apresentaram a ele na semana passada. Não soube seu sobrenome. Foi apresentado simplesmente como o Conde de Westborough. E antes que me acuse de qualquer outro atroz delito, me deixe dizer que só sabia que seu pai era conde porque Alex mencionou. Não tinha nem ideia de qual era o título.

John não disse nada, simplesmente ficou lá de pé, julgando-a em silêncio. Belle achou seu comportamento extremamente irritante e acrescentou.

—Embora agora que menciona, parece-se um pouco a você. Um pouco mais elegante, possivelmente, e sem claudicação.

John fez caso omissso de seu insulto, reconhecendo-o como o que era: o revide instintivo de um animal ferido a outro.

—De verdade que não sabia que era meu irmão?

—Não! Juro! — E então Belle se sentiu como se estivesse solicitando seu perdão quando ela não fizera nada de errado, assim disse. — Mas isso não modifica meus planos.

—Que planos? Casar-se com ele?

—Informarei meus planos quando me parecer oportuno. — Espero me informar também a mim mesma de meus planos, quando me parecer oportuno, pensou Belle, descontroladamente, porque não tenho nem ideia do que estou dizendo.

As mãos do John se cravaram em seus ombros.

— Com quem planeja se casar? —Não penso dizer isso.

—Soa como uma menina de três anos. —Está me tratando como tal.

—Só vou perguntar isso uma vez mais— advertiu John suavemente, aproximando seu rosto ao dela.

—Não tem nenhum direito de falar assim— sussurrou Belle. — Não depois do que você...

—Por Deus, Belle, não me jogue isso na cara outra vez. Já admiti que te tratei mal. Mas preciso saber. Não o entende? Preciso saber! — Os olhos do John ardiam com paixão. — Com quem planeja se casar?

Belle viu o desespero em seu rosto e sua resolução rachou.

— Com ninguém! —exclamou. — Com ninguém! Era uma mentira! Só uma mentira para te

obrigar a vir a Londres, porque sentia sua falta.

O aperto de John afrouxou pela surpresa, e ela rapidamente se afastou dele e se virou, dando as costas.

— Agora já me sinto completamente humilhada. Espero que esteja satisfeito.

John ficou olhando boquiaberto suas costas enquanto suas palavras se impregnavam em sua mente. *Ela ainda sentia algo por ele*. Saber era um bálsamo para seu coração ferido.

Mas seguia sem apreciar a tortura pela qual ela o fez passar, e tinha toda a intenção de deixar claro.

— Eu não gosto que me manipulem— disse, com voz profunda. Belle se virou, incrédula e enfurecida.

— Você não gosta que o manipulem? Isto é tudo o que pode dizer? Você não gosta de ser manipulado. Bem, me deixe te dizer algo. Eu não gosto que me insultem. E achei seu comportamento extremamente insultante. — Ela passou diante dele, com as costas bem rígidas, e a cabeça muito erguida, aparentando uma dignidade que não sentia.

John seguia tão aturdido por sua incrível confissão que seu movimento o pegou desprevenido, e apenas conseguiu segurar a ponta dos dedos dela quando tentou detê-la.

—Belle— disse, com voz estremecida pela emoção. — Por favor, não vá.

Belle poderia ter escapado facilmente do balcão; a sujeitava da forma mais tênue. Mas algo em sua voz rouca a obrigou a virar-se, e uma vez que o fez, ficou cativada pelo feroz desejo em seus olhos. Sua boca secou, e esqueceu como respirar. Não teve nem ideia de quanto tempo permaneceu lá de pé, seu olhar capturado pelo deste homem que chegou a significar tanto para ela.

—John— sussurrou. — Não sei o que quer. —Quero você.

Suas palavras ficaram suspensas no ar enquanto o coração de Belle rogava a sua cabeça que permitisse a si mesma acreditar. O que quis dizer com que a queria? Que queria tocá-la, beijá-la?

Já sabia que sentia uma forte atração por ela; ele nunca foi capaz de ocultar isso, como também tinha sido bastante óbvio que ela sentia o mesmo por ele. Ou que a queria em sua vida? Como sua amiga, sua companheira, ou inclusive sua esposa? A aterrorizava expor a pergunta. Já quebrou seu coração uma vez; não se sentia impaciente por deixar fazê-lo de novo.

John viu a dúvida em seus olhos celestes e se odiou por tê-la deixado tão cautelosa. Era o momento de dizer o muito que a queria, ele sabia. Mas seus próprios medos o contiveram, e em troca disse suavemente.

—Posso te beijar?

Belle assentiu lentamente e se aproximou dele enquanto John estendia o braço e tomava sua outra mão na dele. Uma timidez se apoderou dela, e baixou os olhos.

—Não afaste o olhar— sussurrou ele, segurando com a mão o queixo dela. Suavemente ergueu o rosto enquanto encurtava a distância entre eles. —É tão, tão linda. E tão amável, tão boa, tão simpática, divertida e...

—Para!

Seu nariz roçava agora o dela.

— Por quê?

—É muito— respondeu ela, timidamente. —Não. Não, não é. Nunca será muito.

Ele inclinou sua cara de modo que seus lábios pudessem acariciar suavemente os dela, e Belle sentiu que um estremecimento de excitação a percorria. Continuaram dessa forma durante um longo minuto, com seus lábios quase que roçando, até que John não pôde aguentar mais, e a estreitou contra ele.

—OH, Deus, Belle, fui tão estúpido— gemeu. Não a beijou, apenas a abraçou contra ele, como se de algum jeito pudesse imprimir seu corpo no dela. Abraçou-a com força, com a esperança de que um pouco de sua bondade e sua coragem grudassem nele. — Sinto tanto. Nunca quis te fazer mal, — sussurrou entrecortadamente. —É a última coisa que teria desejado fazer.

—Shhh— interrompeu Belle. Não suportava escutar como se torturava. — Só me beije. Por favor. Já vê, estive sonhando com isso durante dias, e...

John não necessitou de um estímulo adicional, e seu beijo foi tão feroz como tenro tinha sido o primeiro. Devorou-a avidamente, bebendo dela enquanto murmurava palavras sem sentido de amor e desejo. Suas mãos estavam por toda parte, e Belle as queria em todas partes, desejando-o mais do que jamais pode imaginar, mais do que nunca poderia entender. Afundou suas mãos em seu cabelo, maravilhando-se de sua textura justo quando os lábios dele se deslizavam por seu pescoço até a base de sua garganta.

—Não posso acreditar— gemeu ela.

—O que? —ele perguntou, entre pequenas dentadas.

—Isto. Tudo. A forma como me faz sentir. O... OH! — Belle soltou um gritinho afogado quando sua boca se deslocou até a sensível pele atrás de sua orelha.

—Que mais não pode acreditar? — perguntou ele, diabolicamente.

—Que deseje que siga me beijando— respondeu ela, com voz febril. — E que no salão contiguo continue celebrando uma festa.

As palavras de Belle tiveram um efeito não planejado, e com um grande esforço John se separou dela e soltou uma maldição em voz baixa.

—Quase esqueci— resmungou. — Alguém poderia nos descobrir a qualquer momento. Belle se sentiu fria sem seus braços ao redor, e não pôde evitar estender uma mão para ele.

— Por favor— sussurrou. — Eu senti muito sua falta.

Ela era uma enorme tentação, mas John se manteve firme. —Não vim a Londres para arruinar sua reputação.

—É uma pena— resmungou ela, baixinho. —Perdão?

—Nada.

—Teremos que retornar separados.

Belle sorriu ante o cuidado de John por ela.

—Não se preocupe. Estou segura que Dunford nos encobriu maravilhosamente. — E ao ver John arquear uma sobrancelha, acrescentou; — Falei com ele sobre você.

Ele lhe dirigiu um olhar tal que ela se sentiu obrigada a ampliar sua explicação.

—Só um pouco, assim não tem que preocupar-se de que tenha divulgado todos seus segredos.

John afogou a culpa que borbulhou em seu interior. Ela não conhecia seu grande segredo, embora finalmente teria que contar. Mas não agora. Não tinha por que ser agora.

— Seu penteado se desfez— disse em troca.

—Talvez deseje arrumá-lo. Voltarei primeiro para a festa. Estou seguro que meu irmão estará me procurando.

Belle assentiu, e juntos entraram no escuro vestíbulo. Antes de separar seus caminhos, entretanto, ela o pegou pela mão.

— John, —disse suavemente. — O que vai acontecer agora? Preciso saber.

—O que vai ocorrer agora? —repetiu ele, com um alegre sorriso. —Pois, vou cortejá-la. Não é isso o que se supõe que vem a seguir?

Ela respondeu com outro sorriso e escapou.

Quando John entrou de novo no salão não se surpreendeu encontrar seu irmão observando-o com uma expressão de curiosidade.

— Onde se enfiou? — perguntou Damien.

— Só queria tomar um pouco de ar fresco. — Se Damien notou que Lady Arabella deixou o salão ao mesmo tempo que ele, não o mencionou. — Por que não me apresenta a alguns de seus amigos? — sugeriu John.

Damien assentiu cortesmente. Enquanto estava ocupado apresentando John, Belle reapareceu e foi direto até Dunford.

— Essa foi uma verdadeira escapada, — disse ele com um amplo sorriso. Belle ruborizou.

— Ninguém notou, não é? Dunford negou com a cabeça.

— Não acredito. Só me mantive alerta se por acaso precisasse ser resgatada. No futuro, entretanto, se fosse você, não estenderia meus encontros secretos mais de cinco minutos.

— OH, Senhor. Quanto tempo, é, estivemos fora?

— Mais do que era sua intenção, estou seguro. Disse que precisava arrumar algo de seu vestido. Todas as senhoras se mostraram apropriadamente pomenorizadas.

— Não tem preço, Dunford. — Belle lhe sorriu abertamente. — OH, aqui está, Lady Arabella.

Belle se virou para ver lorde Westborough caminhar para ela. John estava a seu lado, com um ardiloso sorriso em seu rosto.

— Que agradável vê-la de novo, milord — murmurou ela cortesmente.

— E acredito que já conhece meu irmão — acrescentou Damien. — Lorde Blackwood.

— Sim, é obvio. Conhecemo-nos bastante bem. — Belle se estremeceu interiormente pelo duplo sentido de sua frase e se negou a elevar a vista para John, segura que seria recompensada com um sorriso diabólico.

Salvou-se de uma conversa potencialmente embaraçosa pela chegada de sua anfitriã, Lady Forthright.

— OH, Westborough — disse com voz estridente. — Não o vi entrar. E lady Arabella, é sempre um prazer.

Belle sorriu e se inclinou em uma cortês reverência.

— E este deve ser seu irmão — continuou lady Forthright.

Damien assentiu e os apresentou. Então viu outro amigo e desculpando-se, abandonou John e Belle nas mãos de sua não muito gentil anfitriã.

— Lorde Blackwood? Uma baronia, não é? — perguntou. — Hmmm. Não me parece um título.

Belle se contorceu interiormente de fúria. Lady Forthright sempre foi uma mulher indiscreta que tentava ocultar sua carência de segurança em si mesmo insultando os outros.

—É um título relativamente novo, milady— disse John, com expressão deliberadamente neutra.

—Quão novo significa "relativamente"?— Ela sorriu com frieza por sua pequena brincadeira e em seguida olhou Belle para ver se ela também desdenhava deste recém-chegado a sua classe. Belle devolveu um olhar carrancudo que se intensificou quando se deu conta de que as conversas do salão se detiveram nos últimos segundos.

Santo Deus, será que não tinham nada melhor que fazer do que escutar o néscio falatório de Lady Forthright? E onde estava Damien? Não deveria estar defendendo o irmão?

—Alguns poucos anos— respondeu John tranquilamente. —Concederam-me a honra pelos serviços militares.

—Já vejo. —Lady Forthright se estirou e quadrou os ombros, preparando-se para seu auditório. —Bem, estou segura de que você é muito valente, mas não posso aprovar esta imprudente partilha de títulos. Não é benéfico para a nobreza tornar-se tão - como o diria - indiscriminada.

—Lorde Blackwood é o filho de um conde— disse Belle, calmamente.

—Ah, não há nada que objetar a respeito de sua linhagem— respondeu sua anfitriã. — Mas não devemos ser como esses russos que dão de presente títulos a torto e a direito. Sabia que se for um duque russo, todos seus filhos também possuem título de duque? dentro de pouco todo o país será invadido por duques. Será a anarquia. Recorde minhas palavras, o país sofrerá um colapso, e será por culpa de todos esses duques.

—Uma interessante hipótese— disse Belle, em tom frio. Lady Forthright não pareceu notar a irritação de Belle.

— Acho todos estes novos títulos algo sem sentido, não acha?

Belle ouviu como todo mundo continha o fôlego a seu redor, esperando com curiosidade sua resposta. Damien apareceu a seu lado, e lhe dedicou um tenso sorriso.

—Lamento, Lady Forthright— disse docemente. — Receio não seguir seu raciocínio. Seu marido é o quinto Visconde Forthright?

—O sexto— respondeu ela, asperamente. —E meu pai era o oitavo Conde de Windemere. —Já vejo— disse Belle devagar. — Assim nenhum deles fez outra coisa para merecer seus títulos exceto nascer?

—Não estou segura de entender o que quer dizer, Lady Arabella. E posso recordar que o condado de sua família se remonta vários séculos atrás?

—OH, sim, asseguro que sou muito consciente desse fato, lady Forthright. E consideramos o condado como uma importante honra familiar. Mas meu pai é um homem nobre porque é uma nobre pessoa, não porque possui um antigo título. E quanto a Lorde Blackwood, acho que seu título é muitíssimo mais atraente porque representa a nobreza do homem que está ante você, não a de algum antepassado morto faz muito tempo.

—Um bonito discurso, lady Arabella, especialmente para alguém que obviamente desfruta de todas as vantagens de sua posição. Mas não de todo apropriado para uma dama de boa criação, converteu-se em uma intelectual.

—Por fim! Um elogio. Nunca imaginei ouvir de seus lábios. Agora se me desculpar, estou um pouco cansada desta festa. — Belle resolutamente deu as costas a sua anfitriã, consciente do escândalo que semelhante péssimas maneiras ocasionariam. — John, estou encantada por ver você novamente. Espero que me visite logo, mas agora devo encontrar Dunford para que me leve a casa. Boa noite.

E enquanto John ainda cambaleava por sua apaixonada defesa, ela o honrou com seu sorriso mais radiante e partiu.

Ficou abandonado para confrontar uma furiosa lady Forthright que simplesmente lhe dedicou um resmungo e partiu apressadamente.

John não pôde conter-se. Começou a rir.



Mais tarde naquela noite, enquanto os irmãos Blackwood voltavam para casa, Damien usou o assunto da óbvia amizade de Belle com John.

—Não me dei conta de que você e lady Arabella se conheciam tão bem— disse, com o cenho franzido.

Uma comissura da boca de John se curvou em um sorriso sarcástico. —Ela disse que nos conhecíamos muito bem, não?

—A apaixonada defesa de sua posição dá a entender que são bastante conhecidos. —Bem, bastante.

Damien abandonou o assunto uns minutos, mas finalmente sua curiosidade foi mais forte do que ele.

—Tem a intenção de cortejá-la?

—Receio que já falei muito sobre a dama em questão. —Já vejo.

John suspirou. Estava se comportando muito bruscamente com seu irmão, e, na realidade, Damien não merecia.

—Peço perdão por desbaratar seus projetos. Asseguro que não sabia que sentia algo por Belle antes que eu chegasse. Na realidade, ela foi a razão pela qual vim à cidade em primeiro lugar.

Damien considerou suas palavras lentamente.

— Eu não diria exatamente que sinto algo por ela. Simplesmente pensei que poderia ser uma esposa adequada para mim.

John o olhou de maneira estranha. Perguntou-se se as emoções de seu irmão alguma vez se aventuravam além da leve apreciação ou uma suave aversão.

—É óbvio, entretanto— continuou Damien, — que não faríamos um bom par. Ela é uma grande beleza, sem dúvida alguma, mas não posso ter uma esposa que manifeste ideias tão radicais em público.

Os lábios do John estremeceram.

—Certamente você tampouco me acha merecedor de meu título.

—É óbvio que sim— Damien pareceu ofendido pela acusação. — Merece esse título. E além disso, nosso pai era um conde. Mas deve admitir que muitos plebeus conseguiram infiltrar-se na aristocracia, tanto pela compra de um título ou pelo matrimônio. Só Deus sabe o que será de nós.

—Belle gosta de ler— anunciou John, só para ficar completamente seguro de que o interesse do irmão por ela não ressurgiria de novo. — Leu as obras completas de Shakespeare.

Damien sacudiu a cabeça.

—Não posso imaginar em que estava pensando. As sabichonas podem ser um completo tédio, não importa quão formosas sejam. São tão exigentes.

John sorriu.

—Não me convém, absolutamente— prosseguiu Damien. — Mas você deveria aspirar a ela se o desejar. Seria um grande partido para um homem de sua posição. Embora deva advertir que seus pais provavelmente não aprovem o matrimônio. Penso que ela poderia conseguir um duque se quiser.

—Imagino que sim— murmurou John. — Sim, realmente, se fosse essa sua vontade.

A carruagem se deteve frente à residência de Damien. Quando entraram no vestíbulo principal, Lightbody os recebeu com uma nota que disse que foi deixada expressamente para Lorde Blackwood.

Com curiosidade, John desdobrou o papel.

"Estou em Londres."

John franziu o cenho quando recordou as duas mensagens similares que recebeu umas semanas antes. Acreditou que estavam dirigidos aos donos anteriores de Bletchford Manor, mas agora compreendeu que se equivocou.

—Alguém a quem conhece? — perguntou Damien.

—Não estou seguro, — respondeu John, devagar. — Não estou seguro absolutamente.

Capítulo 12



John chegou a casa de Belle à manhã seguinte com os braços carregados de bombons e flores. Ficou assombrado quão fácil isto estava resultando; permitir que ela iluminasse seu coração. Esteve sorrindo toda a manhã.

Belle não pôde ocultar o deleite em seus olhos quando desceu a saudá-lo.

— A que devo o prazer de sua companhia? — perguntou, com um brilhante sorriso.

— Disse que a cortejaria, não? — respondeu John, depositando as flores em seus braços. — Considere-se cortejada.

— Que romântico — disse ela, não sem um pinga de sarcasmo. — Espero que goste dos bombons.

Belle reprimiu um sorriso. Ao menos estava tentando.

— Eu adoro.

— Excelente. — A presenteou com um despreocupado sorriso — Posso pegar um? — Não.

Persephone decidiu descer nesse momento.

— Bom dia, Belle — disse. — Não vai me apresentar seu convidado?

Belle fez as honras, e enquanto John escolhia que bombom levar a boca, Persephone se inclinou e sussurrou; — É muito bonito.

Belle assentiu.

— E parece bastante viril.

Os olhos de Belle aumentaram.

— Persephone — sussurrou. — Me Sinto na obrigação de informar que este não é o tipo adequado de conversa entre uma acompanhante e sua protegida.

— Não é? Pois deveria ser, acredito eu. OH bom, temo que nunca me darei muito bem em ser acompanhante. Rogo que não mencione a Alex meus defeitos.

— Eu gosto de você exatamente como é, — disse Belle, com franqueza.

— Que doce de sua parte, querida. Bem, irei sair. O chofer prometeu me levar por toda Londres, e quero estar segura de que sairemos de todas as áreas perigosas antes do anoitecer.

Considerando que não era ainda meio-dia, Belle só podia perguntar-se acerca da extensão da rota que Persephone tinha em mente, mas não disse uma palavra quando a idosa saiu revoando pela porta principal.

—Não é exatamente a mais severa das acompanhantes— comentou John. —Não.

—Podemos ir a alguma sala? Estou desesperado para te beijar, e prefiro não fazer isso no vestíbulo.

Belle ruborizou, mas caminhou até a salinha próxima.

John fechou a porta com um chute e a estreitou em seus braços.

— Uma acompanhante que sai durante o dia todo— murmurou entre beijos. — Alguma vez fui um homem tão afortunado?

—Alguma vez fui uma mulher tão afortunada? — respondeu Belle.

—Acredito que não. Vamos até o sofá e assim poderei te assediar com bombons e flores. — Pegou sua mão e a estreitou contra si enquanto cruzava a sala.

Belle riu suavemente enquanto o deixava levá-la ao sofá. Nunca o vira tão feliz e tão despreocupado. Ainda persistia um fino véu de tristeza e dúvida em seus olhos, mas não era nada comparado com o olhar atormentado que ela vislumbrou quando estavam em Oxfordshire. — A única pessoa que assedia com esses bombons é a você mesmo. Já comeu três.

John se sentou e a colocou ao seu lado.

— Não há nenhuma razão de trazer para uma dama um presente comestível a menos que goste também. Venha, coma um. Estão muito bons. —Pegou um bombom e o sustentou diante de sua boca.

Belle sorriu e deu uma mordida, lambendo os lábios com gesto deliberadamente sedutor enquanto mastigava.

— É delicioso— murmurou.

—Sim, é. — Ele não falava do chocolate.

Belle se inclinou para frente outra vez e introduziu em sua boca o resto do bombom, lambendo audazmente seus dedos ao fazê-lo.

— Tinha os dedos sujos de chocolate— disse inocentemente.

—Você também se sujou. — Ele se aproximou e lambeu a comissura de sua boca, enviando tremores de desejo da cabeça até a ponta de seus pés. Inclinando-se uma vez mais, John passou lentamente sua língua suavemente pelo contorno de seu lábio superior. —Deixou um pouco aqui, — murmurou ele. — E aqui. — ocupou-se de seu lábio inferior, com o qual brincou entre seus dentes.

A estas alturas Belle esqueceu inclusive como respirar.

— Parece que eu gosto de ser cortejada— sussurrou ela.

—Alguna vez o foi? —John lhe deu uma pequena mordida no lóbulo. —Não desta forma.

—Ainda bem. —Sorriu possessivamente.

Belle arqueou o pescoço quando ele deslizou seus lábios ao longo da sensível pele de sua garganta.

— Espero que não tenha levado adiante nenhum outro cortejo com este particular modo de, é... persuasão.

—Nunca— prometeu ele.

—Muito bem. — O sorriso de Belle foi igualmente possessivo. — Mas já sabe— disse, tomando ar entrecortadamente quando sua mão abandonou suas costas e ficou sobre seus seios.

— O cortejo é algo mais que flores e bombons.

—Mmm-hmm. Também há os beijos. — Ele embalou seu seio em sua mão através do vestido, fazendo Belle gemer com a maravilhosa sensação.

—É obvio— suspirou Belle. — Não esqueci disso.

—Farei todo o possível para não desviar sua mente. — John estava ocupado tentando encontrar o melhor modo de liberar um dos pequenos e perfeitos seios dela dos limites do sutiã.

—Parece bom. Mas deve recordar que não o deixarei esquecer que me deve um poema. —É uma moça obstinada, não? —John finalmente decidiu que o melhor curso de ação seria limitar-se a descer o vestido e dar graças a Deus que a moda diurna não requeresse intermináveis filas de botões.

—Não muito. — Belle riu suavemente. —Mas sigo querendo o poema.

John deixou de prestar atenção um momento enquanto levava a cabo seu plano. Sorriu e gemeu de puro prazer masculino enquanto contemplava seu escuro mamilo, franzido pelo desejo. Umedeceu os lábios.

—John? não irá a...

Ele assentiu e o fez.

Belle sentiu que o corpo virava gelatina, e se derreteu no sofá, puxando John junto com ela. Ele rendeu adoração a seu seio durante todo um minuto e logo passou ao outro. Belle estava indefesa ante seu sensual ataque e não podia controlar os suaves gemidos de desejo que escapavam de seus lábios.

— Diga algo, — gemeu ela, finalmente.

—O que devo comparar a um dia de verão? — recitou ele. — Você é...

—OH, por favor, John— disse Belle, levantando a cabeça de seu seio de modo que pudesse esquadrinhar seus risonhos olhos negros. — Se for fazer um plágio, tenha ao menos a sensatez de não escolher algo tão famoso.

—Se não ficar quieta agora mesmo, Belle, serei obrigado a tomar medidas drásticas. —Medidas drásticas? Isso soa interessante— Ela aproximou sua boca a dele e o beijou com entusiasmo.

Nesse mesmo momento escutaram uma voz familiar proveniente do vestíbulo.

—Que tola, me esqueci de pegar um par de luvas— dizia Persephone. — Faz tanto frio lá fora.

Belle e John se afastaram instantaneamente um do outro. Ao ver que Belle não estava com pressa suficiente em arrumar seu aspecto, John tomou o controle da situação e subiu de um puxão o sutiã do vestido, virtualmente até o queixo. Enquanto freneticamente tentavam arrumar sua aparência, ouviram o suave murmúrio de outra voz, provavelmente a do criado com quem Persephone esteve falando.

—Que amabilidade por sua parte— disse Persephone. — Esperarei na salinha com Belle e seu amigo enquanto me traz isso.

Belle só teve tempo de lançar-se sobre uma cadeira em frente ao sofá quando sua dama de companhia entrou no salão.

— Persephone, que surpresa.

Persephone lançou um olhar bastante agudo em sua direção. E apesar de toda sua distração, não era nenhuma cabeça oca.

— Estou segura.

John ficara cortesmente de pé quando Persephone entrou. —Gostaria de um bombom? — perguntou, lhe oferecendo a caixa.

—Na verdade, sim.

Belle lutou contra o rubor ao recordar o que aconteceu quando John lhe ofereceu um bombom. Por sorte, Persephone estava muito ocupada escolhendo para notar.

—Eu gosto de bombons com loucura— disse ela, decidindo-se por um, ao fim. —Faz muito frio na rua? —perguntou Belle. — A ouvi dizer que necessitava de luvas.

—Bem, menos que ontem. Embora deva acrescentar que aqui dentro está muito quente. Belle esboçou um tenso sorriso. Quando olhou John de soslaio notou que ele começara a tossir.

—Suas luvas, senhora.

—Excelente. —Persephone se levantou e se aproximou do laçaio que acabava de entrar na sala.

—Irei, então.

—Divirta-se— disse Belle em voz alta.

—OH, o farei querida. Certamente o farei. — Persephone saiu da sala e começou a fechar a porta atrás dela. — De fato— disse, ruborizando-se ligeiramente, —acredito que deixarei esta porta, é... aberta, se não se importarem. Para que circule melhor o ar, já sabem.

—É obvio— disse John. E assim que Persephone desapareceu de sua vista, inclinou-se para Belle e sussurrou, — vou fechar essa porta logo que saia pela porta principal.

—Silêncio— repreendeu Belle.

No instante em que ouviram fechar a porta da rua, John se levantou de um salto e fechou a porta do salão.

—Isto é ridículo— resmungou. — Estou perto dos trinta. Tenho melhores coisas a fazer que tentar burlar a vigilância de uma dama de companhia.

—As tem?

—Isto foi condenadamente indigno. —Retornou junto ao sofá e se sentou.

—Incomoda a perna? —perguntou Belle, com olhos preocupados. —Parece coxear um pouco mais que de costume.

John piscou ante a repentina mudança de assunto e ainda sobre sua perna.

— Acho que sim. Não notei. Imagino que me acostumei à dor. Belle se transladou junto ao sofá e se sentou a seus pés.

— Ajudaria se fizesse uma massagem? — Colocou suas mãos sobre sua perna e começou a esfregar o músculo justo acima do joelho.

John fechou os olhos e se recostou.

— É maravilhoso. —Deixou-a seguir com seus cuidados durante vários minutos até que disse; — Belle... sobre ontem à noite.

—Sim? — Ela seguiu massageando a perna.

John abriu os olhos e deteve sua mão colocando a sua em cima. Ela piscou, ficando séria ante sua grave expressão.

—Ninguém.. — Abriu e fechou a boca enquanto procurava as palavras. — Ninguém nunca me defendeu assim.

—E sua família?

—Não tive muito contato com eles enquanto crescia. Estavam bastante ocupados. —Estavam? — disse Belle, com evidente desaprovação na voz.

—Sempre foi deixado muito claro que devia abrir meu próprio caminho no mundo.

Belle ficou de pé repentinamente e se aproximou de um jarro, reorganizando nervosamente as flores.

—Eu nunca diria algo assim a meu filho— declarou, em tom tenso. — Nunca. Acredito que uma criança deveria ser amada e cuidada e... — Deu a volta. — E você?

Ele assentiu solenemente, encantado pela paixão e o fogo de seus olhos. Estava tão... perfeita. Nenhuma palavra floreada poderia ser mais descritiva. Ele nunca seria digno dela. Isso sabia. Mas podia amá-la, e protegê-la, e tentar proporcionar o tipo de vida que ela merecia. Clareou a garganta.

— Quando seus pais retornam?

Belle inclinou a cabeça ante a abrupta mudança de assunto.

— Creio que já deveriam estar de volta, mas Emma recentemente me reenviou uma carta deles em que diziam que estavam desfrutando tanto que ficariam um pouco mais, por que pergunta?

Ele sorriu.

—Se importaria de massagear a perna outra vez? Não me sentia tão bem em anos.

—É obvio. —Belle retornou junto a ele. Quando viu que não retomava a conversa, incitou-o recordando. — Meus pais...

—OH, sim. Só queria saber quando poderia falar com seu pai para pedir sua mão corretamente. —Sorriu desavergonhadamente. —Sem dúvida, tentar te seduzir em cantos escuros tem seu encanto, mas preferiria que fosse legalmente minha e poder desfrutar de você na tranquila privacidade de meu lar.

—Desfrutar de mim? — perguntou Belle com incredulidade. John abriu os olhos e deu de presente um sorriso libertino.

—Já sabe o que quero dizer, amor. — A puxou e acariciou o pescoço com o nariz. —É só que eu gostaria de poder ficar um pouco de tempo a sós contigo sem temer que alguém vá nos surpreender a qualquer momento. — Começou a beijá-la outra vez. — Eu gostaria de poder terminar o que comecei.

Belle não tinha nada que objetar à ideia, e ainda assim, separou-se dele.

— John Blackwood, isso foi uma proposta de casamento?

Ainda recostado, olhou-a por entre as pestanas e sorriu.

— Parece que foi. O que diz?

— "Parece que foi. O que diz?" — imitou Belle. — Digo que é a proposta de casamento menos romântica que recebi em toda a minha vida.

— Então recebeu muitas? — De fato, sim.

Não era precisamente o que John esperou escutar.

— Acreditei que você fosse a prática e a pragmática de sua família. Acreditei que não desejaria doces palavras de amor e tudo isso. Belle lhe deu um soco no ombro.

— É obvio que as desejo! Toda mulher deseja. Sobre tudo se provierem do único homem a quem ela quer aceitar. Assim começa a pensar em doces palavras de amor ou vou...

— Ahá! Então aceita! — John sorriu vitorioso e a puxou contra seu corpo. — Disse que eu gostaria de aceitar. Não que realmente aceitava.

— Um tecnicismo sem importância. — Começou a beijá-la outra vez, quase incapaz de acreditar que logo seria verdadeiramente dele.

— Um tecnicismo fundamental — disse Belle, com irritação. — Não posso acreditar o que acaba de dizer. Que quer casar comigo e pronto? Bom, como proposta foi horrorosa.

John compreendeu que cometera um engano, mas se sentia muito aliviado por sua aceitação para retificar.

— Bem, o que faltou em elegância, supria em sinceridade.

— Mas vale que tenha sido sincera. — Belle lhe lançou um olhar descontente. — Direi que sim assim que me proponha corretamente.

John encolheu os ombros e a estreitou em seus braços. — Gostaria de te beijar mais um instante.

— Não quer perguntar algo primeiro? — Não.

— Não?

— Não.

— O que quer dizer? — Belle se contorceu, tentando afastar-se dele, mas ele a reteve com firmeza.

— Quero dizer que quero te beijar.

— Já sei, cafajeste. O que quero saber é por que não quer me perguntar algo agora mesmo? — OH, as mulheres — disse John, suspirando melodramaticamente. — Quando não é uma coisa é outra. Se...

Belle o golpeou no braço.

—Belle— disse ele, com paciência. — Deve compreender que me jogou um desafio. Não vai dizer que sim até que proponha corretamente, não é?

Belle assentiu.

—Então me conceda, ao menos, um curto período de graça. Estas coisas levam tempo se deseja ser criativo a respeito.

—Entendo— disse Belle, com um sorriso bailando nos lábios.

—Se o que deseja é que seja romântico, verdadeiramente romântico, já sabe, então terá que esperar uns dias.

—Acredito que poderei.

—Bem. Agora, deixa de se contorcer e me beija de novo? Aceitou encantada.

John demorou uma semana para retornar. Logo que ficou a sós com Belle, agarrou-a em seus braços e disse:

"Duas ou três vezes terei te amado, antes de conhecer seu rosto ou seu nome,

Assim em uma voz, assim em uma chama disforme..." [uu](#)

—"frequentemente nos afetam os anjos e os adoramos." Finalizou Belle por ele. — Para sua desgraça, minha governanta era uma apaixonada de John Donne. Conheço de cor a maior parte de sua obra. — Ante seu olhar de desgosto, acrescentou. — Mas devo te felicitar por sua apaixonada declamação, foi comovedora.

—Obviamente não o bastante. Com sua permissão, parto. Tenho trabalho a fazer. — Com uma seca inclinação de cabeça, abandonou a sala.

—E mantenha-se afastado de Donne! —gritou Belle. — Nunca conseguirá me enganar com um de seus poemas.

Não estava segura, mas acreditou ouvi-lo murmurar uma palavra bastante grosseira enquanto fechava a porta da rua atrás de si.

John não fez nenhuma menção a respeito da sua iminente proposta matrimonial durante a semana seguinte, embora escoltasse Belle a vários eventos e a visitasse quase todas as manhãs. Ela tampouco fez referência alguma ao tema. Sabia que ele negaria, mas estava segura de que desfrutava com seus planos, e não quis acabar com a diversão. Frequentemente, John lhe dirigia calculados olhares de soslaio, e então ela se convenceu de que ele estava tramando algo.

Suas suspeitas demonstraram ser corretas na manhã em que ele chegou à residência Blydon com

três dúzias de perfeitas rosas vermelhas, as quais depositou a seus pés exatamente no centro do vestibulo principal. Posando um joelho no chão disse:

"Bebe a minha saúde com tais olhos, E eu brindarei com os meus;

Ou deixa um beijo em minha taça,

E não procurarei vinho.

A sede que da alma nasce,

Ambrosia reclamaria,

Mas embora pudesse do néctar de Jove beber,⁽²⁾

Quase conseguiu. Os olhos de Belle nublaram, e quando recitou a parte do beijo, sua mão direita se dirigiu involuntariamente a seu coração.

—OH, John—, suspirou. Então o desastre o alcançou.

Persephone desceu as escadas.

—John! — exclamou, com voz encantada.—É meu poema favorito! Como soube?

John baixou a cabeça e apertou os punhos aos flancos. Belle levou sua mão do coração ao quadril.

—Meu pai estava acostumado a recitar para a minha mãe todo o tempo—continuou Persephone, com as faces acesas. —Nunca falhava em fazê-la estremecer de felicidade.

—Imagino— resmungou Belle.

John ergueu a vista para ela, com expressão envergonhada.

—E, além disso, era muito apropriado para ela, sabe? — acrescentou Persephone, — porque seu nome era Célia. Deus a tenha em sua glória.

—Apropriado? — perguntou Belle, sem afastar nem por um instante os olhos de John. Quanto a ele, sabiamente manteve a boca fechada.

—Bem, depois de tudo se intitula "Soneto para Celia". De Ben Johnson— disse Persephone com um sorriso.

—De verdade? — inquiriu Belle, ironicamente. — John, quem é Célia? —Pelo visto, a mãe de Persephone, obviamente.

Belle teve que admirar sua frieza.

—Bem, me alegro que foi Johnson quem escreveu estes versos. Lamentaria pensar que esteve escrevendo um poema a alguém chamada Célia, John.

—OH, não sei, acredito que Célia é um nome bastante bonito. Belle deu um sorriso insanamente enjoativo.

— Acredito que achará que Belle é muito mais fácil de rimar.

—Estou seguro de que o é, mas eu gosto de desafios. Agora bem, Persephone... este sim que seria um poema à altura de minha inteligência.

—OH, basta, —disse Persephone, rindo.

—Persephone... Hmm, vamos ver, poderíamos usar uma cacofonia, mas não seria muito elegante.

Belle não pôde evitar sentir-se contagiada pelo bom humor de John.

— O que parece pêssegos? — sugeriu.

—Tem muitas possibilidades. Terei que começar a trabalhar nisso imediatamente.

—Já chega de brincadeiras, querido moço— disse Persephone, dando tapinhas no braço dele de forma maternal. — Não tinha nem ideia de que fosse admirador de Ben Johnson. É um de meus poetas favoritos. Desfruta também de suas obras? Adoro Volpone, embora seja bastante malvada.

—Ultimamente eu estive me sentindo bastante malvado.

Persephone soltou uma risada tapando a boca com a mão e disse: —OH, bom. É que vi anunciada sua encenação. Esperava encontrar alguém que me acompanhasse.

—Ficaria encantado de acompanhá-la, é obvio.

—Embora talvez não devêssemos levar Belle. Não estou segura que seja adequado para uma senhorita solteira, e Belle me disse que não sou o bastante rígida como acompanhante.

—Belle disse isso?

—Não com tantas palavras, é obvio. Duvido que deseje estragar um arranjo tão bom. Mas sei em que direção sopra o vento.

—Não vão ao teatro sem mim— particularizou Belle.

—Suponho que teremos que levá-la— disse John com um suspiro afetado. — Pode ser bastante obstinada quando teima com algo.

—OH, fique tranquilo— respondeu Belle. — E comece a trabalhar já. Tem a escrita pendente.

—Suponho— respondeu John, fazendo uma inclinação de cabeça a Persephone quando esta

partiu do vestíbulo. — "Persephone e os pêssegos" será, com certeza, minha obra-prima.

—Se não começar logo a trabalhar, sua obra-prima será "Belle o atacou com uma cadeira." —
Meus joelhos tremem.

—Deveriam tremer.

John se despediu dela e em seguida afastando um par de passos estendeu o braço, adotando uma postura dramática.

— Persephone e os pêssegos? —Torceu a boca em um sorriso infantil. — O que te parece? —
Parece que é maravilhoso.

John se inclinou e a beijou no nariz.

— Preciso dizer que ri mais nestas últimas semanas do que em toda minha vida?
Silenciosamente, Belle negou com a cabeça.

—É verdade, já sabe. Você me faz isso. Não sei como consegue, mas me despojou de minha ira.
Anos de dor, sofrimento e cinismo me tornaram irritante e taciturno, mas agora posso sentir o sol de novo.

Antes que Belle pudesse dizer que isso era poema suficiente para ela, John a beijou de novo, e ela se esqueceu de tudo.



Algumas noites depois, Belle estava amontoada em sua cama, com vários volumes de antologia da poesia espalhados a seu redor.

— Não vai me enganar de novo com outro "Soneto para Célia"— disse a si mesma. —Desta vez vou estar preparada.

Sentia-se um pouco temerosa de que fosse capaz de burlá-la com um dos novos poetas. Sua governanta só a havia aproximado dos clássicos, e só porque Lorde Byron era tão celebre, conhecia o "Caminha bela."

Uma rápida viagem nessa mesma tarde à livraria adquiriu As Baladas líricas de William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, assim como Canções de inocência e Canções de Experiência de um sombrio poeta chamado William Blake. O proprietário lhe assegurou que Blake alcançaria um dia grande fama e tentou vender também O casamento do Céu e o Inferno, mas Belle parou, quase segura de que não havia modo de John encontrar um poema romântico em um livro com um título semelhante.

Com um sorriso, Belle abriu Canções e começou a folhear as páginas, lendo em voz alta ao mesmo tempo.

**"Tigre! Tigre! Luz chamejante Nos bosques da noite,
Que olho ou mão imortal
Pôde idear sua terrível simetria." [3](#)**

Franziu os lábios e afastou o olhar do livro. *Isto de poesia moderna é muito estranho.*

Sacudindo a cabeça , voltou ao livro. Cling!

Belle conteve a respiração. *O que foi isso?*

Cling!

Sem dúvida, havia alguém do outro lado de sua janela. O terror se apoderou dela e deslizou da cama ao chão. Sobre mãos e joelhos, avançou lentamente através do quarto para sua penteadeira. Com uma rápida olhada para a janela, agarrou um candelabro de estanho fabricado em Boston que Emma lhe dera como presente de aniversário anos antes.

Permanecendo agachada, Belle deslizou para a janela. Tendo a precaução de situar-se fora da linha de visão do intruso, encarapitou-se a uma cadeira com o respaldo junto à parede justo ao lado da janela. Tremendo de medo, esperou.

A janela rangeu e então viu como começava a erguer-se. Uma escura mão enluvada apareceu sobre o batente.

Belle conteve a respiração.

Uma segunda mão apareceu junto à primeira, e depois um corpo firme atravessou silenciosamente a janela, aterrissando sobre o chão.

Belle levantou o candelabro, situando seu braço sobre a cabeça do assaltante quando este de repente se virou e ergueu a vista para ela.

—Santo Deus, mulher! Tenta me assassinar?

—John?

Capítulo 13



—O que faz aqui? — ofegou Belle.

—Importaria de soltar essa coisa?

Belle baixou finalmente o candelabro e lhe estendeu a mão. Ele a tomou e se pôs de pé.

— O que faz aqui? — repetiu ela, com o coração revoando estranhamente ante a visão dele em seu dormitório.

—Não é óbvio?

Bem, poderia ter vindo para sequestrá-la e fugir para Gretna Green, ou talvez para violá-la, ou simplesmente para cumprimentar.

— Não— disse devagar. — Não é óbvio.

—É consciente que na semana passada a vi quatro vezes com Persephone presente, duas vezes com meu irmão, uma vez com seu companheiro Dunford, e três vezes em atos sociais onde só me permitiram falar contigo na presença de matronas com não menos de sessenta anos?

Belle reprimiu um sorriso.

—Passamos algum tempo aqui juntos quando veio me visitar.

—Não conto como tempo a sós quando estou todo o tempo preocupado se a senhorita Pêssegos vai aparecer a qualquer momento.

Sua expressão era tão irritada que Belle quase podia imaginá-lo estampando um pé contra o chão como um menino de oito anos ante uma horrorosa injustiça.

—Ora vamos, vamos— disse ela, rindo entre dentes. — Persephone não é tão má.

—Ela é uma maravilha no que se refere a acompanhantes, mas isso não muda o fato de que possui um maldito e inesperado sentido da oportunidade. A metade do tempo me sinto condenadamente temeroso de te beijar.

—Não notei nenhuma diminuição na frequência de suas tentativas.

John lhe dedicou um olhar que deixava muito claro que não apreciava absolutamente seu humor.

— A única coisa que digo é que estou condenadamente farto e cansado de te compartilhar. — OH. — Belle pensou que quase era a coisa mais doce que já ouvira.

—Subi em uma árvore, deslizei ao longo de um ramo instável, e logo saltei através de uma janela a uma altura bastante perigosa. E tudo isso, poderia acrescentar, com uma perna inútil, — disse John, tirando as luvas e sacudindo o pó da roupa. — Simplesmente para ficar a sós contigo.

Belle engoliu com dificuldade enquanto o contemplava, registrando perifericamente o fato de que ele se referiu a sua perna ferida sem amargura ou desespero.

—Queria uma proposta romântica— continuou ele. —Acredite, nunca vou fazer algo mais romântico que isto. — Tirou de seu bolso uma, um tanto amassada, rosa vermelha.

—Casará comigo?

Vencida pela emoção, Belle piscou para desfazer-se das lágrimas que se formaram em seus olhos. Abriu a boca mas não saiu nenhuma palavra.

John se aproximou dela e pegou suas mãos.

— Por favor— disse, e esta única palavra continha tal promessa que Belle assentiu vigorosamente com a cabeça.

—Sim, OH, sim! — lançou-se a seus braços e sepultou sua cara em seu peito.

John a abraçou com força durante vários minutos, saboreando a sensação de seu cálido corpo apertado contra o seu.

— Deveria ter perguntado isso há muito tempo— murmurou ele contra seu cabelo. — Quando estávamos em Westonbirt, tentei te afastar com todas minhas forças.

—Mas por quê?

A garganta dele se fechou.

—John, está doente? Tem aspecto de ter comido algo que te fez mal.

—Não, Belle, eu... — Tentou encontrar as palavras. Não ia enganá-la. Não ia estabelecer um casamento apoiado em mentiras. —Quando te disse que não era o homem que você pensava que fosse...

—Recordo— interrompeu ela. —E ainda não entendo o que quer dizer. Eu...

—Silêncio. —Colocou um dedo sobre seus lábios. —Há algo em meu passado sobre o qual preciso te falar. Foi durante a guerra.

Em silêncio, tomou sua mão e o conduziu à cama. Ela se sentou e fez gestos para que fizesse o mesmo, mas ele estava muito agitado. Deu a volta repentinamente e caminhou a passos largos até a janela, deixando-se cair contra o batente.

—Uma moça foi violada— soltou, agradecido de não poder ver sua expressão. —Esse é meu

pecado.

Belle empalideceu.

— O o-que quer dizer?

John contou todos os detalhes e terminou dizendo; — Assim é como ocorreu. Ao menos assim é como recordo. Estava bêbado. — Soltoou uma breve e vazia gargalhada.

—John, não foi sua culpa. — Suas palavras foram ditas em voz suave, mas estavam cheias de amor e de fé.

Ele não se virou.

— Você não estava lá.

—Conheço-o. Não teria deixado que algo assim acontecesse se tivesse como evitar. Ele se virou para enfrentá-la.

— Será que não me ouviu? Estava bêbado. Se estivesse sóbrio teria sido capaz de cumprir a promessa que fiz à mãe de Ana.

—Ele teria encontrado outro modo de chegar até ela. Não podia ter vigiado à garota cada minuto do dia.

—Poderia ter... eu... — Calou-se bruscamente. — Não quero falar disso.

Belle ficou de pé e cruzou o quarto, colocando com suavidade uma mão sobre seu braço.

— Talvez devesse fazê-lo.

—Não— respondeu rapidamente. — Não quero falar disso. Não quero pensar nisso. Eu... — A voz afogou. — Continua me querendo?

—Como pode sequer perguntar? — sussurrou ela. — Eu... — interrompeu-se, temerosa de alterar o delicado equilíbrio que conseguiram expressando seus verdadeiros sentimentos. — Sinto muito carinho por você. Sei que é um homem bom e honorável, até se você não o acha.

Ele a puxou, estreitando-a apertadamente em seus braços. Aderiu-se a ela, cobrindo seu rosto de beijos.

— OH, Belle, necessito-te tanto. Não sei como sobrevivi até agora sem você. —E eu sem você.

—É como um tesouro, Belle. Como um presente para mim. — De repente a fez mover-se com ele, girando em uma valsa deslumbrante.

Giraram sobre si mesmos, dando voltas e voltas até que ambos caíram desabados sobre a cama, rindo e sem fôlego.

—Me olhe— ofegou John. — Não posso recordar a última vez que me permiti ser tão feliz. Vou sorrindo todo o dia sem saber por que. Escalei uma maldita árvore e saltei por sua janela, e aqui estou... rindo. — Ficou em pé, levando-a consigo. — É de madrugada, e ainda estou aqui contigo. Dançando a meia-noite e estreitando a perfeição em meus braços.

—OH, John— suspirou Belle, incapaz de encontrar palavras para expressar seus sentimentos. Ele pegou seu queixo com os dedos e a aproximou mais e mais.

A respiração de Belle ficou presa na garganta quando seus lábios desceram abruptamente para reclamá-la como dele. Este beijo era diferente de todos os outros que compartilharam.

Havia uma ferocidade nele que não esteve lá antes, estava carregado de um sentimento de possessividade. E Belle teve que admitir que esta possessividade não era unilateral. A maneira em que ela o beijou, com toda a paixão que sentia, agarrada aos músculos de suas costas, tudo com o propósito de mostrar que ele não pertencia a ninguém exceto a ela.

As mãos do John vagaram por suas costas, propagando um incêndio que atravessou o fino material de sua camisola. Baixou-as até seu traseiro e agarrando-o firmemente com as duas mãos, apertou-a contra seu corpo de modo que ela pudesse sentir a rígida e evidente prova de seu desejo.

— Está consciente do muito que te desejo? —disse com voz rouca. — Está?

Belle não podia falar, já que seus lábios estavam de novo sobre os dela. Não podia assentir com a cabeça porque uma de suas mãos tinha subido até sua nuca e sustentava sua cabeça imóvel.

Assim respondeu do único modo que pôde, pondo suas mãos ao redor de suas nádegas e estreitando seus quadris ainda mais contra ela. Um áspero gemido foi a resposta de John, e Belle sentiu uma emoção muito feminina ante seu poder sobre ele.

John se deixou cair de joelhos e seus lábios ardentes traçaram um cálido caminho sobre sua camisola, descendo pelo vale entre seus seios e pousando-se sobre seu umbigo.

—John... — perguntou ela, ofegante. — O que ...?

—Shhh, só me deixe me ocupar de tudo. — Desceu ainda mais, até que suas mãos puderam fechar-se ao redor de seus tornozelos.

—Tão suave. — murmurou. — Sua pele parece a luz da lua.

—Luz da lua? — repetiu ela, com voz estrangulada. As poderosas sensações que atravessavam seu corpo como um raio quase inutilizaram sua voz.

—Suave e delicado, e com um toque de mistério. — Suas mãos começaram a subir lentamente por suas pernas, elevando a camisola com elas. Quando estava a metade de caminho, John a rodeou com seu corpo para depositar dois beijos gêmeos sobre a parte posterior de seus joelhos. Belle

lançou um grito e quase caiu, e teve que aferrar-se a cabeça dele para manter-se em pé.

—Você gosta não é? Terei que me lembrar. — Seguiu subindo, maravilhando-se da delicada pele de suas coxas.

Com uma risada diabólica, baixou a cabeça até a agora muito erguida bainha da camisola e deu um beijo na curva entre a perna e o quadril.

Belle pensou que fosse desmaiar.

A camisola subiu ainda mais, acima de seus quadris, e Belle se sentiu vagamente aliviada que houvesse passado diretamente de suas coxas a seu estômago, evitando uma área mais íntima.

Quando John subiu ainda mais o tecido, pôs-se de pé, fazendo uma pausa antes de deixar expostos seus seios.

—Lembra-se que te disse outro dia que eram perfeitos? — murmurou com a voz rouca em seu ouvido.

Belle negou com a cabeça em silêncio.

—Redondos e maduros com dois preciosos mamilos rosados. Poderia ficar o dia inteiro sugando-os.

—OH, Deus. — Os joelhos de Belle voltaram a converter-se em gelatina.

—Ainda não comecei, amor. — Sustentou a bainha de sua camisola justa sob seus seios e logo o pressionou contra sua pele. Quando o arrastou para cima, Belle pôde sentir a pressão que subia da parte inferior de seus seios. Espasmos de prazer a estremeceram quando a bainha se enganchou em seus mamilos e logo os liberou de repente. E então, antes de ser consciente disso, estava completamente nua e sua pele brilhava suave e pálida a frágil luz das velas.

John conteve o fôlego.

—Nunca em minha vida presenciei uma visão tão gloriosa, — sussurrou reverentemente. Belle ruborizou de prazer ante suas palavras, e de repente foi consciente de que não usava nenhuma roupa.

—OH, meu Deus— grasnou. O acanhamento a envolveu como uma fria brisa, e suas mãos serpentearam tentando cobrir-se, tanto como podia.

Que não era muito, depois de tudo.

John riu entre dentes e a levantou em seus braços.

— Você, amor, é perfeita. Não deveria se envergonhar.

—Não me envergonho— respondeu ela delicadamente. —Não contigo. É só que me resulta muito estranho. Não estou... acostumada a isto.

—Espero que não. — Tirou os livros de cima da cama e a colocou sobre os suaves lençóis brancos. Belle deixou momentaneamente de respirar quando o viu começar a despir-se. Sua camisa foi o primeiro, expondo um firme e musculoso peito que falava de anos de duro exercício. Vê-lo seminu ocasionou uma quente e formigante sensação a desatar em seu ventre. Sem pensar, estendeu uma mão embora ele estivesse muito longe para alcançá-lo.

John sorriu e gemeu ante sua curiosidade. Se fazia cada vez mais e mais difícil manter o controle, sobre tudo quando ela jazia frente a ele olhando-o com seus enormes olhos azuis. Sentou-se na beira da cama para tirar as botas, e logo se levantou outra vez para tirar a calça.

Belle ofegou quando viu sua virilidade, enorme e... não, isto não ia funcionar. Ele devia ser maior do que o normal, ou talvez ela fosse menor que o normal, mas... ofegou outra vez.

Seu joelho.

—Deus bendito— sussurrou. Estava coberto de cicatrizes, e parecia como se tivessem arrancado um grande pedaço de carne justamente em cima da articulação. A pele tensa estava descolorida e sem pelo, sua mera presença era um amargo aviso dos horrores da guerra.

John fez uma amarga careta.

— Não é necessário que a olhe.

O olhar fixo de Belle rapidamente se deslocou a seu rosto.

— Não é isso— assegurou. — Não é desagradável absolutamente— E para demonstrar, deslizou para fora da cama e se ajoelhou ante ele para beijar as cicatrizes.

—Põe-me doente pensar como deve ter doído isto— sussurrou. —E o perto que estive de perder a perna. É tão vital e tão forte. Não posso imaginar o que isso teria te feito.

Começou a beijá-lo outra vez, banhando sua pele em uma suave corrente de amor. Emoções que John nunca esperou sentir, que nunca acreditou poder sentir, desataram grosseiramente em seu interior, e a pôs de pé com um áspero puxão.

— OH, Deus, Belle— disse com a voz rouca.—Quero-te tanto.

Caíram sobre a cama, aterrissando de modo que o duro e musculoso corpo de John cobrisse o dela. O fôlego escapou dos pulmões de Belle, e ainda assim seu peso sobre ela era glorioso, diferente de qualquer outra coisa que tivesse experimentado antes. Beijou-a e a beijou até que Belle esteve segura de que ia derreter ali mesmo, e logo depois de repente levantou a cabeça e a olhou profundamente aos olhos.

—Vou agradar você primeiro— disse. — Assim saberá que não há nada a temer, que isto é algo belo e maravilhoso.

—Não tenho medo— sussurrou ela. Mas então recordou o enorme que aparentou. — Bom, talvez esteja um pouco nervosa.

John sorriu de modo tranquilizador.

— Não tenho nenhuma experiência com virgens, mas quero que isto seja perfeito para você. Acredito que poderia resultar mais fácil se a satisfizer primeiro.

Belle não tinha nem ideia do que ele falava, mas assentiu de todos os modos. —Soa como se tivesse pensado muito no assunto.

—Acredite —disse ele, com voz rouca. — Não pensei em outra coisa. — Sua mão deslizou suavemente para baixo, por toda a longitude de seu corpo.

Ela estendeu uma mão, acariciou sua face, e com voz suave disse: — Confio em você.

John esfregou seus lábios contra os dela para distrai-la enquanto seus dedos procuravam sua feminina essência. Ela estava nervosa, e ele não queria que se sobressaltasse muito por isso.

Ele a tocou. Quase caiu da cama.

—Está seguro de que é assim que se faz? — perguntou ela ofegante. —Estou seguro.

E então sua boca se uniu a seus dedos. Belle estava convencida de que morrera. Não era possível que nada a fizesse sentir tão depravada... e tão bem.

—OH, John! — ofegou, impotente para impedir a alma girar descontrolada. — Não acredito que... Não posso...

E então aconteceu. Sentiu como se cada terminação nervosa de seu corpo de repente convergissem em seu abdômen. Esticou-se, e a seguir explodiu. Levou vários minutos flutuando até retornar à terra, e a única coisa que pôde dizer foi: — Céu misericordioso.

Ouviu a risada de John, e quando abriu os olhos viu que a olhava com expressão divertida. Ele se inclinou e beijou-lhe o nariz.

—É isto normal? — perguntou, com uma vozinha. Ele assentiu.

— É melhor. —De verdade?

Ele assentiu outra vez.

—Você...? — Deixou a pergunta sem terminar. Era nova nisto e não sabia muito bem como expor a questão.

Ele negou com a cabeça suavemente.

— Quando eu encontrar minha liberação, saberá. —Será tão bom como...? — Não podia

terminar a frase. Os olhos de John se obscureceram de desejo, e assentiu.

—Bem. — Belle suspirou. —Não ia gostar disto se você não desfrutasse tanto como eu. Mas se não se importa, eu gostaria de me aconchegar contra você um minuto ou dois. —Seu membro rígido discrepou de suas palavras, mas John disse.

—Não há nada que prefira fazer mais.

Só a tinha em seus braços uns segundos quando escutaram um horrível ruído. A voz de Persephone.

Então soou uma chamada na porta.

— OH, Belle? —ouviu-se, em um teatral sussurro. — Belle? Belle fulminou a porta com um olhar.

— Persephone?

—Posso entrar um momento? O pânico a dominou.

—Uh, um minuto! —Graças a Deus a porta estava fechada. — Se esconda! —chiou para John.

—Estou tentando— respondeu ele, com outro chiado. Saltou da cama, amaldiçoando o frio ar noturno. Recolheu sua roupa em uma braçada, rogando não ter esquecido nada, e se dirigiu aos tropeços para o armário.

Belle agarrou sua manta, cobriu-se, e foi para a porta. Virou a chave e a abriu, maravilhando-se que suas trêmulas pernas a mantiveram erguida.

— Boa noite, Persephone.

—Sinto te incomodar, mas não podia dormir, e sabia que foi hoje à livraria. Perguntava-me se poderia me emprestar algo para ler.

—É obvio. —ele se precipitou ao interior do quarto e pegou alguns livros. — É tudo poesia, mas é a que ia dedicar-me a noite.

Persephone percebeu as pernas nuas de Belle que se entreviam sob a manta e disse: — Não está de camisola?

Belle ruborizou e em silencio agradeceu que a escuridão da noite ocultasse sua vergonha. — Sentia calor.

—Não posso imaginar por que. A janela está totalmente aberta. Pegará um resfriado. —Não acredito. — Belle empurrou os livros aos braços de Persephone.

—Obrigado. — Persephone enrugou o nariz e fungou o ar. —Que aroma é esse? É muito peculiar.

Belle rezou para que a conhecida virgindade de Persephone fosse verdadeira já que o quarto estava perfumado com os aromas do ato sexual. Só podia esperar que não reconhecesse o aroma.

—Umm, parece que vem do exterior.

—Bem, não posso imaginar o que é, mas deveria te lembrar de fechar a janela antes de dormir. E se desejar poderia te emprestar um pouco de meu perfume de essência de violetas. Estou segura de que o aroma desaparecerá se orvalhar um pouco de perfume pelo quarto.

—Talvez pela manhã. — Belle fez um gesto em direção à porta. —Boa noite, então. A verei pela manhã.

—Boa noite. — Belle fechou a porta rapidamente, apoiando as costas contra ela com um suspiro.

A porta do armário se abriu de repente. John surgiu através dela, a parte superior de seu corpo enredado nos vestidos de Belle.

— Deus bendito, mulher, tem muitos vestidos. Belle não ligou.

— Estava muito assustada.

—E eu me senti como um condenado estúpido. Advirto isso, não vou aguentar muito mais tempo. — Embutiu sua perna ferida bruscamente nas calças.

—Não? — perguntou Belle fracamente.

—Não muito mais. Sou um homem adulto. Lutei em uma maldita guerra, quase perco uma perna, joguei no mercado de valores durante cinco anos e acumulei dinheiro suficiente para comprar uma maldita casa. Acha que eu gosto de ter que ficar me escondendo em armários?

Belle não acreditou que fosse necessária uma resposta.

—Bem, eu não gosto. Eu não gosto disto absolutamente. — sentou-se em uma cadeira próxima para poder colocar sua perna boa nas calças.

Belle conjecturou que sua perna ferida não era forte o bastante para sustentá-lo sobre ela muito tempo.

—E te direi algo mais— acrescentou ele, lutando por manter a raia sua irritação. — No que me diz respeito, você é minha. Entende isso? E eu não gosto que me façam sentir como um ladrão por desfrutar do que é meu.

—O que vai fazer?

Ele agarrou sua camisa.

—Vou casar contigo já. E em seguida vou levá-la de volta a Bletchford Manor e a colocar em minha cama e a manterei lá durante uma semana. Tudo isso sem necessidade de me preocupar que a

senhorita Pêssegos entre sem permissão a qualquer momento para me arruinar o humor.

—Realmente, precisa encontrar um novo nome para sua casa.

—Nossa casa— corrigiu-a, franzindo o cenho ante sua tentativa de mudar de assunto. — E estive muito ocupado te perseguindo para dedicar um momento a questão.

—Eu te ajudarei. — Belle sorriu. Ele a amava. Podia ser que não tivesse dito com palavras, mas estava lá mesmo, em seus olhos.

—Bem. Agora se me perdoa, tenho que saltar outra vez por sua janela, deslizar até o chão por uma árvore, retornar a casa de Damien, e tentar dormir. E depois disso, preciso pensar como conseguir uma licença especial.

—Uma licença especial?

—Não estou disposto a suportar estas tolices mais tempo do que o imprescindível. Com um pouco de sorte estaremos casados no fim de semana.

—No fim de semana? — repetiu Belle. — Está louco? Não posso me casar esta semana. Nem sequer posso me comprometer oficialmente até que meus pais retornem.

John gemeu enquanto se agachava para pegar suas botas e pronunciou uma maldição completamente desconhecida para Belle.

— Quando falta para retornarem? — perguntou, em voz muito baixa. —Não estou segura.

—Seria possível fazer uma estimativa?

—Não mais de um par de semanas, suponho. —Belle se absteve de informar que teriam que esperar ao menos um mês ou dois depois de que seus pais voltassem antes que pudessem casar.

Sua mãe insistiria em um grande casamento. Disso estava segura. John amaldiçoou outra vez.

—Se não chegarem em casa em uma quinzena, Alex pode te entregar. Ou diga a seu irmão que venha de Oxford. Dá na mesma.

—Mas...

—Sem, mas. Se seus pais fizerem alguma pergunta, pode dizer simplesmente que tivemos que nos casar.

Belle engoliu em seco e assentiu. Que mais podia fazer?

— Você que... — Perdeu a coragem, e o resto da frase ficou em sua língua. Ele se virou.

— Sim?

—Nada. Tome cuidado na árvore. É bastante alta.

—Três andares, para ser exato. — Seu sorriso torto era contagioso, e Belle sentiu como as comissuras de sua boca se curvavam enquanto o seguia para a janela.

Ele se inclinou e murmurou.

— Um beijo de despedida. — Seus lábios acariciaram os dela em uma última e apaixonada carícia.

Belle mal teve tempo de devolver o beijo antes que ele se afastasse, colocasse as luvas, e desaparecesse para o exterior. Ela se precipitou para a janela e olhou para fora, contemplando-o com um sorriso enquanto descia a árvore.

—Poderia ter saído pela porta— resmungou para si mesma. —O quarto de Persephone está no outro extremo da casa. OH, bom, era mais divertido desta forma, e certamente muito mais romântico.

Enquanto não quebrasse seu tolo pescoço. Belle apareceu um pouco mais pela janela e suspirou aliviada quando viu que seus pés tocavam a terra. Ele se agachou um pouco para esfregar o joelho ferido, e ela se estremeceu compassivamente. Olhou-o até que desapareceu de sua visão, apoiada contra o batente com uma expressão sonhadora em sua cara. Londres podia ser muito bonita em algumas ocasiões, refletiu. Como agora, com suas ruas desertas, e...

Um movimento atraiu sua atenção. Era um homem? Era difícil dizer. Por um momento se perguntou o que poderia estar fazendo alguém vagando aí fora e a pé a estas horas da noite.

Deixou escapar uma risada. Talvez todos os cavalheiros de Londres decidiram praticar um pouco de cortejo pouco convencional essa noite. Suspirando, fechou a janela e retornou à cama para deitar-se. Só quando já estava amontoada sob seu edredom recordou que ele não conseguira sua liberação.

Sorriu ironicamente. Não era de se admirar que estivesse tão estranho.



John retornou a casa do irmão com uma mão sobre a arma durante todo o caminho. Ultimamente, Londres estava cada vez mais perigosa, e ficar alerta nunca era demais.

De todos os modos, não quis deixar uma carruagem parada em frente a casa de Belle. Alguém poderia vê-la, e não queria que fosse vítima de algum malicioso rumor. Além disso, apenas o separavam umas quantas quadras da casa de Damien. Parecia como se todos os integrantes da temporada vivessem apinhados em uma pequena parcela de Londres. Duvidava que a maior parte deles soubessem sequer que a cidade se estendia além de Grosvenor Square.

Estava a meio caminho de volta quando ouviu passos. Virou-se. *Havia alguém atrás dele?*

Nada, exceto sombras. Continuou seu caminho. Certamente havia imaginado. Ainda sentia um pouco de paranoia pela guerra, quando cada som podia significar a morte. Dobrava a última esquina quando ouviu os passos outra vez. E logo uma bala passou por cima de sua orelha.

— Que demônios?

Outra bala zumbiu, esta roçou seu braço e o feriu. Tirou rapidamente a pistola e virou-se sobre si mesmo. Distinguiu uma figura entre as sombras do outro lado da rua, recarregando febrilmente uma arma. John se apressou a disparar, e o vilão desabou quando a bala o acertou no ombro.

Maldição! Sua pontaria decaíra. Com a arma ainda na mão, começou a aproximar-se de seu fortuito assassino. O homem o viu, agarrou o ombro, e ficou em pé.

Olhou John com inquietação, mas a parte superior de seu rosto estava coberto por uma máscara, assim John não tinha como reconhecê-lo. Com uma última olhada, o bandido escapou correndo. Quando John chegou do outro lado da rua, amaldiçoou sua perna ferida por atrasar sua corrida. Nunca se sentiu tão furioso com o destino por mutilá-lo desta forma. Não havia modo de alcançar o atacante.

Aceitando seu fracasso, suspirou e deu meia volta. Isto era um grave problema. E não tinha nenhum direito de arrastar Belle com ele.

Levou uma mão ao braço quando finalmente se deu conta de que sangrava. Entretanto, não sentia dor. Sua fúria anulava qualquer outra sensação. Alguém estava atrás dele, e não sabia por que. Algum lunático lhe enviava notas anônimas e o queria morto. E quem quer que fosse, provavelmente não vacilaria em ir atrás de Belle se se inteirasse do muito que ela significava para ele.

E se esteve seguindo-o durante a semana passada, já saberia que John passou cada minuto livre na companhia dela. John soltou um palavrão enquanto subia os degraus dianteiros da casa de Damien. Não poria Belle em perigo, ainda que isso significasse que teria que pospor seus projetos de casamento. *Inferno e condenação.*

Capítulo 14



—Desculpe, milady, chegou uma mensagem para você.

Belle levantou o olhar quando um criado entrou na sala. Estava lá sentada, perdida em seus pensamentos, repassando de novo a noite anterior com John... pela vigésima sétima vez. Pegou a carta, abriu-a com cuidado, e a leu.

Belle,

Peço desculpas por te avisar com tão pouco tempo, mas é impossível acompanhar você e Persephone ao teatro esta noite.

Sinceramente, John Blackwood

Belle ficou olhando a nota durante um minuto mais ou menos, intrigada pelo tom tão formal. Finalmente, com um encolhimento de ombros, decidiu que algumas pessoas sempre redigiam em tom formal, assim não deveria sentir-se chateada por ele ter assinado a nota com um - sinceramente em vez de com um - com amor. E tampouco tinha importância que ele houvesse sentido a necessidade de incluir seu sobrenome além de seu nome de batismo. Guardou a nota, dizendo a si mesma que não devia ser tão desconfiada.

Bom. Talvez Dunford estivesse interessado em acompanhá-las.

Dunford gostava de ir ao teatro, e desfrutaria assistindo com Belle e Persephone. Entretanto, os pensamentos de Belle retornavam com frequência para o homem que penetrou em seu dormitório a noite anterior. Perguntava-se o que o teria impedido de reunir-se com ela essa noite, mas supôs que ele explicaria tudo no dia seguinte.

Exceto que não apareceu no dia seguinte. Nem no outro.

Belle estava mais que perplexa. Estava condenadamente irritada. Já tinham advertido sobre os homens que usavam às mulheres para seu próprio prazer e logo se esqueciam delas, mas resultava impossível colocar John nessa categoria. Em primeiro lugar, porque se negava a acreditar que pudesse ter se apaixonado por um homem tão desonesto, e em segundo lugar, porque foi ela quem acabou gemendo de prazer na outra noite, e não ele.

Depois de dois dias de esperar e rogar para que aparecesse, Belle finalmente decidiu tomar o assunto em suas mãos e lhe enviou uma nota, pedindo que a visitasse.

Não houve resposta.

Belle grunhia de irritação. Ele sabia perfeitamente que ela não podia visitá-lo. Estava abrigado com o irmão, e ambos eram solteiros. Era totalmente inadequado que uma senhorita solteira visitasse tal casa. Sobre tudo aqui, em Londres. Sua mãe pediria sua cabeça se a pegasse, o que era possível, considerando que sua chegada estava prevista para qualquer momento a partir do dia de hoje.

Enviou outra mensagem, esta redigida muito mais cuidadosamente, perguntando se fizera algo que o desgostou, e rogando por favor que fosse o bastante amável para responder.

Belle sorriu ironicamente para si mesma enquanto escrevia as palavras. Não lhe caia muito bem ocultar a pontada de sarcasmo de seu tom.



Algumas ruas mais à frente, John gemeu quando leu sua nota. Ela estava se zangando, isso estava claro. E como poderia culpá-la? depois de uma quinzena de flores, chocolate, poesia, e finalmente paixão, ela tinha direito a esperar vê-lo e ficar com ele.

Mas que outra coisa poderia fazer? Ele recebera outro bilhete anônimo no dia seguinte do ataque que simplesmente dizia:

“A próxima vez não falharei.”

John não duvidava que Belle se responsabilizaria velar por sua proteção se inteirasse de que alguém tentava matá-lo. E como não via como Belle poderia protegê-lo, tal esforço só podia conduzir a que fizessem mal a ela.

Suspirou com desespero e deixou cair a cabeça entre as mãos. Agora que tinha a felicidade justo ao alcance da mão, como passaria o resto da vida preocupado que uma bala fosse pegá-lo despreparado? Fez uma careta. As palavras *O resto de sua vida* de repente adquiriram um novo significado. Se esse assassino continuasse tentando, cedo ou tarde teria sorte. John teria que traçar um plano. Mas enquanto isso, precisava manter Belle afastada dele e das balas que se abatiam sobre suas costas. Com um insuportável peso no coração, pegou uma pluma e a molhou no tinteiro.

Querida Belle,

Não será possível vê-la durante algum tempo. Não posso explicar por que.

Por favor, seja paciente comigo. Seja paciente.

Teu,

John Blackwood.

Sabia que na realidade deveria ter terminado a relação, mas não podia fazê-lo. Ela era a única coisa que havia em sua vida que proporcionara uma verdadeira felicidade, e não estava disposto a perdê-la. Segurando o ofensivo pedaço de papel com a mão como se pudesse infectá-lo, desceu ao andar inferior e o deu a um criado. Belle o receberia em menos de uma hora.

Não queria nem pensar.



A resposta de Belle ao ler sua breve missiva foi uma piscada.

Isto não podia ser real. Piscou outra vez. As palavras não desapareceram.

Algo ia terrivelmente mal. Tentava afastá-la dele outra vez. Não sabia por que, e tampouco sabia por que ele pensava que o conseguiria, mas não podia permitir-se acreditar que ele não a queria. Como poderia não fazê-lo, quando ela o queria tanto? Deus não podia ser tão cruel.

Belle rapidamente afastou esses pensamentos deprimentes. Precisava confiar em seu instinto, e este dizia que John sim a queria. Muitíssimo. Tanto como ela a ele. Pediu que fosse paciente com ele. Isso parecia indicar que estava tentando solucionar o problema que o preocupava. Devia estar metido em alguma dificuldade, e não queria implicá-la. *Típico dele.*

Soltou um rosnado. Quando ele ia aprender que o amor significava compartilhar os problemas? Amassou o papel até convertê-lo em uma bola e o apertou com força na mão. Teria sua primeira lição essa tarde, porque ela ia vê-lo, e para o inferno que isso não fosse apropriado.

E isto era outra coisa. Suas maldições mentais alcançaram proporções épicas durante os últimos dias. Inclusive começava impressionar a ela mesma. Belle puxou a nota e esfregou as mãos.

Desfrutaria jogando-lhe a culpa da degradação de sua linguagem.

Sem incomodar-se em trocar de roupa, Belle pegou uma capa quente e saiu com passo majestoso a procura de sua criada. Encontrou-a em seu quarto de vestir, examinando seus vestidos a procura de

pequenos rasgos.

—OH, olá, milady— disse Mary rapidamente. — Sabe já que vestido desejará usar esta noite? Precisa ser passado.

—Não importa— disse Belle energicamente. — Parece que não sairei esta noite depois de tudo. Mas quero dar um curto passeio esta tarde, e eu gostaria que me acompanhasse.

—Em seguida, milady. — Mary foi por o casaco e seguiu Belle escada abaixo. — Onde vamos?

—OH, não muito longe— disse Belle enigmaticamente. Franziu os lábios com firme determinação, abriu a porta da rua e desceu os degraus.

Mary se apressou para alcançá-la.

— Nunca a vi andar tão rápido, milady.

—Sempre caminho muito rápido quando estou irritada.

Mary não tinha resposta para isto, assim simplesmente suspirou e acelerou o passo. Depois de caminhar algumas quadras, Belle parou em seco. Mary quase se chocou contra ela.

—Hmmm— disse Belle. —Hmmm?

—Este é o lugar. —Que lugar?

—A casa do Conde de Westborough. —O conde de que?

—O irmão de John.

—Ah. —Mary vira John várias vezes durante as últimas semanas. — Por que estamos aqui? Belle suspirou e levantou o queixo com teimosia.

—Viemos fazer uma visita. — Sem esperar a resposta de Mary, subiu os degraus e golpeou com a aldrava três vezes.

—O que? — disse Mary quase gritando. — Não pode vir aqui de visita. —Posso e o farei. — Impaciente, Belle chamou outra vez.

—Mas... mas aqui só vivem homens.

Belle pôs os olhos em branco. Realmente, Mary, não tem por que falar deles como se fossem uma espécie à parte.

—São iguais a você e eu. — ruborizou. — Bom, quase.

Acabava de erguer a mão outra vez para agarrar a aldrava quando o mordomo abriu a porta. Deu-lhe seu cartão de visita e disse que estava lá para visitar lorde Blackwood.

Mary estava tão envergonhada que era incapaz de olhar mais acima dos joelhos de Belle. O

mordomo introduziu às duas senhoras em um pequeno salão a um lado do vestíbulo principal.

—Persephone vai me jogar à rua— sussurrou Mary, sacudindo a cabeça.

—Não o fará, e de todas as formas trabalha para mim, assim ela não pode te despedir. —Ainda assim, não vai gostar disso.

—Não vejo nenhuma razão pela qual precise inteirar-se— disse Belle, com resolução. Mas interiormente estava tremendo.

Isto era algo muito impróprio, e se havia uma coisa para o que sua mãe não a educara, era para ser imprópria. OH, ela visitara John sozinha no campo, mas lá o protocolo era mais flexível.

Justo quando pensou que seus nervos chegaram quase ao limite, o mordomo retornou. —Lorde Blackwood não recebe, milady.

Bela ofegou ante o insulto. John se negou a vê-la. Ficou em pé e saiu a passos largos da sala, mantendo um porte rígido graças à dignidade que fora inculcada desde seu nascimento. Não se deteve até que caminhou metade do caminho, e então, incapaz de evitar, olhou para trás.

John estava de pé em uma das janelas do terceiro andar, olhando-a fixamente. Assim que a viu virar, se afastou e deixou que as cortinas voltassem para o lugar. —Hmmm— disse Belle, olhando ainda a janela.

—O que? — Mary seguiu seu olhar fixo, mas não encontrou nada de interessante. —É uma bonita árvore diante do edifício.

Mary arqueou as sobrancelhas, convencida de que sua patroa perdera a cabeça. Belle acariciou o queixo.

—Está extraordinariamente próxima da fachada. — Sorriu. —Vamos, Mary, temos trabalho a fazer.

—Temos? — Mas as palavras de Mary não foram ouvidas, porque Belle já estava a vários passos na frente dela.

Quando chegou em casa, Belle subiu diretamente até seu quarto, pegou uma folha de papel da escrivaninha e escreveu uma nota a Emma, que foi muito mais moleca enquanto Belle crescia.

Queridíssima Emma,

Como se sobe em árvores?

Afetuosamente,

Belle

Após enviar a carta a prima, Belle lutou com sua dor e sua cólera da melhor maneira que lhe ocorreu. Foi às compras.

Para esta saída levou Persephone com ela. A anciã nunca se cansava de visitar as elegantes lojas de Londres. Havia muito mais variedade que em Yorkshire, explicou. E além disso, era muito divertido gastar o dinheiro de Alex.

Na realidade, nenhuma das duas mulheres necessitava roupa nova depois de sua última saída, mas se aproximava a temporada de férias, assim perambularam por várias lojas de ninharias, procurando presentes. Belle encontrou um pequeno telescópio para seu irmão e uma encantadora caixa de música para sua mãe, mas não podia evitar desejar no fundo de seu coração que fossem para John as compras que realizava.

Suspirou. Simplesmente teria que confiar que no final tudo ficaria bem. Negava-se a pensar o contrário. Seria muito doloroso. Foi provavelmente porque estava tão perdida em seus pensamentos, que não percebeu os dois tipos de aspecto bastante desagradável que espreitavam em um beco quando ela passou em frente.

Antes de dar-se conta do que acontecia, um deles a agarrou pelo braço e a arrastou para o fundo do beco.

Belle gritou e lutou com toda suas forças. O valentão conseguiu levá-la bem ao fundo do beco para que os transeuntes da rua principal não a vissem. E Londres se tornou tão ruidosa, que era compreensível que tampouco alguém escutasse seus gritos.

— Me solte, seu vagabundo— gritou. Sentia o braço como se o estivessem rasgando, mas bloqueou a sensação de dor, concentrada apenas em escapar.

—É esta, já disse— ouviu um dos rufiões dizer. — Esta é a senhorita elegante que procuramos.

—Fecha o bico e venha aqui. — O outro homem se aproximou e o terror que Belle sentia se duplicou. Não seria capaz de opor resistência à força de ambos os homens.

Mas, justamente quando parecia que tudo estava perdido, a salvação chegou na inverossímil figura de Persephone. Distraiu-se olhando uma vitrine particularmente atraente quando Belle desapareceu no beco e ficou muito aturdida quando ao olhar ao redor viu que sua pupila sumira. Quando chamou Belle e não obteve resposta, preocupou-se e começou a procurá-la com o olhar freneticamente.

—Belle? — chamou de novo, desta vez erguendo a voz. Apressou-se a caminhar, virando a cabeça em todas as direções. E então, quando ficou em frente ao beco, viu um movimento impreciso

e o familiar cabelo loiro de Belle.

—Santo Deus! — gritou, o bastante alto para fazer que a maioria das pessoas que caminhavam pela calçada parassem e a olhassem fixamente. — Soltem-na, bestas! — precipitou-se no beco, com sua sombrinha erguida acima da cabeça. —Soltem-na, estou mandando! — Com um golpe furioso, descarregou o braço com a sombrinha sobre a cabeça de um dos atacantes.

—Fecha o bico, velha! — gritou ele, uivando de dor.

A resposta de Persephone foi um movimento horizontal com sua improvisada arma que o acertou diretamente no peito. Deixou-o sem fôlego, e o homem caiu ao chão.

O outro valentão se debatia entre o mais absoluto pânico e a pura avareza, cobiçando o dinheiro que prometeram se capturasse à dama loira. Fez uma última tentativa desesperada, mal consciente que várias pessoas se apressaram a entrar no beco ao ouvir os gritos de socorro de Persephone.

—Mandeí soltá-la! — trovejou Persephone. Mudou sua tática de ataque e começou a empurrá-lo brutalmente com a ponta do guarda-chuva. Quando o estocou com firmeza na virilha, finalmente soltou Belle, e, dolorosamente curvado, fugiu.

—Persephone, muitíssimo obrigada—disse Belle, com tardias lágrimas de terror em seus olhos.

Mas Persephone não a escutava. Toda sua atenção estava concentrada no homem que ainda seguia caído no chão. Fez uma ameaça de levantar-se, mas ela o cravou no ventre.

— Não tão rápido, senhor.

Os olhos de Belle se arregalaram. Quem teria pensado que a querida e idosa Persephone possuísse semelhante veia de valentia?

O vilão viu a crescente multidão que se formava ao redor dele e fechou os olhos, compreendendo que a fuga era impossível. Para grande alívio de Belle, um policial chegou rapidamente à cena, e lhe contou sua história. Ele começou a interrogar o atacante, mas o homem permaneceu calado.

Quer dizer, até que o policial recordou os possíveis castigos por atacar uma dama da posição de Belle. O homem cantou como um canário.

Contrataram-no para sequestrá-la. Sim, só ela. Não, não qualquer bonita dama loira, mas esta em particular. O cavalheiro que o contratou falava com o acento desdenhoso da nobreza. Não, ele não sabia seu nome, e nunca o vira antes, mas tinha o cabelo loiro e os olhos azuis, se isso servisse de ajuda, e usava um braço em uma tipoia.

Depois de terminar o interrogatório, o policial o arrastou com ele e disse a Belle que fosse especialmente cuidadosa. Talvez devesse contratar um desses policiais da Bond Street para maior

proteção. Belle estremeceu de medo. Tinha um inimigo. Um que provavelmente a queria morta.

Quando a multidão começou a dispersar-se, Persephone se virou para ela e perguntou solicitamente.

— Encontra-se bem, querida?

— Sim, sim— respondeu Belle. — Estou bem. — Seus olhos se dirigiram para o braço onde o horrível homem a agarrou. Havia um vestido e um casaco entre sua pele e a dele, mas de todos os modos, se sentiu suja. — Entretanto, eu gostaria de tomar um banho.

Persephone assentiu.

— Não poderia estar mais de acordo.

Já na manhã seguinte, um lacaio trouxe para Belle a resposta de Emma.

Queridíssima Belle,

Não posso nem imaginar por que de repente quer aprender a subir em árvores, já que nunca sentiu o menor interesse por isso quando éramos pequenas. O primeiro passo é procurar uma árvore com galhos razoavelmente baixos. Se não puder alcançar o primeiro galho, não chegará a nenhum lugar...

A carta continuava durante duas páginas mais. Emma era muito minuciosa. E também um pouco desconfiada, como demonstrava o final da carta.

Espero que ache tudo isto útil, embora devo dizer que me pergunto onde pensa subir em uma árvore em Londres. Confesso que acredito que isto tem algo que ver com John Blackwood.

O amor faz coisas estranhas às mulheres, como bem sei.

Tome cuidado, independentemente do que faça, e só posso suspirar de alívio por não ser mais sua acompanhante. Deus abençoe Persephone.

Afetuosamente, Emma

Belle zombou. Se Emma fosse ainda sua acompanhante, provavelmente insistiria em ir junto com ela. Emma nunca foi famosa por seu comportamento prudente.

Belle releu a carta, prestando especial atenção à parte sobre como subir em uma árvore. Ia realmente fazer isso? Quando parou frente à casa de Damien e avaliou aquela árvore, não acreditou realmente que faria algo a respeito. Ela não era o tipo de mulher audaz, capaz de subir em uma árvore e penetrar na casa de um conde por uma das janelas do terceiro andar. Em primeiro lugar,

sentia vertigem.

Mas, como Emma tão sabiamente indicou, o amor fazia coisas estranhas a uma mulher. Isso, e o perigo. Sua desagradável experiência com aqueles dois valentões no beco a convenceram que era o momento de agir com decisão. Ou possivelmente com precipitação, o que o definia melhor.

Belle sacudiu a cabeça. Não importava. Estava decidido. Assustaram-na, e necessitava ao John.

Mas aqueles valentões complicavam um pouco seus projetos. Não podia aproximar-se sozinha no meio da noite da casa de Damien quando alguém a espreitava lá fora para sequestrá-la. E Mary, certamente, não seria proteção suficiente. Persephone e sua perigosa sombrinha eram outra história, mas Belle duvidou que Persephone concordasse em ir com ela. Pode ser que fosse bem tolerante em relação aos deveres de acompanhante, mas certamente estabeleceria o limite em permitir que Belle penetrasse no quarto de um homem.

O que fazer, o que fazer?

Belle sorriu maliciosamente.

Pegou uma pluma e escreveu uma nota a Dunford.



—Nego-me absolutamente!

—Não seja chato, Dunford— disse Belle. — Necessito de sua ajuda.

—Você não necessita ajuda, você necessita de um freio. E não sou chato, sou sensato. Uma palavra da qual parece ter esquecido o significado.

Belle cruzou obstinadamente os braços e se afundou em sua poltrona. Dunford se levantou e começou a marcar o ritmo, gesticulando com as mãos enquanto falava.

Nunca o vira assim tão alterado.

—O que está pensando é uma maldita tolice, Belle. Se não quebrar o pescoço, e esta é uma possibilidade bastante grande, se considerarmos que toda sua experiência como trepadora de árvores pode reduzir-se a uma carta de sua prima, então provavelmente a deterão por transgressão.

—Não me deterão.

—OH, de verdade? E como está tão segura de que acabará no quarto correto? Com sua sorte, certamente aterrissará no dormitório do conde. E notei como a olha. Eu acho que apreciaria sua sorte.

—Não o faria. Sabe que estou interessada em seu irmão. E não vou "aterrissar em seu dormitório" como tão delicadamente disse. Sei qual é o quarto de John.

—Nem sequer vou perguntar como sabe disso.

Belle tinha na ponta da língua a defesa de sua reputação, mas, em troca, guardou silêncio. Se Dunford pensava que ela já esteve no dormitório de John, talvez se sentisse menos relutante a ajudá-la a voltar lá outra vez.

—Olhe, Belle, minha resposta segue sendo não. Absolutamente não! Com três pontos de exclamação.

—Se realmente fosse meu amigo... —resmungou Belle.

—Exatamente. Sou seu amigo ao não te deixar fazer isto. Um amigo extraordinariamente bom. Não há nada que possa dizer que me faça ajudar a fazer isso.

Belle ficou de pé.

—Bem, Dunford, obrigado então. Esperava sua ajuda, mas vejo que simplesmente terei que fazer sozinha.

Dunford gemeu.

—Esquece isso, Belle, não pode ir lá sozinha.

—Não tenho outra opção. Preciso vê-lo com urgência e ele não me receberá. Suponho que alugarei um carro para percorrer a pouca distancia até lá e assim não terei que caminhar sozinha tão tarde da noite, mas...

—Ok, ok— vacilou Dunford, com expressão exasperada. —Ajudarei, mas quero que saiba que desaprovo por completo.

—Não se preocupe, deixou isso muito claro.

Dunford se afundou em uma cadeira, fechando os olhos de agonia mental. —Deus nos ajude— gemeu. —Deus ajude a todos nós.

Belle sorriu.

—OH, acredito que o fará.

Capítulo 15



—E de onde demônios tirou uma ideia tão louca como esta, de todos os modos? —Isso não importa. — Belle deu uma olhada a seu resistente companheiro de delito.

Dunford não se sentia absolutamente feliz de estar junto a ela frente à casa do irmão de John às três da madrugada, e obviamente não tinha escrúpulos em mostrar seu aborrecimento.

Mantinha o cenho franzido enquanto a ajudava a colocar uma perna à árvore.

— Não penso partir até que a veja sair desta casa. Preferencialmente pela porta da rua. Belle não o olhou enquanto se agarrava ao primeiro galho.

— Prefiro que não o faça. Não sei quanto tempo ficarei.

—Isso é o que me preocupa.

—Dunford, inclusive mesmo que John me detestasse, insistiria em me ver a salvo em minha casa. Ele é desse tipo de homem. Não precisa preocupar-se com minha segurança quando estou com ele.

—Possivelmente, mas e sua reputação?

—Bom, isso é problema meu, não? — Belle se ergueu até o seguinte galho. —Isto é muito mais fácil do que parece. Alguma vez subiu em uma árvore, Dunford?

—É obvio que sim— respondeu, com voz irritada. Ela estava já à altura das janelas do segundo andar. Não pela primeira vez, amaldiçoou a si mesmo por ter se deixado enredar neste louco plano.

Mas, por outro lado, se não a tivesse ajudado, provavelmente teria vindo sozinha, o que era inclusive uma loucura maior. Nunca vira Belle assim antes. Por seu próprio bem, esperava que este tal Blackwood sentisse o mesmo por ela.

—Já estou quase lá, Dunford— chamou ela, suavemente, provando a resistência do galho que teria que aguentar seu peso quando ela deslizesse horizontalmente para a janela. — Promete que irá embora quando eu estiver lá dentro?

—Não prometerei nada no estilo.

—Por favor— suplicou ela. —Congelará aqui fora.

—Só irei embora se Blackwood aparecer à janela e me der sua palavra de cavalheiro de que a devolverá a salvo a sua casa.

Dunford suspirou intimamente. Não seria capaz de proteger a virtude de Belle, se é que havia algo a proteger, coisa que sinceramente esperava que houvesse, mas ao menos poderia assegurar-se de que chegasse em casa a salvo.

—Bem— concordou ela, e começou a deslizar pouco a pouco ao longo do grosso galho, para a janela. Depois de aproximadamente três segundos sobre mãos e joelhos, lhe ocorreu uma ideia melhor, e se sentou escarranchada sobre o galho, agradecendo por ter pego emprestada um par de calças do armário do irmão.

Usando os braços como apoio, ela lentamente percorreu a distância. Quando alcançou a janela, o galho se inclinou perigosamente, e Belle rapidamente subiu ao amplo suporte. Abaixo dela podia ouvir os passos de Dunford apressando-se para o edifício, obviamente convencido de que teria que segurá-la quando caísse no chão.

—Estou bem— falou em voz baixa. Começou a subir a janela.



John despertou com o chiado da janela roçando contra o marco. Os anos de serviço militar o tinham habituado a um sono muito leve, e o recente ataque contra sua vida aguçou ainda mais seus sentidos.

Com um movimento fluido agarrou a pistola de sua mesinha de noite, rodou para o chão, e ficou agachado junto à cama, sua perna protestando agudamente pelo brusco movimento. Quando percebeu que o intruso tinha alguns problemas para conseguir abrir a janela, aproveitou a demora e agarrou seu roupão. Com as costas contra a parede, percorreu o perímetro do quarto até que ficou parado de pé, justo ao lado da janela. Desta vez, não o pegariam despreparado.

Com considerável esforço, Belle conseguiu levantar a janela. Uma vez que houve bastante espaço para poder entrar, agitou a mão em direção a Dunford e se introduziu pelo buraco.

No mesmo instante em que seus pés tocaram o chão, um braço forte a agarrou por trás, e sentiu o frio cano de uma pistola pressionada contra seu pescoço. O medo congelou seu corpo e sua mente, e ficou rígida como um pau.

—Bem— ouviu uma voz furiosa dizer atrás dela, em um chiado. — vamos conversar. Quero saber quem é e o que quer de mim.

—John? — grasnou Belle. Imediatamente ele a virou.

— Belle? Ela assentiu.

—Que demônios faz aqui? Ela engoliu nervosamente. —Poderia baixar a arma?

John se deu conta de que ainda sustentava a arma e a deixou sobre uma mesa próxima. —Pelo amor de Deus, Belle, poderia ter te matado.

Ela esboçou um sorriso trêmulo. —Me alegro de que não o tenha feito.

Ele passou uma mão por seu abundante cabelo e finalmente lhe deu uma boa olhada. Vestia preto da cabeça aos pés. Seu brilhante cabelo, que indubitavelmente teria cintilado à luz da lua, estava recolhido sob uma boina, e a parte inferior de seu corpo estava coberto por um par de calças de homem. Ou melhor, um par de calças de menino. Suas esculturais curvas ficavam bastante agradavelmente ressaltadas por seu pouco convencional traje, e ele duvidou que existissem calças de homem adulto pequeno o bastante para adaptar-se a um traseiro tão deliciosamente.

—O que esta usando? — Suspirou.

—Você gosta? —zombou Belle, determinada a defender-se com descaramento. Tirou a boina da cabeça, permitindo que seu cabelo se espalhasse sobre suas costas. — Consegui a ideia de Emma. De algo que fez uma vez. Ela, Humm, vestiu-se de moço, e...

—Me poupe da história. Estou seguro de que Ashbourne estava tão furioso como eu estou agora mesmo.

—Parece que sim. Eu não estava lá. Mas no dia seguinte...

—É suficiente! — Ergueu uma mão. —Como infernos chegou até aqui em cima? —Subi pela a árvore.

—E de onde tirou uma ideia tão malditamente tola como essa? —Precisa perguntar?

John a fulminou com um olhar que deixou muito claro que não o divertia que jogasse em sua cara seu próprio comportamento.

—Poderia ter quebrado o pescoço, mulher.

—Não me deixou muitas opções. — aproximou-se e pôs uma mão sobre seu braço.

John se afastou bruscamente.

—Não me toque. Não posso pensar quando me toca.

Era alentador, pensou Belle, e se aproximou dele de novo. —Disse que pare! Não pode ver que estou furioso contigo?

—Por quê? Por correr o risco de subir até aqui para te ver? Isto não teria sido necessário se você não tivesse se comportado como um idiota sem cérebro se negando a me ver.

—Tinha uma razão muito boa para me negar a te ver, —explodiu John. —OH, de verdade? E

qual era?

—Nenhuma que seja de sua maldita conta.

—Já vejo que segue tão infantil como sempre— zombou Belle. — Ouch! — Saltou para trás quando uma pedra a golpeou no braço.

—O que foi isso? — chiou John, segurando de novo a arma e afastando-a da janela. —Quando se tornou tão paranoico? Só é Dunford, irritado comigo, sem dúvida, por demorar tanto em avisar que consegui entrar e estou a salvo. — Belle se soltou de seu aperto e se aproximou da janela aberta.

Dunford tinha o olhar cravado nela. Não podia ver sua cara claramente, mas Belle estava segura de que luzia uma expressão de preocupação.

—Estou bem, Dunford— disse em voz alta. —Ele a levará para casa?

—Sim, com certeza. Não se preocupe. —Quero ouvir dele.

—Homem obstinado— resmungou Belle. — Humm, John... Dunford não partirá até que dê sua palavra de que me levará para casa a salvo.

John franziu o cenho e se aproximou da janela.

— Em que demônios estava pensando?

—Teria gostado de ver você tentar detê-la— grunhiu Dunford, em resposta. — Vai escoltá-la até em sua casa ou me fará ficar aqui e...

—Sabe condenadamente bem que a levarei, e nós vamos ter um bate-papo amanhã. Deve estar doido ou bêbado ou ambas as coisas para deixá-la...

—Deixá-la? Deixá-la? Ah, Blackwood, se inteirará quando for seu marido. Não a deixei fazer nada. Nem o próprio Napoleão poderia havê-la detido. Desejo muita sorte, irá necessitar.

Dunford virou-se sobre seus calcanhares e retornou à carruagem que deixou a umas quadras de distância.

John se virou para Belle.

— Será melhor que tenha uma boa razão para levar a cabo algo assim. Belle bocejou.

—Já disse isso, precisava te ver. Que melhor razão que essa? E poderia fechar a janela? Faz frio aqui.

John grunhiu, mas fechou a janela. —Bem. Comece desde o início.

—Quer que eu comece a falar? por que não começa você a falar? estive me perguntando por que um homem se arrastaria até meu dormitório um dia e faria amor comigo e em seguida se negaria a me

ver no dia seguinte.

—É para o seu próprio bem, Belle— disse ele, com os dentes apertados. —Vá, onde ouvi isso antes? — perguntou ela, destilando sarcasmo.

—Não tente ficar dando voltas, Belle. Esta é uma situação completamente diferente. —Então poderia entender... se me dissesse o que esta acontecendo. E enquanto você estava desligado e submerso em seus assuntos, eu tive uma pequena aventura. —Que demônios significa isso?

—Significa que alguém tentou me sequestrar faz dois dias. — Belle lhe dera as costas e se afastou, assim não viu como todo o sangue de John abandonava seu rosto. Suspirando, arriscou tudo e disse. —E se de verdade sentisse carinho por mim, acredito que iria querer me proteger. Preferiria não passar por isso sozinha, já sabe.

John a segurou com firmeza pelos ombros e a virou. A expressão de sua cara disse que ele ainda sentia algo por ela, e teria se sentido exultante se ele não parecesse tão angustiado.

—Me diga o que aconteceu— insistiu ele, com o rosto contraído de preocupação. —Conte tudo. Rapidamente relatou o incidente no beco.

—Maldito! — explodiu ele, estrelando seu punho contra a parede. Belle ofegou quando viu uma greta serpentear pelo gesso.

—E está certa de que disseram que era um cavalheiro quem te queria? Você em particular? Ela assentiu e se estremeceu quando ele a sacudiu.

—E também que usava um braço em uma tipoia.

John soltou um palavrão. Fazia só umas noites que acertou seu atacante no ombro. Com um suspiro entrecortado, coxeou até uma mesa próxima em que havia uma garrafa de uísque e um copo.

Pegou ambos e logo desprezou o copo, dando um generoso gole da bebida diretamente da garrafa. Conjurou outra vez e logo estendeu a garrafa para Belle.

— Quer?

Ela sacudiu a cabeça, acovardada por sua dura expressão.

— Não, obrigada.

—Pode ser que mude de opinião— disse ele, rindo asperamente.

—John, o que está acontecendo? — Belle se precipitou a seu lado. — O que aconteceu?

Ele a olhou aos olhos, diretamente ao centro daqueles perfeitos olhos azuis que o atormentavam a cada noite. Não havia nenhuma razão para ocultar a verdade por mais tempo. Não depois que seu inimigo tivesse decidido que ela era uma valiosa mercadoria. Agora teria que mantê-la perto dele se

quisesse vê-la a salvo. Muito perto. Todo o tempo.

—John? — implorou Belle. —Por favor, me conte. —Alguém está tentando me matar.

As palavras caíram sobre ela como uma avalanche.

— O que? —ofegou. Cambaleou e teria caído no chão se ele não tivesse estendido uma mão para agarrá-la. — Quem?

—Não sei. Isso é o malditamente pior. Como infernos se supõe que devo vigiar minhas costas se não tenho nem ideia do que estou procurando?

—Mas tem algum inimigo? —Nenhum que eu saiba.

—Céu misericordioso, —disse Belle, com voz entrecortada e John teve que sorrir ante sua extremamente elegante tentativa de blasfemar.

—Quem quer que seja que me quer morto, compreendeu que você é muito, muito importante para mim e não se importa em utilizá-la.

—Sou? — perguntou Belle, suavemente. —É o que?

—Muito, muito importante para você? John deixou escapar um áspero suspiro.

— Por Deus, Belle. Sabe que é. A única razão pela qual não estive te seguindo como um cão mulherengo durante os últimos dias é que esperava que meu atacante não tivesse estabelecido ainda a conexão entre ambos.

Em meio de seu terror pela segurança de John, Belle sentiu um quente brilho de felicidade por suas palavras. Não o julgou mal.

—O que vamos fazer agora? John suspirou abruptamente.

— Não sei, Belle. Deixar você a salvo é minha prioridade.

—E a você também, espero. Não poderia suportar se acontecesse algo com você.

—Não passarei a vida fugindo, Belle. Ou melhor, coxeando, neste caso— acrescentou ironicamente.

—Não, já vejo que não é o que deseja.

—Maldito seja! — Seus dedos se fecharam com força ao redor da garrafa de uísque, e com toda probabilidade a teria jogado contra a parede se Belle não estivesse lá para atenuar sua fúria. —Se soubesse quem está atrás de mim... Sinto-me tão malditamente indefeso. E inútil.

Belle se precipitou a consolá-lo.

—Por favor, querido— implorou. - Não seja tão duro contigo mesmo. Nenhum homem poderia

fazer mais do que você faz. Mas acredito que chegou o momento de procurarmos ajuda.

—OH? — disse ele, zombeteiramente. Belle ignorou seu tom de brincadeira.

— Acredito que deveríamos ir ver Alex. E, possivelmente, também Dunford. Ambos possuem bastante criatividade. Acredito que poderiam ajudar.

—Não vou implicar Ashbourne. Agora tem uma esposa com quem preocupar-se e um filho a caminho. E quanto a seu amigo Dunford, não confio precisamente em seu bom julgamento depois desta noite.

—OH, por favor, não culpe Dunford disto. Não lhe deixei outra opção. Era me acompanhar e me proteger ou saber que viria sozinha. —É muito teimosa, Belle Blydon.

Belle sorriu ante o que decidiu interpretar como um elogio.

— E quanto ao Alex— prosseguiu ela, — sei que uma vez salvou a vida dele. John ergueu a vista bruscamente.

—Ele me contou tudo— disse Belle, estirando um pouco a verdade. — Assim não pense que pode negar. E conheço Alex o bastante bem para saber que deseja pagar essa dívida há muito tempo.

—Não vejo como uma dívida. Fiz o que qualquer homem teria feito.

—Não estou de acordo. Conheço muitos homens que nem sequer sairiam sob a chuva por medo de que lhes arruinasse a gravata, então muito menos arriscariam a vida por outro. Pelo amor de Deus, John. Não pode fazer isto sozinho.

—Não há outro modo de fazê-lo.

—Isso não é verdade. Já não está sozinho. Tem amigos. E me tem. Não nos deixará te ajudar?

John não respondeu em seguida, e Belle soltou outra enfiada de palavras infundidas pelo pânico.

—É só o orgulho que te impede. Sei, e não o perdooarei se... se morrer, e só porque foi muito cabeça dura para pedir ajuda às pessoas que se preocupam com você.

Ele se afastou dela e caminhou até a janela, incapaz de afastar seus pensamentos do homem que o espreitava. Estaria lá fora, justo do outro lado da fina cortina? Estaria esperando, aguardando que chegasse seu momento? Faria mal a Belle?

Deus, não deixe que faça mal a Belle.

Transcorreu um longo minuto, e finalmente Belle falou, com voz trêmula.

— Eu... acho que deveria saber que conto contigo para me proteger. Confrontarei qualquer perigo que exista, mas não o farei sozinha.

John se virou, seu rosto completamente rígido pela emoção. Abriu a boca, mas não saiu uma única palavra. Belle caminhou até ele e roçou sua face com sua mão.

— E se deixar— disse suavemente, — também quero te proteger. John colocou sua mão sobre a dela.

— OH, Belle, o que fiz para te merecer? Ela se permitiu, finalmente, um sorriso.

— Nada. Não teve que fazer nada.

Com um gemido, John a estreitou em seus braços.

—Nunca a deixarei partir outra vez— disse ele ferozmente, sepultando suas mãos em sua densa cabeleira.

—Por favor, diga que desta vez diz a sério.

John se separou e segurou seu rosto em suas mãos, seus escuros olhos firmemente cravados nos azuis dela.

—Prometo isso, vamos confrontar isto juntos.

Belle lhe rodeou a cintura com os braços e deixou descansar sua face contra seu firme peito.

— Podemos ignorar isto até amanhã? Ou ao menos durante umas poucas horas? Só fingir que tudo é perfeito?

John se inclinou e suavemente roçou com seus lábios a comissura de sua boca.

— OH, querida, tudo é perfeito.

Belle virou seu rosto, de modo que pudesse devolver os beijos com toda sua impaciente inexperiência. Sua paixão só serviu para inflamar a dele, e antes que ela se desse conta, ele a levantou nos braços e percorreu a curta distância até a cama.

Colocou-a sobre a cama e afastou o cabelo do rosto com tal reverência que os olhos de Belle se alagaram de lágrimas.

—Será minha esta noite— disse ele, com voz ferozmente suave. Belle só pronunciou duas palavras.

— Por favor.

Seus lábios deixaram um rastro de ardentes beijos descendo pelo flanco de seu pescoço, enquanto seus ágeis dedos a despiam rapidamente. Tocava-a como um homem faminto, acariciando-a, esfregando-a, espremendo-a.

—Não posso... ir devagar— disse ele, com voz áspera.

—Não me importa— gemeu Belle. Sentia de novo a familiar onda de excitação subindo por suas pernas e descendo por seus braços, para formar redemoinhos no centro de seu ser. Desejava a liberação, rogou por ela, clamou por ela. Jamais sonhou que o desejo pudesse apoderar-se dela tão rapidamente, mas havendo-o provado já uma vez, não podia lutar contra a urgência de apagar sua ardente chama.

Suas mãos puxaram a bata, governada pela necessidade de sentir sua pele contra a dele. John parecia sentir os mesmos impulsos, e quase rasgou o traje em sua pressa por sentir seus seios pressionando contra seu peito nu.

— Deus, como te desejo— grunhiu ele, deslizando uma mão por seu torso até acomodá-la no suave ninho de pelo entre as pernas de Belle. Ela estava úmida, e este conhecimento quase o conduziu à loucura.

Não sabia quanto tempo mais poderia resistir sem inundar-se nela, mas quis estar absolutamente seguro que estivesse pronta para ele, assim suavemente deslizou um dedo em seu interior. Podia sentir seus músculos apertando-se ao redor dele, e ficou aturdido pela crueldade de seu desejo.

—Por favor— rogou Belle. — Quero...— Sua voz se apagou. —O que quer?

—Quero você— disse com a voz rouca. —Agora.

—OH, querida, eu também. — Com um suave empurrão, separou as pernas e se colocou sobre ela, preparado para entrar, mas sem chegar a tocá-la. Seu fôlego era entrecortado, e necessitou de toda sua força de vontade para dizer: — Está segura, amor? Porque uma vez que te toque não vou ser capaz de parar.

A resposta de Belle foi colocar firmemente suas mãos sobre seus quadris e puxá-lo para ela.

John finalmente se permitiu fazer o que esteve sonhando durante semanas e, com cuidado, entrou nela.

Era pequena, entretanto, e ele se sentia aterrorizado se por acaso a machucasse, assim foi avançando devagar em seu interior e retrocedendo para permitir que seu corpo se acostumasse ao dele.

— Dói? — sussurrou.

Belle sentiu um pouco de desconforto quando ele começou a entrar nela, mas também podia sentir que seu corpo relaxava, assim negou com a cabeça, não querendo preocupá-lo. Além disso, sabia aonde conduzia tudo isto, e desejava com todas suas forças chegar até lá.

John grunhiu em seu interior quando alcançou a fina barreira de sua virgindade. Necessitou até o último grama de seu auto controle para não inundar-se totalmente nela da forma em que seu excitado

corpo exigia.

—Isto pode doer um pouco, amor— disse ele. — Desejaria que não fosse assim, poder sofrer por você, mas prometo que só será uma vez, e...

—John? — interrompeu-o Belle, suavemente. —O que?

—Amo você.

Sentiu-se como se sua garganta estivesse a ponto de fechar-se.

—Não, Belle, não o ama— ofegou. — Não pode. Você...

—Amo você.

—Não, por favor. Não o diga. Não diga nada. Não... — Não podia falar. Não podia respirar. Ela o pertencia, mas se sentia como se a tivesse roubado.

Ela era mais do que merecia, e embora fosse o bastante egoísta para querê-la em sua vida, não era tão bastardo para pedir seu coração.

Belle viu a expressão torturada em seus olhos. Não entendeu, mas desejou com desespero fazê-la desaparecer. As palavras não podiam curá-lo, dessa forma, demonstrou sua devoção atraindo a cabeça dele para si.

Sentiu-se vencido por seus doces e tenros movimentos, e moveu os quadris para frente, embainhando-se completamente nela. Sentia-a tão bem, melhor que qualquer outra coisa que tivesse experimentado alguma vez, mas se obrigou a permanecer imóvel um minuto enquanto sentia como sua estreita passagem se estirava para acomodá-lo.

Belle sorriu timidamente. —É tão grande.

—Exatamente igual a qualquer outro homem. — Embora não queira dizer que deva ter nunca uma base para comparar. Começou a mover-se dentro dela, investindo suavemente e desfrutando da doce fricção entre seus corpos.

Belle ofegou quando o sentiu. —OH, Deus.

—OH, Deus, em efeito.

—Acredito que gosto disto. — Inconscientemente, Belle começou a mover seus quadris sob ele, elevando-se para encontrá-lo quando ele se inundava em seu interior.

Suas pernas se enroscaram ao redor dele, e sua nova posição permitiu que ele se introduzisse ainda mais profundamente dentro dela, até que Belle esteve segura de que tocava seu coração.

Seus movimentos se fizeram mais rápidos e impetuosos, e Belle foi arrastada junto com ele enquanto ambos navegavam sobre aquele furioso fluxo para a liberação. Ela cravou seus dedos em

sua pele, arranhando-o enquanto tentava agarrar-se ainda mais a ele.

— Quero-o já! — ofegou, sentindo que seu corpo começava a contorcer-se fora de controle. — OH, e o terá, prometo isso. — Sua mão escorregou entre seus corpos e acariciou o núcleo mais sensível de seu sexo. Explodiu no mesmo instante em que ele a tocou, gritando de paixão enquanto cada músculo de seu corpo se esticava e logo parecia estalar.

A sensação dela palpitando ao redor de seu rígido pênis era mais do que John podia suportar, e a investiu uma última vez, grunhindo guturalmente enquanto se vertia nela. Juntos se derrubaram em um aturdido e suarento enredo de braços e pernas, seus corpos irradiando calor.

Depois que a respiração de John voltou para a normalidade, retirou uma úmida mecha de seu rosto e perguntou:

—Está bem? Belle sorriu.

— Precisa perguntar?

Ele exalou um suspiro de alívio. Ela não ia interrogar sobre sua resposta negativa a aceitar sua declaração de amor. Sentiu que seu corpo relaxava e até arrumou para esboçar um sorriso brincalhão quando disse:

—Me satisfez.

—Foi maravilhoso, John. Melhor do que jamais sonhei. E preciso agradecer isso a você. Ele lhe deu um beliscão no nariz.

— Você desempenhou um papel fundamental.

—Mmmm— respondeu Belle, evasiva. — Mas foi você quem se conteve, se assegurando que eu estava... bem— finalizou ela, incapaz de pensar em um termo melhor. Quando John fez uma ameaça de protesto, tampou sua boca com a mão e disse. —Shh. Podia ver em sua cara. É um homem incrivelmente amável e carinhoso, mas tenta com todas suas forças a não deixar às pessoas verem essa parte de você. Olhe tudo o que fez para que isto resultasse perfeito para mim. Inclusive me proporcionou prazer antes que a você, para que não me assustasse com minhas emoções esta noite.

—É porque eu... porque me preocupo com você, Belle. Quero que tudo seja perfeito para você.

—OH, e é, John— disse ela com um suspiro de felicidade. — É. —A protegerei— jurou ele, ferozmente. — A mantereí a salvo. Belle se recostou no vão de seu braço.

—Sei, querido. E eu vou mantê-lo a salvo também.

John sorriu enquanto uma imagem dela brandindo um sabre passou por sua mente.

—Não sou indefesa, já sabe— disse Belle. —Sei— disse ele indulgentemente.

Seu tom a zangou, e se contorceu para enfrentá-lo.

— Não o sou— protestou ela. —E deveria se acostumar a isso, porque não vou deixar você lidar com este monstro sozinho.

John baixou o olhar para ela e arqueou uma sobrancelha. —Certamente não pensa que a deixarei se pôr em perigo?

—Será que não vê, John? Que se você se põe em perigo, poderia me pôr em perigo também? É o mesmo. — John não estava de acordo, mas não quis discutir enquanto ela jazia toda quente e suave em seus braços.

—Não disse que queria esquecer de nossos problemas durante algumas horas? — recordou suavemente.

—Sim, imagino que disse isso. Mas é difícil, não é? — A mão de John se dirigiu à ferida de seu braço onde uma bala o raspou por volta de menos de uma semana.

—Sim— disse enigmaticamente. — É.

Capítulo 16



A manhã chegou muito rápida, e Belle compreendeu que teria que voltar para casa. Vestiu-se rapidamente, sem poder acreditar, ainda, que foi capaz de entrar no quarto de John a noite anterior. Nunca se considerou uma pessoa temerária e audaz. Suspirou interiormente, caso que as mulheres fazem coisas desesperadas quando estão apaixonadas.

—Está bem? — perguntou John imediatamente, enquanto colocava a camisa.

—O que? OH, sim, não é nada. Só pensava que não quero voltar a subir três andares por uma árvore, nunca mais.

—Amém a isso.

—Não é que subir pela árvore seja tão terrível. Mas tive que deslizar pouco a pouco ao longo do galho até sua janela...

—Não importa— interrompeu-a John, com firmeza. —Já que não voltará a fazer outra vez. Sua preocupação por ela era tão óbvia que Belle se esqueceu de sentir-se ultrajada por seu arbitrário comportamento. Quando silenciosamente se deslizaram pela casa de Damien, Belle questionou a decisão de que a acompanhasse de retorno a sua casa a pé enquanto seu inimigo permanecia em liberdade.

Mencionou sua preocupação a John quando chegaram aos degraus de entrada. John sacudiu a cabeça.

—Atacou-me de forma covarde. Provavelmente prefere mover-se ao amparo da escuridão. —A mim atacou durante o dia— recordou Belle, mantendo-se teimosamente no lugar. —Sim, mas usou sicários, e além disso, você é uma mulher. — John viu que Belle estava a ponto de protestar ao ser descartada com tal facilidade, assim acrescentou diplomaticamente: — Não é que a ache incapaz, mas já sabe que a maioria dos homens não a veriam como uma ameaça.

Além disso, não há nenhuma razão para que tenha madrugado hoje. Por que estaria esperando aqui fora se o provável é que eu esteja na cama durante várias horas mais?

—Mas poderia ter me visto ontem à noite. Assim saberia que teria que me acompanhar a casa.

—Se a tivesse visto ontem à noite, a teria apanhado. — A ideia enviou um calafrio de temor pelas costas de John e reforçou sua resolução de acabar com este episódio o quanto antes.

Seu queixo se ergueu resolutamente, tomou a mão de Belle e a conduziu degraus abaixo. — Vamos embora. Eu gostaria de levá-la para casa antes do meio-dia.

Belle inspirou uma profunda baforada do fresco ar matutino.

—Não acredito ter estado nunca fora de casa a estas horas da manhã. Ao menos não intencionalmente.

John lhe ofereceu um sorriso libertino.

— E diria que era sua intenção sair a estas horas hoje? —Bem, não exatamente. — Ela ruborizou. —Mas esperava...

—É uma desavergonhada.

—Talvez, mas terá se dado conta que esta história tem um final feliz.

Os pensamentos de John voltaram para homem misterioso que os atacou. —Infelizmente, este Capítulo em particular não chegou a sua conclusão. Belle ficou séria.

— Bem, quase um final feliz, então. Ou como quero que alguém chame o momento justo antes da culminação.

—Eu acreditava que culminamos ontem à noite. O rubor de Belle alcançou cotas incomparáveis.

— Falava em termos literários— resmungou sem necessidade.

John decidiu deixar de torturá-la e manter a boca fechada, embora seguisse sorrindo. Depois de uma conveniente pausa, perguntou: —Acha que Persephone já se levantou?

Belle franziu o cenho e olhou o céu, que ainda estava tingido de rosado e de laranja pelos últimos raios do amanhecer.

— Não estou segura. É uma ave estranha. Nunca sei o que esperar dela. Além disso, nunca estou acordada a estas horas, assim não posso saber se é madrugada.

—Bom, por seu bem espero que ainda esteja na cama. Na realidade a única coisa que poderia fazer é insistir que me case contigo, o que não seria um problema porque é exatamente o que decidi fazer e o mais rápido possível. Em todo caso, eu gostaria de poder evitar os gritos e desmaios e todas essas tolices femininas.

Belle lhe lançou um afiado olhar ante seu comentário sobre "as tolices femininas" e resmungou.

— Suponho que Persephone e eu arrumaremos para nos comportar de maneira que não ofendamos sua masculina sensibilidade.

Os lábios de John se estremeceram com diversão. —Isso espero.

Belle economizou um comentário adicional ao chegar nesse momento aos degraus da entrada de sua casa. Teve a previsão de levar uma chave com ela a noite anterior, e silenciosamente entraram.

John imediatamente fez um gesto de partir, não querendo ocasionar uma cena.

—Por favor, não vá ainda— disse Belle rapidamente, colocando uma suave mão sobre seu braço. Incrivelmente, nenhum criado foi testemunha de sua entrada clandestina. —Me espere na biblioteca. Subirei rapidamente e porei algo mais conveniente.

John repassou seu traje masculino com um sorriso e assentiu com a cabeça enquanto Belle se apressava para o andar superior. Deteve-se no patamar, olhou para baixo com um sorriso travesso, e disse:

—Temos muito do que falar.

Ele assentiu de novo e se dirigiu para a biblioteca. Passou os dedos ao longo dos lombos dos livros até que encontrou um com um título intrigante e o tirou da prateleira. Folheou-o preguiçosamente, sem prestar muita atenção às palavras. Seus pensamentos se centravam com teimosia no anjo loiro do andar superior. Que demônios a havia possuído para subir três andares por uma árvore até sua janela?

Não é que se sentisse aborrecido com os resultados, mas ainda assim, mataria a se tentasse algo do estilo outra vez. Suspirou quando seu corpo se esquentou, não de desejo, mas sim de felicidade. Ela era dele. Ainda não estava seguro de como ocorrera tudo, mas era dele.

Belle reapareceu com um vestido rosa pálido que realçava o rubor natural de suas faces. Seu cabelo tinha sido recolhido a toda pressa em um frouxo coque que, embora ninguém confundiria com um penteado na moda, ao menos era apresentável. John ergueu uma sobrancelha ante sua rápida transformação.

— Apenas cinco minutos, milady. Sinto-me afligido... e impressionado. —OH, vamos, tampouco é tão difícil vestir-se— disse Belle.

—Minhas irmãs nunca podiam levá-lo a cabo em menos de duas horas.

—Suponho que tudo depende da pressa que alguém tenha em chegar a algum lugar. —E você teria muita pressa em chegar?

—OH, sim— exalou Belle. —Muita. Deu um passo para ele, e logo outro e outro, até que estiveram muito próximos. —Parece que me converteu em uma desavergonhada.

—Isso espero.

Belle notou que a respiração havia se tornado ligeiramente entrecortada e sorriu. Era agradável saber que podia afetá-lo da mesma forma que ele a ela.

— OH, a propósito— disse com desenvoltura. —Geralmente a uma dama leva mais de cinco minutos vestir-se.

—O que? — Os olhos de John se vidraram pelo desejo, e sua mente se negava a processar suas palavras.

Belle se virou de costas.

— Os botões.

Ele conteve o fôlego enquanto contemplava fixamente a pálida extensão de suas costas nua, revelada por seu vestido aberto.

—Importa-se? —perguntou ela, suavemente. Em silêncio, John foi grampeando todos os botões, seus dedos acariciando a suave pele dela em cada ocasião possível. Quando finalmente alcançou o botão superior, inclinou-se e deixou cair um tenro beijo sobre a fragrante pele de seu pescoço.

—Obrigada— disse Belle, em voz baixa, quando se virou. Sentia como se cada uma das terminações nervosas de sua nuca tivessem sido repentinamente despertadas à vida.

Consciente de que teria que se comportar com um pouco mais de propriedade estavam na biblioteca de seu pai, depois de tudo se dirigiu para uma macia poltrona estofada em couro e se sentou.

—Temos alguns assuntos dos quais falar— disse depois de acomodar-se. —Amanhã. — John se sentou na poltrona ao lado da dela.

—Desculpa? —Casamos amanhã. Belle piscou.

—Isso é um pouco rápido, não acha? — Já se resignara à ideia de que não teria o casamento de seus sonhos, mas também acreditava que merecia algo um pouco especial.

Duvidava que algum de seus parentes fosse capaz de chegar a Londres para seu casamento se John mantivesse essa ideia.

—Eu o faria hoje, mas penso que uma dama deve dispor de um pouco de tempo. Belle o olhou cautelosamente, esperando que estivesse sendo sarcástico.

—Não é necessário que nos apressemos tanto.

Suas palavras não o preocuparam; John sabia que ela não tentava escapar do matrimônio. De todos os modos, não sentia o menor desejo de passar por um longo compromisso. Não depois do que provou a noite anterior.

—Pois eu acredito que deveríamos nos apressar o mais possível. Quero você perto de mim onde possa velar por sua segurança. Sem mencionar o fato de que poderia levar meu filho em seu interior.

Belle empalideceu. Esteve tão possuída pela paixão que não dedicou nem um pensamento às possíveis consequências. Supôs que por isso tantas pessoas acabavam tendo bebês bastante inoportunos.

—Não propunha que esperássemos meses. Só uma semana mais ou menos. Além disso, necessitará tempo para obter uma licença especial.

—Já a consegui. —Já?

—Na semana passada. Quando te dei uma quinzena de prazo para esperar a volta de seus pais.

—Minha quinzena não terminou. — Belle sorriu triunfalmente e se recostou em seu assento.

— Ao menos ganhara alguns dias.

—Lamento, mas essa oferta foi feita antes que soubesse da existência de um inimigo bastante inoportuno. Não quero alargá-lo. Voltarei a dizer: Quero você perto de mim, onde possa te vigiar.

Belle suspirou interiormente. Realmente estava sendo muito romântico, e ela não era imune ao romance. Ainda assim, duvidava que inclusive ela pudesse conseguir um vestido novo para seu casamento se continuasse insistindo que fosse no dia seguinte. Pensar em casar-se com um de seus velhos vestidos não era romântico absolutamente. Olhou-o, tentando deduzir se conseguiria algo ao insistir.

Parecia implacável.

— Bem. Amanhã então. Pela tarde— acrescentou rapidamente. —Acreditava que as bodas se celebravam pela manhã.

—Esta não— resmungou ela.

John assentiu gentilmente. Podia ceder nisso. Levantou-se e estirou o casaco.

— Se me desculpar, tenho alguns arranjos a fazer. Tem em mente algum pároco em especial? Alguém que você gostaria que oficiasse a cerimônia?

Belle se comoveu que tivesse pensado em perguntar, mas respondeu que não havia ninguém em particular.

— Embora deveria levar alguns de meus lacaios contigo— acrescentou. —Não quero que saia sozinho.

John consentiu. Era da opinião que seu inimigo atacaria de noite, mas não havia nenhuma razão para não tomar medidas de precaução.

—E eu quero que você fique aqui— advertiu ele. Ela riu de sua preocupação.

—Pode estar seguro de que se sair, não levarei menos de oito acompanhantes.

—A estrangularei pessoalmente se não o fizer— grunhiu John. —Avisarei mais tarde, uma vez que encontre um clérigo disponível.

Belle saiu com ele ao vestíbulo e pediu a dois de seus criados que o acompanhassem durante todo o dia. Acompanhou-o à porta da rua, onde ele tomou sua mão e depositou um beijo ligeiro sobre sua palma.

— OH, John— suspirou. —Terei alguma vez o suficiente de você?

—Sinceramente, espero que não. — Ele sorriu com descaramento e saiu pela porta.

Belle sacudiu a cabeça e se dirigiu lentamente ao andar superior. *Santo Deus*, realmente se casaria no dia seguinte? Suspirou. Isso parecia.

Dirigiu-se para seu dormitório e cruzando-o até seu escritório, sentou-se. Pegou um pouco de papel de carta e uma pluma. Por onde começar? Decidiu escrever a seu irmão.

Queridíssimo Ned,
Caso amanhã pela tarde. Você virá?
Belle.

Sorriu e guardou a missiva em um envelope creme. Isto deveria bastar para fazê-lo chegar a Londres rapidamente. Sua nota a Dunford era idêntica, salvo que incluiu o nome de John. Apesar de que não seria uma surpresa para ele.

Emma não suportaria algo tão misterioso, assim Belle decidiu ser franca. Além disso, sua prima já sabia bastante sobre sua relação com John.

Queridíssima Emma,
Com grande alegria, John e eu decidimos casar.
Infelizmente, devemos fazê-lo com urgência.

Belle franziu o cenho enquanto escrevia isto. Emma certamente pensaria o pior. É obvio, teria razão, embora Belle não pensava nos recentes acontecimentos de sua vida como em "O pior." Ainda assim, continuou com sua missiva.

Sou consciente de que aviso com muito pouca antecipação, mas espero que você e Alex possam chegar a Londres amanhã para meu casamento. Infelizmente, ainda não sei a hora exata da cerimônia, mas será pela tarde.

O cenho franzido de Belle se converteu em uma careta. Era muitos "infelizmente" para o que, supunha-se, seria um acontecimento feliz. Estava enredando tudo. Abandonando toda tentativa de obter uma elegante narrativa, terminou rapidamente a nota.

Imagino que estará surpreendida. Eu mesma estou também.

Explicarei tudo quando chegar.

Com amor, Belle

Estava a ponto de descer com as cartas e pedir a um criado que procurasse três mensageiros rápidos quando Persephone entrou pela porta que estava aberta.

—Céus, levantou cedo— exclamou a idosa.

Belle sorriu e assentiu, suprimindo o diabólico impulso de dizer que na realidade não chegou a deitar-se.

—Por alguma razão em particular? — insistiu Persephone. —Caso amanhã. — Não havia razão para não ser sincera. Persephone piscou como uma coruja.

— Desculpa? —Matrimônio.

A piscada continuou. Belle reconsiderou sua primeira impressão e decidiu que sua acompanhante se assemelhava, mais que a uma simples coruja, a uma com algum tipo de tic.

Alguns segundos depois, entretanto, sua piscante amiga recuperou a voz. —Alguém que conheço?

—Pois sim, Lorde Blackwood, é obvio— exclamou Belle, em tom irritado. —Quem, se não ele?

Persephone deu um encolher de ombros.

—Não nos visitou muito, faz tempo que não aparece.

—Não qualificaria alguns dias "como muito tempo". — Disse Belle, à defensiva. — E de todos os modos, não tem a menor importância, já que nos reconciliamos e nos casaremos amanhã pela tarde.

—Muito bem.

—Não vai sequer me felicitar?

—É obvio, querida. Já sabe que penso que é um homem encantador, mas sinto que, de algum jeito, falhei em meus deveres como sua acompanhante. Como vou explicar isto a seus pais?

—Nem sequer conhece meus pais, e além disso, eles não têm a menor ideia de que tenho uma acompanhante. — Belle deu uma olhada a Persephone e imediatamente compreendeu que dissera o incorreto. A idosa pareceu ter se metamorfoseado de uma coruja doente a um furão inquieto. —Veja desta forma— disse Belle com a esperança de animá-la. — O objetivo de toda jovem é casar-se, ou ao menos isso nos inculcam. Correto?

Persephone assentiu, mas não parecia convencida.

—Eu vou casar, portanto obtive um nobre objetivo, e isto fala muito bem de você, como minha acompanhante. — Belle sorriu fracamente, incapaz de pensar em outro momento em que tivesse pronunciado tal fileira de tolices.

Persephone lhe lançou um olhar que pareceu dizer: —Oh, de verdade? — no mais sarcástico dos tons.

—Muito bem— capitulou Belle. — É uma situação pouco comum, confesso. E, provavelmente, as pessoas falarão disso durante semanas. Simplesmente teremos que tentar tirar o melhor partido disso. E o mais importante, estou muito feliz.

Os lábios de Persephone se curvaram em um romântico semi-sorriso. —Então isso é tudo o que importa.



Belle estava segura que não seria capaz de pregar o olho nessa noite, mas despertou à manhã seguinte com uma refrescante sensação de descanso.

John retornara outra vez no dia anterior para dizer que encontrara um sacerdote que os casaria às sete da tarde do dia seguinte. Belle sorrira, insistiu em que ele ficasse com seus criados pelo resto do dia, e logo cortesmente o expulsou da casa. Tinha coisas que fazer. Determinada a não ter um casamento completamente carente de tradição, encomendou dúzias de flores para que fossem enviadas a sua casa e logo arrastou Persephone junto com ela para comprar um vestido.

Claro que, levaram com elas vários criados como escolta. Belle não gostava de pensar em si mesma como uma alarmista, mas por outro lado, não tinha o menor desejo de ser arrastada a outro beco sujo.



Madame Lambert se horrorizou ante a ideia de confeccionar um vestido de noiva com tão pouca antecedência, mas, entretanto, conseguiu fornecer a Belle um vestido verde, de seda, extremamente lisonjeiro que quase não necessitou modificações. O vestido tinha um corte muito simples, estilo império, com uma saia que caía elegantemente até o chão, de cintura alta. O decote deixava seus ombros levemente expostos e estava adornado com capas de transparente chiffon branco. O vestido era mais apropriado para um tempo mais quente, mas Belle decidiu que dadas as circunstâncias não podia queixar-se.

O resto do dia passou com surpreendente lentidão. Belle sempre pensou em casamento como algo que requeria enormes montanhas de preparativos, mas se encontrou com que toda essa montanha de trabalho desapareciam quando o matrimônio devia ser realizado em sua própria casa com menos de meia dúzia de convidados.

Assim, hoje era o dia de seu casamento, e ela não tinha absolutamente nada que fazer, exceto vadiar e ficar nervosa. Sentiria se melhor quando Emma chegasse, decidiu. O que precisava era companhia feminina. Persephone era encantadora, mas nunca se casou e não era de muita ajuda.

Tentou ter alguma conversa com Belle a noite anterior, mas logo se fez dolorosamente óbvio que tinha muito menos de que "conversar" que Belle. E Belle estava firmemente determinada a manter sua boca fechada. A conversa decaiu rapidamente.

Infelizmente, Emma pareceu tomar-se com calma sua chegada a Londres. Belle vagou sem rumo pela casa durante todo o dia, incapaz de concentrar-se em algo. Brincou com o café da manhã, beliscou no almoço, e finalmente se instalou em um assento junto à janela da salinha de sua mãe e se dedicou a olhar fixamente para a rua.

Persephone se aproximou até lá e colocou a cabeça na sala.

— Está tudo bem, querida?

Belle não se virou. Por alguma inexplicável razão, seu olhar estava completamente concentrado em um pequeno cão negro que ladrava brincando de correr pela calçada.

—Estou bem. Só estou pensando.

—Está segura? Parece um pouco... estranha.

Belle arrancou seu olhar da paisagem urbana e se virou para confrontar Persephone. —Estou bem, de verdade. É só que não tenho nada que fazer, isto é tudo. E se tivesse, duvido que fosse capaz de me concentrar nisso. Persephone sorriu e assentiu. —Nervosismo pré-nupcial. — Saiu da sala.

Belle voltou à janela. O cão havia ido embora, assim que ela decidiu contemplar as folhas das árvores que cercavam a calçada. Quantas caíam com um vento tão forte? *Deus santo*, quando se tornara tão melodramática? Agora sabia por que as pessoas montavam tal alvoroço com o casamento. Era para manter a mente da noiva ocupada, para que não caísse em tão estranhos abismos mentais.

Estranhos abismos mentais? De onde tirou isso? Agora sabia que estava realmente com problemas. Voltou a seu dormitório, deitou-se na cama, e por pura força de vontade se obrigou a dormir. Só compreendeu que cochilou quando Persephone começou a sacudi-la pelos ombros.

— Santo céu, moça— dizia. —Não posso acreditar que estive dormindo a sesta no dia de suas bodas.

Belle esfregou os olhos, maravilhando-se de ter sido realmente capaz de obrigar-se a dormir. — Não parecia ter nada melhor que fazer— disse, sonolenta.

—Bem, Lorde Blackwood está ai embaixo com o senhor Dawes, o Reverendo, e parece bastante ansioso por começar com os procedimentos.

—Que horas são? — perguntou Belle, despertando rapidamente. —Seis e meia da tarde.

Deus Santo! Quanto tempo estive dormindo?

—chegou já algum de meus parentes? — Dos únicos três que viriam, pensou Belle tristemente.

—Não, mas ouvi que as estradas que levam a cidade estavam enlameadas. Belle suspirou.

— Bom, suponho que não podemos esperá-los toda a noite. Por favor, diga a Lorde Blackwood que descerei o mais rápido possível. OH, e se não se importa, não diga que estava dormindo.

Persephone assentiu e partiu do quarto.

Belle se levantou da cama e cruzou o quarto até seu quarto de vestir, onde seu precipitadamente eleito vestido de noiva estava pendurado. Supôs que deveria chamar para que sua criada a ajudasse a vestir-se. Sempre sonhou que teria sua mãe e Emma e talvez alguma amiga mais com ela para ajudá-la a colocar o vestido de noiva. Ririam e brincariam e soltariam risadas por qualquer coisa. Seria um magnífico enlace, e ela pareceria uma rainha.

Mas não havia ninguém. Estava sozinha.

Sozinha no dia de seu casamento. *Que deprimente*, pensou.

Seus pensamentos voaram a John, quem, indubitavelmente, esperava-a com impaciência abaixo. Podia vê-lo em sua imaginação, percorrendo o salão de cima abaixo, seu passo pontilhado pela claudicação que tão querida se fez. Seus lábios se curvaram em um sorriso. Não estava sozinha. E nunca mais o estaria.

Acabava de estirar a mão para pegar o vestido quando ouviu um escândalo no vestibulo. Sua cabeça virou por instinto para a porta quando esta se abriu de par em par. Emma, quase literalmente, entrou voando no quarto.

—Deus santo, prima! — exclamou, ofegante. Belle soube sem dúvida que subira os degraus de dois em dois. —Não acha que poderia ter me dado um pequeno aviso?

—Foi tudo muito repentino— defendeu-se Belle. —Suspeito que isso ainda seja pouco.

Sua atenção se distraiu por um escândalo ainda maior no corredor. —OH, Senhor— resmungou Emma. — Certamente será Alex.

O homem em questão quase deu um chute à porta para entrar. —Acertou— respondeu Belle com secura.

O peito de Alex subia e descia pelo esforço. Belle pensou que certamente subira os degraus de três em três. Ele cravou seus letais olhos verdes em sua esposa, que teve o senso de parecer ao menos um pouco incômoda.

—Se alguma vez voltar a ver você saltar assim de uma carruagem, então, juro por Deus, que vou te estrangular.

Emma escolheu a via da resistência pacífica e evitou dirigir-se diretamente a seu marido.

— Está um pouco super protetor devido a minha delicada condição— confiou a Belle. — Emma... — disse ele, em tom perigoso.

John escolheu esse momento para aparecer na porta. —Que demônios acontece aqui?

Belle gritou, agitou os braços no ar, e entrou correndo em seu quarto de vestir.

— Não pode me ver— gritou.

—OH, Por Deus, Belle. Esta não é precisamente umas bodas tradicional.

—Será tão tradicional como queira. Assim mova-se. Verei você lá em baixo. — Sua voz soava amortecida, através de várias capas de tecido e uma porta de madeira bastante grossa.

Alex pôs os olhos em branco e resmungou: — Mulheres— o que fez que sua esposa lhe devolvesse um olhar ainda mais fulminante que o próprio. — Necessito de um drinque. — Saiu do quarto com passo majestoso.

John o seguiu sem um olhar para trás.

Emma fechou a porta rapidamente atrás deles e se apressou para a porta do quarto de vestir.

— Partiram — disse em voz baixa, sem saber por que sussurrava. —Está segura?

—Pelo amor de Deus, Belle. Tenho olhos, não? Digo que se foram.

Belle colocou a cabeça pela fresta da porta, e quando se assegurou de que o quarto carecia de visitantes masculinos, aventurou-se para fora.

—Estava acostumada a pensar que era a pessoa mais sensata que conhecia— resmungou Emma.

—Perdi minha sensatez— disse Belle, convencida. —Está segura de que está preparada para fazer isto? Belle assentiu e uma lágrima apareceu em seu olho.

—É só que acreditei que seria diferente. Minha mãe nem sequer está aqui! — Sorveu sonoramente pelo nariz.

Emma lhe roçou o braço, profundamente comovida pelas lágrimas da prima. —Pode esperar, Belle. Não há nenhuma razão pela qual precise ser hoje. Belle sacudiu a cabeça.

—Não posso esperar, Emma. Nem um dia mais. — E então contou a história completa.

Capítulo 17



Uma vez que Emma se convenceu de que Belle estava realmente apaixonada por John, ajudou a prima com seu vestido de casamento e proclamou que era a noiva mais radiante que vira em sua vida.

—Suponho que isso significa que já não tenho os olhos injetados de sangue— brincou Belle. Deixara sair uma verdadeira corrente de lágrimas.

Emma assentiu solenemente.

—Quer que Alex seja seu padrinho? Belle franziu o cenho.

—Esperava que Ned estivesse aqui para isso. Se não posso ter o pai da noiva, esperava ter ao menos o irmão. Já verá, papai ficará furioso por não ter me entregue.

—Bom, entregou a mim— disse Emma, em tom pragmático. —Isso terá que bastar. Ned respondeu a sua nota?

—Não houve tempo.

Emma mordiscou o lábio inferior.

—Por que não desço e vejo se posso retardar os preparativos? Vólto em seguida.

Saiu do quarto e desceu ao salão. John marcava o passo de um lado a outro do salão, nem tanto por nervosismo como por impaciência.

— Por que demora tanto? — explodiu.

Emma apertou os lábios e ergueu o olhar para o relógio.

— São só sete e dez. Isso é ser muito pontual para um casamento que se supõe que começa às sete.

—Mulheres. —O comentário proveio de seu marido, que estava deitado sobre um sofá claramente muito pequeno para seu enorme corpo. Dunford estava sentado em frente a ele, sorrindo com suficiência.

Emma os fulminou a ambos com um olhar antes de voltar para seu futuro primo político.

— Só precisamos de um pouco mais de tempo— disse evasiva.

—Emma, querida— disse seu marido em um tom incrivelmente suave. —Pode vir aqui um momento?

Emma o olhou com receio, mas se aproximou do sofá. —Vê o sacerdote ali? — sussurrou ele.

Ela assentiu.

—Nota algo, é, digamos, estranho nele?

Emma inclinou ligeiramente a cabeça enquanto contemplava o corpulento cavalheiro.

— Parece inclinar-se um pouco à esquerda.

—Exatamente. Está aqui há trinta minutos, e esta é sua quarta taça de brandy. Parece que deveríamos pôr em marcha esta cerimônia enquanto ainda somos capazes.

Sem uma palavra, Emma saiu da sala e voltou para o andar de cima. Quando chegou ao dormitório de Belle, disse: —Não acredito que possamos demorar muito mais tempo.

—Nem sequer alguns minutos? —Não, se quer se casar esta tarde.

Belle não teve nem ideia do que isso significava, mas decidiu que preferia não averiguar. Pegou um extremo do véu de branco de renda espanhola e o colocou sobre sua cabeça.

—Suponho que já não podemos esperar mais ao Ned. Deveria chamar Alex para que me entregue como padrinho.

Emma se lançou escada abaixo, agarrou o marido pela mão, e pediu a Persephone que começasse a tocar o piano.

Ela e Alex se encontraram com Belle no alto do patamar justo quando Persephone começou a tocar ao longe.

—Deus bendito— disse Alex quando a cacofonia assaltou seus ouvidos. — Isso é Beethoven? —Juraria que lhe pedi Bach— disse Belle, franzindo as sobrancelhas.

—Tampouco acredito que seja Bach— disse Alex. —Não acredito que seja alguma coisa. —Só podemos rezar para que não comece a cantar— disse Emma. Lançou a prima um último sorriso enquanto descia as escadas para ocupar seu lugar como dama de honra. —Não pode fazer muito pior que você— mofou Alex.

Belle olhou a prima que já estava na metade das escadas.

— Parece que não te ouviu— sussurrou a Alex.

—Provavelmente foi uma sorte. Vamos? — Alex lhe ofereceu o braço. —Acredito que é nosso turno.

À medida que desciam pelas escadas, aparecendo diante de todas as rosas brancas e rosadas que Belle encomendou especialmente para esse dia, seu nervosismo e desilusão pelo apressado casamento se desvaneceram, e tudo que ficou foi um profundo sentimento de alegria e felicidade.

Cada passo a levava mais perto do homem que amava, o homem cuja vida logo ficaria inextricavelmente unida a dela. Quando entrou no salão e o viu parado, de pé, junto ao sacerdote, com os olhos brilhantes de orgulho e desejo, quase não pôde conter-se para pôr-se a correr diretamente para seus braços.

Ela e Alex finalmente chegaram ao outro extremo do salão, ele colocou sua mão sobre o braço de John e se afastou.

—Queridos irmãos! — troou o reverendo Dawes. Uma rajada de eflúvios alcoólicos se abateu sobre o rosto de Belle. Ela tossiu discretamente e retrocedeu um passo.

Persephone ignorou o sinal do sacerdote e seguiu esmurrando o piano, divertindo-se enormemente. Dawes se virou com óbvia irritação e gritou: — Disse, "Queridos irmãos!"

O musical estrondo de Persephone se apagou lenta e dolorosamente.

Belle aproveitou a momentânea distração de Dawes para sussurrar ao John.

— Está seguro de que é um homem de Deus? John tentava conter um sorriso.

— Bastante seguro.

Dawes se virou para o casal.

— Como dizia... Queridos irmãos. — Piscou umas quantas vezes e contemplou a escassa multidão. — Ou mas bem— resmungou, —possivelmente deveria dizer queridos três convidados.

Belle não pôde conter-se.

—Há quatro convidados, se não se importar. —Desculpe.

—Disse— Belle elevou um pouco mais a voz, —que há quatro convidados. Compreendo que esta é uma cerimônia bastante irregular, mas eu gostaria de ser casada contando com meus quatro convidados.

Podia sentir que John a seu lado, estremecia de uma risada silenciosa.

Dawes não era dos que cediam com facilidade ante o que considerou era só um mero engano de uma jovem, sobre tudo depois de ter se fortalecido com cinco cálices de excelente brandy.

—Eu vejo três. —Há quatro.

Com um dedo, o reverendo assinalo Alex, Emma, e por último Dunford.

— Um, dois, três!

—E quatro! — finalizou Belle, com um triunfante gesto para Persephone, que os contemplava com óbvia e divertida fascinação sentada ao piano.

Nesse momento Dunford explodiu em uma ruidosa gargalhada, fazendo coro imediatamente por Emma e Alex, que até então conseguiram manter sua hilaridade sob controle. O rosto de Dawes começou a congestionar e disse:

—Ela é a pianista.

—Ela é minha convidada.

—OH, muito bem, menina impertinente— queixou-se ele, secando as sobrancelhas com um imaculado lenço. — Queridos irmãos, estamos reunidos aqui, diante de quatro testemunhas...

A cerimônia prosseguiu sem mais benditos tropeços durante vários minutos. A John custava acreditar em sua sorte. Só uns minutos mais, pensou, e trocariam os votos e os anéis, e então ela seria sua para toda a eternidade. Quase a ponto de explodir de alegria e impaciência, forçou-se a não ceder ao impulso de sacudir o loquaz sacerdote e obrigá-lo a falar mais rápido. Era consciente de que se supunha deveria estar saboreando cada momento da cerimônia, mas o que realmente desejava era que já estivesse acabado tudo e largar-se a algum lugar mais privado onde pudesse ficar a sós com sua flamejante esposa durante ao menos uma semana.

As esperanças de John de que a cerimônia finalizasse em breve, entretanto, fizeram-se pedacinhos quando ouviu abrir a porta da rua de uma estrepitosa pancada. Dawes o olhou interrogante, mas ele negou com a cabeça de maneira imperiosa, indicando que a cerimônia deveria prosseguir.

Dawes perseverou inclusive quando se ouviram enérgicos passos aproximando-se velozmente para eles pelo corredor. Determinada a não interromper outra vez a cerimônia, Belle manteve os olhos cravados com fixidez sobre o sacerdote, mas John não pôde evitar virar-se quando um jovem moreno irrompeu no salão. Seus olhos eram tão azuis que só podia ser o irmão de Belle.

—Santo Deus! — exclamou Ned Blydon, saltando por cima de um sofá. — Já passou à parte das objeções?

—É, não— disse Dawes, seu bulboso nariz tinha um brilho avermelhado. — Ainda não. —Bom. — Ned agarrou a mão livre de Belle e a arrastou longe do altar de um puxão. — Sabe o que está fazendo? — chiou. —Quem é este homem? O que sabe sobre ele? O que está acontecendo? E como se atreve a me enviar uma nota que só diz que se casa no dia seguinte? No que estava pensando?

Belle aguardou pacientemente que finalizasse sua diatribe.

— Qual pergunta quer que responda primeiro?

—Ouça! — vociferou Dawes. — Este matrimônio será celebrado ou não? Tenho...

—Celebrar-se-á— disse John com voz letal.

—Sou um homem ocupado— balbuciou Dawes. — Tenho...

—Senhor Dawes— interrompeu Dunford suavemente, desarmando-o com um sorriso devastador. — Devo pedir perdão por esta interrupção. É escandaloso que um homem de sua classe seja tratado assim. Não gostaria de me acompanhar a tomar uma taça de brandy enquanto se esclarece este assunto?

Belle não sabia se agradecia a Dunford ou o estrangulava. A este passo, Dawes estaria muito bêbado para celebrar a cerimônia.

Pôs os olhos em branco e se virou para seu irmão, que a olhava com preocupação.

— Está segura de que quer fazer isto? — estava perguntando. — Quem é este homem? Alex se aproximou de Ned e lhe deu um tapinha sobre o ombro.

— É um bom homem— disse suavemente. A seu lado, Emma assentiu vigorosamente. —Ama-o? —perguntou Ned.

—Sim— sussurrou Belle. —Com todo meu coração.

Ned a olhou aos olhos, tentando determinar a profundidade de seus sentimentos.

— Muito bem. Peço perdão pela interrupção— disse elevando um pouco a voz. —Mas vamos ter que começar desde o começo, porque quero entregar a minha irmã.

—Espere um momento, jovem! Já levávamos mais da metade da cerimônia— uivou Dawes.

— Sou um homem ocupado.

—O que é, na verdade, é um bêbado— resmungou Belle calmamente.

—Disse algo? — perguntou Dawes, piscando energicamente. Virou-se para Dunford, a quem agora considerava como um aliado, e o segurou pelo ombro. — Disse algo?

Dunford se soltou com cuidado do sacerdote.

— Não se preocupe, companheiro, receberá uma compensação extra pelos inconvenientes. Eu me ocuparei disso.

Belle e Ned se apressaram a subir e acabavam de alcançar o patamar quando ouviram Dawes perguntar: — Tocaré o piano outra vez? —À pergunta a seguiu um estrondoso som cuja origem Belle não quis indagar.

Alguns segundos depois, Persephone começava a tocar o piano vigorosamente, e Belle empreendia sua segunda procissão do dia escada abaixo para casar-se.

—Está preciosa— sussurrou Ned.

—Obrigada. — Belle sorriu ante suas palavras, profundamente comovida. Ela e seu irmão queriam muito um ao outro, mas estavam acostumados a demonstrar implicação como crianças, e não com elogios.

Quando Belle entrou de novo no salão, os olhos de John ainda brilhavam de orgulho e desejo por ela, mas desta vez também continham uma faísca de humor. Ela sorriu, um tolo e pequeno sorriso, para dizer que não importava que suas bodas se converteu em semelhante caos. Que a única coisa que importava era ele.

A cerimônia avançou com notável tranquilidade considerando os anteriores contratempos. Persephone até deixou de esmurrar o piano instantaneamente quando Dawes grunhiu: — Queridos irmãos...

Um pouco depois, John e Belle eram marido e mulher.

Houve muitas aclamações quando se beijaram, embora Dunford mais tarde particularizou que ele aplaudiu mais pelo fato de que a cerimônia em si tivesse conseguido chegar a seu fim que pela felicidade do casal.

Depois das felicitações habituais e os tradicionais beijos à noiva por parte de todos os convidados masculinos "só havia três, assim não levou muito tempo", Ned olhou alegremente a sua irmã e perguntou:

—Onde será o banquete de bodas? Estou morto de fome.

O rosto de Belle se nublou. Esqueceu-se por completo da recepção. E pensar que esteve queixando-se para si mesma porque não tinha nada que fazer. Embora por outro lado, e apesar de que se sentia resplandecente de felicidade por ter se casado finalmente com o homem de seus sonhos, tinha a sensação de que uma celebração esta noite seria para ela mais bem um jantar que um verdadeiro banquete de casamento.

—Belle decidiu postergá-lo— interveio John, com suavidade, —até que seus pais cheguem em casa. Acreditou que sua mãe preferiria assim.

Ned pensou que sua mãe teria preferido que Belle tivesse atrasado também as bodas, mas refreou a língua. Sorriu afavelmente a seu novo cunhado e por fim formulou a principal pergunta que rondou por sua mente durante toda a tarde.

—E exatamente como você e minha irmã se conheceram?

—Comprei recentemente uma propriedade próxima a de Ashbourne em Westonbirt, respondeu John. — Conhecemo-nos lá.

—E lutou com Alex na Península— acrescentou Belle. — Eram bons amigos. Ned olhou John

com um novo respeito.

—Falando da guerra— interveio Alex de repente, —nunca adivinhará quem vi de minha carruagem quando chegávamos.

John se virou para olhá-lo. —Quem?

—George Spencer.

Belle sentiu que os dedos de John se esticavam sobre seu braço. Pareceu como se estivesse a ponto de dizer algo, mas nenhum som surgiu de sua boca.

—Certamente o recorda— disse Alex.

—Quem é George Spencer? — perguntou Belle.

—Só é um velho conhecido— disse John rapidamente.

Alex se inclinou e deixou cair um fraternal beijo sobre a face de Belle.

—Acredito que estávamos a ponto de deixar os recém casados para continuar com seus próprios planos.

Sorriu a Emma, que imediatamente fez um movimento de retirada. Entretanto, John o deteve, colocando uma firme mão em seu braço.

— De fato, Ashbourne— disse em voz baixa, —poderia falar a sós contigo antes de que se vá?

Alex assentiu, e os dois homens partiram para a biblioteca. John fechou a porta atrás deles.

—Não estou seguro se alguma vez chegou a inteirar-se da história completa de George Spencer.

Alex inclinou ligeiramente a cabeça.

—Sei que você o obrigou a abandonar o exército. —Depois de ter lhe dado um tiro.

—Desculpa? —No traseiro.

Alex se apressou até uma mesa próxima, serviu-se de um copo de uísque, e logo o bebeu de um gole.

—Por alguma razão em particular?

—Estava violentando uma jovem espanhola. Uma moça a quem eu jurei proteger. Alex amaldiçoou calmamente, e seus nódulos ficaram brancos ao redor do cálice.

—Se realmente era George Spencer quem rondava ai fora— disse John causticamente, — não acredito que o fizesse porque queria oferecer seus parabéns aos novos noivos.

Alex ergueu uma sobrancelha.

— Há mais nesta história?

John sopesou as vantagens e desvantagens de revelar a Alex sua grave situação. A última coisa que queria fazer era arrastar um homem com esposa e um bebê a caminho a uma situação potencialmente perigosa.

Mas por outro lado, ele agora também tinha esposa, e tendo em vista seus planos para um futuro mais imediato, pensou que um bebê poderia ser a consequência de pô-los em prática. O peso destas novas responsabilidades gravitou sobre ele, e recordou as palavras de Belle só a alguns dias antes. *"Não pode fazer isto sozinho."*

John não sabia se seguia seu conselho. Esteve só durante tanto tempo que não tinha nem ideia de como pedir ajuda nem tampouco de como aceitá-la. Alex era agora família dele, só política, mas família, ao fim e ao cabo. John sentia já uma maior sensação de parentesco com ele que da que sentia com qualquer um de seus irmãos ou irmãs. Damien nem sequer fôra capaz de participar do casamento.

E, entretanto, Alex e Emma se apressaram a vir do campo. Um desconhecido sentimento de pertencer a uma família começou a conquistar John. Olhou Alex, que esteve observando-o com atenção.

—Tenho um problema— disse John, calmamente. Alex inclinou a cabeça.

—George Spencer tenta me matar.

Ouviu-se uma suave exalação antes que Alex respondesse. —Está seguro?

—Estou seguro de que alguém tenta me matar— respondeu John. — E não posso aceitar que sua presença perto desta casa seja uma coincidência.

Alex passou uma mão pelo cabelo. Recordou a raiva de Spencer quando John obrigou a desertar.

— Não. Não é uma coincidência. Teremos que fazer algo com ele.

John ficou surpreso de como o tranquilizou o uso de Alex da palavra nós. —Onde se alojarão esta noite?

Não era uma pergunta descabelada. Depois de tudo, John tinha se casado a menos de uma hora. Em circunstâncias normais, ele e Belle teriam partido de lua de mel ou teriam voltado para Bletchford Manor para ficar algum tempo a sós. Mas John não acreditava que estivessem a salvo no campo; havia muitas janelas e portas em sua casa pelas quais Spencer poderia ser capaz de entrar.

Londres certamente resultaria mais seguro, embora só fosse porque havia muitas pessoas ao redor que poderiam ser testemunhas dos ataques de Spencer.

— Não sei, — disse John finalmente. — Estive ocupado. Nem sequer pensei nisso. Não desejo levar Belle a casa de meu irmão.

— Fiquem aqui — sugeriu Alex. — Levarei Persephone a minha casa para passar a noite. Certamente Belle já não necessita de uma acompanhante. — Brindou a John um sorriso torto. — Você ficará ocupado em pouco tempo.

John não pôde evitar de sorrir amplamente.

— Enviarei alguns criados extra, — acrescentou Alex. — Este lugar já está lotado deles, mas não pode fazer mal ter alguns mais. Quanto mais pessoas houver aqui, mais seguros estarão.

— Obrigado — disse John. — Estava pensando em contratar um guarda-costas durante as próximas semanas.

— Uma boa ideia. Eu me encarrego de fazê-lo. — Isso não é necessário.

— Por Deus, homem, acaba de se casar. Deixe que eu me ocupe dos malditos guarda-costas. John inclinou a cabeça em aceitação, pensando que poderia acostumar-se à ideia de ter uma família que se preocupasse com ele.

— Emma e eu ficaremos na cidade até que isto esteja resolvido — prosseguiu Alex. — Entre em contato comigo pela manhã, e decidiremos o que fazer sobre Spencer.

— Farei assim.

— E enquanto isso, tenha uma esplêndida noite de núpcias. John sorriu abertamente.

— Certamente, terei.

Um golpe soou na porta, e Belle colocou a cabeça.

— Já acabou com ele, Alex? — perguntou — Porque esta é minha noite de núpcias, já sabe, e me parece que tenho direito a meu noivo.

— De fato, estávamos falando desse mesmo assunto — disse Alex com um sorriso libertino.

— E em consequência, acredito que procurarei minha esposa e iremos para casa. Belle sacudiu sua cabeça quando ele saiu da biblioteca.

— Do que falavam? — perguntou a seu marido.

Ele lhe rodeou os ombros com um braço enquanto saíam atrás de Alex.

— Contarei tudo amanhã.

Os convidados foram indo a partir desse momento. Quando Emma estava saindo, entretanto, tomou a mão de Belle na sua e a levou à parte.

—Precisa... é, que ter uma conversa comigo?

—Não acredito— disse Belle— também em um sussurro. —Está segura?

—Do que?

—De que não precisa ter uma conversa comigo? —Emma, do que está falando?

—Da noite de núpcias, miolos de mosquito. Precisa ter uma conversa comigo? —Ah. É, não. Não é necessário.

Emma retrocedeu, e um leve sorriso flutuou em seu rosto.

—Tinha o pressentimento de que não seria necessário. —Soltou a mão e se afastou uns passos antes de virar-se para dizer: —Bem, então que tenha uma boa noite.

Belle sorriu. —OH, terei. Terei.

—Por que tudo isso? — perguntou John, inclinando-se para beijar o pescoço de sua esposa agora que todos seus convidados haviam partido.

—Direi amanhã.

—Bem. Tenho outras coisas em mente esta noite. — Conduziu-a para cima. —Eu também. — Seguiu com prontidão.

—Em que pensa? — perguntou John quando chegaram ao patamar. — Justo... agora. —Pensava que me alegro de que fiquemos aqui esta noite.

—Mmmm, eu também. Teria levado muito tempo chegar em casa. —A de seu irmão?

—Não, boba. A Bletchford Manor.

Belle sorriu.

—Parece que faz uma eternidade que estivemos lá. Nem sequer ocorreu-me que agora tenho um novo lar.

—Não é muito grande— disse John, sem entonação. —É o bastante para mim.

—Tem um nome horroroso. —Isso têm solução.

—Não há muitos criados.

—Não necessito muitos. E deixa de falar dos inconvenientes de Bletchford Manor. Possui várias qualidades excelentes.

—De verdade? — Tinham chegado ao alto das escadas.

—É obvio. —Belle sorriu travessamente. —As roseiras são bastante formosas. —Isso é tudo?

—Há um precioso tapete Aubusson no salão de desenho. —E isso é tudo?

—Bom— disse Belle com um sorriso enquanto entravam em seu dormitório. — Há o dono. —O dono? —Os olhos de John se acenderam de prazer.

—É muito atraente.

—Acha isso? — Fechou a porta com um pé. —OH, sim. Muito.

As mãos de John a rodearam para chegar aos botões forrados de tecido, que desciam pelo centro de suas costas.

—Preciso te confessar um segredo.

—De verdade? —Belle podia sentir como seu coração se acelerava ao sentir o roce de suas cálidas mãos sobre sua pele.

—Mmm. Esse dono do qual fala...

—Sim?

—Também gosta de você. —Gosta?

John desabotoou os últimos botões e deixou que o vestido se deslizasse por seu corpo até o chão, deixando-a só coberta com um sedoso objeto interior que fez que seus sentidos disparassem.

Gostaria de começar a apropriar-se de você esta noite.

—Apropriar-se de mim? — perguntou Belle, com apenas uma minúscula indireta de brincalhona recriminação em sua voz ante sua escolha de verbo.

—Bom, já o fiz uma vez, e gostou bastante.

—E gostaria de fazê-lo agora outra vez? — Belle quase não podia pronunciar as palavras, já que as mãos de John ascendiam agora por suas pernas, arrastando com elas sua regata sobre suas coxas.

—Muito, muitíssimo.

—O suficiente para passar o resto de sua vida fazendo-o? — perguntou. —Mmm-hummm! O bastante para deixar que você dele se aproprie. Ela inclinou a cabeça e sorriu.

— De verdade?

—OH, sim. —Seus lábios encontraram o vão onde seu pescoço se unia ao ombro.

Belle se encontrou retrocedendo até que sentiu a cama atrás dela. A boca de John se moveu para baixo até cobrir um de seus seios, e resultava quase impossível manter-se em pé. Caíram juntos sobre a cama. O calor de seu corpo a abrasou contra o colchão só um momento, antes que ele se levantasse e arrancasse a camisa.

—Deus, Belle— disse com voz quebrada. — Se só soubesse ...

—Se só soubesse o que? — perguntou ela, docemente, enquanto seus olhos se deslizavam sobre seu peito nu com feminina apreciação.

Suas mãos, que estiveram lutando com os botões de sua calça, ficaram imóveis.

— O muito... que você... —Sacudiu a cabeça, como se tentasse desencalhar as palavras de sua garganta. —Minha vida era... — Engoliu com dificuldade. —Não sei como explicar.

Belle estendeu a mão e tomou a dele.

— Então me mostre isso.

Ele esmagou sua feminina palma contra seu estômago e a deslizou até seu coração.

— Isto pulsa por você— sussurrou. — Só por você.

Aproximou-se dela devagar, como se algum fio invisível que os unisse o puxasse. O resto de sua roupa caiu ao chão, e se pegou a ela, o fogo de seus corpos separado só pela fina seda de sua regata.

Belle sentia a urgência que o percorria por dentro. As mãos de John vagaram por sua pele com uma energia quase frenética. O desejo se enroscou por seu corpo, estimulado pelo deslumbrante e ardente calor de suas mãos e seus lábios e os incoerentes sussurros que brotavam de sua boca.

Ela puxou sua regata, tentando tirá-la, mas ele segurou suas mãos.

— Deixe isso por minha conta— disse. — Eu gosto. —Mas quero te sentir— ofegou ela.

—Pode me sentir. — Estendeu sua mão sobre seu estômago— E eu posso te sentir. Sinto a seda, e o calor, e o desejo.

O abdômen de Belle se tencionou. O fôlego escapava em curtos e afogados ofegos. Seus quadris se apertaram contra os dele, e a prova de seu desejo se acomodou entre suas coxas.

—John, eu...

—O que, amor?

—Quero sentir você inteiro contra mim.

Um estremecimento o percorreu de cima a baixo, e Belle percebeu a tensão de todos seus músculos enquanto ele lutava para controlar seu desejo.

—Não precisa ir devagar— sussurrou. — Eu também te desejo. Seus olhos se cravaram nos dela.

— Belle, não quero te fazer mal.

—Não me fará isso. Você nunca poderia me fazer mal.

As mãos dele foram em suas coxas, e lentamente as separou, fazendo que sua sedosa regata se elevasse no processo. A ponta de sua virilidade se localizou contra ela, e ele começou a entrar.

Belle conteve a respiração quando o sentiu penetrando nela. Era o mais íntimo dos contatos, e arqueou os quadris para atraí-lo ainda mais dentro. Os ataques dele se fizeram mais rápidos e ferozes. Algo crescia no interior de Belle. Uma força. Uma tensão. Crescia, enchendo-a. A respiração de John se fez entrecortada. Afundou seus dedos em seu cabelo, ofegando seu nome enquanto arremetia para frente e para trás, seu corpo perdido em um ritmo primitivo.

Belle girava em uma espiral para o êxtase. Aferrou-se as suas costas, tentando alcançar algo que estava muito, muito próximo e... chegou. O prazer a capturou, e gritou o nome dele. Mas John não a ouviu. O grito dela ficou abafado pelo seu próprio quando investiu uma última vez e explodiu em seu interior. Desabou em cima dela, todo seu corpo estremecendo pelo esforço.

Minutos mais tarde, John rodou para um lado, levando-a junto com ele. Seus corpos já não estavam intimamente entrelaçados, mas John a manteve junto a ele.

—Quero dormir contigo em meus braços— sussurrou. —Quero te sentir, e te cheirar. Quero saber que está aqui.

Belle se recostou mais perto.

— Não vou a nenhuma parte.

John suspirou, e um sorriso se formou em seus lábios. Esfregou sua cara contra o cabelo dela, deixando cair um beijo no alto de sua cabeça.

—Minha esposa, disse— incapaz de esconder o tom maravilhado de sua voz.—Minha esposa.

Capítulo 18



Não foi até a manhã seguinte que Belle se lembrou de perguntar ao John sobre sua conversa com Alex. Ele considerou por um breve momento ocultar a verdade, mas um olhar a seus inquisitivos olhos azuis recordou que a respeitava muito para recorrer a subterfúgios.

—Sei quem tentou me matar. — disse finalmente, com voz grave.

Belle se levantou, sentando-se na cama e puxando os lençóis para cobrir seus seios.

— Quem?

—George Spencer. — Ele clareou a garganta. —O indivíduo que te falei. O sangue abandonou o rosto de Belle.

— Mas acreditava que abandonou o país.

—Isso eu também achava. Ashbourne o viu do lado de fora da casa antes do casamento. —Está seguro de que quer te matar?

John fechou os olhos quando sua memória o devolveu de novo a Espanha. O fedor do sexo e do sangue. A agonia nos olhos de Ana. A fúria em Spencer.

—Estou seguro.

Belle o rodeou com os braços e se colou a seu flanco.

—Ao menos agora sabemos quem é. Assim poderemos lutar contra ele. Ele assentiu devagar.

—O que vamos fazer?

—Não estou seguro ainda, amor. Há muitas coisas que considerar. — Mas ele não queria pensar em nada disso ainda, não quando ainda jazia na cama com sua esposa há menos de vinte e quatro horas. Repentinamente mudou de assunto, beijou-a e perguntou: — Desfrutou do casamento?

—É obvio— respondeu Belle, lealmente.

—Está segura? — John odiava pensar que sua pressa pudessem ter danificado um dos dias mais especiais da vida dela. —Parecia um pouco angustiada antes da cerimônia.

—OH, isso— disse Belle, e um leve rubor cobriu suas faces. —Só estava um pouco nervosa. — Não porque tivesse dúvidas sobre se casar comigo, espero. — Esperava? Implorava, na realidade.

—Não, é obvio que não— disse Belle, lhe dando um brincação empurrão no ombro. — Nunca,

nenhuma única vez, pensei que estivesse cometendo um engano ao me casar contigo. Só foi um pequeno momento de desassossego interior porque minhas bodas não seria exatamente como sonhei que seria.

—Sinto muito— disse John suavemente.

—Não, não, não sinta. Só porque não foi como eu pensei que seria, não significa que não tenha sido absolutamente perfeita. OH, querido, foi. Tem algum sentido o que digo?

John assentiu solenemente.

—Acreditei que necessitava de uma igreja e centenas de convidados e música que soasse como verdadeira música, mas me equivoquei. O que precisava era um sacerdote bêbado, alguns convidados irreverentes, e uma pianista que certamente aprendeu a tocar com uma cabra.

—Então conseguiu exatamente o que necessitava.

—Suponho que sim. Mas na realidade, a única coisa que realmente precisava era você. — John se inclinou para beijá-la outra vez, e permaneceram ocupados com estes misteres durante toda a hora seguinte.



Enquanto o dia chegava a seu fim, John compreendeu que teria que tomar alguma decisão sobre George Spencer. Não tinha o menor desejo de ficar sentado e esperar que Spencer finalmente alojasse uma bala em seu peito.

Ficaria louco se tivesse que esperar pacientemente que seu inimigo fizesse o primeiro movimento. Embora só fosse por não perder a prudência, precisava traçar um plano. A ideia de permanecer escondido resultava desagradável, assim decidiu confrontar a situação cara a cara e encontrar-se com Spencer pessoalmente.

Evidentemente, isso requeria conhecer o paradeiro do Spencer. John duvidava de que tal informação fosse difícil de obter. As notícias viajavam rápido em Londres, inclusive com o fim da temporada, e Spencer pertencendo a uma família bastante distinta para ficar seguro que sua volta ao país teria sido avisada. Simplesmente precisava perguntar às pessoas certas.

John se retirou à biblioteca e escreveu uma nota ao Alex em seguida, solicitando sua ajuda. A resposta chegou vinte minutos mais tarde.

Spencer se aloja em um quarto de aluguel no 14 do Bellamy Lane.

Retornou a Londres sob seu próprio nome e desfruta de uma morna acolhida. Pelo visto tentou retornar a Inglaterra imediatamente depois da guerra e foi desprezado como desertor.

Sua situação melhorou depois, embora não muito. Não recebe muitos convites, mas não acredito que resulte difícil conseguir ser tolerado em um grande baile ou festa.

Possui o acento correto e a roupa adequada. Você e Belle terão que tomar cuidado. Por favor me mantenha informado de seus planos.

Ashbourne

Alex esteve ocupado na noite anterior. John sacudiu a cabeça de admiração. Sentou-se pegando pluma e papel. Depois de vários esboços, finalmente se decidiu pela simplicidade e enviou a seguinte nota:

Spencer,

Entendi que está em Londres. Temos muito de que falar. Poderíamos nos ver à hora do chá? Estou na casa de meus sogros em Grosvenor Square.

Blackwood

John enviou a nota com um mensageiro e deu instruções de esperar resposta.

Saiu para o vestibulo, procurando Belle. Ainda não se orientava bem pela mansão, que era bastante grande para ser uma residência urbana. Sentia-se condenadamente estranho vivendo em uma casa desconhecida, sobre tudo tendo em conta que os donos estavam fora, na Itália e não tinham nem ideia de que ele acabava de casar-se com sua única filha. Se os Blydon estivessem em sua residência, sentiria se melhor, como um correto convidado, mas tal e como estavam as coisas, tinha a sensação de brincar de ser o dono na casa de outro. Sua incomoda situação só servia para que se sentisse mais determinado que nunca a pôr fim a seus problemas com Spencer. Passou cinco anos fazendo malabarismos com o dinheiro para poder comprar uma casa própria, e agora nem sequer podia usá-la. Se não fosse porque acabava de casar, estaria com um humor realmente asqueroso.

Finalmente encontrou Belle adormecida sobre um sofá em sua salinha. Sorriu para si, pensando que merecia a sesta. Ele fez todo o possível para mantê-la acordada a noite anterior. Não querendo incomodá-la, saiu nas pontas dos pés do quarto e se dirigiu de novo à biblioteca onde se instalou em uma poltrona com uma cópia do peregrino apaixonado. Se Belle tinha sido capaz de lê-lo, figurou-se que ele também. Irritava-o ter que vadiar lendo enquanto alguém conspirava para eliminá-lo, mas

dada sua atual estratégia, não parecia haver outra coisa que fazer que esperar.

Estava mais ou menos na metade do segundo ato quando Belle bateu na porta. —Entre!

Ela colocou a cabeça. —Incomodo?

—Em meu primeiro dia como homem casado? Parece que não.

Ela entrou na biblioteca, fechando a porta atrás de si e se dirigiu à poltrona contigua a dele. — Hum - Mmm— disse ele, agarrando-a pela mão. — Veem aqui. — Com um hábil puxão ela caiu em seu regaço.

Belle riu ante seu estratagema e plantou dois beijos ao longo da mandíbula, maravilhando-se de sentir-se cada vez mais cômoda com este homem.

—O que está lendo? — perguntou, jogando uma olhada ao livro. —O Peregrino Apaixonado? por que escolheu esta leitura? —Você o leu.

—E?

Ele a beliscou no nariz.

— E me lembrei de quão adorável estava quando falávamos dele, o dia em que a conheci. A resposta de Belle foi outro beijo.

—Já compreendi qual foi o problema em nosso casamento— refletiu John. —OH?

Ele se inclinou e acariciou com os lábios uma das comissuras de sua boca.

— A maioria dos casais— murmurou, particularizando suas palavras com pequenos e rápidos roces de sua língua, —tendem a passar uma semana inteira na cama depois do casamento. Nem sequer levantamos tarde.

Belle pestanejou exageradamente.

— Poderíamos voltar— sugeriu.

A mão de John abandonou o estômago dela para ficar sobre um de seus seios. —Uma ideia interessante.

—Acha isso? — perguntou ela, com a voz entrecortada.

John a estreitou suavemente contra si, deleitando-se com sua resposta.

— Mmm-Hum. — Sorriu preguiçosamente quando a viu arquear as costas.

Podia sentir como endurecia seu mamilo, convertendo-se em um pequeno e rígido botão, e seu corpo se esticou em resposta.

—Sempre será assim entre nós? — sussurrou ela.

—Cristo, isso eu espero. — inclinou-se e capturou sua boca em um duro e feroz beijo. Seus lábios e sua língua eram desumanos, exigindo tudo dela, implacável em sua missão de reclamar até mesmo sua alma.

A reação de Belle o igualou em velocidade e intensidade. Seu beijo brutal inflamou seu desejo, e ela o devolveu com idêntica paixão, cravando os dedos nas costas. A ardente boca dele desceu por seu pescoço, deixando um rastro de fogo ao longo de sua pele.

—Fechou a porta? —perguntou com voz desigual, sem afastar os lábios de sua garganta. —O que? — Belle estava tão imersa em um mar de sensação que mal podia ouvir suas palavras.

—Fechou a porta? Negou com a cabeça.

—Maldição. — A contra gosto John arrancou sua boca de sua sensível pele e deslizou por baixo dela. Belle aterrissou como um suave vulto sobre a poltrona enquanto ele cruzava a sala até a porta, o fôlego convertido em um ofego desigual.

John virou a chave com decisão e caminhou para sua flamejante esposa, com os olhos brilhantes de desejo. Infelizmente, só pôde dar dois passos em sua direção quando ouviu um sonoro golpe sobre a porta.

Amaldiçoou entre dentes e deu uma rápida olhada em Belle para assegurar-se de que estava apresentável antes de virar-se de novo. Descarregando sua irritação sobre a infeliz maçaneta, abriu brutalmente a porta de um puxão.

—O que? — ladrou.

—Milord— respondeu a tremente voz do criado. —Uma carta para o senhor.

John assentiu de forma cortante e pegou o papel que descansava sobre a bandeja de prata que o criado segurava.

—Parece que há um abridor de cartas naquela escrivaninha ali, —disse Belle, fazendo um gesto com a cabeça para o móvel em questão.

John seguiu seu conselho e rasgou o selo. A carta estava escrita em um caro papel branco.

Querido Lorde Blackwood,

Pensa que sou estúpido? Se deseja que nos encontremos, ficaria encantado de marcar um encontro com você em um lugar mais neutro. Inclino-me pelo cais.

George Spencer.

—Quem mandou? — perguntou Belle. John amassou o papel.

—George Spencer— respondeu distraído.

—O que? — gritou ela. — Por que entrou em contato contigo?

—Bem, está tentando me matar, —disse John tranquilo, sua paixão tristemente diluída pela interrupção. —E também, suponho, porque eu lhe enviei uma carta nesta manhã.

—O que? por quê? E por que não me contou? Ele suspirou.

— Começa a soar como uma esposa chata.

—Bom, você cuidou da parte da esposa ontem, e quanto ao ser chata... creio que estou em meu direito dada nossa intolerável situação. E agora, responderá a minha pergunta?

—A qual delas?

—A todas, — respondeu Belle, apertando os dentes.

—Escrevi porque pensei que talvez poderia me proteger melhor se pudesse me encontrar com ele cara a cara e discernir a intensidade e a natureza de seu ódio por mim. Não te contei porque estava dormindo. E em seguida estava... ocupada.

—Lamento ter gritado— disse Belle, mais apaziguada. — Mas não vejo o que espera conseguir se encontrando com ele. Com isso só o brindas com uma oportunidade de te matar.

—Não tenho a intenção de correr riscos desnecessários, meu amor. Pedi que nos reuníssemos aqui. Teria que estar muito desesperado para tentar algo em minha casa, ou em sua casa, neste caso.

Assim que as palavras saíram de sua boca, John soube que não eram as corretas, já que Belle gritou.

— Mas não sabe quão desesperado está! Se ele realmente, de verdade te odeia, então pode ser que não se preocupe com as consequências de te matar diante de testemunhas. Querido, não posso permitir que corra esse risco. —Sua voz se quebrou. — Não quando te amo tanto.

—Belle, não diga...

—Direi o que me der vontade! Arrisca sua vida, não me diz que me ama e nem sequer me deixa te dizer que eu te amo. — Emitiu um som inarticulado e levou o punho à boca durante um momento para conter um soluço. —Você não se importa comigo?

Ele a agarrou pelos braços com um aperto feroz.

— Claro que me importo, Belle— quase grunhiu. — Não deixe que ninguém te diga o contrário.

—Ninguém o faz. Só você.

Uma profunda e desigual inspiração estremeceu todo seu corpo.

—Não é suficiente saber que me importo, Belle? Que chegou a lugares de meu coração que não sabia nem que existiam? Não é suficiente no momento?

Ela engoliu convulsivamente. *Deus*, odiava-o quando não podia entendê-lo. Ainda assim, assentiu.

—No momento— disse, em voz baixa. —Não por muito tempo. E te asseguro que não para sempre.

Ele tomou seu rosto em suas mãos e se inclinou para beijá-la, mas ela se afastou dele.

— Suponho que primeiro teremos que lutar com este monstro. É difícil tentar construir um casamento quando preciso estar temendo por sua vida.

John tentou ignorar o vazio que se instalou em seu coração quando ela se afastou dele. — Prometo, amor, que optarei pela atuação mais segura. Não tenho o menor desejo de morrer, mas não posso passar o resto de minha vida me escondendo do Spencer. Cedo ou tarde, me encontrará.

—Eu sei. Eu sei. O que dizia a nota?

John se levantou e cruzou a sala até a janela.

—Não quer que nos encontremos aqui— disse, olhando por volta da agora pouco transitada rua. —Imagino que acredita que isto é algum tipo de armadilha.

—E é?

—Uma armadilha? Não, embora agora que o penso, a ideia tem seu mérito. —E o que mais diz?

—Quer que nos encontremos no cais.

—Espero que não esteja pensando se reunir com ele lá. — Belle estremeceu. Na realidade, ela nunca tinha ido lá, mas todos os londrinos sabiam que era uma das regiões mais perigosas da cidade.

—Não sou estúpido— respondeu John, repetindo inconscientemente as palavras que escrevera Spencer. —Verei se quer que nos reunamos em outro lugar. Algum lugar cheio— acrescentou, sobre tudo para tranquilizá-la.

—Desde que não vá sozinho. Estou segura de que Alex e Dunford ficariam encantados de te acompanhar. E Ned também, se não tiver retornado para à universidade.

—Duvido que Spencer queira me dizer o que tem em mente diante de outras pessoas, Belle. Mas não se preocupe, não tenho a intenção de me encontrar com ele a sós, sem amigos por perto. Não terá oportunidade de tentar nada.

—Mas por que vai encontrar contigo se o que quer é te matar? John coçou a cabeça.

—Não sei. Provavelmente quer me contar como deseja me matar. Ou quanto o deseja. —Isso não é engraçado, John.

—Não estava brincando.

Belle enterrou a cara entre as mãos.

—OH, John— gemeu. —Tenho muito medo de te perder. É engraçado. Em parte, a razão pela qual me apaixonei por... —Elevou a mão. — Não, por favor não me interrompa. Em parte, apaixonei-me por você porque pensei que me necessitava. Há muitas pessoas que gostam de mim ou que me querem, mas nunca ninguém me necessitou como você. E agora me dou conta... — A voz cortou, afogando-se com um soluço.

—Do que, amor? —sussurrou ele. — Do que se deu conta?

—OH, John, de que eu também preciso de você. Se algo acontecer a você...

—Não me vai acontecer nada— disse ele, ferozmente. Pela primeira vez, em anos, tinha algo pelo qual viver. Não deixaria que esse bastardo violador o arrebatasse.

Belle o olhou por entre suas pestanas coalhadas de lágrimas. —O que vamos fazer?

—Não vamos fazer nada— respondeu ele, aproximando-se e acariciando o cabelo. Então, com gentileza, agachou, afastou as mãos da cara, e a beijou brandamente na sobrancelha. — Entretanto, eu vou escrever uma nota ao Spencer.

Aproximou-se da mesa onde deixara a pluma e o papel que usou mais cedo.

— O que me sugere que diga? — perguntou, em tom tranquilo, tentando fazê-la esquecer seu temor e sua ansiedade.

—Acredito que deveria começar com: — Estúpido filho de...

—Não acredito que funcione— interrompeu-a John, sem alterar-se, perguntando onde demônios adquiriu ela um vocabulário tão colorido. —Não queremos insultá-lo. —Pode ser que nós não, mas eu te asseguro que sim.

—Belle— suspirou ele, dissimulando seu sorriso. — É um tesouro. O que fiz para merecer você?

—Não sei— respondeu ela, levantando-se— Mas se não quer me perder, darei um importante conselho: não morra. — E com estas palavras, suspirou e abandonou a sala, incapaz de permanecer perto de um pedaço de papel que talvez causasse a morte de John.

Ele sacudiu a cabeça quando a viu sair. Não estava levando muito bem. Mas como a culparia? Se alguém estivesse tentando matá-la, ele reviraria Londres de ponta a ponta como um louco, tentando

desesperadamente apanhá-lo antes.

Expulsando este desagradável pensamento de sua mente, John devolveu sua atenção à pluma e ao papel que esperavam frente a ele. Era estranho isso de manter correspondência com um assassino.

Spencer,

Acredita que sou estúpido?

Sugiro que nos encontremos em algum lugar ligeiramente mais aceitável, como o Salão de Chá do Hardiman. você escolha dia e hora.

Blackwood

Havia levado Belle várias vezes ao Hardiman durante seu precipitado noivado. Lá poderiam conseguir uma mesa privada, e o que era mais importante, o estabelecimento era frequentado pela maioria das matronas da aristocracia e debutantes, pelo que Spencer não se atreveria a tentar nenhuma tolice. Além disso, seria fácil para Alex vigiar despreocupadamente de alguma mesa próxima.

John voltou a enviar o mensageiro ao alojamento de Spencer. Confiava em uma pronta resposta; Spencer certamente estaria esperando em sua casa que chegasse uma resposta a seu convite. Suspirou e acariciou os cabelos. Deveria falar com Belle. Rasgava-o vê-la tão angustiada, mas não sabia o que dizer. Não conhecia palavras que a fizessem se sentir melhor. Estava casado com Belle menos de vinte e quatro horas e ela já se sentia desventurada. Falhara com sua esposa, e se sentia incapaz de aliviar seu sofrimento.

Sua esposa.

Os lábios de John esboçaram um frágil sorriso. Gostou de como soava. Levantou-se tão repentinamente, que a poltrona chiou sonoramente ao deslizar-se pelo piso de madeira.

Saiu a grandes pernadas em direção ao vestíbulo, tão rapidamente como sua perna ferida permitia.

— Belle! —chamou-a, dirigindo-se para o andar superior. —Belle! Onde está? Ela apareceu no alto das escadas, com uma expressão de pânico no rosto. —John? Acontece algo? O que houve?

—Só queria te ver, isso é tudo. — Ele sorriu ligeiramente, tentando aliviar sua tensão. —

Sempre precisa fazer três perguntas quando uma só bastaria?

—Por todos os céus, John, me deu um susto de morte. Por favor, não volte a gritar assim outra

vez. Já estou bastante preocupada tal como estão as coisas.

Ele cruzou o espaço que os separava e a rodeou com os braços.

—Por favor, amor. Ficaré doente. Retornemos a seu quarto e conversemos. —Nosso quarto— retificou Belle, sorvendo pelo nariz.

—O que?

—Nosso quarto. Agora sou casada. Já não quero ter um dormitório só meu.

—Eu tampouco quero que o tenha. Belle, logo levaremos uma vida normal. Prometo. Belle se deixou conduzir ao dormitório. Desejava tanto acreditar.

— Não posso evitar me sentir assustada, John— disse suavemente. Ele a abraçou e aspirou a leve fragrância de seu cabelo.

—Eu sei, querida, eu sei. Mas esquece esse medo no momento. Não há nada o que temer aqui e agora.

Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso.

— Neste preciso instante...?

—Só existe eu. — Remontou a linha de sua mandíbula com os lábios, deslizando languidamente até seu ouvido. E, de repente, não foi suficiente. Suas mãos se curvaram sobre seu traseiro, apertando-a ainda mais intimamente contra ele. Beijou cada pedaço de pele exposta, suas mãos e pulsos uma vez que tinha finalizado com seu pescoço. Acabava de retornar ao lóbulo de sua orelha esquerda quando ouviram uma voz na porta.

—Ejem!

John não se molestou em virar-se, limitando-se a agitar uma mão em direção ao ofensivo criado.

—Ejem!

A voz soou mais insistente, assim John, a contra gosto, separou-se de Belle e virou a cabeça para a porta. Uma dama elegantemente vestida permanecia lá de pé com uma estranha expressão em seu rosto. John nunca a vira antes, embora tivesse realmente assombrosos olhos azuis que resultavam conhecidos, verdadeiramente azuis, quase como os de...

Uma iminente sensação de fatalidade percorreu seu corpo quando, devagar, virou-se para Belle, que ainda estava estreitamente apertada contra seu corpo. Parecia angustiada. Muito angustiada. Quase verde.

—Mamãe?

John saltou longe de Belle a uma velocidade assombrosa.

Caroline, condessa de Worth, despojou-se de suas luvas com um vigor furioso. —Vejo que esteve muito ocupada desde que parti, Arabella.

Belle engoliu em seco. O uso por parte de sua mãe de seu nome completo não a fez se sentir otimista.

— Bom, sim, — gaguejou. — Sim. Caroline se virou para John.

— Acredito que deveria partir.

—Não pode! —disse Belle, rapidamente. — Vive aqui.

O único sinal externo de perturbação de Caroline foi um espasmo na garganta ao engolir em seco.

—Não estou segura de ter ouvido bem. John se apressou a aproximar-se.

—Possivelmente deveria me apresentar. Sou Lorde Blackwood. Caroline não lhe ofereceu a mão.

— Que bom para você— respondeu, amargamente.

—E esta— prosseguiu ele, fazendo um gesto para Belle, — é minha esposa, Lady Blackwood. —Desculpe? — Nenhuma fissura em sua composta fachada.

—Casamos, mamãe— disse Belle com um frágil sorriso. — Ontem.

Caroline cravou em sua filha um olhar de incredulidade, depois no homem com o qual se casou, e retornou de novo a sua filha.

— Belle, poderia falar um momento em particular contigo, por favor?

Agarrou o braço de sua filha com uma força que desmentia a amabilidade de suas educadas palavras e a arrastou ao outro extremo do quarto.

— Ficou louca? — chiou. —Percebe o que fez? Onde demônios estava Emma? E como te permitiu fazer isto?

Do outro extremo do quarto, John se perguntou se esta propensão a formular uma pergunta atrás da outra sem esperar resposta seria um traço de família.

Belle abriu a boca para responder, mas Caroline ergueu uma mão.

— Não o faça! — advertiu. — Não diga nenhuma palavra.

Com um hábil movimento, voltou a agarrar o braço de Belle e a devolveu ao lado de John. — Mamãe— disse Belle. —Se só... —Suas palavras se estrelaram contra o esmagante olhar de repressão de Caroline.

—Se me desculparem— disse Caroline, em tom tranquilo. aproximou-se rapidamente à porta e gritou: — Henry! — Belle e John conseguiram escutar uma apagada resposta, a qual Caroline respondeu. —Agora mesmo, Henry!

—Eu não gosto que me façam sentir como um menino desobediente— sussurrou John ao ouvido de Belle.

—Eu fui uma menina desobediente— respondeu ela, em outro sussurro. —Ao menos para eles. Assim, por favor, seja paciente.

O pai de Belle apareceu na porta. Henry, Conde de Worth, era um homem atraente de cabelo grisalho e porte sereno. Seus olhos se acenderam com evidente afeto quando viu sua única filha.

— Belle, querida! O que faz em Londres?

—OH, uma coisa e outra— resmungou Belle, evasivamente. —Casou-se— soltou Caroline, sem entonação.

Henry não disse nada.

—OuvIU? — exclamou Caroline, cuja compostura começava a derrubar-se. — Casou-se. Henry suspirou cansativamente e alisou o grisalho cabelo.

—Havia alguma razão pela qual não pudesse esperar, Belle? —Tinha um pouco de pressa.

Caroline ruborizou, sem querer considerar as implicações de semelhante declaração. — Certamente poderia ter esperado uns poucos dias— continuou Henry. —Achou que íamos proibir sua escolha? Conhece-nos melhor que isso. Deixamos rechaçar a uma dúzia de pretendentes, incluindo o jovem Acton, cujo pai resulta ser meu melhor amigo. Este parece um tipo bastante agradável. Provavelmente não teríamos nenhuma objeção. — Fez uma pausa. — Presumo que este é o homem com quem se casou.

Belle assentiu, perguntando-se por que os sermões de seu pai sempre conseguiam fazê-la sentir como se tivesse sete anos.

—Tem ele nome?

—Lorde Blackwood— disse Belle, com voz clara.

John tomou a iniciativa e se adiantou estendendo uma mão. —John Blackwood, milord. Encantado em conhecê-lo.

—Isso espero— respondeu Henry com secura. —Tem recursos para manter a minha filha? — Acabo de comprar uma casa, assim não disponho de muito dinheiro— respondeu John, com sinceridade. — Mas sou prudente e conservador em meus investimentos. Não lhe faltará nada.

Henry suspirou. —De onde você é?

—Cresci em Shropshire. Meu pai era o Conde de Westborough. Meu irmão herdou o título. —E como conseguiu o seu?

John relatou brevemente sua permanência no exército. Henry assentiu com aprovação e por último perguntou: — Sente afeto por minha filha?

—Muitíssimo, milord.

Henry contemplou o jovem cavalheiro, cuja mão estava agora firmemente entrelaçada com a de Belle.

— Bom, Caroline, parece que simplesmente teremos que confiar no bom julgamento de nossa filha com respeito a este assunto.

—Pouco mais podemos fazer— disse Caroline, acidamente.

Henry proporcionou um consolador aperto ao ombro de sua esposa.

—Estou seguro de que teremos tempo suficiente para esclarecer todos os detalhes mais adiante. No momento, acredito que devemos nos concentrar em conhecer melhor nosso novo genro, não acha, Caroline?

Ela assentiu, amava Belle muito para fazer outra coisa. Belle correu para ela e a abraçou.

— Já verá, mamãe— sussurrou. — É perfeito.

Caroline sorriu ante a desmesurada felicidade de sua filha, mas respondeu, também sussurrando.

— Ninguém é perfeito, Belle. —Ele é perfeito para mim.

Caroline deu a Belle um último abraço antes de pegar as mãos e afastá-la para poder lhe dar uma boa olhada.

— Espero que tenha razão —respondeu. —E agora, por que não deixamos que seu pai vá conhecendo melhor seu, é, marido enquanto você me ajuda a me reinstalar. Foi uma viagem extraordinariamente longa.

Belle pensou que, no geral, sua mãe levou a notícia surpreendentemente bem. Dedicou a John um breve sorriso e a seguiu para fora do quarto.

—Suponho que ainda não enviou o anúncio ao Times— ia dizendo Caroline enquanto caminhava pelo corredor.

—Não houve tempo.

—Hmmm. Bem, farei que seu pai se ocupe disso imediatamente. E onde está essa nova casa que

John comprou? — Caroline se virou quando ela estava no meio corredor, com uma expressão de preocupação em seu rosto. — Disse que seu nome era John, é verdade?

— Sim, mamãe. E fica ao lado de Westonbirt. Conheci-o enquanto me alojava com a Emma. — Ah, — Caroline seguiu para seu dormitório, onde uma criada desempacotava seus baús. —

Creio que organizarei uma recepção para vocês a próxima primavera, quando todo mundo estiver na cidade. Mas acredito que deveríamos fazer algo antes e logo, embora só seja para dar conhecimento a todo mundo que se casou.

Belle se perguntou por que era imperativo que "todo mundo" fosse imediatamente informado de sua mudança de estado civil.

— Não basta com o anúncio no Times?

— Absolutamente, amor. Temos que fazer saber à sociedade que conta com nossa aprovação. Não há nenhuma necessidade de que todos saibam que não conhecíamos John até hoje.

— Não, creio que não.

Caroline aplaudiu repentinamente, jubilosa.

— Já sei! O baile de inverno dos Tumbley! É perfeito. Todo mundo vem sempre do campo para participar.

Belle inspirou nervosamente. Cada ano o conde e a condessa de Tumbley celebravam uma festa em Novembro. Este era um dos poucos acontecimentos para o qual a aristocracia retornava a Londres no inverno. Normalmente, teria ficado encantada em participar, mas em suas atuais circunstâncias, não acreditava que fosse seguro para ela e John aventurar-se entre grandes multidões de noite.

— E, eh, quando é, mamãe?

— Dentro de poucas semanas, creio. Terei que revisar minha correspondência para saber a data exata. Tenho uma enorme pilha de cartas para repassar.

— Não estou segura de que queiramos ir, mamãe. Estamos recém casados, já sabe, e eu gostaria de ter um pouco de intimidade.

— Se queria intimidade, deveria ter voltado a toda pressa para o campo no minuto seguinte de pronunciar o "sim, aceito." Mas enquanto estiver aqui, irá a esse baile, e o fará com um sorriso na cara. E depois, pode voltar para onde quer que seja que irá viver agora selvagemente. Onde irá viver? por certo, como se chama o lugar?

— Bletchford Mannor. — Que coisa Mannor? — Bletchford Mannor.

—Ouvi a primeira vez. É um nome terrível, Belle. —Eu sei.

—Não. Quero dizer que é horrível. —Eu sei. Vamos mudar.

—Certifique-se de fazê-lo. Depois do baile dos Tumbley, quer dizer, porque não colocará um pé fora de Londres até então.

Capítulo 19



John se sentou no Salão de Chá Hardiman no dia seguinte, de costas à parede enquanto procurava com o olhar o homem que não via há mais de cinco anos, o homem que o queria morto. Conseguiu uma mesa ao fundo, com Alex e Dunford discretamente instalados umas quatro mesas mais à frente.

John manteve a vista fixa na porta de entrada, e dez minutos antes da hora marcada para a reunião, George Spencer entrou no estabelecimento. John sentiu como se o tempo retrocedesse, e retornado a taverna espanhola, vendo como seu companheiro violava uma menina inocente.

Spencer esquadrinhou o salão com seus frios olhos azuis até que seu olhar recaiu sobre John. Sua cabeça deu um impulso, fazendo que seu loiro cabelo se separasse de seus olhos. Cruzou arrogantemente o local, com longos passos, até chegar junto ao John.

—Blackwood. —Sua voz era gelada.

—Spencer. Peço desculpas por não ter a cortesia de me levantar.

—Não importa. Ouvi dizer que é coxo. Não quero que precise fazer um esforço excessivo. —
Afastou uma cadeira e se sentou.

John assentiu gentilmente.

—Uma ferida de guerra. Alguns de nós permanecemos no exército durante toda a campanha. Aonde você foi, Spencer? França? Suíça?

As mãos de Spencer seguraram com força a beira da mesa, e quase se levantou de seu assento de raiva.

—Condenado seja, Blackwood. Sabe que me obrigou a desertar. Sabe o que é voltar para a Inglaterra desonrado? Meu pai teve que subornar às autoridades para impedir que me prendessem.

John lutou para manter sua própria fúria sob controle.

— E acredita que não merecia ser detido depois do que fez? Deveriam ter te enforcado. —Poupe o sentimentalismo, Blackwood. Essa garota não era ninguém. Uma estúpida camponesa, nada mais. Provavelmente havia compartilhado seus encantos com uma dúzia de homens antes de mim.

—Vi o sangue sobre os lençóis, Spencer. E ouvi seus gritos.

—Pelo amor de Deus, Blackwood, fiz à moça um favor. Teria que seguir esse caminho cedo ou tarde.

John se agarrou à mesa em um esforço para evitar estrangulá-lo.

— Se suicidou três dias depois, Spencer. —Ah, sim? — Spencer pareceu indiferente. —Não sente nenhum remorso?

—A maldita cidade estava super povoada, de todas formas. — Spencer estendeu a mão e examinou ociosamente as unhas. — Aqueles espanhóis se reproduziam como coelhos.

—Era uma menina inocente— disse John, por entre os dentes apertados.

—Sempre fico impressionado por seu senso de cavalheirismo. Claro que, por outra parte, as damas sempre foram seu ponto frágil. Posso lhe oferecer meus parabéns por seu vantajoso matrimônio? É lamentável que será uma união tão breve.

—Deixe a minha esposa fora disto— ordenou John, esticando a mandíbula. —Não é digno nem de mencionar seu nome.

—OH, ora, não estamos ficando um pouco dramáticos? Espero que o amor não tenha lhe suavizado, Blackwood. Ou talvez foi seu joelho que se encarregou disso faz anos.

John respirou profundamente e se obrigou a contar até cinco antes de voltar a falar.

— Simplesmente, qual é seu plano, Spencer?

—Matá-lo, evidentemente. Acreditei que já havia entendido isso. —Posso perguntar por quê? — pediu John, com gelada cortesia.

—Ninguém me faz ficar como um tolo, Blackwood, ninguém. Entende? — Spencer estava cada vez mais agitado, e suas sobrancelhas estavam franzidas e úmidas de suor. —O que me fez...

—O que fiz foi lhe dar um tiro na bunda. — John recostou se permitiu o primeiro sorriso do dia.

Spencer apontou com um dedo ao John.

— Vou matá-lo por isso. Sonhei com isso durante anos. —O que o atrasou tanto tempo?

A calma compostura de John só servia para enfiar ainda mais Spencer.

— Sabe o que ocorre a um homem quando deserta? Não é precisamente bem-vindo de retorno a Inglaterra. Sua noiva decide que certamente estará melhor com qualquer outro. Seu nome é eliminado de todas as listas importantes. Você me fez isso. Você.

—E agora de repente a Inglaterra o recebe com os braços abertos? Me disseram que não era bem-vindo nos círculos mais seletos.

Por um momento John acreditou que Spencer saltaria por cima da mesa e se lançaria em sua garganta. Entretanto e repentinamente, o homem se acalmou.

— Matá-lo não solucionará todos meus problemas, é evidente. Mas fará que minha vida seja mais feliz.

John suspirou.

—Olhe— disse, com tranquilidade, —creio que não é necessário que diga que preferiria que não me matasse.

Spencer se permitiu uma seca gargalhada.

— Muito elegantemente expresso, mas tampouco é necessário que eu diga que preferiria que não tivesse arruinado minha vida.

—Por que veio hoje? por que está aqui sentado perdendo o tempo com essa conversa? —Talvez porque estivesse curioso. E você? Alguém poderia pensar que tem medo de encontrar-se com seu assassino. — Recostou-se em sua cadeira e obsequiou John com um sorriso alegre.

John começava a perguntar-se se Spencer estava louco. Obviamente estava obcecado, mas ao mesmo tempo, parecia manter sem problemas uma aparência de prudência, ali sentado, conversando com John como se fossem velhos amigos.

—Talvez eu também sinta curiosidade— respondeu, devolvendo suas palavras. — Esta é uma situação única. É um homem afortunado aquele que tem a oportunidade de encontrar-se com seu assassino cara a cara em circunstâncias tão civilizadas.

Spencer sorriu e fez uma inclinação de cabeça, reconhecendo elegantemente o que considerou como um elogio.

—Imagino que contará o que planeja. Não irá querer que isto não lhe represente nenhum desafio, não é?

—Não poderia me importar menos. Simplesmente o quero morto. John sorriu tenso. Spencer indubitavelmente não andava com sutilezas. —Nenhuma indicação sobre o que posso esperar?

—Algo rápido e fácil, acredito. Não há nenhuma necessidade de fazê-lo sofrer. —Muito amável de sua parte.

—Não sou um monstro, só um homem de princípios.

Enquanto John ponderava aquela incrível declaração, Spencer se concentrou em algo acima de seu ombro.

—É sua encantadora esposa a quem vejo, Blackwood? Devo felicitá-lo por seu êxito matrimonial.

John sentiu que suas vísceras congelavam. Virou-se em seu assento, procurando a seu redor até

que seu olhar recaiu sobre Belle, que acabava de entrar no salão de chá seguida de Emma e Persephone.

John voltou a respirar profundamente, tentando conter-se. *Ia matá-la. A colocaria sobre seus joelhos e deixaria bolhas em seu traseiro. A trancaria em seu quarto durante uma semana. Ia...*

—Não parece muito contente de vê-la, acredito.

John se virou para Spencer e o espetou.

— Outra palavra, e tal como me sinto o estrangulo.

Spencer se deixou cair contra o respaldo e riu entre dentes, enormemente divertido. —Nossa conversa terminou. — John se levantou e caminhou através do salão sem voltar o olhar para trás. Alex e Dunford se assegurariam de que Spencer não o atacasse. Agarrou o braço de Belle antes que ela pudesse sentar-se, chiando ao ouvido. — Está a ponto de se converter em uma mulher muito desgraçada.

Belle teve a sensatez de manter a boca fechada. Ou talvez só fosse porque morria de vontade de dar uma boa olhada em George Spencer, que se levantara para partir imediatamente depois de John.

Passou justo ao lado deles ao partir, saudando-a com seu chapéu e murmurando: — Milady. O único vislumbre de otimismo no pesadelo de John foi a expressão de fúria no rosto de Belle. Não tinha a menor duvida de que ela marcaria a cara de Spencer com suas unhas se não fosse porque ele a estava sujeitando firmemente pelo braço.

Uma vez que Spencer esteve definitivamente fora do estabelecimento, John a virou com força para que o olhasse à cara e disse: — Que demônios acha que está fazendo?

Antes que ela tivesse a menor possibilidade de responder, Alex apareceu a seu lado, agarrou Emma de modo similar e chiou: — Que demônios acha que está fazendo?

Persephone olhou Dunford e sorriu, esperando sua vez, mas para sua grande desilusão, ele se limitou a permanecer ali de pé fulminando com o olhar às três mulheres.

—John— disse Belle. — Não creio que este seja o momento. — Virou-se para o resto dos homens e lhes dedicou um amplo embora hesitante sorriso. — Lamento, mas temos que partir.

John grunhiu. Persephone interpretou isto como um sinal de consentimento e balançou a mão para despedir-se.

— Espero vê-la logo— disse alegremente.

John grunhiu de novo e desta vez Persephone não disse nada. Belle ergueu a vista para seu marido.

— Vamos?

Ele começou a andar, e uma vez que seu braço estava indissoluvelmente unido a sua mão, ela partiu com ele. Quando saíram à rua, John se virou e disse de maneira cortante.

—Trouxe uma carruagem? Ela negou com a cabeça.

— Alugamos uma.

Isto não pareceu agradá-lo, e Belle se absteve de dizer algo mais enquanto ele parava uma. Retornaram para casa em absoluto silêncio. Ela olhou de esguelha um par de vezes seu perfil e notou que um músculo de sua face se contraía espasmodicamente. Estava furioso. Deu outra olhada. O tic se acelerou. Muito mais que furioso. Só estava esperando que chegassem em casa para não envergonhá-la diante do condutor.

Supôs que deveria sentir-se agradecida pelos pequenos favores.

O carro se deteve diante da mansão Blydon, e Belle se apressou a sair enquanto John pagava ao condutor. Subiu correndo os degraus da frente, cruzou a toda velocidade o vestíbulo, e entrou no salãozinho posterior.

Não tentava evitar John; embora talvez teria tentado se acreditasse que tinha a menor possibilidade de escapar. Mas tal como estavam as coisas, simplesmente procurava encontrar um local que estivesse tão afastado dos criados quanto fosse possível. John a seguia lhe pisando os calcanhares, tão furioso que quase não coxeava. Bateu a porta atrás dele.

—Que demônios pensou que estava fazendo? —Estava preocupada com você.

—Assim, me seguiu até meu encontro com Spencer? Desculpa se não a felicito por seu senso comum.

—Mas...

—Entende o tipo de homem que é Spencer? — explodiu John. —É um estuprador. Um estuprador! Entende o que significa o termo "estupro"?

Belle cruzou os braços.

— Odeio quando é sarcástico. —Pior para você.

Ela apertou os dentes ante seu áspero tom e se virou afastando-se.

—Maldita seja, mulher! Se colocou em perigo. E arrastou contigo Emma e Persephone. No que estava pensando?

—Pensava que poderia me necessitar, —respondeu ela, elevando a voz.

—Te necessitar? É obvio que a necessito. Sã e salva e em casa. Não se exibindo diante de

assassinos.

Belle se voltou furiosa.

—Não sou uma dama indefesa que gosta de ficar sentada em casa enquanto você vadia pela cidade. E se você acreditou por um segundo que seja, que não vou fazer tudo o que estiver em minhas mãos para te manter a salvo, então sua cabeça não funciona bem.

—Escute, Belle— disse John, quase em um sussurro. — Não sabemos muito sobre Spencer. Não temos nem ideia do que se propõe a fazer. Pelo que sabemos, poderia ter decidido que a melhor maneira de chegar a mim é através de você. Poderia ter te capturado esta tarde.

—Pensei que havia dito que estava seguro que Spencer não tentaria nada em um lugar lotado. Mentiu? Foi? mentiu só para que não me preocupasse com você?

—Inferno e condenação, é obvio que não menti. Não acreditei que Spencer tentaria algo em Hardiman. Mas, não podia estar cem por cento seguro, e não vi nenhuma razão para te expor a nenhum perigo.

—Eu vou ajudá-lo, John, quer queira quer não.

—Maldita seja, mulher, deixa de ser tão obstinada. Estas coisas requerem planejamento e sutileza. Se insistir em se intrometer nisto sem olhar por onde vai, só conseguirá atrapalhar.

—OH, por favor, John. Não atrapalharia se me incluísse em seus planos. —Não quero envolvê-la em uma situação da qual talvez não possa escapar.

—Me faça um favor, John. Preocupe-se por você. Posso correr muito rápido. Mais rápido que você.

John se estremeceu como se o tivessem golpeado.

— Não tinha nem ideia de que minha ferida me faz menos homem a seus olhos. —OH, John, sabe que não era isso o que quis dizer.

Belle o rodeou com seus braços e o apertou contra ela.

—Só é que estou tão assustada e tão zangada, sim, zangada com este homem. — Fez uma pausa e conteve a respiração, surpreendida ao dar-se conta de que sentia mais fúria que medo. — Estou zangada, e o descontei em você, e não é justo. É só que te amo tanto, e...

—Belle, por favor.

Ela se soltou e, furiosa, o afastou.

— Por favor, o que? Por favor, que não te diga que te amo? Por favor, que não te ame? —Não posso aceitar, Belle.

—O que acontece contigo? — exclamou ela. — Por que não pode?

—O que acontece comigo, —disse ele, em tom relutante, suas mãos se fecharam sobre a parte superior de seus braços como garras, — violei uma menina.

—Não— exclamou ela, com voz abafada. —Não, você não. Disse que não o fez.

—Poderia ter sido eu— disse ele, repetindo inconscientemente as palavras da mãe de Ana. — John, não diga isso. O que aconteceu não foi tua culpa.

Ele se separou dela com uma aspereza glacial e se aproximou com passos largos à janela.

— Poderia ter subido àquele quarto mil vezes antes do que finalmente o fiz. Belle cobriu a boca horrorizada.

— OH, John, o que te fez isto? — sussurrou.

—Me fez menos homem? Sim. Enegreceu minha alma? Sim. Há...

—Chega! —Ela tapou os ouvidos, incapaz de suportar suas palavras. —Não quero ouvi-lo. Ele se virou.

—Pois vai ouvir, maldição. — Quando ela não se moveu, ele se aproximou com passo decidido e afastou as mãos dos ouvidos. —Este é o homem com quem se casou, Belle. Para bem ou para mau. Não diga que não te avisei.

—Quando entenderá que não importa o que ocorreu na Espanha? Sinto o que isso te fez, e rezo pela alma daquela pobre menina, mas pelo resto, não me importa! Isso não o fez má pessoa, e não me faz te amar menos!

—Belle— disse ele, categórico. —Não quero seu amor. Não posso aceitá-lo. Antes de poder pensar o que faria, a mão de Belle saiu disparada, e o esbofeteou.

—Como se atreve? — ofegou, com todo o corpo tremendo de raiva. —Como se atreve a me menosprezar assim?

—De que demônios fala?

—Nunca, nem uma vez em minha vida, dei meu amor a um homem. E você me joga isso à cara como se fosse uma bagatela.

Sua mão se fechou ao redor de seu pulso.

— Entendeu mal. É porque valorizo tanto seu amor que não posso aceitá-lo.

—Não o aceita porque não quer fazê-lo. Está muito ocupado se afundando na culpa e a autocompaixão. Como vou construir uma vida com um homem que não pode deixar o passado onde pertence? — Ele deixou cair a mão, sentindo-se como o pior dos bastardos simplesmente por tocá-la.

—Como posso seguir amando um homem que pode ser que nunca me ame?

Ele a olhou, todo seu corpo paralisado por suas palavras.

— Mas Belle— sussurrou. — Eu te amo.

John não estava seguro de como esperava que ela reagisse, mas certamente não da maneira que o fez. Belle retrocedeu como se a tivesse golpeado, e durante um longo instante foi completamente incapaz de articular uma palavra. Apontou um dedo, agitando-o em sua direção enquanto sua garganta se movia espasmodicamente.

— Não— ofegou por fim. —Não. Não diga isso. Não me diga isso.

Ele só pôde ficar olhando-a, com cada um dos sentimentos que sentia por ela claramente escritos sobre seu rosto. Amor, culpa, esperança, desejo, medo...

Todos estavam lá.

—Não pode fazer isso— disse ela, cada rouca palavra era uma pequena punhalada de dor. — Não permitirei isso. Não pode dizer que me ama e não deixar que eu faça o mesmo. Não é justo.

Ele tentou alcançá-la.

— Belle... eu...

—Não! — Ela retrocedeu de um salto. — Não me toque. Eu... não me toque. —Belle, não sei o que dizer. — Baixou o olhar.

—Não posso falar contigo— disse alterada.—Agora não. Não posso. Eu... eu... eu...—As palavras enredavam na garganta. Sentia-se tão sobrecarregada de emoções que não podia continuar falando.

Engoliu convulsivamente, abriu a porta de um puxão, e escapou da sala.

—Belle! — chamou John. Não o ouviu. Deixou-se cair em uma poltrona. — Amo você. Mas as palavras soaram patéticas, inclusive para ele.

Capítulo 20



Belle não tinha nem ideia de aonde se dirigia ao sair da salinha, mas quando tropeçou com Mary, sua criada, no corredor, soube o que precisava fazer.

—Ponha uma capa, Mary, — disse, com voz inusualmente aguda. — Preciso sair. Mary deu uma olhada para o exterior através da janela.

—Está bastante nublado, milady. Está segura de que o recado não pode esperar até amanhã?

—Não tenho nada para fazer. Só quero sair.

Mary notou o tom sufocado na voz de sua senhora e assentiu. —Vou pegar minha capa.

Belle se ajustou na sua. Nem sequer teve a possibilidade de tirá-la depois que ela e John retornaram do Salão de Chá Hardiman.

Alguns minutos mais tarde Mary retornou, apressando-se escada abaixo. Belle não esperou que terminasse de descer para abrir a porta da rua. Necessitava ar fresco. Precisava sair. Caminharam rapidamente ao longo do Upper Brook Street em direção a Park Lane. Mary instintivamente fez gesto de virar para o sul.

—Não quer ir a Rotten Row? —perguntou quando Belle seguiu caminhando adiante sem ela. Belle negou furiosamente com a cabeça.

—Quero escapar das multidões.

—Eu não me preocuparia por isso, milady. Mary olhou ao redor. Todas as pessoas de bem de Londres se apressavam a abandonar o parque. O céu parecia como se fosse cair um dilúvio a qualquer momento.

—Realmente acredito que deveria pensar em retornar para casa. Estou segura de que vai chover logo. E cada vez está mais escuro. Sua mãe pedirá minha cabeça. Ou seu marido.

Belle se virou como uma mola. —Nem o mencione.

Mary retrocedeu um passo. —Muito bem, milady.

Belle deixou escapar um suspiro arrependido imediatamente. —Sinto muito, Mary. Não queria ser tão brusca.

Sua criada colocou uma consoladora mão sobre seu braço. Levavam já anos juntas, e Mary conhecia bem sua patroa.

—Está bem, milady. Ele a ama muitíssimo.

—Esse é precisamente o problema— resmungou Belle. Suspirou e entrou no parque. Que distância percorreram, não estava segura. Provavelmente não muita, mas o vento e o frio a cansaram.

Finalmente, disse a criada. —Voltemos para casa, Mary.

A criada se permitiu um audível suspiro de alívio. Caminharam com dificuldade uns momentos até que Belle, de repente, deteve Mary, estendendo um braço em frente a sua cintura.

— Pare— disse em um sussurro. —O que houve?

Belle entrecerrara os olhos para ver melhor o homem de cabelo loiro que avistara a uns trinta e tantos metros à frente. Era Spencer? Com sua vista era impossível assegurá-lo. *Maldição*, por que fôra tão tola? Jamais teria ocorrido sair andando ao parque só com uma criada como escolta se estivesse pensando com clareza.

Uma grossa gota de chuva aterrissou sobre seu nariz, tirando-a de sua imobilidade. —Retrocede— sussurrou a Mary. — Muito devagar. Não quero chamar a atenção. —

Caminharam nas pontas dos pés para trás, em direção a uma área arborizada. Belle não acreditava que o homem loiro as tivesse visto, e ainda assim, seus nervos seguiam alerta. Provavelmente não era Spencer, tentou convencer-se. Mas se fosse, seria muita coincidência para acreditar que também saíra a passeio pelo Hyde Park em um dia frio e ventoso, sem outra razão que tomar um pouco de ar fresco. A única explicação de sua presença ali era que a estava seguindo, mas o homem loiro não parecia segui-la.

Ainda assim, devia ser cuidadosa. Entrou mais profundamente entre as árvores.

O ar se estremeceu subitamente com o retumbar dos trovões, e a chuva começou a cair com força, rápida e furiosa. Em poucos segundos, tanto Belle como Mary estavam impregnadas até os ossos.

—Devemos retornar— gritou Mary, por cima do estrondo.

—Não até que esse homem...

—Ele se foi! — Mary a agarrou pelo braço e começou a puxá-la para o caminho. Belle se soltou de um puxão.

— Não! Não posso! Não se for... — Olhou para o caminho. Nem rastro do homem. Embora tampouco pudesse ver muito. Tinha escurecido já, e a torrencial chuva não ajudava.

Um súbito rangido estalou em seus ouvidos. Belle ofegou, retrocedendo de um salto. Foi um trovão? Ou uma bala?

Começou a correr.

—Milady, nãããoo! — Mary saiu disparada atrás dela.

Em pânico, Belle correu através do bosque, seu vestido se enganchava com os galhos, e seu cabelo formava redemoinhos sobre os olhos. Tropeçou, caiu, e se levantou para seguir correndo.

Respirava com força, totalmente desorientada. Não viu o galho da árvore que se interpunha em seu caminho. Este bateu contra sua testa.

E ela caiu de costas.

—OH, meu Deus!, —gritou Mary. Ajoelhou-se e sacudiu Belle. — Acorde, milady, acorde! A cabeça de Belle se balançou de um lado a outro.

—OH, não, OH, não, —lamentou-se Mary. Tentou arrastar Belle para o caminho, mas a chuva tinha empapado suas grossas roupas, fazendo-a muito pesada para a criada.

Com um pequeno grito de frustração, Mary apoiou Belle contra o tronco de uma árvore. Ficaria com ela ou ia a procura de ajuda? Não gostava da ideia de deixar sua senhora ali sozinha, desamparada, mas a alternativa... Olhou ao redor. Estavam rodeadas de árvores. Ninguém as veria nunca ali. Tendo tomado sua decisão, Mary se endireitou, recolheu suas saias, e correu.



John estava sentado na biblioteca, dando voltas a um cálice de uísque. Alcançara um grau de angústia tal que nem o álcool podia fazer desaparecer, e assim, o cálice permanecia em suas mãos, intacto. Permaneceu envolvido em uma terrível imobilidade, vendo como o sol descia por detrás do horizonte e desaparecia, escutando como as pequenas gotas de chuva repicavam contra o vidro de uma janela e se convertiam em grossos riachos.

Deveria procurá-la. Deveria pedir perdão. Deveria deixá-la dizer que o amava. Sabia que não merecia, mas se tanto a transtornava ouvir dizer essa verdade... Não havia nada que sobressaltasse tanto seu coração como ver lágrimas nos olhos de Belle.

Suspirou. Havia muitas coisas que deveria fazer. Mas era um bastardo e um covarde, e o aterrorizava a certeza de que se a tomasse nos braços ela o rechaçaria.

Finalmente deixou o cálice. Com um suspiro fatalista, ficou em pé. Iria vê-la. E se ela o rechaçasse... sacudiu a cabeça. Era muito doloroso pensar nisso.

John subiu até seu quarto, mas não havia nenhum sinal de que Belle tivesse ido lá desde sua discussão. Perplexo, voltou sobre seus passos, cruzando com o mordomo no patamar da escada.

—Desculpe— disse John. — Mas viu Lady Blackwood?

—Não, lamento, milord— respondeu Thornton. — Pensei que estivesse com o senhor. —Não— murmurou John. — Lady Worth está em casa? —Certamente Caroline saberia o paradeiro de Belle.

—Lorde e lady Worth jantam esta noite com suas excelências, o duque e duquesa de Ashbourne. Saíram faz mais de uma hora.

John piscou.

— Muito bem. Obrigado. Estou seguro de que encontrarei minha esposa em algum lugar. Desceu o último lance de escada e estava a ponto de procurá-la no salão favorito de lady Worth quando a porta da rua se abriu com estrondo.

Mary ofegava, seu cabelo castanho estava esmagado sobre sua cabeça, e todo seu corpo tremia ante o esforço que devia fazer para respirar. Seus olhos se dilataram quando o viu.

—OH, milord!

Um frio terror apertou o coração de John. —Mary? —sussurrou. —Onde está Belle?

—Caiu—ofegou Mary. — Caiu. E golpeou a cabeça. Tentei arrastá-la. Fiz isso. Juro. John já tinha o casaco colocado.

—Onde está?

—No Hyde Park. Ela... eu...

Ele a agarrou pelos ombros e a sacudiu.

— Onde, Mary?

—No arvoredado. Ela... —Mary cruzou os braços sobre seu estômago e tossiu violentamente— Nunca a encontrará sozinho. Irei com você.

John assentiu cortante, agarrou-a pela mão, e a arrastou de novo à rua. Minutos mais tarde, montava sobre seu cavalo. Mary e um moço o seguiam sobre Âmbar, a égua de Belle. John deixava atrás as ruas a toda velocidade, o vento agitando ferozmente sua roupa.

A chuva caía torrencialmente, forte e gelada, e pensar que Belle estava lá fora sozinha, no meio de uma tormenta tão cruel o estremecia de terror. Logo chegaram aos limites do Hyde Park. Fez gestos ao moço para que se aproximasse com Âmbar.

— Por onde? — gritou.

Quase não pôde ouvir as palavras de Mary por cima do uivo do vento. Ela assinalou a oeste, para uma área arborizada. John esporeou imediatamente Thor a um meio galope. A lua estava parcialmente obscurecida por densas nuvens de chuva, assim teve que confiar na iluminação de sua

lanterna, que ondulava intermitentemente por causa do vento.

Reduziu a marcha de Thor ao trote enquanto entrava no arvoredor, dolorosamente consciente de quão difícil seria avistá-la na densa escuridão criada pelas árvores. —Belle! —gritou, esperando que sua voz pudesse ser ouvida por cima da tormenta. Não houve resposta.



Belle jazeu inconsciente durante quase uma hora. Quando despertou, estava escuro, tremia sem controle e seu, outrora elegante traje de amazona, estava encharcado. Começou a levantar-se, mas foi vencida pelo enjoo.

—Meu deus, — gemeu, pressionando a testa com uma mão como se assim pudesse acalmar a cegueira dor que pulsava em suas têmporas. Deu uma olhada ao redor. Não havia nem rastro de Mary, e Belle estava completamente desorientada. Qual era o caminho a Mayfair?

—Inferno e condenação.— Blasfemou, e desta vez não sentiu nenhuma só pontada de culpabilidade por sua atroz linguagem. Agarrou-se ao tronco de uma árvore próxima a procura de apoio, lutou por ficar em pé, mas a vertigem rapidamente a venceu, e caiu de novo na terra. Lágrimas de frustração se amontoaram em seus olhos, derramando por suas faces e mesclando-se com a chuva implacável.

Consciente de que não tinha outra opção, Belle começou a engatinhar lentamente. E logo, pedindo perdão em silêncio por todas aquelas vezes que fingiu para evitar ter que ir à igreja, começou a rezar.

—OH, por favor, Senhor, por favor, Senhor, permita que eu chegue em casa. Só me permita chegar em casa antes que congele. Antes que desmaie outra vez, porque minha cabeça irá explodir. Por favor, prometo que começarei a prestar atenção aos sermões. Não me dedicarei a contemplar as vidraças coloridas. Não blasfemarei, e farei caso a meus pais, e até tentarei perdoar John, embora seja consciente de que o senhor sabe o enorme esforço que representará para mim.

A apaixonada ladainha de Belle continuou enquanto se arrastava entre as árvores, guiada tão somente por seu instinto, agora que o sol se ocultou por completo. A chuva fez que o frio se intensificasse, e suas molhadas roupas a envolviam em um desumano e gélido abraço. Seus tremores se intensificaram, e os dentes começaram a bater audivelmente. Suas preces se intensificaram, e deixou de rogar a Deus que lhe permitisse chegar em casa, conformando-se pedindo simplesmente que a deixasse viver.

Tinha as mãos enrugadas e gretadas por arrastar-se pelo barro do caminho. Então ouviu o som de

um rasgão. Seu vestido se enganchou em um arbusto espinhoso que havia a um lado do caminho. Tentou liberar-se, mas mal restavam forças. Estremecendo por causa da dor em sua cabeça que fazia que sua vista ficasse nublada, reuniu a pouca energia que conservava e arrancou sua saia dos espinhos. Acabava de reatar sua agônica marcha quando um relâmpago iluminou o céu. O terror a paralisou, e aturdida se perguntou tão próximo teria impactado. Um trovão o seguiu rapidamente, e Belle saltou amedrontada, aterrissando sobre seu traseiro.

Permaneceu sentada no meio do lamacento atalho durante alguns segundos, tentando recuperar o controle de seu trêmulo corpo. Com gesto trêmulo, afastou os cachos que tinha colocados no e tentou acomodá-los atrás das orelhas. Mas a chuva e o vento eram desumanos, e seus cabelos imediatamente voltaram sobre seus olhos. Estava tão espantosamente cansada. Tão fria e esgotada. Outro relâmpago rasgou o céu escuro, mas desta vez iluminou a figura de um cavaleiro e seu cavalo aproximando-se pelo caminho, a suas costas.

Poderia ser?

Belle conteve a respiração e se esqueceu de toda a fúria que sentira para o homem que cavalgava para ela.

— John! — gritou, rezando para que pudesse ouvi-la por cima do uivo do vento, porque se não o fizesse, ela logo terminaria esmagada sob os cascos de Thor.

O coração de John deu um pulo ao ouvir seu grito, e quando voltou a pulsar, ameaçava sair do peito. Quase não podia distinguir sua figura sobre o caminho, aproximadamente a uns dez ou doze metros diante dele.

O cabelo dela era tão pálido que capturou a pouca luz de lua que se filtrava na escuridão e brilhou como um halo. Ele reduziu velozmente a distância entre ambos e desmontou.

—John? — perguntou Belle, estremecendo e quase incapaz de acreditar que estivesse ali, diante dela.

—Shhh, meu amor. Já estou aqui. — Ajoelhou-se no barro e tomou seu rosto em suas mãos. — Onde se feriu?

—Sinto muito frio.

—Eu sei, amor. Vou te levar para casa. — O alívio de John por encontrá-la rapidamente se converteu em temor quando a tomou nos braços e sentiu seus violentos estremecimentos. *Deus misericordioso*, permaneceu lá fora, sob a chuva gelada durante ao menos uma hora, e seu pesado traje de amazona estava empapado.

—Tentava... tentava me arrastar até casa— conseguiu articular Belle. — Tenho tanto frio. —Eu

sei, eu sei— cantarolou ele. *Infernos*, por que foi se arrastando? Mas não havia tempo para considerar tais perguntas. Os lábios de Belle estavam ficando levemente azulados, e sabia que devia aquecê-la imediatamente. —Pode aguentar na cela, meu amor? — perguntou, subindo-a ao cavalo.

—Não sei. Tenho muito frio.

Belle começou a deslizar da montaria enquanto John montava e teve que endireitá-la de novo.

— Se agarre ao pescoço de Thor até que eu monte contigo. Prometo que a segurarei todo o caminho de volta a casa.

Com os dentes batendo, Belle assentiu, agarrando-se ao cavalo com todas suas forças. Em questão de segundos, John se colocava atrás ela e seu forte braço rodeou ferozmente sua cintura.

Belle se deixou cair contra seu peito e fechou os olhos.

— N-não posso parar de tremer— disse fracamente, parecia uma criança tentando justificar-se. — Tenho tanto frio.

—Eu sei, meu amor.

Mary e o moço apareceram atrás deles.

— Me sigam— gritou John. Não tinha tempo para dar explicações sobre o estado de Belle. Esporeou Thor para pô-lo a galope, e se lançaram através das árvores.

Firmemente recostada contra o peito de John, Belle, lentamente, deixou que a feroz tenacidade que a havia impelido a avançar a abandonasse. Sentiu que sua mente se liberava de seu corpo, e verdade seja dita, sentia-se tão condenadamente cansada, entorpecida e dolorida que se alegrou de deixá-la ir. Estava intumescida e estranhamente feliz agora que suas dores e padecimentos se apagavam.

—Já não sinto frio— murmurou, com voz assustadora.

—OH, Cristo— blasfemou John, esperando ter ouvido mal. Deu-lhe um forte empurrão. — Independentemente de como se sinta, não durma. Ouviu, Belle? Não durma! —Quando não respondeu imediatamente, deu-lhe outro empurrão.

Belle não abriu os olhos. —Mas estou muito cansada.

—Não me importa— disse John, inflexível. —Permaneça acordada. Entendeu? Belle levou alguns segundos para compreender sua ordem.

—Se você diz, —respondeu finalmente.

Durante o resto do trajeto, John alternou entre esporear Thor para mantê-lo a toda a velocidade que o terreno permitia e sacudir à tremula Belle para impedir que dormisse. Precisava conseguir

levá-la para casa e aquecê-la. Aterrorizava-lhe a ideia de que se viesse a dormir não teria energia suficiente para voltar a acordar.

Depois do que pareceram horas, saíram de entre as árvores e ganharam velocidade enquanto cavalgavam a toda velocidade através do Hyde Park e das ruas de Londres. Detiveram-se frente aos degraus da entrada da residência dos Blydon. John desmontou velozmente, levando Belle com ele. O moço que os seguia a cavalo com Mary se fez encarregado das rédeas para conduzir Thor de volta aos estábulos. Depois de resmungar um rápido agradecimento, John entrou no vestíbulo, levando Belle em seus braços.

—Thornton! — gritou.

Em alguns segundos o mordomo se materializou em frente a ele.

—Ordene que preparem um banho quente imediatamente. Que o ponham em meu quarto. — Sim, milord, em seguida milord. — Thornton se virou para a senhora Crane, a governanta que o seguiu até o vestíbulo.

Antes que pudesse dizer uma palavra, ela já assentira e se apressava a subir.

John subiu a escada tão rápido quanto era possível, sua perna boa alcançava os degraus de dois em dois. Chegou ao patamar com Belle suavemente apertada contra seu peito.

—Já estamos quase lá, meu amor— murmurou. —Prometo que a esquentarei.

A cabeça de Belle se moveu ligeiramente. John desejava que fosse porque ouvira e assentia, mas tinha o desencorajador pressentimento de que o movimento era unicamente devido à velocidade com a qual ele a transportava.

Quando alcançaram seu quarto, duas criadas enchiam apressadamente uma banheira. — Esquentamos a água tão rápido quanto foi possível, milord— disse uma delas a toda pressa, fazendo uma reverência.

John assentiu cortante e colocou Belle sobre uma toalha que foi estendida em cima da cama. O cabelo se afastou de seu rosto, revelando um feio hematoma de tom purpúreo que escurecia sua testa. John sentiu que seus pulmões ficavam sem oxigênio e uma raiva inexprimível se apoderou dele. Contra o que, não estava seguro... o mais provável que contra si mesmo.

—John? — perguntou ela fracamente, com uma revoada de suas pálpebras. —Estou aqui, meu amor. Estou aqui.

—Sinto-me estranha, muito estranha. Tenho frio, mas não o sinto. Acredito, acredito que estou... —Belle esteve a ponto de dizer — morrendo, mas seu último pensamento racional antes de desmaiar foi que não queria preocupá-lo.

John amaldiçoou entre dentes, notando imediatamente o momento em que ela se afastava dele. Com dedos intumescidos, mas firmes se apressou a desabotoar os frios botões do traje de montar.

—Não me deixe, Belle! — gritou. —Ouve-me? Não pode me deixar agora!

A senhora Crane entrou apressada no quarto, carregando dois baldes mais de água fumegante.

— Milord? — perguntou. —Tem certeza de querer você mesmo fazer isso? Quer dizer, possivelmente uma mulher...

Ele se virou e disse em tom extremamente firme: — É minha esposa. Eu me ocuparei dela. A senhora Crane assentiu rigidamente e abandonou o quarto.

John voltou de novo sua atenção aos botões de Belle. Quando terminou, abriu o casaco e o tirou pelos braços. Murmurando uma apagada maldição, rasgou sua regata interior de cima a baixo. Grudava de tal forma ao corpo que teria levado muito tempo tirá-la. Além disso, desta forma ela poderia continuar deitada. Silenciosamente, colocou uma mão sobre suas costelas. Tinha a pele pálida e úmida. Com renovado temor, John redobrou seus esforços e a despojou da molhada saia e anáguas.

Quando ficou nua em seus braços, levou-a até a fumegante banheira que já estava quase cheia. Ajoelhou-se e colocou um dedo na água. Franziu o cenho.

Talvez estivesse quente demais, mas não estava seguro de ter tempo para esperar que esfriasse. Com uma prece nos lábios, introduziu Belle na tina.

—Pronto, amor. Prometi que te aqueceria. Ela não respondeu ao calor da água.

—Acorda Belle— açulou John, sacudindo seus esbeltos ombros. —Não pode dormir até que esteja aquecida.

Belle resmungou algo ininteligível e o empurrou fracamente com a mão.

John tomou o combativo gesto como um bom sinal, embora seguia acreditando que devia conseguir despertá-la. Sacudiu-a de novo, e quando não funcionou, fez a única coisa que lhe ocorreu. Inundou sua cabeça sob a água.

Belle emergiu entre balbuceios, e durante uns instantes houve um olhar de absoluta lucidez em seus olhos.

— Que demônios faz? — gritou.

—Estou te esquentando, amor, — disse John com um sorriso. —Bem, pois não está fazendo um bom trabalho. Estou gelada! —Faço-o tão rápido como posso.

—A água me faz mal.

—É inevitável, eu temo. Doerá um pouco enquanto esfria. —Está muito quente.

—Não, amor, é você quem está muito fria.

Belle se queixou esgotada como um bebê. Então baixou a vista, olhou as grandes mãos de John acariciando brandamente sua pele nua, e desmaiou.

—Deus todo-poderoso—blasfemou John. Ela era outra vez um peso morto, e se a soltasse mesmo que fosse um momento, estava seguro de que se afogaria. — Thornton! — gritou.

Thornton, quem esteve rondando sollicitamente atrás da porta fechada, apareceu imediatamente. Deu uma olhada a jovem dama nua na banheira, engoliu nervosamente, e se virou de costas.

—Sim, milord?

—Traga alguém para que acenda um fogo aqui. Isto está tão frio como um maldito depósito de cadáveres.

—Sim, milord. Eu mesmo me encarregarei, milord. — Thornton foi ocupar-se da lareira, mantendo-se escrupulosamente de costas à tina.

Após alguns minutos, John estava satisfeito de que o frio tivesse desaparecido da pele de Belle, embora estava seguro de que ela ainda se sentia gelada em seu interior. Tirou-a da água, secou meigamente sua pele com uma toalha, e a depositou na cama. Cobriu-a com as cobertas, agasalhando-a como a uma menina. Entretanto, em poucos instantes, ela começou a tremer de novo. John pôs uma mão em sua testa.

Estava quente, mas se não se equivocava, em uma hora estaria ardendo. Suspirou e se afundou em uma poltrona. Seria uma noite terrivelmente longa.



Sentia tanto, tão frio, por que não podia aquecer-se? Belle se removeu e virou na enorme cama, seu corpo esfregando-se por instinto contra as cobertas para se esquentar. Era horrível. A dor havia retornado, e doía cada um dos ossos e dos músculos do corpo. E o que era esse estranho repico? Não podiam ser seus dentes? E por que demônios sentia tanto frio?

Apertando os dentes pelo esforço, Belle se obrigou a abrir os olhos. Um fogo ardia na lareira. Fogo. O fogo lhe daria calor. Afastou as cobertas e trabalhosamente avançou para os pés da cama. Continuava muito longe. Com agonizante lentidão, moveu as pernas a um lado da cama. Olhou a si mesma confusa. Por que não estava usando nada? De qualquer forma, decidiu, descartando o pensamento. Precisava concentrar-se naquele fogo.

Deixou que seus pés se apoiassem no chão, e imediatamente suas pernas se dobraram sob seu peso. Caiu, aterrissando dolorosamente sobre o tapete com um golpe abafado.

John, que acabou dormindo na poltrona que colocara ao lado da cama, despertou imediatamente. Olhou a cama vazia e se levantou de um salto.

— Belle? — Percorreu o quarto com a vista desesperadamente.

Onde podia ter ido a seu estado? E nua, além disso.

Ouviu um gemido de dor do outro lado da cama e se apressou nessa direção. Belle jazia sobre o chão feito um vulto. Agachou-se e a tomou nos braços.

—Que demônios faz aí embaixo, amor? —Fogo— grasnou Belle.

John a olhou sem expressão.

—Fogo! — repetiu ela, com um pouco mais de urgência, lhe dando um frágil empurrão. —O que tem o fogo?

—Tenho frio.

—Tentava chegar junto ao fogo? Belle suspirou e assentiu.

—Acredito que deveria ficar na cama. Pedirei mais mantas.

—Não! — gritou Belle, e John cambaleou ante sua desesperada resistência. — Quero o fogo. — Direi o que vamos fazer. Por que não a ponho na cama e lhe trago uma vela para que a tenha perto. — Estúpido.

Deus o ajudasse, quase riu.

— Venha, amor. Volta para a cama. — Deitou-a e a cobriu com as cobertas, engolindo nervosamente enquanto as prendia a seu redor. Esteve tão graciosa e adorável que por um momento esquecera do quanto estava doente.

Mas não podia seguir enganando-se. Só um milagre impediria que a febre se apoderasse de seu esgotado corpo, e John não acreditava nos milagres. Definitivamente ia piorar antes que chegasse a melhorar. Belle seguia inquieta.

—Água— pediu com voz rouca.

John lhe aproximou um copo aos lábios, usando um pano para secar a água que derramou por seu queixo.

— Melhor?

Belle lambeu os lábios ressecados.

— Não me deixe. — Não o farei.

— Estou assustada, John.

— Eu sei, mas não precisa preocupar-se, — mentiu ele. — Você verá. — Já não tenho frio.

— Isso é bom — disse ele, encorajadoramente.

— Ainda sinto a pele um pouco fresca, mas por dentro... — Tossiu, e todo seu corpo se tremeu com os espasmos. Quando finalmente se acalmou, terminou seu pensamento... — por dentro estou ardendo.

John reprimiu seu desespero. Precisava ser forte por ela. Precisava compartilhar esta batalha com ela. Não estava seguro de que fosse capaz de conseguir sozinha.

— Shhh, querida —, disse com doçura, lhe acariciando brandamente a sobrancelha. — Durma. Precisa descansar um pouco.

Belle foi adormecendo.

— Esqueci de te dizer. — resmungou. — Esqueci de dizer esta tarde.

Essa tarde? *Deus*, pensou John, parecia que transcorreria uma eternidade. — Esqueci de te dizer. — insistiu Belle.

— O que, amor? — perguntou suavemente.

— Que sempre te amarei. Não importa se você não me ama também.

E pela primeira vez, ele não sentiu aquela estranha sensação de angústia.

Capítulo 21



Sentado junto à cama, John baixou a vista para olhar Belle; a preocupação nublava seus traços. Passaram-se já várias horas desde que ela despertou e tentou chegar junto ao fogo. Ainda tremia, e a febre subia constantemente.

Estava piorando.

Soou uma chamada baixa à porta, e se abriu. Entrou Caroline, com o rosto contraído de preocupação.

— O que aconteceu? — perguntou em um premente sussurro. — Acabamos de chegar em casa, e Thornton nos disse que Belle está doente.

John soltou a contra gosto a mão de Belle e escoltou Caroline ao corredor.

—Belle saiu para dar um passeio e foi surpreendida pela tormenta. Golpeou a cabeça. — Contou, brevemente, o resto dos detalhes omitindo a discussão que deu lugar a seu precipitado e improvisado passeio. Só conheceu seus parentes políticos no dia anterior. Se Belle queria falar com seus pais de seus problemas, parecia-lhe bem.

Ele, um virtual estranho, não pensava fazê-lo. Caroline levou a mão à garganta em um gesto nervoso.

— Parece terrivelmente cansado. Por que não dorme um pouco? Eu ficarei com ela.

—Não. —Mas John?

—Pode ficar também, se desejar, mas eu não a deixarei. — Virou sobre seus calcanhares e retornou a passos largos junto à cama de Belle. Ela respirava de forma regular. Era um bom sinal.

Pôs uma mão sobre sua testa. *Maldição*. Estava ainda mais quente que antes. Duvidou que dentro de uma hora respirasse melhor.

Caroline o seguiu e se deteve a seu lado.

— Esteve assim toda a noite? —sussurrou.

John assentiu. Inclinou-se e, pegando o pano que estava encharcando em água fria, escorreu-o.

— Vamos lá, amor— cantarolou, pondo uma mão sobre sua testa ardente. Ela resmungou algo em sonhos e se mexeu.

Agitou-se de novo e, de repente, abriu os olhos de forma desmesurada, com expressão de pânico.

—Shhh, estou aqui— disse ele brandamente, lhe acariciando a face. Belle pareceu reconfortada por aquilo e lentamente suas pálpebras se fecharam. John tinha a impressão de que, na realidade, não chegou a vê-lo.

Caroline engoliu com nervosismo.

— Acredito que deveríamos chamar um médico.

—A estas horas da noite? Ela assentiu.

— Ocuparei me disso.

Enquanto John permanecia sentado junto a Belle, velando-a preocupado, sua mente repassava uma e outra vez o devastador comentário que ela fizera horas antes.

"Não importa se você não me ama."

Era possível que ela o amasse incondicionalmente? Apesar de seu passado? "Sempre te amarei."

E de repente lhe ocorreu... que ninguém dissera essas palavras antes.

John levantou o pano úmido da testa de Belle e o encharcou de novo na bacia de água. Não tinha tempo para auto piedade por causa de uma infância infeliz. Tampouco era como se tivesse passado fome ou tivesse sofrido maus-tratos. Simplesmente, não foi amado, embora suspeitava que milhares de crianças na Grã-Bretanha compartilharam um destino similar.

Na cama, Belle começou de novo a remover-se agitada. John imediatamente colocou nela toda sua atenção.

—Chega— gemeu ela.

—Chega de que, amor?

—Chega!

Inclinou-se e suavemente a sacudiu pelos ombros.

— É um pesadelo. —*Santo Deus*, destroçava-o vê-la assim. Tinha o rosto congestionado e febril, e todo o corpo coberto por uma fina capa de transpiração.

Tentou afastar o cabelo dos olhos, mas afastou a mão. Lamentava não saber usar um desses malditos artefatos para o cabelo que ela estava acostumada a usar para recolhê-lo.

Estaria mais cômoda se pudesse prendê-lo para que não lhe enredasse sobre o rosto. —Fogo— gemeu Belle.

—Não há fogo aqui, só o da lareira. —Muito calor.

John rapidamente escondeu o pano úmido.

—Não, não, chega... — Belle levantou-se de repente e gritou.

—Não, amor, se deite. — John começou a enxugar o suor do corpo, esperando que isto aliviasse o calor. Os olhos de Belle estavam abertos e o olhavam, mas John não detectou o menor sinal de reconhecimento em seu olhar fixo.

—Chega, chega! — gritou ela, golpeando as mãos para afastar. — Não me toque! Está muito quente.

—Só tento...

—Que demônios acontece? — Caroline irrompeu no quarto.

—Está delirando— disse John, tentando cobrir Belle com as cobertas. —Mas soavam muitos gritos.

—Disse que está delirando— explodiu John, tentando manter as cobertas em seu lugar apesar da agitação de Belle. — Veja se há láudano. Temos que acalmá-la. — Suspirou, recordando que se dirigia a sua sogra.

—Sinto muito, lady Worth. É só que ...

Ela levantou a mão.

— Entendo-o. Irei procurar o láudano.

Belle começou a lutar contra ele, a febre incrementava sua força. Ainda assim, não era páreo para John, cujo firme e musculoso corpo foi forjado por anos de permanência no exército.

—Acorda, condenação— disse ele ferozmente. — Se acordar o fogo desaparecerá. Prometo. A única resposta de Belle foi redobrar sua luta.

John não cedeu uma polegada.

— Belle— suplicou. Sua garganta engolia espasmodicamente. — Por favor. —Me solte! — gritou Belle.

Caroline escolheu aquele inoportuno momento para retornar ao quarto com uma garrafa de láudano nas mãos.

—O que está fazendo?

John respondeu perguntando por sua vez.

— Onde está o láudano?

Caroline verteu um pouco em um copo e lhe deu.

—Venha, Belle— disse ele suavemente, tentando levantá-la e ao mesmo tempo mantê-la quieta. Sustentou o copo contra seus lábios. — Só um pouco.

Os olhos de Belle se cravaram em algo atrás dele e gritou outra vez. Levou as mãos bruscamente à cabeça, golpeando o copo e puxando-o das mãos de John. Caiu ao chão, derramando o remédio por todos os lados.

—Eu darei desta vez— disse Caroline. — Você a segura. — Sustentou o copo contra os lábios de sua filha e a obrigou a tomar um gole.

Momentos depois Belle se acalmou, e tanto sua mãe como seu marido exalaram um suspiro de esgotamento.

—Shhh— tranquilizou-a John. — Agora pode dormir. O pesadelo desapareceu. Descansa, meu amor.

Caroline retirou algumas mechas do rosto de Belle.

— Deve haver algum modo de deixá-la mais cômoda.

John se aproximou com grande rapidez da penteadeira e pegou algo.

— Aqui há um de seus artefatos para o cabelo. Acredita que poderia prendê-lo? Caroline sorriu.

— Chama-se presilha, John. — Recolheu o cabelo de Belle e o prendeu em um coque solto.

— Está seguro de que não quer dormir algumas horas?

—Não posso, — disse ele com voz rouca. Caroline assentiu compassivamente.

— Então o farei eu. Estará cansado pela manhã. Necessitará de ajuda. — Dirigiu-se à porta. — Obrigado— disse ele, repentinamente.

—É minha filha.

Ele engoliu, recordando quando esteve doente quando criança. Sua mãe nunca foi visitá-lo. Abriu e fechou a boca, e se limitou a assentir.

—Sou eu quem deveria agradecer— acrescentou Caroline.

John ergueu a vista bruscamente, sua perplexa expressão perguntava.

— Por quê?

—Por ama-la. Não poderia pedir mais. Não poderia esperar mais. — Abandonou o quarto. Belle logo caiu em um sono profundo. John a empurrou ao outro lado da cama, onde as cobertas não estavam tão úmidas pelo suor. Inclinou-se e lhe beijou a têmpora.

— Você pode com isto— sussurrou.—Você conseguirá.

Retornou a sua poltrona e se deixou cair. Deve ter adormecido, porque quando abriu os olhos, já amanhecera, embora quase não podia ter certeza por causa da intensa chuva. O tempo era extremamente triste, e a chuva não dava sinais de amainar. Os olhos de John varreram o cenário das ruas, tentando encontrar algo na paisagem urbana capaz de lhe proporcionar um vislumbre de otimismo. E a seguir fez algo que não fazia a anos.

Começou a rezar.



Nem a condição de Belle nem o tempo melhoraram por vários dias. John permaneceu em perpétua vigilância ao lado da cama de sua paciente, obrigando-a a beber água e caldo sempre que era possível, e lhe subministrando láudano quando se tornava muito inquieta. Era já o final do terceiro dia, John assumiu que Belle teria um sério problema se a febre não remettesse logo. Não comeu nada sólido, e perdera muito peso, estava muito magra. A última vez que John a lavou com o pano úmido notou que suas costelas se sobressaíam de forma lamentável.

O doutor aparecia todos os dias, mas não resultou de muita ajuda. Não podiam fazer outra coisa que esperar e rezar, dissera à família.

John engoliu sua preocupação e se estirou para tocar a testa de Belle. Ela parecia completamente alheia a sua presença. De fato, parecia alheia a tudo, exceto aos pesadelos que povoavam sua mente febril. John estava calmo e resoluto quando começou a cuidar dela, mas agora até sua integridade começava a desmoronar. Quase não dormira em três dias, e não comia muito mais que Belle. Estava com os olhos vermelhos, o rosto magro, e uma olhada no espelho lhe disse que tinha quase tão mau aspecto quanto sua paciente.

Começava a se desesperar. Se Belle não melhorasse logo, não sabia o que fazer. Várias vezes durante sua vigília deixara cair, sem forças, a cabeça entre as mãos, sem se incomodar em tentar conter as lágrimas que rolavam por seu rosto. Não sabia como seria capaz de seguir vivendo se ela morresse.

Com expressão desolada, aproximou-se junto à cama e se sentou sobre o colchão, junto a ela. Jazia imóvel e tranquila, mas John detectou uma leve mudança em sua condição. Estava muito tranquila, e sua respiração se tornara superficial. O pânico se apoderou de John, como uma garra lhe espremendo o coração, e inclinando-se, agarrou-a pelos ombros e a sacudiu.

—Está se rendendo? —exigiu asperamente. — Está? A cabeça de Belle caiu para um lado e gemeu.

—Maldita seja! Não pode se render — John a sacudiu com mais força.

Belle ouvia a voz como se chegasse através de um longo, longo túnel. Soava como a de John, mas ela não podia entender o que fazia ele em seu dormitório. Parecia zangado. Estava zangado com ela? Belle suspirou. Como estava cansada. Muito cansada para lutar com um homem zangado.

—Ouve, Belle? —ouviu-o dizer. —Nunca a perdoarei se me abandonar.

Belle estremeceu quando sentiu suas enormes mãos apertando com força seus antebraços. Quis gemer de dor, mas não tinha energia suficiente. Por que não podia deixá-la em paz? A única coisa queria era dormir. Nunca se sentira tão cansada. Só desejava aninhar-se e dormir para sempre. Reunindo todas suas forças, conseguiu dizer: — Vá.

—Ahá! — gritou John triunfalmente. — Ainda segue comigo. Aguenta, Belle. Ouviu? É obvio que o ouvia, pensou Belle com irritação.

— Vá, —disse, com um pouco mais de força. moveu-se impaciente, afundando-se mais entre as cobertas. Talvez não continuaria incomodando-a se se escondesse sob o edredom.

Se só pudesse seguir dormindo, sentiria se muito melhor.

John podia ver como a vontade a abandonava, embora tivesse conseguido falar. Vira esse olhar antes, nos rostos de alguns companheiros durante a guerra. Não os afortunados que morreram no campo de batalha, mas sim nos desgraçados que lutaram contra a febre e a infecção durante as semanas posteriores e perderam.

Contemplar como Belle deixava lentamente que a vida lhe escapasse era mais do que podia suportar, e algo dentro dele se fez em pedaços.

Uma onda de fúria explodiu em seu interior, e esqueceu todos seus votos de ser sensível e considerado enquanto cuidava dela durante sua enfermidade.

—Maldita seja, Belle, — gritou amargamente. — Não vou ficar sentado aqui e vê-la morrer. Não é justo! Não pode me abandonar agora. Não permitirei!

Belle não respondeu e John tentou enrolá-la.

—Sabe o furioso que ficarei contigo se morrer? A odiarei para sempre por me abandonar. É isso o que quer? —Desesperado, escrutinou os traços de Belle, procurando qualquer sinal de melhora, mas não encontrou nenhum.

Toda a pena e a raiva e a preocupação convergiram em seu interior, e finalmente, agarrando-a de forma brutal, a tomou em seus braços, estreitando-a contra ele enquanto falava.

—Belle— disse com voz rouca. —Não há esperança para mim sem você. — Fez uma pausa

quando um estremecimento sacudiu seu corpo. — Quero vê-la sorrir, Belle. Sorrir de felicidade, com seus olhos azuis cheios de calor e felicidade. Vê-la ler um livro e desfrutá-lo. Desejo tanto te fazer feliz. Sinto não ter aceito seu amor. Mas o farei. Prometo isso a você. Se você, em sua infinita bondade e sabedoria, encontrou algo em mim digno de seu amor, bom, então..., então, suponho que não sou exatamente tão mau como pensava. OH, Deus, Belle! — disse em um grito desesperado. — Por favor, por favor aguenta. Se não pode fazê-lo por mim então faz o por sua família. A quem tanto. Não querará vê-los sofrer, não é? E pensa em todos os livros que não leu ainda. Prometo conseguir o próximo livro do Byron se não o trouxerem para a livraria de senhoras. Ainda tem muito para fazer, meu amor. Não pode partir agora.

Durante todo o apaixonado solilóquio de John, Belle permaneceu inerte, e sua respiração superficial. Ao fim, completamente desesperado, derrubou-se e despiu sua alma.

—Belle, por favor, — rogou.—Por favor, por favor não me deixe, Belle. Amo você. Amo você, e não poderei suportar se morrer. Deus me ajude, a amo tanto. —Sua voz se quebrou, e como um homem que de repente toma consciência do infrutífero de seus esforços, suspirou entrecortado e suavemente voltou a colocá-la sobre a cama.

Incapaz de deter a solitária lágrima que se deslizou por sua face, John, com infinita ternura, pegou as cobertas e agasalhou Belle com elas. Inspirando profundamente, inclinou-se para ela.

Deus, era uma tortura estar assim perto. Roçando com seus lábios sua orelha, cochichou: — Amo você, Belle. Lembre-se sempre.

E depois abandonou o quarto, rezando para que "sempre" ir além da próxima hora.



Belle estava deitada na cama horas mais tarde quando sentiu um confortável calor estendendo-se por seu corpo. Era engraçado como os dedos de seus pés estiveram gelados durante tanto tempo, enquanto o resto de seu corpo parecia abrasar-se de calor. Mas agora os sentia quentes, inclusive... rosados. Belle se perguntou se "rosados" era uma sensação, e decidiu que devia ser, porque era exatamente a palavra que descrevia o modo em que sentia os dedos de seus pés.

De fato, sentia todo o corpo benditamente rosado. Rosado, e acolhedor, e bastante relaxado, mas sobre tudo se sentia bem. Pela primeira vez em... franziu o cenho, dando-se conta de que não tinha nem ideia do tempo que estava doente.

Cautelosamente, levantou-se até ficar sentada, surpreendida da debilidade de seus músculos. Piscando um par de vezes, olhou ao redor. Estava em sua casa, no quarto que ela e John

compartilharam durante sua noite de bodas. Como retornara? Tudo o que recordava eram a chuva e o vento. Ah, e a discussão. Sua terrível discussão com John.

Suspirou, cansada até a medula. Não pensava preocupar-se mais se ele não desejava que lhe dissesse que o amava. Aceitaria o de qualquer forma que pudesse tê-lo. A única coisa que desejava era acabar com este fastidioso problema do George Spencer e retornar ao campo, a Bunford Mannor^{4}.

Bunford Mannor? Não, não era assim.

Maldição! Nunca se lembrava do nome daquele lugar. Virou temporariamente a cabeça a um lado. Doía. Flexionou os pulsos. Doíam. Agitou os dedos do pé e gemeu. Doía todo o corpo.

Enquanto estava lá sentada, comprovando as diferentes parte de seu corpo, a maçaneta da porta virou silenciosamente e John entrou no quarto. Obrigou-se finalmente a tomar quinze minutos para poder salpicar um pouco de água sobre sua cara e colocar alguma comida garganta abaixo. Agora estava aterrorizado de descobrir que a Belle tivesse escapado o tênue hálito de vida enquanto ele não estava.

Para sua enorme surpresa, quando chegou junto à cama, viu que o objeto de sua desesperada preocupação estava sentada, flexionando os ombros. Para cima e para baixo, para cima e para baixo.

—Olá, John! — saudou ela fracamente. — Qual é o nome de sua casa em Oxfordshire?

John ficou tão atordoado, tão completamente aturdido por sua estranha pergunta, que levou vários segundos em responder.

—Bletchford Mannor^{5} — disse finalmente.

—É um nome horrível — respondeu Belle, com uma careta. Então bocejou, já que a breve conversa custara um enorme gasto de energia. —Estive... estive pensando em trocar.

—Sim, pois deveria fazê-lo logo. Não te agrada. Nem a mim, na realidade. — Belle bocejou de novo e se recostou na cama.

—Se me perdoar, parece que estou esgotada. Acredito que gostaria de dormir um pouco. John se lembrou de maneira caótica das inumeráveis vezes em que rogou porque ela despertasse de seus pesadelos e se encontrou assentindo.

— Sim — disse brandamente. — Sim, deveria dormir um pouco.

Completamente aturdido, afundou-se na poltrona que fôra seu lar durante toda sua piedosa vigília junto à cama.

A febre havia remetido. Surpreso, feliz e extraordinariamente, a febre havia remetido. Ela ficaria

boa. Estava aturdido pela feroz sensação de felicidade que o embargava. Por uma vez, suas orações foram escutadas. E então algo estranho lhe ocorreu. Uma calma e estranha sensação brotou de algum lugar próximo de seu coração e começou a estender-se por ele.

Salvara uma vida.

Sentia-se como se liberto de uma pesada carga. Sentia-o inclusive fisicamente.

Salvara uma vida. Uma voz se ouviu no quarto. *Está perdoado.*

Olhou rapidamente Belle. Ela não pareceu ter ouvido a voz. Que estranho. Pareceu maravilhosamente sonora.

Uma voz de mulher. Parecida com a de Ana.

Ana. John fechou os olhos e pela primeira vez em cinco anos, não pôde recordar sua cara. Havia expiado finalmente seus pecados? Ou, talvez será que estes alguma vez foram tão condenatórios como ele acreditava?

Olhou Belle. Ela sempre acreditara nele. Sempre.

Sentia-se muitíssimo mais forte com ela a seu lado. Assim, possivelmente, fosse ela. Juntos enfrentaram ao mais feroz dos inimigos e o venceram. Ela viveria, e nunca mais teria que confrontar o futuro sozinho. John suspirou, apoiou os cotovelos sobre suas coxas, e deixou repousar a cabeça entre as mãos. Um absurdo sorriso apareceu em sua cara, e começou a rir. Toda a tensão e a angústia dos últimos dias se dissolveram em suas incomuns e estremecedoras gargalhadas.

Belle se virou e abriu os olhos ante o estranho som. Embora sua cara estivesse oculta, sabia que ele estava abatido. A pele de seus braços esticavam sobre os músculos, e os botões superiores de sua camisa estavam descuidadamente desabotoados. Ele levantou devagar a cabeça e cravou o olhar nela, com seus olhos negros transbordantes de uma emoção que ela não pôde identificar.

Impávida, Belle suportou seu escrutínio. Tinha os olhos vermelhos, o queixo coberto por uma barba de vários dias, e seu cabelo normalmente cuidado e brilhante estava opaco e revoltado.

Belle franziu o cenho e estirou um braço, cobrindo uma mão com a sua. —Tem um aspecto horroroso— disse.

Passaram-se vários segundos antes que John encontrasse a voz e respondesse.

— OH, Belle— disse com a voz rouca. — Você está maravilhosa.



Um par de dias mais tarde, Belle se sentia muito melhor. Seguia um pouco fraca, mas o apetite retornara, e se mantinha entretida com uma ininterrupta corrente de visitas.

Não vira John por mais de um dia. Logo que ele se assegurou de que ela já não estava em perigo, sofreu um colapso pelo esgotamento. Caroline informava periodicamente Belle sobre sua condição, mas até agora os monótonos informes se reduziam a um: — Continua dormindo.

Finalmente, ao terceiro dia após o fim da febre, seu marido entrou em seu quarto com um sorriso ligeiramente envergonhado na cara.

—Quase renunciei a voltar a te ver alguma vez— disse ela. Ele se sentou a um lado da cama.

— Estive dormindo, receio.

—Sim, isso ouvi. —Estendeu a mão e roçou a mandíbula. — É tão encantador ver seu rosto. Ele sorriu.

—Lavou o cabelo.

—O que? — Baixou o olhar e tomou um cacho entre os dedos. — OH, sim. Era uma questão de necessidade, acredito. John, eu...

—Belle, eu... — Ambos começaram a falar ao mesmo tempo. — Primeiro você. —Não, você.

—Insisto.

—OH, isto é uma tolice— disse Belle. — Depois de tudo, estamos casados. E ainda seguimos nervosos.

—O que a faz se sentir nervosa?

—Spencer. —O nome flutuou no ar vários segundos antes que ela continuasse. — Devemos tirá-lo de nossas vidas. Falou com meus pais de nossa situação?

—Não. Deixei isso a sua escolha.

—Não contarei. Só serviria para preocupá-los. —O que você deseja.

—Pensou em algum plano?

—Não. Enquanto estava doente... — engoliu convulsivamente. A simples menção bastava para aterrorizá-lo. — Enquanto estive doente não podia pensar em nada que não fosse você. E em seguida fiquei dormindo.

—Bem, eu estive pensando nisso. — Ele a olhou. —Acredito que deveríamos aproveitar o baile dos Tumbley para enfrentá-lo.

—Absolutamente não.

—Minha mãe insiste que devemos ir. Quer aproveitar a ocasião para nos apresentar em sociedade.

—Belle, estará lotado de pessoas. Como vou fazer para te vigiar enquanto...

—A multidão será o que irá nos proteger. Alex, Emma, e Dunford poderão permanecer perto de nós sem levantar suspeitas.

—Nego-me...

—Pensará ao menos? O confrontaremos juntos. Acredito que... juntos... podemos conseguir. — Umedeceu os lábios, consciente de que se engasgava com as palavras.

—Bem— concordou ele, em parte porque queria mudar de assunto, mas sobre tudo porque ver sua úmida língua aparecendo entre seus lábios entreabertos apagara todo pensamento racional de sua mente.

Ela estendeu uma mão e a colocou sobre a dele.

— Obrigada por cuidar de mim. —Belle— balbuciou ele. — Amo você. Ela sorriu.

— Eu sei. Eu também te amo.

Ele sujeitou sua mão, a levou aos lábios, e a beijou fervorosamente.

— Ainda não posso acreditar que o faça, —mas, quando viu que ia interrompê-lo, colocou suavemente a outra mão sobre sua boca. —Mas me proporciona mais felicidade do que nunca acreditei possível. Mais felicidade do que jamais pensei que existisse neste mundo.

—OH, John.

—Você me ajudou a me perdoar. Foi quando soube que não iria morrer, quando compreendi que salvei sua vida. —Fez uma pausa, com expressão de atordoamento, como se ainda não pudesse acreditar no milagre que ocorrera naquele mesmo quarto. — Foi então quando soube.

—Soube o que?

—Que paguei minha dívida. Uma vida por outra. Não pude salvar Ana, mas salvei você. —John — disse ela, com voz baixa. —Salvar minha vida não compensa o que passou na Espanha.

Seus olhos procuraram os dela, horrorizados.

—Não é necessário compensar. Quando aceitará que o que aconteceu não foi tua responsabilidade? estive se torturando durante cinco anos, e tudo por causa das ações de outro homem.

John a contemplou. Cravou fixa e intensamente o olhar naqueles brilhantes olhos azuis, e pela primeira vez, suas palavras começaram a ter sentido.

Ela apertou sua mão. Ele finalmente piscou.

— Possivelmente a verdade esteja em algum lugar a meio caminho. Sim, supunha-se que eu a protegia, e falhei ao fazê-lo. Mas eu não a violei. —Sacudiu a cabeça, e sua voz adquiriu força. — Não fui eu.

—Agora seu coração está livre. —Não— sussurrou. — Agora é teu.

Capítulo 22



John deu um violento puxão em seu lenço do pescoço. —Isto é estúpido, Belle— chiou. — Estúpido.

Belle rodeou nas pontas dos pés o criado de John, que emitira um atormentado gemido ante o assassinato de sua cuidadosa obra manual.

— Quantas vezes teremos que passar por isso? Já disse que não há forma de evitar ir ao baile dos Tumbley esta noite. Mamãe pedirá minha cabeça se não aparecer como uma dama corretamente casada ante toda a sociedade.

John despediu seu criado com um seco movimento de cabeça, desejando manter a conversa em particular.

— Essa é exatamente a questão, Belle. Agora é uma mulher casada. Já não precisa obedecer cada uma das ordens de seus pais.

—OH, não, agora em vez disso, preciso obedecer as tuas. Perdoa se não salto de alegria. —Não seja sarcástica, Belle. Não te cai bem. A única coisa que digo é que já não precisa fazer o que seus pais dizem.

—Tenta dizer isso a minha mãe.

—Já é maior. —John caminhou para um espelho e começou a atar de novo sua gravata-borboleta.

—Tenho notícias para você. Os pais não deixam de ser pais quando seus filhos se casam. E especialmente as mães não deixam de exercer como tais.

John manipulou o tecido de forma incorreta e blasfemou.

—Deveria ter deixado como Wheatley o arrumou. Achei muito elegante.

John lhe disse com um olhar que não tinha o mais mínimo interesse em conhecer sua opinião.

—Olhe desse modo— continuou Belle, arrumando sua saia de modo que não se enrugasse ao se sentar na cama. — Meus pais ainda estão conhecendo-o. Receariam se negássemos sermos vistos em público juntos. Você não quer ficar em má relação com seus sogros para o resto de sua vida, não é?

—Tampouco quero morrer.

—Não tem nem um pouco de graça, John. Desejaria que não brincasse sobre isso.

John despreocupou-se de sua gravata-borboleta por um momento e se virou de modo que pudesse olhar sua esposa aos olhos.

— Não brinco, Belle. será uma noite de loucura. Não tenho nem ideia de como poderei nos manter a salvo.

Belle mordeu o lábio.

—Alex e Dunford também estarão lá. Estou segura de que serão de grande ajuda.

—Eu também estou seguro de que serão. Mas isso não garante nossa segurança. Não entendo por que simplesmente não disse a seus pais a verdade.

—OH, isso lhes causaria uma estupenda opinião— disse Belle sarcasticamente. — Adorariam descobrir que pôs minha vida em perigo. — Ante o cenho de John, adicionou: — Sem querer, é obvio.

John desistiu finalmente de tentar atar sozinho o lenço e gritou. - Wheatley! Depois se virou para Belle e disse rapidamente.

— Valorizo nossas vidas muito mais que a opinião de seus pais, e faria bem em recordar isso. — John, de verdade que acredito que estaremos a salvo enquanto nos mantenhemos perto de Alex e Dunford. Talvez inclusive tenhamos uma oportunidade para apanhar o...

—OH! Olá Wheatley. Sua senhoria parece ter alguns problemas com sua gravata-borboleta. Temo que seu mau humor tenha anulado a destreza de seus dedos. Acredita que poderia ajudá-lo neste empenho?

O semblante de John nublou.

Belle retribuiu seu cenho franzido com um brilhante sorriso e se levantou.

— Verei se a carruagem está pronta. —Isto é culpa sua.

Belle se virou para a porta e deu um passo em direção a ela. John conteve a respiração.

— Deus bendito, mulher! O que está usando? Ou melhor, o que não está usando?

Belle sorriu. Vestia o traje de noite de veludo azul escuro que comprou umas semanas antes quando tramava seduzi-lo.

— Você gosta? — perguntou, continuando de costas a ele de modo que não pudesse ver seu sorriso.

Foi um engano, já que o vestido não tinha costas, ou ao menos muito pouca.

— É indecente— determinou John.

—Não é— disse Belle, embora não conseguisse um apropriado tom de protesto. — Muitas mulheres usam vestidos como este. Algumas até usam tecidos mais leves e os umedecem para deixá-los transparentes.

—Não permitirei que outros homens desfrutem de suas costas nua. E pronto! Belle decidiu que na realidade não a incomodava sua possessividade.

— Bem, se põe assim... — Saiu do quarto e se dirigiu ao seu, onde Mary a esperava com outro vestido.

Belle teve o pressentimento de que talvez acabasse trocando de roupa. Mas conseguiu seu objetivo. Conseguiu afastar a mente de John do Spencer durante uns minutos ao menos.

Depois de trocar-se, desceu, chegando justamente quando a porta da rua se abria para deixar entrar Alex, Emma, Dunford, e Persephone. O quarteto conversava em voz alta.

—O que fazem aqui? — perguntou Belle.

Emma olhou para trás dela para assegurar-se de que a porta da rua estava ainda aberta e gritou:

— VAMOS LEVÁ-LA AO BAILE!

—Vocês? —É OBVIO!

—Mas por quê?

Emma viu que o mordomo estava a ponto de fechar a porta.

— Não feche ainda— chiou, antes de virar-se para Belle e responder. — PORQUE você NOS PEDIU!

—OH, certamente. Que tola.

Lady Worth apareceu no vestíbulo.

— O que é todo este escândalo?

—Não tenho a menor ideia— resmungou Persephone, lançando um olhar estranho a Emma. — VAMOS levar Belle E John AO BAILE! —gritou Emma.

—Tudo bem. Parece-me acertado, mas deixa de gritar sobre isso.

Alex fechou rapidamente a porta e disse; — Insisti em que revisasse a audição. Está falando assim há três dias.

Emma agarrou Belle para falar à parte e sussurrou.

—Só quis deixar saber a nosso, é, inimigo que viajaria em nossa carruagem esta noite. —Foi o que eu imaginei.

—Não tentará nada com todos nós na carruagem.

—Sempre poderia derrubar uma árvore ou algo assim. Então todos estaríamos com problemas.

—Não acredito. Muitas possibilidades de que John fosse o único que saísse ileso. Esperará até mais tarde.

—O que é que vocês duas cochicham? — exigiu Caroline. — E o que aconteceu com sua audição, Emma? Achei que só podia gritar. Venha aqui à luz. Quero te examinar os ouvidos eu mesma. Provavelmente a única coisa que precisam é uma boa limpeza.

Emma fez uma careta, mas permitiu ser arrastada ao quarto contíguo.

—Acredito que as acompanharei— disse Persephone— esteve agindo de forma estranha toda a noite.

—Obrigada— disse Belle, assim que sua mãe ficou fora do alcance.

—Não tem importância— respondeu Alex, com um gesto da mão.—Embora tenha sido malditamente difícil manter Persephone alheia a tudo isto.

—É muito perspicaz. —Já percebi.

—Não irá permitir enviá-la de volta a Yorkshire depois de ter se divertido tanto em Londres. Alex deu um encolher de ombros antes de centrar-se em assuntos mais prementes.

— Onde está seu marido?

—Lá em cima, franzindo o cenho.

—Problemas no paraíso? —perguntou Dunford, com um sorriso peculiar. —Não se atreva a se divertir com minha desgraça, miserável.

—Deveria considerar um elogio. A aflição de ninguém mais me causa tanta diversão. — Emociona-me, Dunford. — Virou-se para Alex. —Está um pouco irritado por ter que sair esta noite. Não acredita que seja seguro.

—Não é. Mas não podem continuar aqui encerrados para sempre. O baile dos Tumbley provavelmente seja a saída mais segura que podemos fazer. Se Spencer tentar algo, teremos mais de cem testemunhas. Será fácil mantê-lo a distância.

—Tentei explicar isso, mas não escuta. Acredito que está preocupado por mim. Alex sorriu.

— Os maridos sempre se preocupam com suas esposas. Esta é uma lição que aprendi rapidamente. Não há nada que possa fazer a respeito, salvo se abster de um comportamento excessivamente temerário, é obvio. E agora, quanto acha que demorará para descer? Não deveríamos demorar muito em partir.

—A qualquer momento, acredito.

Como se tivesse sido um sinal, John apareceu no alto da escada. —OH, bem, já está aqui, — exclamou Belle.

—Não pareça tão condenadamente feliz.

Belle brindou a seus acompanhantes um olhar triste para tratar de compensar a displicência de seu marido. Os dois homens pareciam cordialmente divertidos, assim Belle sacudiu a cabeça e esperou que John se unisse a eles.

As escadas sempre o faziam ir mais devagar. Uma vez que se terminaram os degraus, entretanto, moveu-se através do vestíbulo com surpreendente rapidez.

—Ashbourne, Dunford. — saudou seus convidados com uma breve inclinação de cabeça.

—Pensamos que poderia ser mais seguro para ambos viajar conosco esta noite— disse Dunford.

—Boa ideia. Onde está Emma? Não veio?

—Esta submetendo-se a uma revisão de ouvidos— respondeu Belle. —O que?

—É uma longa história.

—Estou seguro que sim— respondeu John, arrastando as palavras. Belle lhe agarrou a mão e deu um firme puxão, aproximando-o dela.

— Estou me cansando de sua atitude, John.

—Não espere que seja agradável durante ao menos uma semana— respondeu entre dentes.

— Sabe como me sinto a respeito disto.

Belle apertou os lábios em uma careta decidida e se voltou para Alex e Dunford. Alex contemplava o teto e assobiava baixinho. Dunford sorria de orelha a orelha.

—OH, cale-se— exclamou finalmente.

—Mas se não disse nada! — A resposta proveio tanto de Dunford como de John. —Homens. Estou farta de todos vocês. Emma! Emma! Necessito de você! Já! Emma apareceu como um raio no vestíbulo a uma velocidade assombrosa.

—Sinto muito, tia Caroline! — gritou por cima de seu ombro. —Belle precisa de mim. Não se deteve até que virtualmente esteve em cima de Belle.

—Dou graças a Deus e a você também, Belle. Pensei que me mataria. —Podemos ir? — perguntou Alex, em tom afável. —Onde está Persephone?

—Decidiu viajar com a tia Caroline e o tio Henry— respondeu Emma, segurando o braço de sua

prima e ignorando por completo os homens.

—Verteu algo horrível em meus ouvidos— sussurrou a Belle. — Disse que estavam imundos. Belle sorriu e sacudiu a cabeça.

—Só estava se divertindo a tua custa. Odeia que as pessoas tenha segredos com ela. Emma permitiu que Alex a ajudasse a subir à carruagem.

—Lady Worth conseguiria fazer Napoleão chorar— O comentário provocou um ruidoso rugido de corroboração por parte de John.

Belle lhe lançou um olhar irritado enquanto se sentava ao lado de Emma. John se ajeitou no assento em frente a elas, mas Belle não se deixou enganar por sua indolente postura. Sabia que cada centímetro de seu corpo estava em alerta, preparado para entrar em ação caso fosse necessário. A atitude vigilante de John se transmitiu a Alex e Dunford, e eles, também, mantiveram um olho sobre as portas e outro sobre as damas.

Belle evitou olhar aos homens; punham-na nervosa, e apesar da valente fachada que apresentara ante John, sentia-se um pouco apreensiva com respeito à noite. Por sorte, Emma manteve um fluxo constante de conversa, e todos conversavam amigavelmente quando saíram para seu destino.

—E as náuseas desapareceram por completo— dizia Emma. —Ao menos isso espero. Não me senti doente a uma semana.

—Isso é bom. Dá para notar... —Belle manteve a voz baixa. A conversa não era a mais adequada para uma companhia mista.

—Um pouco, mas este estilo esconde bastante bem. E é obvio, não pode se adivinhar nada sob esta capa, mas... que demônios!

A carruagem deu várias inclinações bruscas e bamboleios para a direita.

John estava em cima de Belle em segundos, movendo-se por instinto para protegê-la do perigo.

— Se machucou? —perguntou com voz urgente. —Estou bem. Estou bem, só... OH!

Cambalearam um pouco mais e logo se balançaram para a esquerda.

—Que demônios aconteceu? —exigiu Alex, afastando-se de sua posição em frente a Emma para olhar pela janela.

—Alex, não! — gritou Emma. — Se virarmos, ficará esmagado!

Alex retornou a contra gosto ao interior. Não parecia como se estivessem em perigo extremo. A carruagem se balançava e se inclinava, mas de uma forma que poderia ser quase descrita como suave.

Finalmente, como lançando um grande suspiro de alívio, a carruagem emitiu um ruidoso rangido e caiu para o lado esquerdo, escorando-se em uma inclinação tal que fez cair a todos contra o flanco contrário.

Quando finalmente se fez evidente que já não iam se mover mais, Belle ergueu uma silenciosa prece de agradecimento por ter terminado no alto do montão e começou a tirar seu braço de baixo do pescoço de Alex.

—Parece— disse, avançando lentamente até a janela, —que chocamos contra uma árvore. Por isso não viramos por completo.

—Ouch! — gemeu Emma. —Tem joelhos malditamente pontudos, Belle. Olhe onde os põe. — Sinto muito. Está um pouco apertado aqui. Estão todos bem? — Olhou abaixo dela. —

Onde está Dunford? —Mmmph grhrsmph.

Os olhos de Belle se arregalaram. Debaixo dos quatro? Não podia ser muito cômodo.

— Eu, é, sairei em seguida. Parece que teremos que sair pela porta do outro extremo. Se abirmos esta, cairemos de repente para fora e bateremos a cabeça. —Olhou para fora pela janela. — De todas as formas, não acredito que pudéssemos abrir essa porta para sair. A árvore a bloqueia.

—Simplesmente faça isso, Belle— apressou-a Alex apertando os dentes. —John, está bem? Não disse nada.

—Estou bem, Belle, só um pouco incômodo. Há três pessoas em cima de mim. —Brmmph thmgish — foi a elegante réplica de Dunford.

Belle deu uma nervosa olhada a pilha de corpos zangados sob ela e avançou lentamente na outra direção, ignorando os frequentes rugidos de dor e ultraje de Emma. Suas saias se enredavam ao redor, assim, finalmente, abandonou toda simulação de modéstia e as sujeitou por cima de seus joelhos, deslizando centímetro a centímetro pelo inclinado assento da carruagem até que conseguiu agarrar o trinco.

—Quase consegui! Agora, se pudesse empurrar a porta para fora... — Belle virou a maçaneta e deu um empurrão à porta. Mas a gravidade operava contra e ganhava.

Uma e outra vez a porta voltava de novo para sua posição original.

—Lamento muito, mas preciso me apoiar melhor para dar impulso. Terei que ficar de pé. Levantou-se do assento e firmou o pé direito sobre o objeto mais próximo, que resultou ser a cabeça de Alex. Emma soltou uma risada, que fez com que Belle se virasse.

— Há algo errado?

—Nada. —A resposta proveio de Alex, em um tom que evidentemente ordenava. — Volte ao trabalho.

Belle virou outra vez a maçaneta e empurrou a porta com todas suas forças. Desta vez, passou o ponto crítico e se abriu de repente. Soltoou uma pequena exclamação e retornou com estupidez ao assento da carruagem para poder colocar a cabeça para fora pela abertura.

—OH, olá, Bottomley— gorgolejou, reconhecendo o chofer de Emma e Alex. — O que aconteceu?

—A roda se desprende, milady. Não tenho nem ideia de como ocorreu. —Hmmm, isso é muito estranho.

—Se não se importa de prosseguir sua conversa mais tarde— disse John do fundo da pilha, — nós gostaríamos de sair da carruagem.

—Ooops. Sinto muito. Bottomley, poderia me segurar se eu escorregar? — Ante seu consentimento, ela se encarapitou pela abertura e deslizou para baixo pela lateral da carruagem.

— Espere Emma. Parece que ela é a próxima. — Belle rodeou o veículo para inspecionar os danos. A roda esquerda saiu por completo do eixo e rodara rua abaixo, onde um grupo de garotos a reclamara já como um tesouro.

—O que olha? — Emma apareceu a seu lado.

—Parece como simplesmente alguém a tivesse afrouxado. Não há sinais de cortes nem de danos permanentes.

—Hmmm. —Emma levantou as saias e se agachou para olhar.

—Vai se afastar? — Alex foi o seguinte em sair, e também queria examinar a carruagem. Pôs uma mão sob o braço de sua esposa e a puxou.

—Ao que parece, temos um atacante bastante gentil, —disse Emma. — Ou um que não sabe como usar uma serra.

John apareceu pelo flanco e parecia completamente furioso. —O que serrou?

—Nada— respondeu Alex. — Só afrouxou a roda. John amaldiçoou baixinho.

—Peço desculpas por colocar você e a sua esposa em perigo. Belle e eu retornaremos para casa imediatamente, e pagaremos o custo do conserto.

Antes que Belle pudesse protestar, Alex levantou a mão e disse: — Tolices. A carruagem não sofreu nenhum dano permanente. A única coisa que precisamos é outra roda.

—O que é isso de outra roda? — Dunford finalmente conseguira sair, embora um tanto

amarrotado.

—Esta está descartada— responderam os outros quatro ao unísono. —Não precisam soar tão irritados. Acabo de chegar.

—Lamento— desculpou-se Belle. — Sinto-me como se estivesse aqui de pé durante uma hora.

—Provavelmente o estiveste— respondeu Dunford com secura. —Se recordar, teve a imensa sorte de aterrissar no alto do montão. A propósito, enviei Bottomley de volta a sua casa, Ashbourne, a buscar ajuda para arrumar isto. Não acredito que leve muito tempo. Na realidade, só estamos a um par de ruas de distância. —Caminhou até onde a roda esquerda deveria estar. — Devo dizer que Spencer fez um trabalho bastante pobre. Se o que queria era provocar um acidente de carruagem, há modos mais inteligentes de consegui-lo. Nem sequer conseguiu romper um só osso a nenhum dos cinco.

Belle pôs os olhos em branco.

—É tão aficionado a ver o lado positivo.

John franziu o cenho e a estreitou contra seu flanco.

—Sinto-me agradecido de que ninguém tenha saído ferido, mas me desculpem se não vejo um lado positivo. Não serei a causa de nenhuma de suas mortes. Acabou, Belle. Voltamos para casa.

—Para que então possa atirar contra você enquanto voltamos a pé? Acho que não. —Belle tem razão— disse Alex. — Está muito mais seguro conosco que sem nós.

—Sim, — John respondeu amargamente. — Mas vocês estão mais seguros sem nós que conosco.

—Desculpem-nos durante um momento... — disse Belle, puxando seu marido até afastar-se um pouco da pequena multidão. — Deve me escutar, John— sussurrou. — Não foi você quem disse que não podemos passar o resto de nossas vidas fugindo desse homem? Parece o bastante louco para tentar algo esta noite no baile dos Tumbley. Se o apanharmos, teremos centenas de testemunhas. Permanecerá na prisão o resto de sua vida.

—Possivelmente, mas e se tiver êxito? Ou ainda pior, e se não acertar comigo e agarrar você? Belle, prometo que não teremos que fugir deste homem durante toda nossa vida. Encarregarei me dele, mas não o farei com um plano que a ponha em perigo. Deve confiar em mim... não é o tipo de homem com o qual uma mulher desejaria ficar a sós.

John a segurou com força nos ombros.

— Belle, não posso viver sem você. Não compreende que agora ele tem dois alvos? Se matar você, é como se matasse a mim.

Os olhos de Belle se alagaram de lágrimas ante suas veementes palavras.

— Eu também te amo, John. E sabe quão nervosa estou por sua segurança. Mas não posso viver toda a vida olhando por cima de meu ombro. E não teremos uma oportunidade melhor para capturar Spencer que esta noite.

—Então irei. —Pôs as mãos nos quadris. —Mas você vai para casa.

—Não vou esperar em meu quarto como um rato assustado— disse Belle, com olhos cintilantes. — Juntos podemos obter algo. Sozinhos, não somos nada. Tenha fé em mim, John.

—Parece que devo recordar seu rogo de que não corresse riscos desnecessários. Me permita a mesma cortesia. Vá para casa, Belle. Já tenho bastante com que me preocupar sem necessidade de te vigiar.

—John, pela última vez, escuta o que digo. Me ama? —Cristo, Belle— disse, entrecortadamente. — Sabe que sim.

—Bem, a mulher por quem se apaixonou não é o tipo de mulher que pode permanecer pacientemente sentada em casa quando o homem que ama está em perigo. Opino que podemos apanhar Spencer se contarmos com suficientes aliados. Obviamente não é muito brilhante. Nem sequer foi capaz de avariar corretamente uma carruagem. Com nós cinco trabalhando juntos, podemos aniquilá-lo. E esta noite nos brinda a oportunidade perfeita.

—Belle, se algo te acontecer...

—Eu sei, querido. Sinto o mesmo com respeito a você. Mas não vai acontecer nada. Te amo muito para permitir.

John se perdeu em seus inteligentes olhos azuis, que brilhavam com amor, esperança e fé.

— OH, amor— disse com a voz rouca. —Você me curou. Faz-me acreditar que realmente mereço toda esta felicidade.

—E você merece.

John colocou suavemente as mãos sobre seus ombros.

— Aguarda um momento— disse, com ternura. —Só quero te olhar. Quero levar esta imagem tua comigo o resto de minha vida. Não acredito que jamais estive tão formosa como neste preciso instante.

Belle ruborizou de prazer.

— Não seja tolo. Tenho o vestido enrugado, e estou segura de que meu cabelo esta um desastre, e...

—Shhh. Não diga nada. Só me olhe. —Com esta luz seus olhos parecem quase purpúreos. — Como negras framboesas.

Belle riu suavemente.

— Deve estar em um estado de fome perpétua. Segue me comparando com frutas.

—Eu? — John não podia afastar seus olhos de seus lábios, os quais, não deixava de pensar, se assemelhavam às cerejas maduras.

—Sim, uma vez disse que minhas orelhas pareciam damascos. —Disse. Creio que tem razão. Estive faminto desde que te conheci. Ela ruborizou.

—Yuuhuu! Pombinhos!

John e Belle afastaram seus olhos um do outro e, piscando, voltaram-se para Dunford, que vinha em sua direção.

—Se pudessem deixar um momento de arrulhar um ao outro, poderíamos ir. Se por acaso não notaram, a outra carruagem já está aqui.

John inspirou profunda e entrecortadamente antes de virar-se para Dunford e dizer: — O tato, presumo, não foi um dos pontos fortes de sua educação.

Dunford sorriu alegremente.

— Exato. Vamos?

John se virou para Belle e lhe ofereceu seu braço.

— Querida?

Belle aceitou seu gesto com um sorriso, mas quando chegaram junto a Dunford, virou-se e chiou, — vou te matar por isso.

—Estou seguro de que tentará.

—Esta carruagem não é tão abrigada como a outra— disse Alex com um sorriso de desculpa.

— Geralmente não a uso no inverno.

Breve todo o grupo estava instalado na carruagem, e de novo a caminho do baile de inverno dos Tumbley. Belle e John se acomodaram em um canto, voltados um contra o outro para se proteger do frio. John pôs sua mão sobre as dela, dando suaves tapinhas sobre os nódulos. Ela se sentiu reconfortada por seu toque e o olhou. Ele a estava olhando, seus olhos castanhos repletos de calor e aveludada ternura.

Belle não pôde evitar. Lhe escapou um pequeno gemido de felicidade.

—Pelo amor de Deus! — exclamou Dunford, virando-se para Alex e Emma. — Estão vendo-os? Nem sequer vocês eram tão nauseabundos.

—Algum dia— interrompeu Belle em voz baixa e apontando com um dedo, —encontrará à mulher de seus sonhos, e então converterei sua vida em um inferno.

—Receio que não, minha querida Arabella. A mulher de meus sonhos é uma comparação tal que é impossível que exista.

—OH, por favor, —soprou Belle. —Aposto que dentro de um ano terão laçado você, estará amarrado, e encantado com isso. — recostou-se com um sorriso satisfeito. A seu lado, John se estremecia de risada contida.

Dunford se inclinou para frente, apoiando os cotovelos sobre seus joelhos. —Aceito a aposta. Quanto quer perder?

—Quanto quer perder você? Emma se virou para John.

— Parece que se casou com uma jogadora.

—Se soubesse, pode estar segura de que teria sopesado minhas ações com mais cuidado. Belle lhe deu uma brincalhona espetada nas costelas enquanto dirigia um desafiador olhar ao Dunford e perguntava: — E então? —Mil libras.

—Feito.

—Está louca? — A mão de John se contraiu com força ao redor de seus dedos. —Será que só os homens podem apostar?

—Ninguém faz uma jogada tão tola, Belle— disse John. —Acaba de fazer uma aposta com o homem que controla o resultado do jogo. Só pode perder.

—Não subestime o poder do amor, querido. Embora no caso de Dunford, possivelmente só seja necessário o da luxúria.

—Fere-me— respondeu Dunford, levando dramaticamente uma mão ao coração para enfatizá-lo. —Assume que sou incapaz dos mais elevados sentimentos.

—É?

John, Alex, e Emma contemplavam o interlúdio com considerável interesse e diversão.

— Não tinha nem ideia de que fosse um adversário tão formidável, querida— disse John. —Há muitas coisas que não sabe sobre mim— zombou Belle. Recostou-se com um sorriso divertido. —Só espera até que comece a noite.

Uma estranha sensação se instalou no estômago de John. —Estremeço ante a perspectiva.

Capítulo 23



—Céu misericordioso! — exclamou uma voz horrorizada. — O que aconteceu?

Belle se encolheu. Esquecera quão peculiar era a voz de lady Tumbley, com um enraizado tom de soprano.

—Um acidente com a carruagem, — disse Alex, sem alterar-se. — Mas estávamos tão ansiosos por vir esta noite, que não quisemos nos atrasar voltando para nos trocar. Estamos só um pouco desalinhados. Espero que nos desculpe.

Na carruagem foi decidido que Alex, como o membro de mais alta fila de seu grupo, deveria agir como porta-voz. Seu discurso, acompanhado de seu sorriso mais encantador, deu no alvo, e lady Tumbley se apressava a segurar-se discretamente.

—Bem, é obvio que não tem importância, sua Excelência— balbuciou a anfitriã. — Sinto-me tão honrada de que aceitasse meu convite. Fazia já muitos anos que não o víamos por aqui.

Belle notou que o sorriso de Alex se esticava.

— Um engano que devo retificar— disse ele.

Lady Tumbley começou a agitar as pestanas, gesto que não favorecia absolutamente a uma dama de sua idade e contorno. Quando finalmente deteve a revoada de suas pálpebras, olhou John e disse: — E a quem temos aqui?

Belle se adiantou.

— A meu marido, milady. —Seu o que?

Belle retrocedeu. O grito retornava.

John tomou a mão de lady Tumbley e beijou o dorso.

— John Blackwood a seu serviço, milady.

—Mas Lady Arabella, querida, quero dizer, Lady Blackwood, eu, pois.. eu não ouvi que se casou. Quando ocorreu? E, é, isto... foi um grande casamento?

Em outras palavras: *por que não foi convidada?*

—Foi bastante íntima, Lady Tumbley— disse Belle. — Faz duas semanas. —Faz duas semanas? Uma quinzena inteira? E não me inteirei?

—Saiu no Times— apontou John.

—Possivelmente, mas eu...

—Possivelmente deveria ler o jornal mais frequentemente— disse Belle docemente. — Possivelmente. Se me desculparem. — Lady Tumbley sorriu desajeitadamente, executou uma reverência, e se precipitou entre a multidão.

—Nosso primeiro objetivo foi alcançado— anunciou Belle. — Dentro de cinco minutos todo mundo saberá que; um, nosso desalinhado aspecto é devido a um percalço com a carruagem; e dois, que me casei com um homem misterioso sobre quem ninguém sabe nada.

—Em outras palavras, todo mundo saberá que estamos aqui, — disse John. — Spencer incluído.

—Se é que veio— disse Emma pensativamente. —Duvido que tenha sido convidado.

—É bastante fácil penetrar em uma festa tão grande. —Disse Dunford. — Eu mesmo o fiz várias vezes.

Emma o olhou interrogativamente antes de perguntar: — O que faremos agora?

—Imagino que nos misturar com a multidão— respondeu Belle. —Mas deveríamos tentar permanecer perto uns dos outros. Talvez alguém precise de ajuda.

Belle olhou ao redor. Lady Tumbley se superou este ano, e o baile reluzia com as velas, as joias, e os sorrisos. O salão de baile era um dos mais característicos de Londres, com uma galeria no primeiro andar que o rodeava por completo. Belle sempre pensara que os filhos dos Tumbley deviam ter passado inumeráveis noites escondidos lá encima, espiando os elegantes pares que dançavam lá abaixo.

Belle suspirou, rezando para que ela e John pudessem escapar da velada sem sofrer dano algum, de modo que, algum dia, seus filhos pudessem comportar-se de um modo similar. Durante a seguinte hora e meia, o quinteto desempenhou seu papel de inocente convidado. Belle e John não sofreram escassez de companhia, a maior parte da qual não se incomodou em esconder sua insaciável curiosidade sobre John e seu precipitado matrimônio. Alex e Emma permaneceram perto, de pé; sua mera presença deixava evidente sua aprovação ao enlace. Mas o mais importante, vigiavam a aparição de Spencer enquanto John e Belle lutavam com a conversa social. Dunford atuou como espião itinerante, movendo-se ao redor do salão de baile e controlando as entradas e saídas.



Depois de quase duas horas, Caroline, Henry e Persephone chegaram finalmente e imediatamente

se dirigiram junto a Belle e John.

—Não vai acreditar o que nos aconteceu! —exclamou Caroline. —Um acidente de carruagem? — inquiriu John, desapaixadamente. —Como o soube?

—Sofreram um acidente? — perguntou Belle, horrorizada.

—Bom, nada perigoso. A roda esquerda traseira saiu do eixo, e caímos parcialmente para um lado. Um pouco incômodo, mas ninguém saiu ferido. Embora, é obvio, tivemos que retornar para casa para nos trocar, e portanto chegamos extremamente tarde— Caroline piscou um par de vezes quando percebeu o vestido ligeiramente amassado de sua filha. — Humm, esse vestido não significa que esteja de moda o veludo enrugado, não é verdade?

—Também fomos vítimas de um desafortunado acidente de carruagem— disse John.

—Que casualidade! — exclamou Persephone, e logo partiu em direção a uma mesa carregada de lanches.

—Isso é estranho, —manifestou lorde Worth.— Muito estranho. —Com efeito. —O rosto de John escureceu.

Dunford surgiu a seu lado.

— Boa noite, lady Worth, lorde Worth. Devo dizer que esperava vê-los antes. É..., Blackwood, se posso ter umas palavras a sós contigo.

John se desculpou e se reuniu com Dunford alguns metros mais longe.

— O que houve?

—Está aqui. E parece furioso. Entrou pela porta lateral faz alguns minutos. Minha hipótese é que não foi convidado. Isso, ou que não quer que o mordomo o anuncie com seu nome. Mas veio vestido a rigor. Ninguém o olhará duas vezes. Confunde-se perfeitamente com a multidão.

John assentiu de modo cortante.

— Vai tentar algo. —Necessitamos de um plano.

—Não podemos fazer nada até que ele faça o primeiro movimento. —Fique alerta.

—O estarei. OH, e Dunford...? Vigia Belle, ok? — John engoliu com dificuldade e procurou em sua mente as palavras corretas. —Resultaria me muito penoso se algo acontecesse a ela.

Os lábios de Dunford esboçaram um pequeno sorriso e assentiu.

—Vigiarei você, também. Resultaria muito penoso para ela se algo acontecesse com você. John o olhou fixamente aos olhos. Não conheciam um ao outro muito bem ainda, mas ambos se sentiram vinculados por seus respectivos sentimentos por Belle. Dunford como seu amigo de muitos anos e

John como seu apaixonadamente devoto marido.

John voltou junto a Belle e seus sogros, que estavam ocupados saudando um corpulento casal que se aproximou a oferecer suas felicitações ante ao recente casamento, expressando seu pesar por não ter podido assistir à cerimônia. John escutou o final da conversa, e teve que morder o lábio para evitar rir quando viu que Belle apertava os dentes, obviamente tentando com todas suas forças não assinalar que não foram convidados. Seus olhos se iluminaram quando o viu de volta.

—Nosso amigo chegou— disse ele, em voz baixa. —OH, quem é? — perguntou Caroline.

—É só um conhecido do John do exército— improvisou Belle, consolando-se em certo modo com o fato de que não mentia exatamente. —Então deveriam ir buscá-lo.

—OH, acredito que ele nos encontrará— disse John maliciosamente.

A atenção de Caroline se viu então capturada por um amigo a quem não via desde que retornara da Itália, e Belle se virou rapidamente para John e perguntou.

— O que vamos fazer agora? —Nada. Permanecer atentos.

Belle suspirou e apertou os lábios. Não se sentia especialmente paciente.

— Disse a Alex e Emma?

—Dunford disse.

—Então nos limitaremos a ficar aqui como novinhos enquanto ele traça seus infames planos? — Algo assim.

Belle fez uma careta e um estranho som surgiu de sua boca. John a olhou assombrado.

—Acaba de grunhir? —É possível.

—Santo Deus, devemos nos livrar logo do Spencer, ou minha esposa se converterá em um animal.

—Em um particularmente feroz, se depender de mim. —Belle suspirou e olhou ao redor do salão de baile. — John! Não é aquele ali? — Assinalou discretamente para um homem loiro que tomava a sorvos uma taça de champanha.

John seguiu seu olhar e assentiu com secura, sem afastar os olhos nem um instante de Spencer. Nesse momento, o canalha ergueu a vista de sua taça, e seus olhos se encontraram. John sentiu que um calafrio percorria seu corpo, e de repente esteve mais convencido que nunca de que a saída daquela noite foi uma má ideia. Precisava afastar Belle dali. Precisava lidar com Spencer a sua maneira.

—Dirige-se para nós! — sussurrou Belle.

Os olhos de John se estreitaram. Spencer deixara sua taça sobre uma mesa próxima e caminhava

para eles através do salão de baile. Percebeu que já não o olhava; tinha a vista cravada em Belle. A fúria e o medo rugiam através de seu corpo, e sua mão se fechou convulsivamente ao redor da dela.

—Boa noite, Lorde Blackwood, Lady Blackwood, — disse Spencer em tom zombador.

—Que demônios quer? — explodiu John. Necessitou de todo seu autodomínio para não lançar-se ali mesmo sobre Spencer e apertar suas mãos ao redor de sua garganta.

—Ora, vamos, Blackwood, a que vem tanta animosidade? Só vim a saudar você e a sua esposa. É o que se costuma fazer nestes acontecimentos, não? Embora, é obvio, minha memória pode estar pregando uma peça em mim. Passou-se muito tempo desde que assisti a um baile em Londres. Fiquei fora do país, como sabe, durante um longo período de tempo.

—E?

—Já faz muito desde a última vez que dancei. Esperava que lady Blackwood me fizesse a honra de me conceder uma dança.

John, de um puxão, aproximou Belle ainda mais a ele.

— Nem pensar.

—Isso é algo que a dama deve decidir, não acha?

Belle engoliu, tentando aliviar sua garganta, que, repentinamente, ficou bastante seca. —Seu convite é muito amável, senhor Spencer—conseguiu dizer. —Mas temo que decidi não dançar esta noite.

—De verdade? Que estranho. —Os olhos azuis de Spencer brilhavam como prata de pura malícia.

—Por deferência a meu marido— improvisou Belle. —Ele não dança, já sabe.

—É obvio, é um aleijado. Frequentemente o esqueço. Mas não acredito que isso devesse impedi-la de se divertir. —Moveu-se e encostou um revólver contra o estômago de John, com tal força que o deixou sem fôlego.

Belle olhou para baixo. Seu estômago deu um tombo de terror, e por um segundo acreditou que vomitaria ali mesmo. O salão estava lotado, muito. Ninguém notaria que um dos convidados acabava de apontar com uma arma a outro.

Se gritasse, Spencer, certamente dispararia contra John antes que alguém pudesse lhe tirar a arma.

— Eu adoraria dançar com você, senhor Spencer— sussurrou. —Não, Belle. — disse John, com voz profunda.

—Meu marido, tentou brincar, é muito ciumento. Não gosta de me ver dançar com outros homens.

—Estou seguro de que desta vez não se importará. — Spencer retirou a arma, tomou a mão de Belle, e a conduziu à pista de dança. John ficou imóvel no lugar, começando a recuperar o fôlego.

Suas mãos estavam apertadas em dois punhos, mas não sentia como as unhas cravavam nas palmas. Toda sua atenção, toda sua energia, sua própria alma, estavam enfocadas sobre as duas cabeças loiras que se deslizavam pela pista de dança. Spencer não lhe faria mal, disso estava seguro. Ao menos, não no meio de um salão lotado. Se algo acontecesse com Belle diante de tantas testemunhas, Spencer nunca teria a oportunidade de eliminar seu verdadeiro objetivo. E John sabia que Spencer o queria morto.

—O que está acontecendo? por que Belle está dançando com ele?

John se virou e viu Emma, seu rosto estava contraído pelo medo e preocupação.

— Apontou-me com uma arma, e pediu a Belle uma dança. —Alguém viu? — perguntou Alex.

John negou com a cabeça.

—Maldição. Seria melhor se tivéssemos uma testemunha alheia à família. — Alex agarrou a mão de Emma. — Vamos, querida, dancemos também.

A grande velocidade e com pouca elegância, o duque e a duquesa de Ashbourne se apressaram para a pista de dança.

—O que quer? — sussurrou Belle, enquanto seus pés desenhavam automaticamente os passos da valsa.

Spencer lhe dirigiu um amplo sorriso.

— Por que não apenas o prazer de sua companhia, senhora? Resulta-lhe tão incrível? —Sim.

—Talvez só queria conhecê-la. Depois de tudo, nossas vidas foram, vamos dizer, entrelaçadas.

Belle sentiu como a fúria crescia em seu interior, desbancando o medo. —Ficaria muito agradecida se as desentrelaçasse.

—OH, esse é meu plano, não duvide. Esta mesma noite, se tudo correr bem.

Belle lhe pisou em um pé e imediatamente se desculpou com amabilidade. Viu Alex e Emma, que dançavam bem atrás de Spencer, e ela exalou devagar, sentindo-se tranquilizada por sua presença.

—Mas devo confessar, —prosseguiu Spencer, —que me diverte enormemente a expressão no rosto de seu marido. Não acredito que desfrute vendo-a em meus braços.

—Suponho que não. — Belle voltou a lhe dar um pisão, desta vez suficientemente forte para que Spencer esboçasse uma careta de dor.

—Parece uma moça bastante agradável— disse ele, ignorando de novo seu erro no passo de dança. — Lamento incomodá-la matando seu marido, mas não há nada que possa fazer a respeito.

Santo Deus, pensou Belle, o homem estava completamente louco. Não lhe ocorria nada que dizer, assim voltou a enfiar seu pé sobre o dele, desta vez com todas suas forças.

—Vejo que as histórias sobre seu refinamento foram enormemente exageradas, pôde dizer— Spencer finalmente como resposta.

Belle sorriu docemente.

— Não deveria acreditar em tudo o que a alta sociedade conta. OH, vá, já acabou a música? Devo partir.

—Não tão rápido. — Disse Spencer Segurando seu braço. — Receio que não posso deixá-la ir ainda.

—Mas a dança acabou, senhor. É adequado que...

—Cale-se! — fartou-se Spencer. —vou usá-la para atrair seu marido a uma sala contigua. Não é possível matá-lo em um salão de baile cheio de gente. Não poderia escapar.

—Se o matar, não conseguirá sair impune— chiou Belle. —Muitas pessoas sabem que o quer morto. Deteriam no em questão de segundos. E se não o agarram, não poderá voltar a pôr jamais um pé na Inglaterra outra vez.

—Fêmea estúpida. Pensa realmente que acredito que posso atirar em um nobre e esperar viver livre e sem complicações? estive no exílio durante cinco anos. Estou acostumado a isso. Retomar meu lugar na sociedade seria agradável, mas prefiro obter minha vingança. Agora venha comigo. — Puxou brutalmente seu braço, arrastando-a para umas portas duplas que conduziam ao resto da mansão.

Belle atuou por instinto. Não lhe faria mal agora. Não antes de conseguir John. Soltou-se de um puxão de seu aperto e voltou correndo junto ao John, que já avançava para ela.

—Rápido, temos que fugir dele. —Está louco!

John a tomou pela mão e começou a abrir caminho por entre a multidão. Belle olhou para trás. Spencer encurtava a distância entre eles. Alex e Emma lhe seguiam os passos, mas como casal não podiam mover-se tão rápidos como ele só.

—Vamos muito devagar— disse Belle, nervosa. — Nos alcançará antes que cheguemos à porta.

John não respondeu. Apressou o passo, sua perna ferida protestava pela tortura.

—John, não vamos o bastante rápidos. Temos que chegar lá. — Belle assinalou as portas que se

entreviam do outro lado do salão de baile. Entre eles e sua possibilidade de escapar mediavam centenas de damas e cavalheiros dançando.

—E como propõe que cheguemos lá? Dançando? Belle piscou.

— Claro, sim! — Com a força nascida da fúria e o terror, obteve que John se detivesse, levantou sua mão sobre seu ombro, e começou a dançar a valsa.

—Está louca, Belle?

—Se limite a dançar. E nos conduza ao outro extremo do salão. Estaremos lá em um instante. Nem sequer Spencer se atreveria a cruzar pelo meio da pista de dança.

John obrigou a sua perna ferida a entrar em ação e devagar começou a dançar, abrindo passagem através do salão com cada virada. Em sua pressa, Belle lhe cravou os dedos no ombro, tentando impulsioná-lo para frente.

—Deixará que a conduza? — chiou ele, seguido de um: — Lamento— quando chocaram com outro casal.

Ela estirou o pescoço.

— Pode vê-lo?

—Tenta nos alcançar rodeando o salão. Não conseguirá. Um plano magnífico, meu amor, se me permite dizê-lo.

—John, não somos o suficientemente rápidos. — Giraram freneticamente, suas apressadas voltas executadas de forma pouco convencional, mas momentos mais tarde, alcançaram o outro lado do salão de baile.

—O que vamos fazer agora? — perguntou Belle.

—Levarei você para casa. E depois vou informar às autoridades. Deveria ter feito isso faz muito, mas não acreditei que pudessem fazer nada ante as ameaças verbais. Mas, me cravar uma arma no estômago deveria mantê-lo fora de circulação durante algum tempo, ao menos.

Ela assentiu, seguindo-o em direção à porta.

— Posso ser sua testemunha. E estou segura de que Alex, Emma e Dunford também quererão declarar. — Exalou um suspiro de alívio, feliz de que John não planejasse fazer justiça com as próprias mãos. Se matasse Spencer, seria enforcado.

Acabavam de sair ao ar frio da noite quando Dunford de repente os chamou.

— Esperem! — gritou, detendo-se para recuperar o fôlego. — Pegou a sua mãe, Belle. —O que? — O sangue abandonou seu rosto. — Como?

—Não tenho nem ideia, mas o vi sair do salão com ela faz alguns momentos, e a segurava muito perto dele.

—OH, John, precisamos fazer algo. Deve estar tão assustada.

—Não acredito que exista uma pessoa mais capaz que sua mãe— disse John, tentando acalmá-la. —Provavelmente o terá desarmado, amarrado e preparado para as autoridades em questão de minutos.

—John, como pode brincar sobre isto? — clamou Belle. — É minha mãe!

—Sinto muito, amor— disse ele, lhe dando um consolador aperto de mãos. — Dunford, aonde foram?

—Me sigam.

Conduziu-os pelo exterior, para uma porta lateral e entraram em um vestíbulo escuro, onde Alex e Emma os esperavam.

—Sabe por qual porta entrou? — sussurrou John. Alex sacudiu a cabeça.

— Emma— disse. — Quero que você e Belle retornem ao salão de baile. —Nego-me! —foi a acalorada resposta.

Os três homens se viraram ao unísono para olhar Belle.

—Minha mãe está em perigo! — arguiu com paixão. — Como poderia abandoná-la agora? — Bem— suspirou Alex, compreendendo que uma ordem direta era uma perda de tempo. —

Mas permaneçam atrás!

Ambas as mulheres assentiram, e o quinteto cruzou o vestíbulo, olhando em todas as salas a seu caminho e tomando cuidado ao entreabrir as portas para que rangessem o menos possível.

Finalmente chegaram a uma cuja porta estava parcialmente aberta. John ia à cabeça do grupo e imediatamente reconheceu a voz do Spencer. virou-se e levou o indicador aos lábios, avisando a todos para que guardassem silêncio. Os três homens tiraram suas armas sem um ruído.

—É você um estúpido— ouviram dizer desdenhosamente Caroline. — Que espera conseguir com isto?

—Acalme-se.

—Não me acalmarei. —foi a imperiosa resposta. —Arrastou-me da festa a um quarto deserto e me apontou com uma arma, que só posso conjecturar que está carregada, e espera que permaneça calma? Você carece do menor indício de inteligência, meu prezado senhor, e...

—Disse que se cale! —Hmmp.

Belle mordeu o lábio. Tinha ouvido esse tom antes. Se não se sentisse tão aterrorizada, isto poderia ter sido divertido.

John, Alex, e Dunford trocaram olhares. Se não se moviam logo, alguém resultaria morto, embora não estivessem completamente seguros de que a vítima fosse ser Caroline. John elevou a mão e silenciosamente contou com os dedos. Um. Dois.

Três! Os homens irromperam na sala e se desdobraram ao longo da parede, suas pistolas apontando a Spencer.

—Levou bastante tempo— mofou-se ele. Agarrava o braço de Caroline em um doloroso aperto, e sua arma estava pressionada contra sua têmpora.

—Sua atitude é muito desagradável— mofou-se ela.—Não o favorece. —Mamãe, por favor, —suplicou Belle, entrando pela porta. — Não o provoque. —Ahhh, — disse Spencer, com aprovação. — Trouxe as senhoras. Que delícia.

Belle não podia ver a cara de John, mas pelo modo em que esticava seus ombros, adivinhou que estava furioso com ela por não permanecer do lado de fora, no corredor.

—Solte a minha mãe— disse a Spencer. —Não lhe fez nada. —Soltaria, se você quisesse trocar de lugar com ela.

Belle deu um passo adiante, mas o braço de John se estendeu frente a ela como uma barreira de aço.

— Não, Belle.

—Belle, não seja tola— disse Caroline. — Posso dirigir nosso amigo sem cérebro aqui presente.

—Já é suficiente! —explodiu Spencer. E esbofeteou Caroline em ambas as faces.

Belle soltou um pequeno grito de consternação e, esquivando o braço de John, adiantou-se. — Deixe-a em paz!

O braço de Spencer saiu disparado e se enroscou ao redor da cintura de Belle, apertando-a contra ele. Seu estômago deu um tombo de consternação, mas engoliu seu medo e disse.

— Agora solte minha mãe.

Com um selvagem empurrão, Spencer afastou Caroline dele e ela caiu ao chão. Abriu a boca para repreendê-lo mordazmente, mas conteve sua língua, não sentindo-se tão valente agora que ele tinha sua única filha em seu poder.

Nesse momento, John perdeu a capacidade de respirar. Sentiu-se como se a mão do Spencer

tivesse penetrado por sua garganta e se fechasse ao redor de sua traqueia. Belle estava de pé ao lado dele, tentando parecer valente, mas John podia ver o medo e aborrecimento em seus olhos. Baixou sua arma, elevou as mãos, e deu um passo a frente.

— Solte-a, Spencer. É a mim quem quer.

Spencer acariciou a face de Belle com o dorso da mão. — Talvez tenha mudado de opinião.

O controle de John quebrou, e teria saltado sobre ele nesse mesmo momento se Alex não tivesse estendido uma mão e o tivesse agarrado as costas de sua jaqueta.

— Disse que a solte— repetiu John, enquanto todo seu corpo tremia de fúria. A mão de Spencer deslizou sobre o traseiro de Belle e deu um pequeno aperto.

— Preciso pensar.

Belle fez uma careta, mas além disso se manteve o mais silenciosa possível. A vida de John pendia de um fio, e se estava em sua mão salvá-lo deixando este homem tomar algumas liberdades com ela, jurou-se que poderia tomar todas as que quisesse. Só rezou para que não tentasse nada mais íntimo. A bÍlis já subia pela garganta.

O corpo de John estava tenso de raiva.

— Pela última vez, Spencer, solte-a ou eu...

— Você, o que? — respondeu Spencer em tom zombador. — O que pode fazer? Tenho uma arma e você não. Além disso, tenho a sua esposa. — Soltou uma risada macabra. — E você não.

— Não se esqueça de nós— interveio Dunford, arrastando as palavras e assinalando com a cabeça ao Alex. Suas pistolas seguiam apontando o peito de Spencer.

Spencer passou a vista entre seus adversários e riu.

— Não posso acreditar que nenhum de vocês fizesse algo tão tolo como atirar enquanto estou apontando com uma arma carregada à encantadora lady Blackwood. De todos os modos, ela não é, depois de tudo, o objetivo principal de minha chegada aqui, e temo que terei que trocá-la. Blackwood?

John avançou outro passo.

— Solte-a.

— Ainda não. — Spencer arrancou seu lenço do pescoço e o deu a Belle. — Ate as mãos dele atrás das costas.

— O que? Não pode dizer...

— Faça-o! — Levantou sua arma e a apontou à testa do John. — Eu não posso atá-lo e apontar ao

mesmo tempo.

—OH, John— gemeu Belle.

—Faz o que ele diz— disse John. Podia sentir atrás dele Alex e Dunford esticando os músculos, preparando-se para saltar à ação.

—Não posso. —As lágrimas faziam que lhe ardessem os olhos. — Simplesmente não posso. — Lhe ate as mãos— advertiu Spencer; —Ou Por Deus que atirarei quando contar até três. —Posso atar de frente? Parece tão bárbaro?

—Por Deus, as ate como melhor lhe pareça. Simplesmente aperte forte e faça um bom nó. Com mãos tremendo, Belle pôs a gravata ao redor dos pulsos de John, tentando atá-lo tão frouxamente quanto fosse possível sem levantar as suspeitas do Spencer. —Vá para trás— ordenou ele.

Belle se afastou um passo de John. —Mais longe.

—O que vai fazer? — exigiu.

—Será que ainda não entendeu o que é tudo isto? —Senhor Spencer, rogo-lhe.

Ele a ignorou.

—Vire, Blackwood. Vamos fazer um buraco na parte detrás de sua cabeça.

As pernas de Belle se debilitaram, e teria caído ao chão se não tivesse se chocado contra o extremo de uma mesa. Pela extremidade do olho, viu Dunford quem, devagar, avançava pouco a pouco, mas ela tinha poucas esperanças de que fosse capaz de salvá-lo. Spencer poderia ver cada um de seus movimentos, e não haveria nenhum modo de surpreendê-lo. Para quando Dunford o tivesse derrubado, o tiro fatal já teria sido disparado. Além disso, o quarto estava profusamente mobiliado; parecia que os Tumbleys haviam colocado todas suas poltronas, sofás, e mesas nele.

Dunford teria que saltar por cima de duas cadeiras e uma mesa se quisesse tomar a rota mais direta.

—Você! —ladrou Spencer, com um gesto da cabeça para Belle, sem chegar realmente a olhá-la. — Retroceda mais. Estou seguro que morre de vontade de bancar a heroína, mas não terei o sangue de uma dama sobre minha consciência.

Belle se moveu para um lado, já que a mesa bloqueava seu retrocesso. Fungou. Cheirava a violetas. Que estranho.

—Mais longe!

Belle retrocedeu outro passo e se chocou contra algo sólido. Algo sólido e... definitivamente humano. Percorreu com a vista o quarto. Alex, Dunford, Emma, e sua mãe estavam à vista.

—Pegue isto! — ouviu em um sussurro.

Deus bendito, era Persephone! E pressionava uma pistola contra a palma da mão de Belle. Spencer levantou o braço e apontou.

Belle se sentiu morrer. Teria que atirar em Spencer e rezar para que seu tiro acertasse o alvo. Não havia nenhum modo de poder passar a arma a John. *Maldição*, por que não deixou que Emma a ensinasse a atirar corretamente?

John virou a cabeça tanto quanto era possível. —Poderia ter um último desejo?

—Qual?

—Eu gostaria de dar em minha esposa um último beijo de despedida. Com sua permissão, é obvio.

Spencer assentiu cortante, e Belle se apressou a aproximar-se de John, ocultando a arma entre as dobras de sua saia. Levantou sua mão livre e acariciou o rosto de John, assegurando-se de que Spencer pudesse ver seu movimento.

John deu uma olhada a seus pulsos, e Belle viu que havia conseguido quase liberar suas mãos do lenço frouxamente amarrado.

—OH, John— sussurrou em voz alta, —amo você. Sabe disso, não é? Ele assentiu. *Me dê a arma*, articulou com os lábios, sem emitir um som.

—OH, John! — lamentou-se dramaticamente, calculando que quanto mais alongasse a cena, mais tempo teriam para levar a cabo o plano. Moveu sua mão livre para a nuca do John e puxou sua cabeça para lhe dar um ardente beijo.

Apertou-se tanto como pôde contra seu marido, rezando para que Spencer não fosse capaz de ver o que acontecia no ínfimo espaço que ficava entre seus corpos. Colocou a arma nas mãos do John e, ao mesmo tempo, deu um puxão a débil atadura que rodeava seus pulsos.

—Segue me beijando— sussurrou ele. Sentiu o contorno das mãos dele sujeitando com firmeza a arma. Sua língua apareceu, fazendo o contorno da boca de John, saboreando seu gosto ligeiramente salgado.

—Abre a boca, amor— disse ele suavemente.

Ela o fez, e sua língua se introduziu com força para aprofundar o beijo. Belle retribuiu sua paixão com idêntico ardor, mantendo todo o momento um olho aberto sobre Spencer, que os olhava com expressão fascinada. Seu braço baixara ligeiramente, e Belle sabia que seu beijo distraía ligeiramente sua atenção de sua obsessão de matar John. Decidida a desconcertá-lo por completo, gemeu audivelmente de prazer.

John começou a depositar pequenos beijos ao longo de seu maxilar, e Belle arqueou o pescoço para lhe proporcionar melhor acesso. Mas podia sentir que sua atenção estava concentrada em outra parte. Sentiu seu consentimento, e então, das sombras, brotou um horroroso e quase desumano grito. O som era aterrador. Belle sentiu que lhe encolhia o estômago só de escutá-lo.

—Que demônios? —Spencer despertou de seu sonho de voyeur, e não pôde evitar que sua cabeça girasse em direção ao horrível som.

John soltou abruptamente Belle, e antes que ela compreendesse o que acontecia, cambaleou para frente e caiu ao chão. John virou sobre si mesmo, apontando e arrebatando limpamente de um disparo a arma de Spencer de sua mão. Alex e Dunford saltaram para frente, derrubando o atônito Spencer contra o chão.

Persephone saiu de seu esconderijo e cruzou os braços, com um sorriso de satisfação em sua cara. Às vezes a idade e a sabedoria são uma coisa boa.

—Persephone, o que faz aqui? — exigiu Alex enquanto de um puxão sujeitava os pulsos de Spencer atrás de suas costas.

—Bonito modo de me saudar depois de ter aparecido e salvo a noite.

—OH, Persephone— disse Belle com sentimento. — Obrigada! —ficou em pé e arrojou seus braços ao redor da senhora. —Mas o que foi esse som tão terrível?

—Eu. —Persephone sorriu de orelha a orelha. Caroline ergueu as sobrancelhas com incredulidade. —Isso não podia ser humano.

—OH, mas era!

—Pois sortiu efeito— disse John, unindo-se às mulheres depois de assegurar-se de que Spencer estivesse corretamente imobilizado. —Embora deva confessar que jamais sonhei que fosse emitir semelhante som quando lhe fiz gestos para que criasse uma distração.

— Você sabia que ela estava aqui? — perguntou Belle.

—Só quando vi sua mão te dando a arma. Bem feito, Persephone. — John afastou o cabelo da testa e notou que tremia a mão. Passaria muito tempo antes que a imagem do Spencer apontando com uma arma a Belle se desvanecesse de sua mente.

—Como diabos entrou aqui? — perguntou Belle.

—Sabia que algo sinistro ocorria. E ninguém viu a necessidade de confiar em mim. — Persephone bufou com desdém. — Mas percebi. E também escutei bastante às escondidas. E logo me dei conta...

—Desculpem! — chamou-os Dunford. Seis cabeças se viraram em sua direção.

—Talvez quieríamos informar às autoridades sobre ele. — Assinalou Spencer, que jazia sobre o chão, amarrado e amordaçado.

Belle fez um gesto com a mão, desprezando sua sugestão, muito interessada na história de Persephone.

—Dessa maneira não vai a nenhum lugar.

Dunford elevou as sobrancelhas ante sua despreocupação, não obstante colocou uma bota sobre o traseiro do Spencer, principalmente por diversão.

—Se eu pudesse continuar— entoou Persephone, desfrutando enormemente de seu papel como heroína do dia.

—É obvio, — respondeu Belle.

—Como lhes dizia, ouvi por acaso Alex e Emma falando do baile desta noite e compreendi que John e Belle poderiam estar em perigo. Por isso insisti em que me trouxessem com eles. — virou-se para Belle. — Bem, compreendo que não fui a mais rígida das acompanhantes, mas, realmente, tomo minha posição muito a sério, e senti que seria uma negligência no cumprimento de minhas obrigações não vir em sua ajuda.

—Por isso estou extremamente agradecida— sentiu-se obrigada a intercalar Belle. Persephone sorriu benignamente.

— Disse que talvez pudessem necessitar de uma arma secreta esta noite. Secreta inclusive para vocês mesmos. Estavam todos tão ocupados com suas intrigas que nem notaram que desapareci assim que cheguei ao baile. Subi à galeria que rodeia o salão de baile e vi tudo. Vi este homem abordar Belle, e logo obrigar a sua mãe a sair do salão.

—Mas como entrou aqui? —perguntou Belle. Persephone sorriu astutamente.

— Deixou a porta entreaberta. Simplesmente penetrei devagar. Ninguém percebeu minha presença. E a sala está generosamente mobiliada. Deslizei entre poltronas e sofás.

—Não posso acreditar que não a vimos— resmungou John. — Meus reflexos deviam estar fora de combate.

—Aqui não está muito iluminado— respondeu Persephone, tentando tranquilizá-lo. — E sua atenção estava centrada em outra coisa. Eu não me preocuparia com isso, milord. Além disso, você foi o primeiro em notar minha presença. depois de Belle, é obvio.

John sacudiu a cabeça com admiração.

—É uma maravilha, Persephone. Uma verdadeira maravilha. Não posso agradecer o bastante.

—Com sua primogênita, talvez— sugeriu Dunford travessamente. — Persephone é um bonito nome.

Belle o olhou carrancuda. Talvez fosse um nome bonito, mas não para nenhum filho dela. E então os olhos de Belle se iluminaram quando uma ideia germinou em sua mente. Uma ideia tão perfeita, tão oportuna!

—Eu também devo lhe oferecer minha gratidão— disse, dando o braço à idosa dama. — Mas não acredito que o nome de minha primogênita seja o modo adequado de fazê-lo.

—Por que demônios não? —A extensão do pícaro sorriso de Dunford abrangia todo seu rosto.

Belle sorriu maliciosamente e beijou a antiga acompanhante na face.

— OH, Persephone, tenho grandes planos para você.

Capítulo 24



Algumas semanas mais tarde, John e Belle estavam instalados em sua cama, em Persephone Park, desfrutando de sua relativa paz e imensa tranquilidade. Belle lia, tal como era seu costume antes de ir dormir, e John classificava uma pilha de documentos de negócios.

—Está muito bonita com seus óculos novos— disse ele com um sorriso. —De verdade? Acredito que me fazem parecer inteligente.

—É inteligente.

—Sim, mas os óculos me dão um ar mais sério, não acha?

—Possivelmente. — John deixou seus papéis sobre a mesinha de noite e depois se inclinou e depositou um úmido beijo sobre um dos vidros.

—Jooohn... —Retirou os óculos e começou a esfregar contra o edredom. Ele o arrancou da mão.

— Deixe-o.

—Mas não posso ler o livro sem...

Tirou-lhe o livro das mãos.

— Tampouco vai necessitar disto— O livro deslizou até o chão, e John cobriu amorosamente seu corpo com o dele— É hora de ir à cama, não acha?

—Talvez.

—Só talvez? — Mordiscou a face. —Estive pensando.

—Isso espero.

—Já vale. — Fez-lhe cócegas nas costelas. — Falo a sério.

Ele olhou seus lábios, pensando que também gostaria de mordiscá-los. —O que ronda a sua cabeça, amor?

—Sigo querendo um poema. —O que?

—Um poema de teu amor por mim. John suspirou.

— Fiz a mais romântica proposta de matrimônio que uma mulher jamais teve. Subi uma árvore por você. Fiquei de joelhos. Para que necessita de um poema?

—Para ter uma lembrança tangível. Algo que nossos bisnetos possam encontrar muito depois de que tenhamos morrido, e digam: Obviamente o bisavô amava à bisavó. Não era tão tolo, acredito.

—E você, escreverá um poema para mim? Belle pensou um momento.

—Tentarei, mas não sou tão poética como você.

—Ora, e como sabe? Asseguro que minha poesia é horrível.

—Nunca gostei da poesia antes de te conhecer. E você sempre a adorou. Só posso deduzir que tem uma mente mais poética que eu.

John baixou olhar. Seu rosto resplandecia de amor e devoção à luz da vela, e soube que não poderia lhe negar nada.

—Se prometer escrever um poema, prometerá deixar te beijar apaixonadamente sempre que desejar?

Belle soltou uma risada.

— Já o faz.

—Mas em todas e cada uma das salas da casa? Posso fazê-lo em meu escritório e sua salinha e no salão verde e a salinha azul e em...

—Para! Para! Imploro isso— riu ela. —Que ambiente é o salão verde? —O que tem todo o mobiliário azul. —E então qual é a salinha azul?

A cara do John manifestou perplexidade. —Não sei.

Belle reprimiu um sorriso. —Mas posso te beijar lá?

—Suponho que sim, mas só se me beijar agora. John grunhiu de prazer.

— A seu serviço, milady.



Dias depois, Belle passava a tarde em sua salinha, lendo e escrevendo cartas. Ela e John haviam pensado passear até Westonbirt para fazer uma visita a Alex e Emma, mas o tempo inclemente desbaratou seus projetos. Belle estava sentada em seu escritório olhando a chuva cair contra a janela quando John entrou na sala, com as mãos metidas nos bolsos, como um menino.

—Esta é uma surpresa bem-vinda— disse ela. —Acreditei que estava repassando aqueles investimentos que Alex te enviou.

—Senti a sua falta. Belle sorriu.

— Pode trazer os documentos e lê-los aqui. Prometo que não te distrairei. Ele deixou cair um beijo no dorso de sua mão.

—Sua mera presença me distrai, amor. Seria incapaz de ler uma palavra. Prometeu que poderia te beijar em cada habitação da casa, recorda?

—Falando nisso, você não ficou de escrever um poema de amor em retribuição? John inclinou a cabeça com ar inocente.

— Não recordo.

—Pois eu recordo claramente a parte sobre o poema. Deveria limitar seus beijos aos ambientes do andar superior.

—Joga sujo, Belle— acusou ele. —Estas coisas levam tempo. Acha que Wordsworth fabricava poemas a demanda? Parece que não. Os poetas insistem e batalham com cada palavra. Eles...

—Escreveu algum?

—Bem, comecei um, mas...

—OH, por favor, por favor me deixe ouvi-lo! — Os olhos de Belle se iluminaram de antecipação, e John pensou que parecia uma menina de cinco anos a quem acabavam de dizer que poderia repetir a sobremesa.

—Bem. — Suspirou.

"Bela é meu amor, quando sua loira cabeleira de ouro com o vento selvagem ondeia;

Bela, quando as rosas florescem em suas faces;

Ou em seus olhos brilha o fogo do amor." [*16*](#)

Belle entreceitou os olhos.

—Se não estou enganada, alguém escreveu isso alguns séculos antes que você o fizesse. Spenser, creio eu.

Com um sorriso levantou o livro que esteve lendo. Poemas Escolhidos de Edmund Spenser. — Teria se saído bem há uma hora.

John franziu o cenho.

—Eu o teria escrito se ele não tivesse me adiantado. Belle esperou pacientemente.

—OH, o farei a sua maneira. Lerei o meu. Aham. *Caminha bela como a noite...*

—Pelo amor de Deus, John, já o tentou com esse! —Eu? — resmungou ele. — OH, sim, já o fiz, não é? Belle assentiu.

Ele suspirou de novo.

—Em Xanadu Kubla Khan mandou, que levantassem sua cúpula estandarte...

—Perde o tempo, John.

—OH, Por Deus bendito, Belle, lerei o meu. Mas te advirto que é, pois, é... OH, já o verá por você mesma. — Meteu uma mão no bolso e tirou um pedaço muito dobrado de papel. De onde estava sentada, Belle pôde ver que continha profusas rasuras e correções. John clareou a garganta. ergueu a vista para ela.

Belle sorriu de antecipação para aplaudi-lo. Ele clareou a garganta de novo.

"Meu amor tem os olhos azuis como o mar. Seu tranquilo e brilhante sorriso me faz desejar O mundo lhe dar,

E quando jaz

Em meus braços, onde seu tato posso experimentar, o muito que a amo uma vez mais preciso declarar.

Meu mundo se transformou de trevas a um novo amanhecer

Beijando-a sob as estrelas, me deleitando com a luz do sol e dançando com ela ao anoitecer."

Levantou a cabeça e a olhou com olhos hesitantes.

—Preciso melhorar um pouco, mas acredito que acertei com a maioria das rimas.

Belle ficou olhando-o, seu lábio inferior tremia de emoção. O que a seu poema faltava de elegância, ficava mais que compensado pelo coração e sentimento que continha. Que tivesse investido tanto tempo e esforço em uma tarefa para a qual obviamente não possuía a menor aptidão, e só porque ela pedira... não pôde conter-se, começou a sorver pelo nariz, e grossas lágrimas rolaram por suas faces.

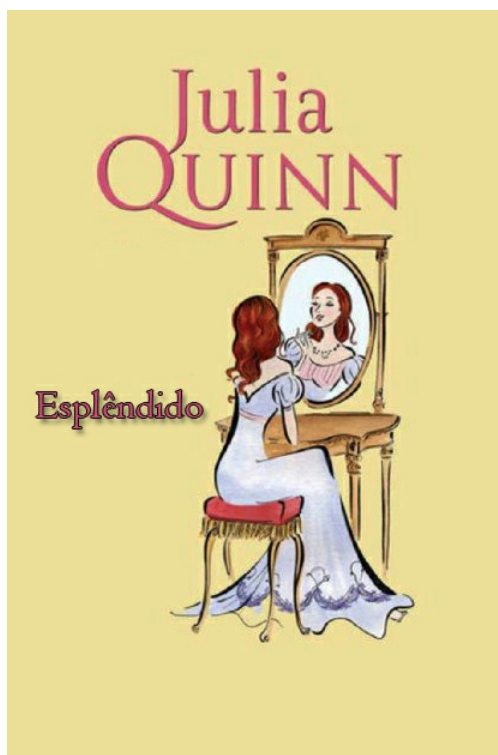
—OH, John. Realmente deve me amar.

John caminhou até ela e a pôs em pé antes de estreitá-la em seus braços. —Faço-o, meu amor. Acredite, verdadeiramente te amo.

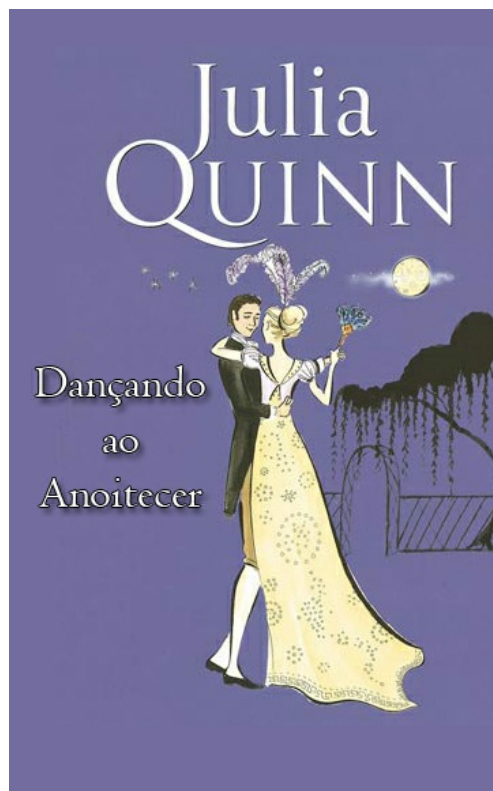
Fim

A Série – Os Blydon

Livro 1 – Esplêndido



Emma Dunster é uma herdeira americana divertida e independente, que ambiciona dirigir a companhia de navios que seu pai possui. Para não desgostar seu pai aceitou viajar a Londres e ficar na casa de seus tios e primos dos quais se encarregariam de apresentá-la na temporada londrina. Quão último deseja Emma é casar-se, isso implicaria perder sua independência e suas possibilidades de comandar o negócio familiar. Assim planeja desfrutar de sua temporada rejeitando educadamente a todos os pretendentes que se animem a cortejá-la. Uma aventura motivada pelo aborrecimento levará Emma, disfarçada de criada, a salvar um menino de ser atropelado por uma carruagem. O menino resulta ser o sobrinho de Alexander Ridgely, duque de Ashbourne, que não duvida em atender a esta atraente criada que perdeu a memória após salvar ao menino. Preocupado com ela, uma vez que a deixa a salvo na casa dos Blydon, para quem a criada afirma trabalhar, não pode evitar ir à festa que se celebra essa noite na casa dos Blydon para comprovar que ela está bem. Qual não é sua surpresa quando descobre que essa suposta criada, é em realidade a prima americana dos Blydon, Emma!



Lady Arabella Blydon, Belle, está passando uns dias com seus primos, os duques de Ashbourne, quando tropeça com o John Blackwood, um veterano da guerra contra Napoleão, proprietário das terras vizinhas. Belle está acostumada a impressionar e seduzir aos homens com sua beleza e, também, a espantá-los com seu caráter forte e decidido. Entretanto, John a recusa com brutalidade desde o começo. Naturalmente, isso não faz outra coisa a não ser despertar o interesse da jovem. A guerra deixou em John feridas físicas, mas também uma profunda ferida em seu espírito que Belle está disposta a descobrir. O baile furtivo à luz da lua pode ser o princípio do remédio para que um espírito atormentado se abra por fim ao amor.

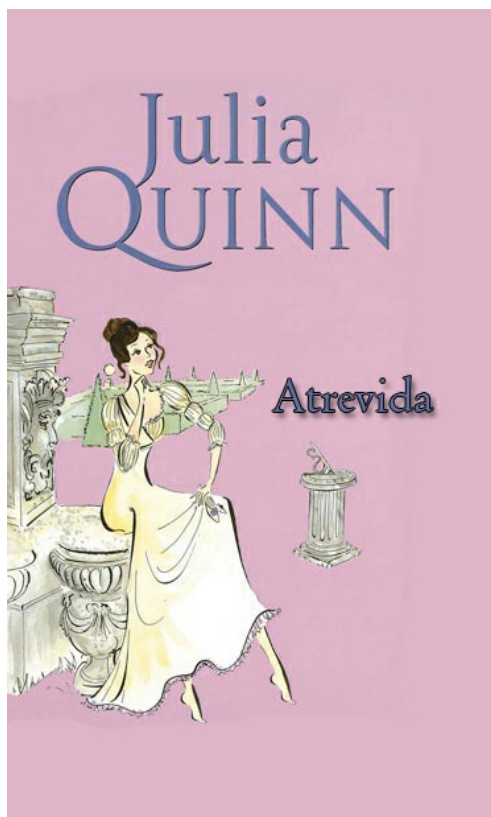
Aquele homem guarda um segredo...

Belle está cansada de que os homens só apreciem sua beleza e sua fortuna, e não aceitem sua mente lúcida e inquisitiva, sua personalidade e suas ideias. Farta de pretendentes frívolos, retira-se a casa de seus primos, o último lugar onde esperava encontrar a alguém que despertasse o interesse de seu coração. No atraente John Blackwood reside um mistério, e a jovem se deixa seduzir pela provocação de descobri-lo. Suas armas de mulher não serão suficientes nesta ocasião, de forma que um pouco de intriga e a ajuda de alguns amigos lhe servem para urdir uma armadilha de sentimentos... em que ela mesma pode facilmente acabar presa.

...e ela estava disposta a descobri-lo.

John Blackwood retornou da guerra com uma perna ferida e a alma destroçada. Seu fracasso ao tentar salvar a vida de uma jovem lhe resulta um peso insuportável. Em troca de seu sacrifício pela

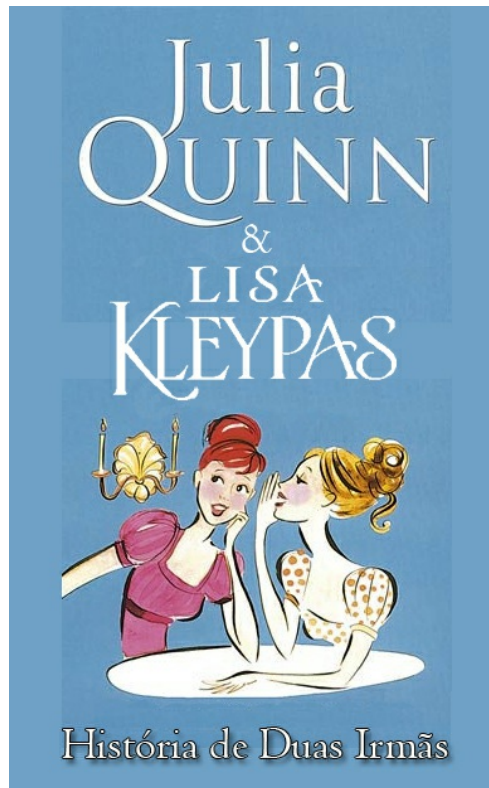
pátria, recebeu um título nobiliário e umas terras, mas tudo lhe parece vazio em sua solitária vida. Até que a chegada daquela jovem formosa, que desafia todas as normas e convenções sociais, seu espírito de uma nova luz. Será suficiente para recuperar a alegria de viver?



É necessário uma moça atrevida para tentar um sedutor. Bonita e resoluta Henrietta Barrett nunca seguiu os ditames da sociedade. Ela administra a propriedade de seu idoso tutor, prefere usar calças em vez de vestidos, e responde pelo nome improvável de Henry. Mas quando seu tutor morre, sua amada casa cai nas mãos de um primo distante. E é necessário um sedutor para domá-la William Dunford, o solteiro mais esquivo de Londres, fica chocado ao saber que herdou uma propriedade, um título... e uma pupila que está empenhada que sua primeira visita seja a última. Henry está decidida a continuar cuidando da propriedade da Cornualha sem a ajuda do atraente novo lorde. Mas Dunford é precisamente o homem que pode mudar as coisas...

Começando com sua e selvagem pupila. Mas transformar Henry em uma dama faz com que ela não seja apenas a queridinha da alta sociedade, mas uma atração irresistível para um homem que achava que nunca poderia ser tentado.

Livro 3.5 – História de Duas Irmãs



O irascível Ned Blydon, protagonista desta história, está comprometido com uma das irmãs Thornton e apaixonado pela outra...

Uma história tenra, sensual e cheia de humor, de uma das autoras mais populares do gênero romântico histórico.

A Autora



Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 8 milhões de exemplares vendidos, sendo 3,5 milhões da série Os Bridgertons. É formada pelas universidades Harvard e Radcliffe. Seus livros já entraram na lista de mais vendidos do The New York Times e foram traduzidos para 26 idiomas. Foi a autora mais jovem a entrar para o Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos, e atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

Star Books Digital



- [11](#) Air and Angels, de John Donne '1572-1631'. Poeta britânico. “*Não o trocaria pelo teu.*”
- [12](#) "Soneto para Celia". de Ben Johnson (1572-1637) Poeta britânico.
- [13](#) “O tigre” de William Blake (1757-1827). Poeta britânico.
- [14](#) Senhor dos pãezinhos.
- [15](#) Jogo de palavras. Bletch (sem tradução) muito semelhante a pronunciada Bleack (desolação), assim o nome da casa de John fica parecendo Senhor da desolação.
- [16](#) “Bella é meu amor” de Edmund Spenser (1552-1599). Poeta britânico.